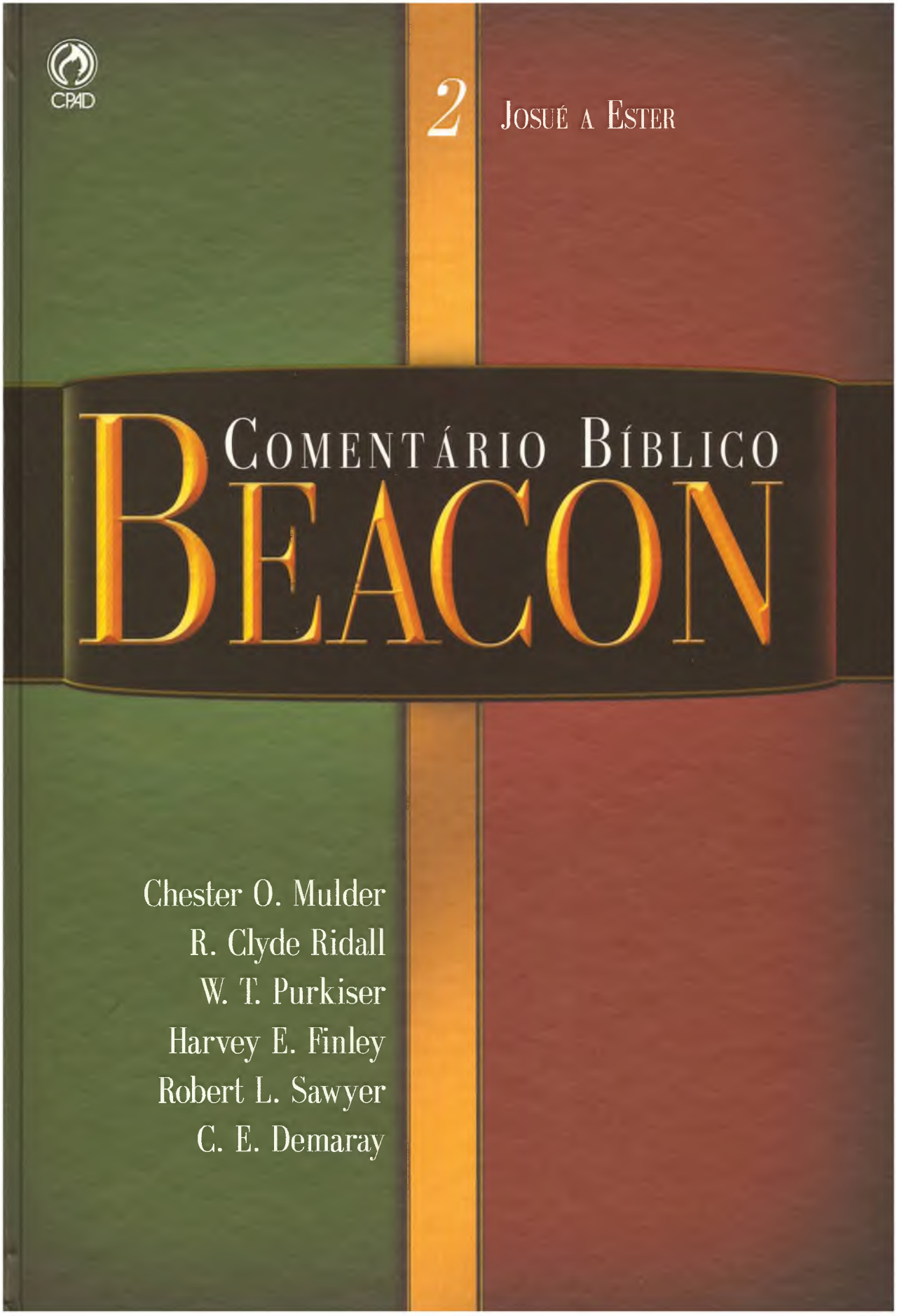

CPAD
2
Josué a Ester
Comentário Bíblico
BEACON
Chester O. Mulder
R. Clyde Ridall
W. T. Purkiser
Harvey E. Finley
Robert L. Sawyer
C. E. Demaray

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON



CPAD

Os Livros de

REIS

Harvey E. Finley

Introdução

Os dois livros intitulados 1 e 2 Reis em nossas bíblias eram originalmente um único texto, e eram os últimos na lista dos "primeiros profetas" do cânon hebraico. A divisão em duas partes ocorreu na Septuaginta, a primeira tradução do Antigo Testamento – uma tradução grega. As duas partes foram ali chamadas de Terceiro e Quarto Reino. O meio-termo entre este e o título hebraico é a Vulgata, III e IV "de Reis". Esta divisão nas bíblias hebraicas impressas é primeiramente encontrada na Primeira Bíblia Rabínica de 1517, de Daniel Bomberg[1].

A. Conteúdo e Estilo

O conteúdo de 1 e 2 Reis é uma outra narrativa e uma interpretação teológica dos acontecimentos significativos na história de Israel, do encerramento do reinado de Davi até a queda de Jerusalém, com uma nota final sobre a libertação de Joaquim, da prisão. Assim, esta narrativa é principalmente uma síntese e interpretação: (1) do restante do reinado de Davi não tratado em 2 Samuel; (2) do reinado de Salomão (1 Rs 1.1-11.41); (3) da divisão (1 Rs 12); (4) dos reinados dos monarcas dos dois reinos divididos (1 Rs 12–2 Rs 17); e (5) dos reinados dos demais reis de Judá (2 Rs 18–25). Várias vezes o relato do reinado de um rei em particular contém incidentes do encontro dele com um profeta ou profetas; por exemplo, os encontros de Acabe com Micaías e Elias.

Várias referências a todos os reis deixam claro que o historiador fez uso das fontes disponíveis. Três são especificamente mencionadas: (1) "O Livro da História de Salomão" (1 Rs 11.41); (2) "O Livro das Crônicas dos Reis de Israel" é mencionado pela primeira vez no final do relato do reinado de Jeroboão (1 Rs 14.19), mas é citado diversas vezes depois disso; (3) "O Livro das Crônicas dos Reis de Judá" é referido pela primeira vez no final do relato do reinado de Roboão, mas também é regularmente mencionado no final dos relatos dos reinados de outros reis judeus[2].

Os relatos dos reinados dos reis posteriores a Salomão são geralmente incluídos em uma estrutura literária do historiador. Esta estrutura é usada pela primeira vez no relatório do reinado de Roboão. Em sua forma mais simples, ela consiste de três partes:

(1) A fórmula introdutória: "Roboão, filho de Salomão, reinava em Judá..." (1 Rs 14.21) – a idade em que o rei iniciou o seu reinado, a duração de seu reinado, e também o nome da rainha mãe.

(2) Segue então o relato dos acontecimentos significativos do reinado, ao menos os eventos que o historiador quis incluir para o seu propósito (para Roboão, veja 1 Rs 14.22-28).

(3) A última parte é a fórmula final: "Quanto ao mais dos atos de Roboão e a tudo quanto fez..." (1 Rs 14.29-31), inclusive a referência ao lugar de sepultamento e o nome do seu sucessor.

A mesma estrutura em geral é usada para os reis do Reino do Norte, exceto que a fórmula introdutória não inclui a idade do rei na época de sua ascensão ao trono, nem o nome de sua mãe (cf. 1 Rs 15.25-32; 15.33-16.7; *et al.*).

B. Autoria e Data

Os livros de 1 e 2 Reis, como a maioria dos livros do Antigo Testamento, são anônimos. Qualquer proposta com relação à data da redação e da autoria deve permanecer como matéria de conjectura. A tradição diz que Jeremias escreveu o Livro de Jeremias, o Livro de Reis e Lamentações. Há vários pontos que tornam esta tradição atrativa. A ênfase em parte de Reis e a interpretação da história da monarquia são as mesmas que as de Jeremias. Também 2 Reis 24.18–25.30 é quase idêntico a Jeremias 52.1-34. No entanto, a autoria de Jeremias como a de Reis é raramente defendida por estudiosos bíblicos[3].

As propostas com relação à autoria e à data para a maior parte dos estudiosos estão dentro do contexto de análise literária moderna do Pentateuco, ou vitalmente associadas a ela. Norman Snaith, por exemplo, propôs que 1 e 2 Reis passaram por duas edições; a primeira por volta de 609 a.C., e a segunda em torno de 550 a.C., e que notações menores as completaram um século mais tarde ou ainda posteriormente[4].

G. Ernest Wright, por outro lado, influenciado pelos estudos de Martin Noth e de Gerhard von Rad, tomou a posição de que os livros de Deuteronômio até Reis (exceto Rute) representam uma das três maiores obras literárias do Antigo Testamento. Esta obra é chamada de "História Deuteronômica". Sua opinião é que esta grande seção histórica – em sua utilização de fontes e em seu "ponto de vista deuteronômico" comum e básico – não é a obra de várias pessoas ou de uma escola de historiadores, mas, antes, a obra de um só escritor. Este historiador escreveu brevemente depois do último incidente registrado, isto é, após 561 a.C.[5]

Existem alguns pontos desta segunda abordagem que a tornam mais favorável do que a descrita antes, particularmente a ênfase sobre a obra de um único autor. Este ponto de vista se move na direção da tradição. Estas opiniões são tentativas sérias e eruditas de se desembaraçar os detalhes escondidos no que diz respeito à autoria e à data; porém, são insatisfatórias em muitos aspectos. A única sugestão que pode ser feita com uma certeza razoável, é que um historiador desconhecido para nós hoje utilizou várias fontes a fim de interpretar os acontecimentos da monarquia do ponto de vista da aliança de Deus com o povo hebreu. Ele escreveu durante o período do exílio, pouco depois de 561 a.C.[6]

C. Ponto de Vista e Propósito Teológico

Os livros de 1 e 2 Reis não são uma narrativa no sentido habitual, mas, antes, a história escrita a partir de um ponto de vista "teológico" específico, com um propósito específico em mente. O historiador compreendia que a aliança de sua nação remontava ao tempo de Moisés, ou até antes, ao período de Abraão. Ele percebeu que isto significava, por um lado, um privilégio como um povo chamado para ser um "reino sacerdotal" e um "povo santo" (Êx 19.6; cf. Am 3.2); e, por outro, uma responsabilidade como uma nação que deveria ser um "povo santo" ou uma "nação santa" (Êx 19.6).

A responsabilidade da aliança era aparentemente a principal preocupação do historiador ao avaliar a monarquia. Ele viu isso como o chamado de Deus para uma vida de obediência em termos de santidade tanto negativa como positiva[7]. É a obediência dentro

do contexto do chamado para a santidade que é enfatizada em Deuteronômio[8], e este se tornou o critério que o historiador aplicou aos mandatos dos reis. Assim, este propósito, sob certo ponto de vista, era avaliar o reinado de cada um em termos do princípio da obediência, ou em termos do chamado à santidade.

O propósito do historiador a partir de outro ponto de vista era mostrar que a promessa a Davi (2 Sm 7.12-16) estava sendo ou seria cumprida. Ele se referiu diversas vezes à "lâmpada" deixada a Davi em Jerusalém (1 Rs 11.36; 15.4). Além disso, ele viu na duração mais longa de Judá uma indicação significativa da promessa a Davi de manter a lâmpada acesa. No entanto, foi gerada uma tensão pelo fato de Judá cair por causa da desobediência, um fato que o historiador não menosprezou. Como foi sugerido por alguns comentadores, ele incluiu a menção da libertação de Joaquim da prisão como um sinal de que Deus não havia se esquecido de sua promessa a Davi. Ele nutria a esperança do cumprimento desta promessa, embora Deus, em sua providência, tenha determinado que ele não veria como esta seria cumprida.

D. Quanto à Cronologia

Os Livros dos Reis, com seu relato fluente e sincronizado dos mandatos dos governantes do reino dividido apresentam alguns problemas cronológicos muito complexos. Existem várias discrepâncias aparentes que há muito tempo têm sido reconhecidas, mas que há muito tempo elas têm estado sem uma solução. Estudiosos interessados têm sido desafiados por estes problemas e têm sugerido várias cronologias como soluções. Um dos estudos mais significativos da atualidade, no qual têm sido dadas várias soluções plausíveis para estes problemas, é a obra "The Chronology of the Kings of Israel and Judah", *Journal of Near Eastern Studies* (JNES), 1945, pp. 137-86, de Edwin R. Thiele. É a cronologia dele, ligeiramente modificada, que aparece no final deste volume e que será utilizada ao longo de todo o comentário sobre 1 e 2 Reis[9].

Esboço

I. **Reino Unido: Sob a "Casa de Davi"** 1 Reis 1.1–11.43

A. O Final do Reinado de Davi, 1.1–2.12
B. Salomão Executa as Instruções de Davi, 2.13-46
C. A Sabedoria e a Grandeza de Salomão, 3.1–4.34
D. Salomão Constrói o Templo, 5.1–7.51
E. Salomão Dedica o Templo, 8.1–9.9
F. O Esplendor do Reino de Salomão, 9.10–29
G. Apostasia e Declínio, 11.1-43

II. **Os Dois Reinos: Suas Histórias Sincronizadas**, 1 Reis 12.1–2 Reis 17.41

A. Divisão: Revolta em Siquém, 12.1-24
B. O Reinado de Jeroboão em Siquém e Tirza, 12.25–14.20
C. O Final do Reino de Reoboão, 14.21-31
D. A "Casa de Davi em Jerusalém", 15.1-24
E. Instabilidade no Reino do Norte, 15.25–16.28
F. Acabe, da "Casa de Onri," 16.29–22.40
G. O Reinado de Josafá, 22.41-50
H. O Reinado de Acazias, 1 Reis 22.51–2 Reis 1.18
I. Narrativa de Elias–Eliseu, 2 Reis 2.1-25
J. O Reinado de Jorão, 3.1-27
L. O Reinado de Jeorão, 8.16-24
M. O Reinado de Acazias, 8.25-29
N. Ascensão e Reinado de Jeú, 9.1–10.36
O. O reinado de Atália, 11.1-20
P. O Reinado de Joás, 12.1-21
Q. O Reinado de Jeoacaz, 13.1-9
R. O Reinado de Jeoás, 13.10-25; 14.15,16
S. O Reinado de Amazias, 14.1-14,17-22
T. O Reinado de Jeroboão, 14.23-29
U. O Reinado de Azarias, 14.22; 15.1-7
V. A Fraqueza do Reino do Norte, 15.8-31
W. O Reinado de Jotão, 15.32-38
X. O Reinado de Acaz, 16.1-20
Y. O Reinado de Oséias, 17.1-6
Z. As Razões da Derrota, 17.7-23
AA. Os Povos Estabelecidos nas Cidades de Samaria, 17.24-41

III. **Um Reino: Judá Continua Sozinho**, 2 Reis 18.1–25.30

A. O Reinado de Ezequias, 18.1–20.21
B. O Reinado de Manassés, 21.1-18
C. O Reinado de Amom, 21.19-26

D. O Reinado de Josias, 22.1-23.30
E. O Reinado de Jeocaz, 23.31-35
F. O Reinado de Jeoaquim, 23.36–24.7
G. O Reinado de Joaquim, 24.8-17
H. O Reinado de Zedequias, 24.18–25.7
I. Jerusalém é Saqueada pelos Babilônios, 25.8-17
J. Outra Deportação, 25.18-21
K. Gedalias é Designado Governador, 25.22-26
L. Joaquim é Libertado da Prisão, 25.26-30

SEÇÃO I

REINO UNIDO: SOB A "CASA DE DAVI"

1 Reis 1.1—11.43

A primeira parte de 1 Reis é o tratamento que dá o historiador ao governo de Salomão, que depois do reinado de Davi foi o mais importante do período de unidade política. A informação relativa a Davi serve ao propósito de finalizar o relato de seu governo e, ao mesmo tempo, iniciar o relato do reinado de Salomão. Este último talvez tivesse prioridade no pensamento do historiador, pois o seu extenso tratamento do governo de Salomão indica que ele o considerava muito importante, até mesmo crucial. Parece que ele acreditava que o reinado de Salomão ilustrava os dois aspectos da ênfase básica de Deuteronômio (cf. Introdução)[1].

A. O FINAL DO REINADO DE DAVI, 1.1—2.12

Salomão estava completamente estabelecido como rei antes da morte de seu pai. Os detalhes sobre como isto aconteceu foram provavelmente tomados pelo narrador da história da corte de Davi[2]. Visto que "a lei da primogenitura" (pela qual o filho primogênito deveria ser o sucessor de seu pai como rei) ainda não estava completamente reconhecida, e sempre existia a possibilidade de que Deus pudesse fazer uma escolha diferente da lei, Salomão é apresentado tanto como a escolha de Davi – ignorando a primogenitura – e como aquele que Deus desejava que sucedesse a seu pai no trono.

1. *O Declínio da Saúde de Davi* (1.1-4)[3]

O passar do tempo não abre exceções, nem mesmo para o grande rei Davi. Ele tinha quase setenta anos e a sua força física tinha diminuído devido aos seus sofrimentos passados, assim como a causas naturais. Ele tinha dificuldade para manter o corpo a

uma temperatura normal. Primeiramente, os seus criados o cobriram com cobertores (1), mas isso não adiantou. Então, de acordo com o costume, eles procuraram uma virgem cujo corpo pudesse transmitir calor ao rei enfermo (2-4). A jovem escolhida foi **Abisague** (3) de Suném – identificada com a aldeia árabe Sulem (Solem). Esta se localizava no declive noroeste de *Jebel ad-Dahy*, diante do vale Esdraelom, aproximadamente onze quilômetros de Nazaré (cf. Js 19:18).

2. *Adonias Tenta Tornar-se Rei* (1.5-10)

A escolha de Deus e a declaração de Davi sobre o próximo rei eram, evidentemente, conhecidas por Adonias e muitos outros na corte. Apesar disso, como outras pessoas agiriam, Adonias imprudentemente decidiu ir contra a vontade de Deus e seguir o seu próprio caminho. Ele fez planos detalhados, e na época apropriada convocou seguidores para se estabelecer como o próximo rei de Israel. Filho de Hagite, uma das muitas esposas de Davi (cf. 2 Sm 3.4), ele era aparentemente o filho vivo mais velho de Davi, e tinha a primogenitura a seu favor. Deus, no entanto, decidiu ignorar o costume; Adonias não aceitou isto.

a. Adonias exaltou-se a si mesmo (1.5-8). A decisão de se andar em seu próprio caminho ao invés de se submeter à vontade de Deus é auto-exaltação, e esse espírito freqüentemente resulta em uma tendência estabelecida na vida. Isto era verdadeiro no caso de Adonias. Ao exaltar-se a si mesmo, ele seguiu o exemplo de Absalão (cf. 2 Sm 15.1ss). Propositadamente, ele se apresentou como um personagem da realeza, com seus próprios carros, cavaleiros e homens que corriam diante dele. Ao contar com um histórico de disciplina paterna negligente e com a sua formosura (6), ele aparentemente sentiu que Davi, seu pai, não seria empecilho para ele. Adonias procurou a ajuda daqueles que já não gozavam das boas graças de Davi (7): **Joabe**, o antigo comandante do exército do rei (2 Sm 2.13, *passim*); e **Abiatar**, que tinha sido sacerdote leal de Davi no passado (1 Sm 22.20, *passim*). Existem muitas evidências em 2 Samuel de uma crescente discórdia entre Davi e o seu general Joabe (2 Sm 3.23-39; 19.1-8,13; 24.3,4). No entanto, nada se sabe que possa explicar o desafeto de Abiatar, e a sua conseqüente disposição de adotar a causa de Adonias.

Adonias compreensivelmente evitou alguns homens de influência na corte: **Zadoque, o sacerdote** (8) que tinha sido nomeado sumo sacerdote, superior a Abiatar (veja 1 Cr 24.1-6, onde parece haver a base de uma idéia de uma época em que os dois compartilhavam a posição de sumo sacerdote); **Benaia, filho de Joíada**, capitão dos guardas de Davi (2 Sm 23.20-23); **Natã**, provavelmente a voz profética durante a maior parte do reinado de Davi (veja 2 Sm 12.1-15 para a sua destemida condenação do pecado de Davi com Bate-Seba); **Simei e Reí**, sem maiores referências[4]; e os maiores guerreiros ou pessoas importantes do reinado de Davi (veja 2 Sm 20.7)[5].

b. Adonias comemora (1.9-10). Adonias prosseguiu com as cerimônias e os festejos apropriados a uma coroação. **Abiatar, o sacerdote** (7), aparentemente estava ali para ungi-lo. Foram mortos animais com o objetivo primário de proporcionar um banquete conjunto com um sacrifício (cf. o banquete de Absalão, 2 Sm 15.12). O lugar era **a fonte de Rogel** (9) (lit., "o poço do espião" ou "o poço do jorro"), fora dos muros da cidade, além

do ponto onde o vale de Cedrom se une ao de Hinom[6]. Não é possível identificar a **pedra de Zoelete**. Este termo significa "serpente" ou "aquilo que rasteja". Adonias também convidou os seus irmãos e meio-irmãos e os da tribo de Judá, na corte de Davi, que ele pensava que o apoiariam (9). Aqueles que se oporiam a ele não foram convidados (10).

3. *Natã e Bate-Seba Opõem-se a Adonias* (1.11-31)

Natã, o profeta, assumiu a liderança e iniciou uma ação que se opunha à tentativa de Adonias de se tornar rei. Ele entendia que o princípio da escolha divina se aplicava à situação política (veja Dt 17.15, que enfatiza a prioridade da escolha divina com respeito ao reinado em Israel).

Natã percebeu que o movimento de Adonias, se bem-sucedido, significaria uma séria ameaça à vida de Bate-Seba, mãe de Salomão, porque geralmente não havia piedade para com aqueles que faziam parte de um regime político derrotado. Ele insistiu para que Bate-Sabe fosse ver Davi imediatamente. Perante o rei, ela o lembrou de que ele havia declarado previamente que Salomão reinaria depois dele (17); ela também o informou dos movimentos de Adonias.

Quando Natã entrou, ele agiu como alguém que nada sabia; sugeriu que Adonias talvez executasse os desejos de Davi mas que não havia sido informado disso (24-27). Ao iniciar sua declaração com um juramento habitual de confirmação (cf. 1 Sm 14.39) para dar peso às suas palavras, Davi declarou a Bate-Seba e aos demais presentes: **Certamente teu filho Salomão reinará depois de mim** (30). Ela aparentemente havia sido dispensada quando Natã entrou, mas foi chamada de volta (28) para ouvir a promessa do rei.

4. *Salomão é Ungido Publicamente em Giom* (1.32-40)

Era hora de agir! Davi chamou **Zadoque, Natã** e **Benaia** (32) e lhes deu instruções específicas para assegurar que Salomão seria o rei depois dele. Este evento completo foi comparável ao anúncio público (com a unção implicada) de Saul (1 Sm 10.17-24; cf. 10.1ss., a unção de Saul) e a de Davi (veja 2 Sm 5.3, em Hebrom sobre Israel; cf. 1 Sm 16.11-13, uma unção que o designou como o sucessor de Saul)[7].

Os **servos** de Davi (33), os **peleteus** (filisteus) e os **quereteus** (38; cf. 2 Sm 8.18) escoltaram Salomão na mula de Davi (que somente o rei poderia montar) até Giom. Este local deveria ser a Fonte da Virgem, fora do muro oriental da cidade, no declive em direção ao vale de Cedrom. Este lugar não pode ser visto da Fonte de Rogel, mas está muito próximo dali, e de lá se ouve o que acontece no outro local. **Benaia, filho de Joiada** (36), como o comandante militar, deu a sua aprovação: **Amém! Assim o diga o Senhor, Deus do rei, meu senhor;** ou "Que assim seja! Que o Senhor, o Deus do meu senhor, o rei, assim o decrete!" (Berk.). **Zadoque**, usando o óleo do tabernáculo, **ungiu a Salomão** (39) à vista daqueles especificamente mencionados, e sem dúvida à vista da multidão curiosa que se reunia ao redor. Esta cerimônia significava a sanção especial divina, assim como a graça de Deus sobre Salomão. Seguiram-se o toque da trombeta, a música de gaitas e os crescentes gritos de aclamação. **Com o seu clamor, a terra retiniu** (40). Salomão então foi conduzido de volta à cidade, para ocupar oficialmente o trono (cf. 35).

Maclaren comenta os versículos 28-39: Vemos na vida de Davi (1) que "o que quer que o homem plante, aquilo é o que ele irá colher"; (2) o doloroso fato de que os partidá-

rios em uma ocasião podem desertar o líder escolhido e designado por Deus; (3) o enfraquecimento dos poderes normais com a idade avançada; e (4) o lampejo de fogo que brilhou nos últimos suspiros da vida de Davi.

5. *A Tentativa de Golpe de Adonias Fracassa* (1.41-52)

Localizados como estavam, a pouca distância de Giom e podendo ouvir o que acontecia ali, Adonias e o seu grupo ouviram o tumulto daqueles que aclamavam Salomão como rei. A suspeita de que algo estava errado foi confirmada quando **Jônatas, filho de Abiatar** (42) veio e narrou com detalhes o que havia acontecido em Giom. **Os convidados** (49) de Adonias procuraram refúgio, cada um por si, dispersando-se por todos os lados. Adonias, desesperado, fugiu para o altar diante da arca do concerto e agarrou as suas pontas. Ele esperava que a santidade do altar pudesse conferir-lhe uma proteção especial. Salomão foi misericordioso, com a condição de que ele fosse **homem de bem** (52); especificamente, que ele contivesse o impulso de novamente tentar usurpar o trono. **O rei se inclinou no leito** (47) – Davi estava na cama, mas adorou ao Senhor quando recebeu a notícia da coroação de Salomão.

"Um refúgio a salvo da ira" é vividamente ilustrado nos versículos 50-53; (1) A rebelião de Adonias, 1.5-21; (2) o refúgio de Adonias, **as pontas do altar**, 50; (3) a suspensão temporária da sentença de Adonias, 51-53.

6. *As Últimas Palavras de Davi a Salomão* (2.1-9)

"Aos homens está ordenado morrerem uma vez" (Hb 9.27) são palavras que se podem aplicar a Davi, mesmo registradas nas Escrituras somente muitos séculos depois. A consciência da aproximação da morte pode evocar a expressão dos mais elevados pensamentos, dos mais profundos arrependimentos ou das mais graves preocupações. Para Davi, foi a expressão de grandes preocupações: em primeiro lugar, pelo crescimento moral e espiritual do reino; e, em segundo lugar, pela estabilidade política dos domínios.

a. O conselho para ser obediente (2.2-4). A principal preocupação de Davi era a de que Salomão tivesse uma vida santa, e desta forma conduzisse o povo de Israel à santidade. O idoso rei percebia que o crescimento moral e espiritual, com o desenvolvimento de uma vida santa, só era possível através da obediência àquilo que havia sido revelado por Moisés. Esta revelação colocava Salomão e o povo de Israel sob a responsabilidade, perante Deus, de andar **nos seus caminhos** (3): (*a*) **seus estatutos**, algo prescrito que mais tarde se torna uma prática costumeira (cf. Êx 30.21; Lv 10.13,14); (*b*) **seus mandamentos**, que se referem primeiramente ao Decálogo (o *debarim*, Êx 20.1-17) e também, em um sentido mais amplo, às instruções da lei Mosaica; (*c*) **seus juízos** (*mishpatim*, literalmente, "julgamentos" ou "decretos"); eram decisões da corte com respeito a casos específicos; as leis do tipo "se... então" encontradas principalmente em Êxodo 21.1–23.5; (*d*) **seus testemunhos**, aplicáveis em um sentido específico aos Dez Mandamentos (Êx 31.18), mas em um sentido geral a qualquer comportamento que sirva como testemunho a Deus (veja Sl 19.7; 119.88). A obediência, exemplificando a vida de santidade, era a condição para viver uma vida rica e plena – honrando a Deus e prosperando. A obediência também era a condição para o cumprimento da promessa: **Nunca... te faltará sucessor ao trono de Israel** (4; cf. 2 Sm 7.12-16).

b. Preocupação com determinados indivíduos (2.5-9). Outra grande preocupação de Davi era a de que Salomão começasse o seu reinado adequadamente, dando atenção a assuntos que ele mesmo, por várias razões, havia negligenciado:

(1) **Joabe** (5,6). Davi lembrou particularmente a maneira como Joabe tinha se encarregado de matar Abner (2 Sm 3.27) e a maneira injustificada como ele impulsivamente tinha assassinado Amasa (2 Sm 20.8-10). Com esses atos, Joabe havia manchado de sangue a vida do rei, porque Davi fora responsável pela segurança daqueles homens. Superficialmente, esta passagem parece refletir um espírito vingativo, mas existem circunstâncias atenuantes. Pelos interesses da justiça, Davi era obrigado a punir Joabe, mas nunca conseguiu fazê-lo. Portanto, havia um espectro ameaçador do passado; a justiça não havia sido feita. Ele instruiu Salomão para que punisse Joabe de acordo com os seus crimes.

(2) **Os filhos de Barzilai** (7). Barzilai de Maanaim havia dado a Davi uma ajuda valiosa durante a revolta de Absalão (cf. 2 Sm 17.27-29). O rei deu instruções para que os filhos deste amigo fossem considerados convidados especiais da corte. Esta foi a maneira encontrada para tentar recompensar a amizade que lhe fora mostrada pelo pai. Davi não havia ficado satisfeito com o que ele mesmo fizera (2 Sm 19.31-40). Barzilai supostamente já teria morrido e o rei estava à beira da morte. A amizade de uma geração anterior deveria ser perpetuada pela geração posterior.

(3) **Simei** (8,9). Ao lembrar-se de outra pessoa de seu passado, Davi deu a Salomão instruções para lidar com **Simei, filho de Gera** (8), de acordo com o seu erro, até mesmo a ponto de executá-lo, caso necessário. Simei havia tratado Davi sem o devido respeito (2 Sm 16.5-13). Naquela ocasião, como também mais tarde (2 Sm 19.18-23) Davi não tinha permitido que os seus homens o punissem. O caso não era tanto contra o rei, a pessoa, mas sim contra Davi, o "ungido". Ele próprio lamentava profundamente este caso. Ele tinha tido o cuidado de não levantar um dedo contra Saul como o ungido de Deus (1 Sm 26.6-12; cf. a resposta de Davi à observação de Abisai, em 2 Sm 19.21-23). Davi tinha jurado que ele mesmo nada faria contra Simei. Mas a causa da justiça não fora completamente respeitada no caso de alguém que havia agido contra o "ungido" do Senhor. Por isso Davi deu instruções a Salomão para lidar com a situação que, perante os olhos de muitos, não fora correta.

7. *A Morte depois de um Reinado de Quarenta Anos* (2.10-12)

O sepulcro do rei, a **Cidade de Davi** (10) foi o monte Sião. Pedro, no dia de Pentecostes, referiu-se ao túmulo como ainda existente (At 2.29). Os quarenta anos do reinado de Davi dividiram-se em **sete anos... em Hebrom** (11) e trinta e três em **Jerusalém** (cf. 2 Sm 5.4,5; 1 Cr 3.4).

B. Salomão Executa as Instruções de Davi, 2.13-46

Duas pessoas mencionadas por Davi juntamente com Abiatar, que também estavam entre os opositores a Salomão, foram tratadas segundo o julgamento de Salomão. Elas foram para o novo monarca uma prova crucial no início de seu reinado. Os seus atos não estão de acordo com os padrões do Novo Testamento e devem ser compreendidos, levando-se em conta os padrões da época.

1. *O Pedido de Adonias é Negado* (2.13-25)

Apesar de admitir que o reino fora dado a Salomão **pelo Senhor** (15), Adonias ainda não estava satisfeito. Continuou a dar lugar a ambições pessoais e egoístas. A sua vida ilustra a antiga história do homem rebelde: isto é, sabe qual é a vontade de Deus, mas não a aceita.

O pedido de Adonias, que Abisague lhe fosse concedida como esposa, feito por intermédio de Bate-Seba, parece ter sido inocente, mas provavelmente não o foi. Ao requisitar Abisague, ele executava outro sutil movimento para usurpar o trono. Como ela fazia parte do harém real, o pedido, se concedido, teria estabelecido uma abertura para prosseguir e, no final, destituir Salomão. De acordo com os costumes da época, aquele que obtinha a posse do harém de um rei antecessor, é porque havia subjugado aquele governante (cf. 2 Sm 3.6-11; 16.22).

Bate-Seba pode ter sido ingênua com respeito ao pedido de Adonias; Salomão não o foi. Agitado e irritado, ele lhe lançou estas palavras: **Pede também para ele o reino** (22). A promessa de conceder-lhe o pedido (20) não incluía a única coisa que não podia conceder. O pedido de Adonias implicava em traição; ele não se mostrava uma pessoa de bem, como Salomão lhe recomendara anteriormente (1.52). Ele forçava o rei a tomar uma atitude que decidira não realizar depois da tentativa de golpe na Fonte de Rogel. Salomão então ordenou a Benaia que o matasse.

2. *Abiatar* (2.26,27)

A oposição de Abiatar a Salomão não podia passar despercebida, embora não seja mencionado nas instruções de Davi. Ele havia sido um grande amigo do rei, e talvez tenha estado entre aqueles que levaram **a arca do Senhor** (26) até Davi quando foi trazida a Jerusalém (cf. 2 Sm 6.12-19). Por ser um sacerdote, era "ungido ao Senhor". Salomão, portanto, mostrou clemência, embora fosse **digno de morte** – do castigo da morte. **Anatote**, o lugar de seu exílio, era uma cidade sacerdotal; no futuro seria a residência de Jeremias (Jr 1.1). Seu nome foi preservado em Anata, uma aldeia a cinco quilômetros ao norte de Jerusalém. No entanto, *Tell Ras el Kjarrubeh*, próximo de um quilômetro de distância, era o lugar da Anatote dos tempos passados, antes da chegada dos israelitas[8]. O exílio representava, para Abiatar, o fim de seus deveres sacerdotais e também o da linhagem de Itamar, o sumo sacerdócio. Assim se cumpriu a predição relativa à casa de Eli, que era desta família (cf. 1 Sm 2.27-36)[9].

3.*Joabe é Executado* (2.28-34)

Nas ordens de Salomão de prender e executar Joabe, o assunto não era meramente uma vingança pessoal. Basicamente era uma questão de justiça. Enquanto permaneceu sem punição, havia culpa em Davi; e a responsabilidade por essa falta foi transmitida a Salomão, seu sucessor, uma vez que o rei morto não tinha sido capaz de removê-la. A ação punitiva apropriada contra Joabe removeria essa culpa para colocá-la **sobre a cabeça dele** (33). Nesta situação, a santidade das pontas do altar não ofereceu refúgio a Joabe como tinha oferecido anteriormente a Adonias (cf. 1.52). **Em sua casa, no deserto** (34): "ele foi enterrado na sua própria casa, na região de Judá" (Moffatt).

4. *Benaia e Zadoque São Nomeados por Salomão* (2.35)

Aqui a referência a **Benaia** e a **Zadoque** interrompe a narrativa até certo ponto, mas é feita para indicar as substituições dos homens cujas posições estavam desocupadas, devido ao exílio e à execução. Estas foram as primeiras nomeações oficiais de Salomão: Benaia substituiu Joabe como comandante do exército; Zadoque agora era a única pessoa reconhecida como sumo sacerdote (cf. 2 Sm 20.25). **Em lugar de** significa "ocupando o lugar de Abiatar" (Berk.).

5. *Simei é Restrito a Jerusalém* (2.36-46)

Simei vivia em Baurim, uma aldeia no território de Benjamim, a pouca distância de Jerusalém (a moderna *Ras et-Tmim*, a leste do monte Scopus). Ele tinha amaldiçoado Davi, "o ungido do Senhor", além de envolver-se em atos de traição na época da revolta de Absalão (2 Sm 16.5). Salomão mostrou misericórdia, embora deixasse claro que Simei deveria viver em Jerusalém em uma espécie de prisão domiciliar. Desta forma, precisava estar sob constante vigilância, separado dos seus parentes e sem a possibilidade de liderar uma revolta nem de participar de alguma, como já havia feito no tempo de Davi.

O ribeiro de Cedrom (37) é especificamente mencionado porque seria só questão de cruzá-lo e Simei poderia ir para a sua casa. Por outro lado, Jerusalém era uma cidade de refúgio para ele; enquanto permanecesse ali, ele receberia misericórdia. Ao ouvir as condições, Simei respondeu: **Boa é essa palavra** (38). Esta era uma segunda oportunidade, uma suspensão da execução, para ele. No entanto, prejudicou a sua reivindicação de misericórdia quando saiu em perseguição aos seus servos que tinham fugido. Ele apostou a sua vida pelo valor de dois escravos, e perdeu. Ousou arriscar tudo por algo que, comparativamente, tinha pouco valor. A expressão **toda a maldade que o teu coração reconhece** (44) pode ser entendida como: "O seu coração bem conhece toda a maldade que você fez ao meu pai Davi" (Moffatt).

6. *O Reino é Estabelecido* (2.46)

E assim foi confirmado o reino na mão de Salomão. Esta afirmação é feita também em 2.12, depois que ele resolveu alguns problemas preocupantes, e provou estar mais do que capacitado para a tarefa. Em cada ocasião ele agiu sabiamente e mostrou um senso de justiça oportuno. A maldição de Simei foi removida. A bênção de Deus sobre Salomão era evidente desde os seus primeiros empreendimentos.

C. A Sabedoria e a Grandeza de Salomão, 3.1—4.34

O texto destes capítulos varia consideravelmente em conteúdo e em estilo. Consiste de uma miscelânea de extratos de uma fonte principal, "o livro da história [ou dos atos] de Salomão" (11.41). O narrador acrescenta seus comentários com o intuito de apresentar Salomão como uma pessoa sábia, pois sua sabedoria era o sinal mais evidente das bênçãos de Deus sobre ele.

1. *Uma Aliança com o Egito* (3.1)[10]

Salomão fez uma aliança política com o Egito por meio de seu casamento com uma princesa egípcia, talvez a filha do último governante da 21ª Dinastia. Os acordos entre

as nações eram costumeiramente selados por um casamento real[11]. A aliança era aparentemente vantajosa para os egípcios, uma vez que Israel era a nação mais forte daquela época. Sem dúvida, ele abrangia atividades de comércio que constituíam uma parte importante do reinado de Salomão (cf. 10.26-29). Este casamento não foi contra a lei Mosaica; somente a união com mulheres de Canaã era especificamente proibida (Êx 34.11-16; Dt 7.1-5). O casamento com uma mulher estrangeira era permitido se ela renunciasse os seus deuses e confessasse a sua fé no Deus de Israel (Dt 21.10-14).

O narrador comenta que a filha de Faraó viveu em uma casa na **cidade de Davi** até a conclusão do palácio, do Templo e da muralha de Jerusalém (veja adiante, a discussão de Milo, 9.15; também 2 Sm 5.9). Posteriormente, ela obteve um lugar de morada mais apropriado (cf. 7.8).

2. *A Adoração nos Lugares Altos* (3.2,3)

Estes dois versículos relatam as condições existentes antes da construção do Templo. **O povo sacrificava sobre os altos** (2); Salomão também **sacrificava e queimava incenso** (3) nos altos. **Altos** (*bamah*) referiam-se às vezes a uma elevação ou colina onde os israelitas adoravam a Deus. Tinha uma conotação puramente geográfica. Também se aplicava aos locais de adoração dos cananeus antes que os israelitas ocupassem a região, e em outros casos, a tais localidades depois que Israel já havia se fixado na região. Supõe-se, com uma fundamentação considerável, que o lugar alto de Samuel em Ramá (1 Sm 7.15-17; 9.25) e o **alto grande** de Salomão em **Gibeão** (4) eram originalmente locais de adoração dos cananeus, que foram tomados pelos israelitas, modificados e adaptados à adoração a Deus[12].

Esta não foi uma situação satisfatória, se de fato a adoração de Israel tomou esta forma. Ela não estava suficientemente distante da adoração dos cananeus. Apesar disso, foi permitida durante algum tempo, e era aceitável devido à lealdade e obediência dos adoradores em relação a Deus. Aparentemente, é esta a razão pela qual o narrador ressalta o amor e a obediência de Salomão ao mencionar o seu costume de ir ao alto grande oferecer sacrifícios a Deus. A afirmação de que o Templo ainda não fora construído também indica que, quando ele estivesse pronto, a adoração nos lugares altos terminaria. De acordo com Deuteronômio 12.11-14, o Templo era o lugar para a oferta dos sacrifícios, uma vez que era o local de permanência do nome de Deus. No entanto, a prática de sacrifícios nos lugares altos não foi completamente eliminada até algum tempo depois da conclusão do Templo. Até mesmo alguns dos reis justos, até a época de Ezequias, a aceitaram (cf. 15.14; 22.43; 2 Rs 12.3; 14.4; 15.4,35; *passim*).

3. *A Revelação em Gibeão* (3.4-15; cf. 2 Cr 1.1-13)

Gibeão (4) é identificada com *el-Jib*, em torno de dez quilômetros a noroeste de Jerusalém. As escavações realizadas ali desde 1956 por James B. Pritchard revelaram a ocupação dos cananeus desde 2800 a.C., seguida pela extensiva ocupação israelita durante a monarquia hebraica. Encontrou-se um sistema de fornecimento de água comparável àqueles descobertos em Jerusalém, Gezer e Megido; este poderia ser o "tanque de Gibeão" mencionado em 2 Sm 2.13. A identificação foi confirmada graças à recuperação de alças de jarras, encontradas no fundo do "tanque", algumas das quais têm o nome Gibeão (*gb'n*)[13].

Durante a maior parte do reinado de Davi, e nos primeiros anos de Salomão, o Tabernáculo encontrava-se em Gibeão, mas uma tenda foi armada em Jerusalém para ela (2 Cr 1.2-4). Zadoque era o seu sacerdote responsável na primeira localidade (1 Cr 16.39) e Abiatar, no segundo local (2.26). Zadoque veio para a preeminência no final do reinado de Davi. **Os holocaustos** (4) que Salomão oferecia indicavam sua dependência de Deus, e sua devoção a Ele. O grande número de ofertas é explicado pelos muitos líderes de Israel reunidos ali com o novo rei (cf. 2 Cr 1.2). Pode-se deduzir a razão para o sacrifício com base na preocupação expressa na oração de Salomão. Sob sua liderança o povo reuniu-se ali para pedir as bênçãos divinas para o seu reino. Deus honrou a ocasião na noite seguinte, ao aparecer-lhe em um sonho.

Pede o que quiseres que te dê (5) aparentemente é um convite para apresentar qualquer tipo de pedido a Deus. Esta frase inicial pressupõe que os pedidos estarão de acordo com a vontade do Senhor, como nas palavras de Jesus: "Pedi, e dar-se-vos-á" (Mt 7.7). A resposta de Salomão é excepcional e exemplar pelo seu apreço por aquilo que Deus havia feito (6), por sua humildade (7)[14], por seu senso de responsabilidade (8) e por sua preocupação em ter o entendimento e o discernimento apropriados para liderar o seu povo (9). **Porquanto pediste esta coisa** (11), **eis que fiz segundo as tuas palavras** (12). Salomão descobriu o que muitos outros experimentaram depois dele. Ou seja, que Deus não somente atendeu o seu pedido, mas, graciosamente lhe acrescentou mais do que solicitou. Esta grande ocasião exigia os sacrifícios e o banquete para os servos, e que posteriormente foram realizados em Jerusalém (15).

Alexander Maclaren resume os ensinos dos versículos 5-15 sob o título: "A sábia escolha de um jovem que escolheu a sabedoria". Ele destaca: (1) as amplas possibilidades abertas pela oferta divina, 5; (2) a sábia escolha de Salomão ao pedir a sabedoria, 6-9; (3) a grandeza da dádiva de Deus, 10-15.

4. *Um Teste Prático* (3.16-28)

Este acontecimento é incluído para mostrar como Salomão agia corretamente nas situações práticas, e como a sua reputação de rei sábio crescia, como resultado disto. Também mostra que o acesso direto ao rei era permitido a todo o público, até mesmo às prostitutas (cf. 2 Sm 14.4ss.). Aparentemente, era costume em muitas cortes do antigo Oriente Próximo que o rei estivesse disponível para vários assuntos, especialmente em relação aos pobres, aos órfãos e aos oprimidos. Este é o ideal de justiça real refletido nas lendas de *Krt* e *'Aqht* dos textos de Ugarit, encontrados em Ras Shamra[15].

Este é o tipo de preocupação e justiça social que Deus exigia de seu povo (cf. Dt 10.18 e 27.19). É o tipo de justiça defendido por muitos profetas, e a sua falta era denunciada por eles (cf. Is 1.17,23; 9.17; Zc 7.10; Ml 3.5). **Prostitutas** (16) faziam parte das sociedades polígamas do antigo Oriente Médio. Os israelitas refletiam esse fato em respeitá-las e ajudá-las, até essa época. Dois espias de Josué visitaram uma delas, Raabe, que os auxiliou (Js 2.1); as relações de Judá com Tamar (que se disfarçou de prostituta) são narradas fielmente (Gn 38.12-19). **Porquanto se deitara sobre ele** (19), "porque ela se deitou sobre ele" (Berk.). **O seu coração se lhe enterneceu** (26), "o seu coração se comoveu". **Temeu ao rei** (28), "[eles] tiveram medo do rei" (Moffatt).

5. *Os Oficiais da Corte de Salomão* (4.1-6)

As listas de provedores e vários detalhes relativos à corte de Salomão chamam a atenção a uma das diversas inovações significativas, muitas das quais podem ter tido o seu começo durante o reinado de Davi. Foi por meio dessas melhorias que Salomão colocou o pequeno Estado da antiga Israel no mapa internacional da política e do comércio. **Estes eram os príncipes** (2), literalmente, "seus príncipes", ou seja, os principais funcionários de Salomão. Eles eram chamados "servos" no seu relacionamento com o rei (cf. 3.15) e **príncipes** no seu convívio com o povo. Salomão prosseguiu com o funcionalismo real estabelecido por Davi (cf. 2 Sm 8.15-18, a primeira lista; e 20.23-26, a lista posterior) e o expandiu. Nada é afirmado com respeito à origem do modelo seguido por Davi. Pressupõe-se que, como numerosos cargos dele e de Salomão eram idênticos àqueles da corte egípcia, foi este país que forneceu o modelo[16].

a. O sacerdote: Azarias, filho de zadoque (4.2). **Azarias, filho de Zadoque, sacerdote** (2) deve ser interpretado como "Azarias, o sacerdote, filho de Zadoque" – **filho** talvez para significar neto (cf. 1 Cr 6.8,9). No reinado pacífico de Salomão, o primeiro funcionário mencionado é o principal conselheiro. Aqui, como em 2 Samuel 8.18, **sacerdote** significa "conselheiro confidencial". **Sacerdote** significa "*Kohen par excellence*", isto é, o primeiro ou o principal entre os conselheiros do rei[17]. Uma proposta baseada principalmente na natureza grega e não semita de **Eliorefe** é a de corrigir e interpretar: "Azarias pelo ano", ou seja, "provedor do calendário"[18].

b. Secretários ou escribas: Eliorefe e Aías (4.3). O secretário, *Sopher*, era um funcionário importante a partir da época de Davi. Salomão expandiu o cargo para incluir dois secretários oficiais, **Eliorefe e Aías, filhos de Sisa** – o escriba de Davi[19]. Este cargo tinha o seu paralelo em uma função egípcia. Quem o ocupasse tinha sob sua responsabilidade a correspondência doméstica e a estrangeira. Era um cargo com aspectos tanto de um secretário real particular, como de secretário de Estado. Sisa (ou Sausa) é um bom nome egípcio, uma sugestão de que Davi aparentemente foi ao Egito para conseguir um homem treinado para ocupar esta importante posição. Além disso, ao invés de eliminar Eliorefe como um nome próprio, como fizeram, por exemplo, Gray e Montgomery, embora difícil, com a ajuda das versões, o nome pode ser interpretado como "Eliafe". Este é outro nome egípcio e conseqüentemente outra indicação de um possível antecedente egípcio para este cargo[20].

c. O chanceler: Josafá, filho de Ailude (4.3*b*). O **chanceler** (3) normalmente é considerado o cargo que tem a ver com os registros e os anais. Curiosamente, a palavra hebraica *mazkir* é a equivalente exata de uma palavra que era o título do brasão real egípcio. No Egito, este era um cargo muito importante. Envolvia os preparativos para as cerimônias reais, a atuação como intermediário entre o rei e os demais, a preparação das viagens do rei e o trabalho em geral como relações públicas da corte. Com base nisto, pode-se deduzir que o cargo era provavelmente importante na corte de Salomão; a pessoa que o ocupasse deveria ser um assessor (uma memória viva) e um preparador, mais do que um mero encarregado dos registros.

d. "Comandante do exército": Benaia (4.4). Como já foi mencionado anteriormente (2.35), **Benaia** foi promovido de um mero capitão da guarda real a comandante do exército, em substituição a Joabe.

e. Os sacerdotes Zadoque e Abiatar (4.4). Está claro que **Abiatar** já havia sido deposto (2.27,35). Não existe base para se supor que tenha havido um perdão. C. F. Keil, de Theodoret, explica que Abiatar tinha sido destituído da sua função sacerdotal, mas não de sua identidade ou dignidade sacerdotal, uma vez que esta era hereditária[21]. H. L. Ellison sugere que o nome Abiatar aparece aqui como uma prova da "escrita mecânica dos escribas"[22].

f. "Sobre os provedores": Azarias, filho de Natã (4.5). **Azarias** era o principal provedor sobre os administradores, cujos nomes e regiões são relacionados subseqüentemente (7-19). **Natã**, o pai de **Azarias** e **Zabude**, era filho de Davi (não o profeta Natã; cf. 2 Sm 5.14). Azarias e Zabude eram, portanto, sobrinhos de Salomão.

g. Um sacerdote (também chamado do oficial-mor, ministro de Estado)*, amigo do rei: Zabude* (4.5). **Zabude** era um dos conselheiros particulares do rei (veja 2 acima, sobre "Azarias, filho de Zadoque").

h. O mordomo: Aisar (4.6). Introduzido por Salomão, este foi um posto permanente na corte de Jerusalém (cf. 18.3; 2 Rs 18.18). Nas referências bíblicas, este provedor está significativamente associado com o palácio, como governador ou como ministro de relações exteriores, e corresponde ao *vizir* ou primeiro-ministro do Egito. Este era o cargo ocupado por José; Faraó lhe disse: "Tu estarás *sobre a minha casa*" (Gn 41.40). A partir do que se conhece a respeito das suas responsabilidades em Gênesis, além dos detalhes de fontes egípcias, muito se sabe a respeito das atribuições do primeiro-ministro. Todas as manhãs ele se apresentava ao rei, a fim de relatar determinados assuntos e receber instruções para aquele expediente. Ele abria os gabinetes do palácio e dava início ao dia público. Ele encaminhava e selava todos os documentos importantes e supervisionava todos os departamentos: justiça, obras públicas, finanças, exército, etc.

i. "Sobre o tributo" ou *"superintendente dos que trabalhavam forçados": Adonirão* (4.6). Trata-se provavelmente de Adorão (2 Sm 20.24) do gabinete de Davi. Aparentemente um jovem durante o reinado dele, continuou por todo o governo de Salomão e até o de Robão (12.18). Uma vez mais, os últimos copistas parecem não ter tido certeza sobre a correta grafia de seu nome.

6. *Indicações para os Novos Distritos* (4.7-19)

Os **doze provedores** (4.7) eram governadores-residentes, e cada um deles administrava a sua província ou o seu distrito para onde fora indicado. A tarefa mencionada especificamente era a de prover alimento para a corte de Jerusalém, cada um deles em um mês em particular. Muito provavelmente, este era o principal objetivo da coleta, porque se entende que eles eram coletores de impostos. Eles também formavam parte do exército permanente, criado na época de Davi, se não durante a

época de Saul; cada um deles tinha o seu contingente de soldados e de carros para proteção contra invasões e para manter a ordem. Aparentemente, eram responsáveis por completar cotas de alistamento, a fim de levar os homens para a força de trabalho ou o serviço militar.

Estes provedores se envolviam ativamente em projetos de edificação para as suas próprias cidades, e também em programas do governo e na construção de estradas. As cidades, em alguns casos, são residências reais edificadas e fortificadas de forma elaborada, como por exemplo, a de Baaná, em **Megido** (12). Dois provedores, em distritos mais ao sul, eram genros de Salomão (11 e 15). Aparentemente, isto fazia parte da estratégia do rei para assegurar a lealdade destes colaboradores. Alguns dos nomes existem somente como sobrenomes (**filho de Hur**, 8; ou Ben-Hur; cf. também 10,11 e 13); outros são nomes completos, primeiro nome e sobrenome, por exemplo, **Baaná, filho de Ailude** (12). Uma explicação pode ser a de que a extremidade do pergaminho havia sido danificada e foram perdidos os primeiros nomes de alguns[23].

Dos doze distritos, quase a metade respeitava as antigas fronteiras tribais; o restante necessariamente formava fronteiras completamente novas. O significado da expressão: **e só uma guarnição havia naquela terra** (19) não é claro. Moffatt traduz como "todos estes governadores estavam subordinados a um único chefe"; A versão RSV em inglês diz: "Havia um provedor na terra de Judá"; há versões que trazem o texto: "No território de Judá também havia um administrador".

7. *Salomão Desfruta o Sucesso e a Fama* (4.20-34)

O historiador selecionou materiais de sua fonte principal e adicionou os seus próprios comentários para dar a impressão de que Salomão governava com sabedoria, e que por trás de sua inteligência estava Deus, que lhe tinha dado essa capacidade. Como estão colocadas próximas ao começo da narrativa do reinado de Salomão, entende-se que estas condições se aplicam à parte inicial e, talvez, inclusive, à maior parte do governo dele.

a. Um povo feliz (4.20,25). **Judá** e **Israel** (20), todos os israelitas do reino, somavam mais em população do que em qualquer época anterior. O seu grande número durante os reinados de Davi e de Salomão era visto como o cumprimento da promessa feita aos patriarcas (cf. 20*a* com Gn 22.17 e 28.14). Sua ampla felicidade (20*b*), segurança e satisfação (25) são descritos pelo historiador em uma generalização típica do Oriente antigo. Estas circunstâncias aproximam-se das ideais (cf. Is 36.16 e Mc 4.4) mais do que em qualquer outra época na história de Israel.

b. Domínios extensos (4.21,24). Os extensos domínios que Salomão herdou de Davi (cf. 2 Sm 8.1-14) eram um cumprimento da promessa a Israel, anterior à sua travessia do Jordão (Js 1.3,4). Providencialmente, isso foi possível como resultado da falta de um poder mais forte no antigo Oriente Próximo; este foi o período em que não havia alguém ao longo do Nilo, na Mesopotâmia, nem na Ásia Menor. O governo de Salomão consistia em controlar e manter como vassalos os povos vizinhos, as nações como Filístia, Edom, Moabe, Amom e alguns estados sírios (arameus). Contrariamente às opiniões de alguns estudiosos, como demonstrado por W. F. Albright, os domínios se estendiam desde a re-

gião ao sul do Hums, no norte (Chun no mapa; Kunu nos textos egípcios e Roman Conna), até o ribeiro (termo ou fronteira) do Egito, ao sul[24]. O **rio** era o Eufrates. Os **presentes** (21) seriam os tributos exigidos.

c. Provisões da corte (4.22,23,26-28). A quantidade diária de alimento para a corte de Jerusalém era de aproximadamente 340 alqueires de farinha fina (*soleth*) e 155 alqueires de farinha (*qemah*)[25]. **Vacas de pasto** (23) – o contrato consistia de "dez vacas gordas, e vinte vacas de pasto". Isto indica o tamanho da corte de Salomão – estima-se que os seus funcionários com as suas famílias e servos somassem cinco mil pessoas ou até mais. Isto, sem dúvida, representava uma carga pesada sobre cada distrito. Os muitos cavalos para os carros, e talvez para a cavalaria, requisitavam mais cevada e mais palha dos distritos (26-28). Os cavalos de Salomão nas cidades dos carros provavelmente totalizavam quatro mil; alguns pensam que quarenta mil parece ser um número muito grande e poderia ser algum erro por parte dos escribas – quatro mil é o número dado em 2 Crônicas 9.25, e que está de acordo com o número de carros (1.400) de 10.26. Embora permaneça a discussão, as investigações arqueológicas só encontraram, até a data, evidências que dão suporte à hipótese do número menor (veja comentários sobre 9.19).

d. A reputação se espalha e a fama cresce (4.29-34). Deus fazia grandes coisas por Seu povo. Era inevitável que os demais ouvissem falar sobre a manifestação de seu poder por intermédio de seu servo Salomão, e se sentissem atraídos. Esse parece ser o principal pensamento na mente do historiador, ao falar sobre a reputação de Salomão em tais termos.

O antigo Oriente Próximo podia reivindicar um considerável depósito de sabedoria (*hokma*) antes da época de Salomão. O historiador reconheceu isto quando fez referência a **toda a sabedoria dos egípcios** (30). Como se sabe hoje em dia, isto remonta à era das pirâmides, até mesmo à época de Djozer da pirâmide de Step (aproximadamente 2650-2600 a.C.). Nos tempos de Salomão havia mais gente interessada em sabedoria, como, por exemplo, **todos os do Oriente** (30), ou seja, os edomitas. No entanto, o filho de Davi superou a todos. Sem dúvida, esta é uma justa comparação. Ao considerarmos a supremacia de Israel, Salomão poderia perfeitamente ter sido insuperável na sua época, em termos dos seus interesses pessoais e da sua habilidade para criar enigmas. É atribuída a ele a autoria do salmo 89, um dos cânticos de ensino ou de "sabedoria". **Hemã, Calcol, e Darda [ou Dara], filhos de Maol**, são listados em 1 Crônicas 2.6 como filhos de Zerá junto com Etã. Uma vez que o nome – "filhos" – pode significar "descendentes", não existe necessariamente uma discrepância. Afirma-se que "Hemã, o ezraíta", é o autor do salmo 88, outro dos cânticos de sabedoria. Os **três mil provérbios** (32) proferidos por Salomão podem ser entendidos como elaborados pelo seu interesse em coletar a sabedoria existente, assim como a sua criação de provérbios (*mashalim*). Os 1.005 cânticos (*shirim*) por ele compostos podem ser considerados da mesma forma. Por ser um homem sábio, a sua reputação chamou a atenção de muitos governantes (34), como é demonstrado através da visita da rainha de Sabá (veja adiante, capítulo 10). Salomão, por meio das suas buscas intelectuais, foi humanamente responsável, direta e indiretamente, pela literatura sapiencial da nossa Bíblia – Provérbios, Cantares de Salomão, Eclesiastes, Jó e até mesmo por alguns dos salmos.

D. Salomão Constrói o Templo, 5.1–7.51

Estes capítulos podem dar detalhes dos preparativos e da construção do Templo. Dentre os muitos projetos de Salomão – alguns até mais pretensiosos e elaborados em tamanho – nenhum se compara ao Templo, tanto em beleza como em importância.

1. *Os Materiais e os Trabalhadores de Hirão* (5.1-18)

Em seu projeto de construção do Templo, Salomão aparentemente prosseguiu a partir do ponto onde Davi havia parado. Ele havia reunido diversos materiais, especialmente cedro do Líbano (cf. 1 Cr 22.1-4). Havia estabelecido a base de cooperação entre os israelitas e os fenícios (de Sidom e de Tiro, etc.) para obter esse cedro selecionado. Essa madeira foi cobiçada pelos reis desde antes de 2000 a.C. em cidades tão distantes como no sul da Mesopotâmia e Tebas, no Nilo. **Hirão** (1) este foi Hirão I (969-936 a.C.), conhecido por fontes fenícias como um conquistador, um grande líder em seu próprio país e construtor de diversos templos em Tiro[26].

Hirão enviou a Salomão uma saudação na época de sua ascensão. Era uma cortesia habitual, mas ele também aproveitou a ocasião para comunicar o seu interesse em continuar as relações estabelecidas por Davi. Salomão controlava todas as rotas de comércio que levavam até Tiro através da Palestina (veja mapa), e também produzia os cereais que Hirão não tinha esperança de poder produzir em sua estreita faixa costeira. Portanto, a continuidade da relação pacífica era tão importante para Hirão como para Salomão. **Em lugar de seu pai** (1), "na posição de seu pai". **Mau encontro** (4) significa infortúnio. Saber **cortar a madeira** (6), "saber como cortar a madeira". **Faias** (8) provavelmente significa *ciprestes.*

Em troca dos cedros, Salomão enviou a Hirão 103.200 alqueires de trigo (as "medidas", 11, ou *kor* – coros – continham 5,16 alqueires) e 4.900 litros de azeite de oliva, que é "azeite batido" (20 coros – medida líquida, multiplicados por 55 galões, ou 247 litros, por *kor*)[27]. Para obter uma força de trabalho suficiente para o sistema rotativo entre ele e Hirão, Salomão instituiu a prática de recrutar trabalhadores: **fez subir leva** (13; hebraico, *mas*). **E os enviou... por sua vez** (14), ou seja, em turnos. Por **cortadores** (15) entenda-se *escultor de pedra.* Este esquema de levas era outra invasão na vida privada dos indivíduos, que Samuel antecipou e contra a qual ele advertiu na época em que se considerou o primeiro rei (cf. 1 Sm 8.10-18). Gebal, cidade dos gebalitas (**trabalhadores com pedras**, 18) é o nome antigo de Biblos, localizada a aproximadamente vinte quilômetros ao norte da moderna Beirute.

2. *A Construção do Templo* (6.1-37; cf. 2 Cr 3.1-14)

O templo foi a mais significativa construção isolada entre os inúmeros projetos de Salomão, e muitos detalhes são conhecidos. Apesar disso, existem algumas perguntas para as quais não há uma resposta específica nos registros bíblicos.

A Bíblia afirma que o templo foi construído com a ajuda dos fenícios (ou cananeus, em um sentido mais amplo) e que os seus objetos sagrados foram feitos por um notável artesão fenício (7.13). Geralmente, a arqueologia ilustra com detalhes suplementares significativos aquilo que a Bíblia indica. A arquitetura do Templo de Jerusalém tinha características similares a construções antigas, a fim de confirmar, assim, a influência

fenícia. Embora em sua forma o Templo de Salomão tivesse semelhanças com as edificações de outros povos vizinhos, ele refletia uma profunda compreensão de Deus por parte dos hebreus. Era este conhecimento do Senhor que fazia do Templo um exemplar único na sua localização, e lhe conferia um testemunho singular em relação ao Senhor do universo e aos seus grandiosos atos realizados a favor de seu povo.

a. O tempo necessário (6.1,38; cf. 2 Cr 3.2). Os antigos fixavam as suas datas, para se referirem ao número de anos antes ou depois de um evento significativo. Aqui se trata de 480 anos depois de Êxodo, e o quarto ano de Salomão, quando teve início a construção do Templo. Ele reinou de 971 a 931 a.C.; o início da construção do Templo deu-se em 967 a.C. Ao retrocedermos 480 anos, a data do Êxodo seria aproximadamente 1450 a.C.[28]. Após gastar sete anos na sua construção, o Templo foi concluído em 960 a.C[28]. **Zive** (1, Zife), o segundo mês do ano (da metade de abril à metade de maio), e **bul** (38), o oitavo mês (da metade de outubro à metade de novembro) são os nomes dos meses do calendário antes do exílio, supostamente originário de Canaã. Foram substituídos pelos nomes babilônicos dos meses posteriores após o retorno dos judeus da Caldéia[29].

b. Dimensões e características externas (6.2-10; cf. 2 Cr 3.3-9). O Templo media aproximadamente 30 metros de comprimento, 10 de largura e 15 de altura. As medidas em **côvados** (2) consideram os de 18 polegadas (45 centímetros) cada. **O pórtico** (3) era um vestíbulo de 10x5 metros, que funcionava como parte da entrada principal. A iluminação vinha de **janelas de vista estreita,** janelas de fasquias fixas superpostas (4); ou seja, janelas de treliça. Três andares de câmaras laterais foram construídos a fim de rodear externamente a parte principal do edifício (5,6), com a entrada para o andar inferior do **lado direito** (8), isto é, o lado sul. A versão *Berkeley* em seu versículo 6 ajuda a esclarecer a descrição destas salas laterais: "As salas laterais inferiores mediam 2,5 metros de largura; as do meio, 3 metros; e as superiores 3,5 metros; e ele fez reentrâncias ao redor de todo o exterior da casa para que... [as vigas mestras] não se apoiassem nas paredes da casa". Os materiais usados foram, principalmente, as pedras cortadas e preparadas (7) para as paredes externas; cedro do Líbano para as vigas, os painéis e o forro no interior (9-10).

c. A respeito desta casa (6.11-13). Estes versículos transmitem uma mensagem do Senhor. O historiador acreditou que ela era tão importante que a inseriu em um lugar estratégico no meio dos detalhes específicos sobre o Templo. Trata-se, basicamente, de uma reiteração da recomendação de Davi a Salomão (2.3,4), com dois pontos adicionais: em primeiro lugar, a obediência do rei e do povo está vitalmente relacionada com **esta casa** (12). O Templo tinha igual potencial para o bem e o mal. Podia se tornar o meio para exaltar a Deus e promover o seu reino, ou podia ser o local em que o nome de Deus seria aviltado e o seu poder prejudicado. A palavra "**se**", para apontar a contingência da obediência, era a chave para aquilo que o futuro reservava a Israel com o Templo que se tornou o seu principal lugar de adoração. Em segundo lugar, Deus prometeu: **habitarei no meio dos filhos de Israel** (13; em hebraico, *skakan*, "tabernáculo"). Isto teve o seu precedente na maneira como Deus residiu entre o seu povo nos primeiros tempos (cf. Êx 25.8). Ele veio expressivamente residir entre eles, na nuvem, na época da consagração

do Templo (cf. 8.1-11); Ele partiu do seu meio, e retirou a sua presença, na época da decadência moral que precedeu a queda de Jerusalém (Ez 8-10). Esta promessa nos lembra do Emanuel (Is 7.14) e do Verbo que se fez carne e habitou (*tabernaculou*) entre nós (Jo 1.14).

d. Detalhes do Santo dos Santos (6.14-35). O Templo era chamado de **a casa** (2,16) ou de **a Casa do Senhor** (1; *passim*). Foi construído em três partes principais: a primeira, **o pórtico** (3) ou "vestíbulo" – em hebraico, *ulam*; a segunda, **o templo interior** (17), ou "nave" – em hebraico, *hekal*; e a terceira, **o oráculo** (19), ou "santuário interior" – em hebraico, *debir*. **O Santo dos Santos** (16) é a expressão usada também para a parte mais interna do Tabernáculo (Êx 26.34). Algumas vezes se traduz como "Lugar Santíssimo", ou seja, "o mais santo dos lugares santos".

O pórtico (3, "vestíbulo") não é mencionado nesta seção. Era a área imediatamente exterior à entrada da nave, que dava para o leste. Também era o lugar das duas colunas, Jaquim ao sul e Boaz ao norte (7.21). A nave, que media 20x10 metros, aparentemente, só é mencionada casualmente, em uma relação com o lugar santíssimo (cf. 17,29-30 e 33-36). Os únicos detalhes dados são referentes ao acabamento do seu interior.

O santuário interior, oráculo, ou Santo dos Santos, recebe maior atenção (16,19,20,23-28). Era uma área fechada que media 10 metros de largura, por 10 de extensão e 10 de altura. Continha um altar feito de **cedro** (20), **coberto de ouro** (22). Os grandes querubins de madeira de oliveira claramente não eram os do Tabernáculo, cujas asas abertas tocavam cada lado. **A arca do concerto** (19) estava supostamente colocada no chão atrás dos querubins, depois de ter sido trazida ao templo (cf. 8.1-11).

Havia um grande uso de forros e painéis de cedro para que a pedra não ficasse aparente (29), e um abundante uso de revestimentos de ouro (20-22,28,30,32 e 35). Juntamente com as figuras esculpidas (querubins, palmas e flores abertas – 18,29,32,35) tudo tinha a intenção aparente de mostrar que somente os melhores materiais eram dignos de fazer parte do lugar que tinha o nome de Deus (8.18,29). **Pedras** cuidadosamente **lavradas** (36) e vigas de cedro tornavam a estrutura ainda mais impressionante. Foi necessário dedicar **sete anos** (38) a este projeto. O termo **botões** (18) é traduzido como "cabaças" e "botões de rosa" (Berk.). O simbolismo de tudo isto parece ser realmente rico. No entanto, permite-se que o leitor tire as suas próprias conclusões com respeito ao significado originalmente pretendido. **Com cadeias de ouro** (21), "estendeu cadeias de ouro em frente ao oráculo".

e. A reconstrução do Templo, de Stevens-Wright. A Bíblia contém uma quantidade considerável de informações sobre o Templo, mas nem mesmo estas – embora maiores do que as descrições de qualquer outro edifício mencionado nas Escrituras – são suficientes para a visualização da aparência do Templo. Além disso, uma vez que a Bíblia afirma que ele foi construído com a ajuda dos povos vizinhos, existe a sugestão de que a consideração de templos anteriores do antigo Oriente Próximo seja um meio de se obter pistas para a visualização deste majestoso edifício.

A descoberta das ruínas de templos cananeus em Megido, Siquém, Betel, Debir (*Tell Beit-Mirsim*), em outros lugares na Palestina, e em Ras Shamra, ao norte de Biblos, além de outros lugares fora da Palestina, lançam uma nova luz sobre determinadas

características do Templo de Salomão. Elas incluem o uso de janelas sobre as câmaras laterais, para a iluminação; forro de cedro para o interior; querubins e outros motivos como decorações esculpidas. A pedra cortada e as vigas de cedro para as paredes (6.35; também 7.12) eram vistas como características fenícias do Templo de Salomão.

Adicionalmente, um complexo palácio-templo descoberto em Tell Tainat (a antiga Hattina) na Síria, que data do século VIII a.C., ou talvez do século IX, tem uma planta quase idêntica à do Templo de Salomão. Tem um vestíbulo parcialmente fechado, com colunas sem travamento, uma nave que era a maior área fechada e um cubículo para a imagem do deus do rei sírio em sua parte interior sagrada.

G. Ernest Wright, em acordo com o professor William F. Albright e com a ajuda do artista George Stevens, reconstruiu o Templo de Salomão conforme ilustrado no Quadro *C*. É uma composição de detalhes de 1 Reis 6 e 7, de Ezequiel 41 e dos templos cananeus. A sua reconstrução foi o resultado de cuidadosa consideração dos detalhes do Templo de Salomão, como são conhecidos atualmente. Ela obteve uma ampla atenção e, aparentemente, uma aceitação geral[30].

3. *O Palácio Construído em Treze Anos* (7.1-12)

A **casa** (ou palácio) de Salomão (1) se refere a um complexo de edifícios da realeza, cada parte supostamente conectada à outra (2-8)[31]. Isto explica os treze anos de sua construção, em comparação com os sete de edificação do Templo. Grandes palácios foram descobertos em inúmeros lugares; uma escavação em Samaria revelou um complexo de localidades que abrangia cinco acres (veja J. W. Crowfoot, K. M. Kenyon, E. L. Sukenik, *The Buildings of Samaria*). Pode ser que o Templo fosse apenas uma parte do complexo de edifícios da realeza[32].

Os detalhes desses edifícios que faziam parte do complexo do palácio de Salomão se referem somente aos materiais e às dimensões. Nesta passagem nada é afirmado sobre as suas funções, embora algumas indicações sejam fornecidas mais adiante. Os trabalhadores empregados na construção do Templo, sem dúvida, foram utilizados também na edificação do palácio. **A casa do bosque do Líbano** (2) recebeu esse nome porque o cedro dos seus inúmeros pilares e vigas, etc., vinha dos bosques do Líbano. Aparentemente, foi usada como um edifício do tipo despensa e tesouraria (cf. 10.17,21). É útil a tradução que Moffatt faz dos versículos 4 e 5: "Havia três filas de janelas; e uma janela estava em frente à outra em cada fila, e as portas e as janelas, todas elas, eram quadradas". Supõe-se que o **pórtico** ou **salão de colunas** (6) tenha sido uma entrada sustentada por pilares para a casa do bosque do Líbano, ou talvez uma entrada para todo o complexo do palácio. O **pórtico para o trono** (7), ou Salão do Julgamento era o lugar do trono (10.8-20), onde o rei ouvia os casos e proferia as sentenças.

As áreas dos alojamentos do próprio Salomão, da **filha de Faraó** (8) e, supostamente, de suas outras esposas estavam além do pórtico (Salão do Julgamento?), dentro da área do pátio. O historiador não menciona especificamente se formavam uma parte do complexo. Ele dá uma indicação de que isso possa ser verdade quando se refere a um **grande pátio** (9,12) e a um pátio menor (8). Existe também uma sugestão na tradução de 9*b* da versão RSV em inglês: "*do pátio da casa do Senhor ao grande pátio*".

Como não há algo definido a respeito da disposição dos vários edifícios, existem, naturalmente, diferentes disposições propostas nos comentários e nos dicionários bíbli-

cos. Uma proposta interessante, com muito a seu favor, é a de Kurt Galling, *Biblisches Reallexikon* (Tubingen: J. C. B. Mohr), em IDB[33]. Uma disposição completamente diferente é apresentada em ISBE, V, p. 2.932.

4. *Hirão de Tiro, Engenheiro Especialista em Bronze* (7.13-45)

Aqui a atenção se volta para o Templo, em particular aos seus acessórios de bronze[34]. Aquilo que parece ser uma interrupção quando se fornecem os detalhes sobre o palácio de Salomão, agora pode ser compreendido como uma sugestão indireta de que os outros edifícios da realeza, juntamente com o Templo, constituíam todo o complexo Templo-palácio. Desta forma, não teria havido uma interrupção, afinal.

Esta passagem apresenta dificuldades, tais como termos técnicos cujos significados se perderam, e diferenças entre os textos hebraico e grego. O leitor é remetido à obra de Keil, *The Books of the Kings*, pp. 95-118, que constitui um dos tratamentos mais detalhados desta passagem. Outra fonte útil é ISBE, V, pp. 2940-42. A passagem foi consideravelmente esclarecida por meio de investigações arqueológicas.

A escolha de **Hirão** (13) se deu com base em sua reputação como um artesão habilidoso e talentoso. Ele era de **Tiro**, a mesma cidade do rei Hirão (5.1); no entanto, não se trata da mesma pessoa. A sua mãe era uma israelita de Naftali, uma tribo estabelecida ao norte que fazia fronteira com a Fenícia; isto explica como ela veio a se casar com um homem de Tiro. A sua viuvez pode ter sido uma causa secundária para a seleção de seu filho. **Este veio ao rei Salomão e fez toda a sua obra** (14).

a. As colunas Jaquim e Boaz (7.15-22; 2 Cr 3.15-17). Os primeiros objetos do trabalho de Hirão foram duas **colunas** de bronze (15) com aproximadamente 9x6 metros de diâmetro. Os detalhes a respeito dos **capitéis** (16) não são claros hoje em dia. Elas eram muito decoradas com **obra de rede, obra de cadeia, obra de lírios, romãs,** etc. (17-20). Pode-se ter alguma idéia dos capitéis das colunas a partir dos achados em Megido e em Hazor. Os capitéis do Templo mediam **cinco côvados** (16), cerca de 2,25 metros de altura. Os **quatro côvados** (19) ou 1,8 metro se referem à utilização da **obra de lírio** e não ao tamanho total do capitel[35]. **Em cima do bojo** (20), significa "acima da projeção arredondada".

Essas colunas ficavam na entrada do Templo, que estava sobre uma plataforma de 3 metros (Ez 41.8); um lance de dez degraus conduzia a elas e à entrada do Templo. Supõe-se que **Jaquim** (21), o nome da coluna do sul, e **Boaz**, a do norte, sejam abreviaturas de expressões que davam uma importância simbólica às colunas; **Jaquim**, "Ele estabelece", é uma abreviatura da expressão "Que este templo permaneça para sempre". **Boaz** (lit., "na força de" – H. E. F.) é uma abreviatura de "Salomão desejou que Deus lhe desse resistência e durabilidade"[36].

Mais recentemente, entendeu-se o significado simbólico destes nomes em termos dos oráculos dinásticos ou pronunciamentos em nome do rei: **Jaquim** pode ter significado "Jeová estabelecerá [*yakin*] o teu trono para sempre"; e **Boaz,** "Na força de Jeová possa o rei se alegrar"[37]. Isto destaca ainda mais o Templo como o lugar de adoração do rei. Também enfatiza a sua posição exemplar perante o povo de Israel, e o seu papel representativo entre Deus e o povo. Esta é uma das ênfases do historiador ao longo dos livros dos Reis: conforme o rei se comporta, moral e espiritualmente, assim também o fará a nação de Israel.

Com relação ao objetivo dessas colunas, uma proposta significativa é a de que elas eram imensos altares de fogo onde o incenso sagrado era queimado. O brilho do fogo durante a noite e a fumaça durante o dia eram, talvez, lembranças da coluna de nuvem durante o dia, e da coluna de fogo durante a noite (Êx 40.35-38) dos dias do deserto[38]. Sendo este o caso, haveria uma sugestão simbólica da presença divina no passado e no presente de Israel.

b. O grande mar de bronze (7.23-26). O **mar** de bronze (*yam*, não é a palavra usual para "pia", que é *kiyyor*, como em 40) era um dos dois objetos admiráveis do pátio a leste do Templo. O grande altar, não mencionado aqui, mas sim em 2 Crônicas 4.1 e em Ezequiel 43.13-17, era o outro[39]. O **mar de fundição** (23) era uma grande tigela ou pia de 5x15 metros aproximadamente de diâmetro, com uma capacidade estimada entre 37 a 45 mil litros de água[40]. Dali saía a água usada quando os sacerdotes se lavavam (2 Cr 4.6). O mar de bronze deve ter sido uma visão impressionante, apoiado sobre doze touros de bronze, que estavam, de três em três, voltados para os quatro pontos cardeais (25), com a espessura (**um palmo**, 26) de cerca de 13 centímetros, e a sua borda como a flor de lírios. Todos esses objetos, grandes e pequenos, refletem um sacerdócio estabelecido e um sistema sacrificial.

c. As dez bases de cobre e suas pias (7.27-39). Pode-se ter uma clara idéia dos muitos significados difíceis desta passagem por meio de sua leitura em alguma das versões em um linguajar moderno. As bases de bronze (ou de cobre) com rodas eram carros portáteis para as pias pequenas. Aparentemente eles deviam prover água em pontos convenientes afastados do grande mar. Cada base media 2x2x1,5 metros. O painel que cobria as molduras era decorado com leões, querubins e bois (28,29). O topo de cada base era aberto e equipado com uma cinta na qual deveria ser colocada uma bacia. As **pias** (38,39) tinham a forma de tigelas, mediam 2 metros de diâmetro, cada uma com capacidade de 750 a 900 litros (200 galões, 40x5). Cinco das pias portáteis eram colocadas ao lado sul do Templo, e cinco ao norte. O grande mar situava-se a leste da extremidade sudeste do Templo (39). Pias como estas, com ou sem rodas, foram encontradas por arqueólogos em diferentes locais. A sua finalidade específica era a de prover água para lavar os diferentes tipos de instrumentos usados para as ofertas queimadas no Templo.

d. Resumo dos trabalhos em bronze de Hirão (7.40-45; 2 Cr 4.11-16). **Pias, pás e bacias** (40), recipientes menores não mencionados previamente, também estavam incluídos entre os objetos feitos por Hirão. Eram todos feitos de bronze polido (ou cobre brunido; 45). Na versão inglesa Tudor da KJV, **latão** designava qualquer liga de cobre – por exemplo, cobre-estanho ou cobre-zinco. Isto está preservado na versão ASV em inglês; no entanto, na versão RSV em inglês a palavra "bronze" é usada, com exceção de poucas passagens, para traduzir *nehosheth*, o termo usado aqui.

A recuperação de objetos metálicos nas escavações e a sua análise fornecem base para a compreensão da palavra *nehosheth* como aplicável a uma liga de cobre e estanho, especialmente se usada com referência a objetos moldados. Não se sabe onde se inventou o uso de ligas, mas ele existia em países fora da Palestina antes de 2500

a.C. (por exemplo, Ur na Mesopotâmia). Ele não aparece na Palestina até a Idade Média do Bronze, um século antes de 2000 a.C.[41]. O bronze polido, particularmente para objetos tão grandes como o grande mar e as colunas, indica um avançado estágio de trabalho em bronze, assim como a necessidade de uma grande força de trabalho para o polimento.

5. *Objetos de Bronze Moldados na Planície do Jordão* (7.46,47; cf. 2 Cr 4.17,18)

A moldagem de objetos tão grandes como as colunas e o grande mar era um notável feito de engenharia. Por exemplo, o peso do grande mar foi estimado entre 25 e 30 toneladas, enquanto, em comparação, o grande sino da Catedral de São Paulo, em Londres, pesa cerca de 17,5 toneladas. É compreensível o motivo por que **não se averiguou o peso do bronze** (47).

A localização do canteiro de argila, como também do minério de cobre e outros componentes necessários para a fabricação desses objetos era no lado leste do vale do Jordão, talvez a meia distância entre o mar da Galiléia e o mar Morto. **Sucote** (46) foi identificada com *Deir Alla*, situada ao norte do Jaboque, onde ele faz uma curva para o oeste, na direção do rio Jordão. Escavações neste lugar revelaram escórias de metais de todos os estágios da Idade do Ferro. Foram descobertos restos de fornalhas fora da cidade e em uma delas encontrou-se uma biqueira de cerâmica com um cadinho de cobre. **Sartã** (Zaretã ou Zereda em 2 Crônicas 4.17) é identificada com *Tell es-Sa'idiyeh*, um notável lugar a aproximadamente 22 quilômetros ao norte de Adã (Js 3.16) – a moderna *Tell ed-Damiyeh*. As conclusões obtidas a partir da exploração da superfície, realizada por Nelson Glueck, de que este lugar era a Zaretã da época de Salomão foram admiravelmente confirmadas pelas escavações de James B. Pritchard durante o inverno de 1963-64. Entre as muitas descobertas surpreendentes, estavam depósitos de bronze, um pesado caldeirão moldado com um jarro e uma peneira, um lance de escadas que levava declive abaixo a uma fonte. Estas e muitas outras descobertas mostram que este lugar pode ter sido uma próspera cidade de fundição de bronze na época de Salomão. A exploração destes dois lugares, como também de localidades na direção sul para *Tell el-Kheleifeh* na costa norte do Golfo de Ácaba, mostra que toda esta região, com os seus depósitos de cobre, restos de minas e de fornalhas a céu aberto, era a região da indústria de cobre de Salomão[42]. Além disso, mostra que a referência ao cobre em Deuteronômio 8.9 é uma referência metalúrgica correta.

6. *Objetos de Ouro para o Templo* (7.48-50; cf. 2 Cr 4.7,8,19-22)

Os objetos colocados e usados na nave do templo e no lugar santíssimo eram feitos de ouro, ou recobertos com este metal. Era **o altar** do incenso, de cedro recoberto de ouro (48); **a mesa** dos **pães da proposição**; dez **castiçais** de ouro, cinco do lado sul e cinco do lado norte, diante do oráculo ou Santo dos Santos (49; 2 Cr 4.7); e objetos menores e instrumentos como **espevitadores, taças, apagadores, bacias, perfumadores e braseiros**. **Coiceiras** (50), ou articulações (como dobradiças) de ouro de qualidade inferior ao "ouro finíssimo" eram usadas nas portas. O uso deste metal tem sugestões simbólicas a respeito tanto da atitude do homem em relação a Deus como a sua devoção ao Senhor. Estes objetos eram do tipo similar àqueles do Tabernáculo; suas extensas dimensões e o seu grande número são condizentes com o tamanho do Templo.

7. *O Tesouro de Davi é Transferido* (7.51; cf. 2 Cr 5.1)

Aqui existe uma referência aos despojos de guerra como sinais da vitória sobre os moabitas, edomitas, sírios, amonitas, filisteus e amalequitas. Davi havia consagrado estes tesouros ao Senhor (2 Sm 8.9-12)[43]. Salomão os trouxe e os colocou **entre os tesouros da Casa do Senhor** (51), talvez em uma seção da área da câmara lateral do templo.

Aqui a informação, juntamente com o que é dito em outras passagens (veja especialmente adiante, 2 Rs 12.4-16), indica que os sacerdotes do Templo mantinham uma quantia monetária à parte do tesouro nacional, ou estatal, supostamente com o objetivo da manutenção e conservação do Templo e dos seus utensílios, para o sustento dos sacerdotes que oficiavam, juntamente com as suas famílias e serviçais. Pode-se supor também que foi instituída uma taxa do Templo, depois da sua inauguração e entrada em operação, isto com base nos dias do Tabernáculo, quando cada homem adulto, acima de 20 anos de idade, tinha que pagar meio siclo como uma oferta ao Senhor para afastar uma praga depois de um censo (Êx 30.11-16 – meio siclo, metade de 11,424 gramas, o peso estimado de um siclo)[44].

Sabe-se que os templos antigos da Mesopotâmia e do Egito eram centros de comércio, assim como locais religiosos. Parece que se o Templo de Salomão enveredou por esse caminho foi somente com o interesse de prover animais para o sacrifício ou outros materiais para aqueles que vinham de longe a fim de adorar ali. Se isto não foi uma evolução do período de Salomão e dos reis seguintes, foi dos tempos do pós-exílio até os dias do Novo Testamento.

E. Salomão Consagra o Templo, 8.1—9.9

A narrativa passa rapidamente para as cerimônias e a oração de consagração do Templo. O dia esperado até mesmo por Davi finalmente havia chegado. O historiador o viu como um dos pontos altos da história do povo de Deus. O Templo significava que o que o Senhor desejava para o seu povo realizava-se naquele dia. O testemunho podia ser dado agora; a luz se propagaria pelas nações.

A casa do Senhor, construída com pedras, vigas de cedro e ouro, era supostamente o meio para a edificação da verdadeira casa do Senhor, o "lar da fé" do qual o Templo era um símbolo (cf. 2 Sm 7.13; cf. Hb 3.2-5). Portanto, o Templo era importante não apenas como o santuário, mas também como o meio de concretizar o objetivo e a esperança da aliança. O historiador aparentemente entendeu que a ocasião era uma época crucial, de grande potencial para que a fé do povo de Deus florescesse como a fé de todos os povos, como Deus determinou que fosse no início (veja comentários sobre 8.43).

1. *A Glória do Senhor Enche a Casa* (8.1-13; cf. 2 Cr 5.2—6.2)

a. A arca é transferida para o Templo (8.1-9; cf. 2 Cr 5.2-10). O Templo, como o Tabernáculo, deveria conter a arca, o símbolo da presença de Deus no meio do seu povo. Uma parte significativa da consagração foi a transferência da arca da tenda de Davi para o Templo. A **cidade de Davi** (1) era a área Ofel de Jerusalém, não tão elevada quanto a do templo-palácio. Ela estava situada ao sul desta magnífica construção. A época, **na festa... no mês de etanim** (2; setembro-outubro) era o período em que se

celebrava a Festa dos Tabernáculos. Novamente se utiliza o antigo nome do mês dos tempos do pré-exílio; tisri é o nome posterior.

Os sacerdotes qualificados para manusear apropriadamente a arca levaram-na ao Templo junto com outros utensílios sagrados, em solene e santa procissão (4). Salomão liderou o povo em um sacrifício de **ovelhas e vacas, que se não podiam contar, nem numerar** (5).

A arca foi colocada no *debir*, o **Lugar Santíssimo** (ou Santo dos Santos) do Templo (6), debaixo das asas abertas dos querubins. **Cobriam a arca e os seus varais por cima** (7), "formavam uma cobertura sobre a arca e as varas que a sustentavam" (Berk.). Moffatt traduz o versículo 8 como segue: "As varas eram tão longas que as suas pontas podiam ser vistas, não de fora, mas do vestíbulo sagrado em frente ao santuário". **O dia de hoje** seria a época do historiador. A arca continha as **duas tábuas de pedra** (9), cópias dos Dez Mandamentos da época do acampamento de Israel em Horebe (outro nome para Sinai). Esta é uma referência à aliança feita no Sinai depois da libertação do Egito. O Êxodo, um grande ato de redenção, foi um impressionante testemunho da graça de Deus por eles; a lei indicava a responsabilidade que veio sobre os israelitas como recebedores da graça de Deus.

b. A glória do Senhor (8.10,11; cf. 2 Cr 5.11-14).

Deus estava no meio do seu povo. Aqui, como em inúmeras ocasiões distintas, o Senhor fez a sua presença real e conhecida em uma **nuvem** (cf. Êx 40.34-38, que fala da nuvem que ficou sobre o Tabernáculo quando ele foi consagrado). **Não podiam ter-se em pé os sacerdotes para ministrar, por causa da nuvem** (11). Os sacerdotes, confrontados com a esmagadora presença de Deus, interromperam o seu trabalho. É uma magnífica ocasião, um dia altamente sagrado, quando Deus assume o completo controle e, aqueles que normalmente seriam os condutores dos acontecimentos, passam a um segundo plano.

A presença divina como uma nuvem escura, misteriosa e atemorizante representa duas grandes verdades a respeito de Deus. Por um lado, sugere que o Senhor, que é santo e transcendente, não pode ser visto pelos homens finitos. Por outro lado, sugere que Deus é imanente e que a sua morada é entre o seu povo.

c. A morada de Deus (8.12,13; cf. 2 Cr 6.1,2). Salomão declarou por que julgava necessário construir o Templo e por que era importante que ele estivesse no meio de Israel. A ênfase de que aquela casa de oração deveria ser a morada de Deus na terra não é uma contradição ao pensamento expresso posteriormente na súplica de Salomão (27-30). A morada de Deus no Templo era interpretada como uma manifestação significativa de sua presença ali, não como uma limitação exclusiva de sua pessoa a um lugar geográfico. A morada do nome divino é outra designação para o Templo (29). **Assento para a tua eterna habitação** (13), "lugar eterno" deve ser interpretado como um local permanente, em contraste com o temporário, da época do Tabernáculo.

2. *As Palavras de Salomão* (8.14-21; cf. 2 Cr 6.3-11)

Salomão aparentemente estava de frente para o templo e o Lugar Santíssimo, de costas para o povo, quando proferiu as palavras dos versículos 12,13. **Virou o rei o rosto** (14), ou seja, ele se virou. Ele falou brevemente aos israelitas reunidos, quando

lhes lembrou relevantes fatos de seu passado que faziam da consagração uma ocasião significativa. Ele **abençoou toda a congregação de Israel**. O rei, como o ungido, e conseqüentemente com a unção de Deus sobre si, estava qualificado para proferir a bênção do Senhor sobre os demais. Todos estavam em pé quando ele pronunciou:

Bendito seja o Senhor, o Deus de Israel (15); um homem que bendiz a Deus deve ser visto em termos daquele que ora e exalta ao Senhor. Salomão e o povo reunido não se enganavam quanto Àquele em cujo nome eles estavam reunidos e em cujo poder consagravam o Templo.

Deus prometeu e **cumpriu** a sua promessa (15); Ele também foi misericordioso (16). Estes fatos deram um rico significado às cerimônias da consagração. A ênfase de Salomão era sobre a escolha de **Davi,** por Deus, e não sobre a sua determinação de um lugar para o Templo (16). A ordem do Senhor é a escolha da pessoa certa para o seu propósito redentor antes da determinação das instalações e métodos. É basicamente por meio daquele completamente dedicado e obediente que se promove verdadeiramente o reino de Deus. O desejo de Davi de construir uma **casa ao nome do Senhor** (17) foi o propósito de estabelecer um lugar digno para a adoração a Deus, e que desse uma impressão adequada e profunda a respeito do Senhor.

3. *A Oração da Consagração* (8.22-61; cf. 2 Cr 6.21-42)

Ao mudar de posição e lugar, **Salomão** desceu os degraus e **pôs-se... diante do altar** (22) no pátio do Templo (cf. 2 Cr 6.13 – "plataforma", *kiyyor*, onde Salomão ficou). Ele **estendeu as mãos para os céus** (22) e pronunciou a oração da consagração. Aparentemente em algum ponto da oração, talvez na parte intercessora, ele se ajoelhou e, ainda com as mãos estendidas para o céu, terminou a oração (54).

a. O Senhor Deus é o Único Deus Verdadeiro (8.23-30; 2 Cr 6.14-21). "Ó [Yahweh] Senhor, Deus de Israel, não há Deus como tu" (23, heb.). Estas palavras refletem o pensamento monoteísta da época de Davi e de Salomão. Falar de politeísmo ou de monolatria naqueles tempos é uma má interpretação da antiga religião de Israel e do paganismo do antigo Oriente Próximo[45].

Salomão pediu que Deus mantivesse e cumprisse a sua promessa com respeito à continuidade do trono em Jerusalém, assim como fora fiel ao cumprir a sua promessa com respeito ao Templo (24,25). **Céu dos céus** (27) é uma expressão enfática para indicar que não se aplicam limites nem amarras a Deus, e certamente o Templo não seria um obstáculo para o Senhor (cf. Dt 10.14). Em hebraico, a expressão tem a mesma construção da tradução "lugar santíssimo", o lugar mais sagrado do Templo. **Este lugar, do qual disseste: O meu nome estará ali** (29) é uma ênfase importante que segue o pensamento de que Deus, o Todo-poderoso, não pode ser contido nem mesmo pelo mundo que Ele criou. O Templo era visto basicamente como o lugar que leva o nome do Senhor, como a própria oração de Salomão indica. Como o lugar de seu nome, era o local onde Ele se encontrava com o seu povo, quando oravam e adoravam; era o lugar aonde a realidade da comunhão do povo com Deus verificava-se pela nuvem de sua presença. Wright afirmou que o Templo era a ponte mais satisfatória para o espaço entre o Deus distante e celestial, e o desejo que o seu povo tinha de conhecê-lo e de aproximar-se dele. Era a acomodação graciosa do Senhor para as necessidades de seu povo Israel[46].

O uso de palavras humanas por Salomão com respeito a Deus (**teus olhos**, 29; **ouve**, 30) sem dúvida se fez em reconhecimento à sua limitação. Era um tipo de linguagem necessário que continua útil quando as nossas limitações são admitidas.

A oração de Salomão nos versículos 22-30 expressa o tema: "Como Deus é Grande!" (1) Deus é o único Deus, 23; (2) Deus é maior do que todo o seu universo, 27; (3) Deus é misericordioso, 23,24; (4) Deus é fiel, 24-26; (5) Deus tem consideração por sua casa, 28-29; (6) Deus perdoa e restaura os nossos caminhos, 30.

b. Intercessão em situações específicas (8.31-53; cf. 2 Cr 6.22-39). Esta parte da oração fala de condições específicas que podem surgir no futuro. Cada situação é mencionada com a estrutura **se... então** (31,32). Faz-se freqüente referência a Deus **nos céus**; quatro vezes é mencionada a oração no Templo. A ênfase está na súplica ao Senhor do Templo e dos céus; a geografia não é importante.

(1) Se uma disputa entre duas pessoas vier a ser julgada perante o altar, que Deus, *o juiz justo*, vingue *o inocente* (31,32). Um **juramento** (31), especialmente levado ao Templo, seria uma afirmação solene cuja veracidade Deus seria convidado a testemunhar.

(2) A derrota nacional e o exílio deveriam ser reconhecidos como um julgamento devido ao pecado nacional; a oração e o arrependimento seriam o caminho a seguir para o retorno à pátria (33,34).

(3) **Fome, peste** (37), condições variadas de desastres ecológicos e enfermidades físicas podem ser instrumentos de julgamento devido ao pecado. Nessas ocasiões, Deus ouvirá a oração e o pedido de perdão (35-40). O objetivo a atingir é que [eles] **te temam** (40); isto é, que possam desenvolver a atitude apropriada de reverência perante Deus como a única atitude adequada na vida. A ausência de tal reverência leva invariavelmente à atitude errada no coração e a atos de pecado contra Deus. **Ferrugem** (37) pode ser interpretada como praga nas plantas. **Chaga do seu coração** (38) foi traduzida como "cada um conhece a aflição do seu coração" (versão RSV em inglês).

(4) A súplica em 41-43 é que Deus possa ouvir a oração das pessoas de outras terras que se sintam atraídas a Ele. A idéia é que as notícias do nome de Deus se espalharão até os povos de outras terras, e estes serão atraídos a Ele de tal maneira que irão abandonar a sua falsa adoração e passarão a praticar a verdadeira adoração de Israel. Aqui talvez exista uma indicação de uma razão primária para a construção do Templo: para que fosse um meio de expansão, de trazer outros povos à presença do Deus vivo e verdadeiro.

(5) Nos versículos 44 e 45 encontramos uma súplica para que Deus acompanhe Israel quando o seu exército enfrentar batalhas contra os inimigos. Como no passado houve ocasiões em que se fez necessário empreender lutas sagradas, as mesmas ocasiões poderiam se repetir no futuro.

(6) Prevendo uma época em que Deus viria a entregar o Seu povo nas mãos de um inimigo, devido aos pecados que praticaram (46-53), a oração é para que Deus possa ouvir o arrependimento de seu povo no exílio. A base para a sua oração, mesmo no exílio, é a sua eleição, que tem raízes na sua história passada. **Não há homem que não peque** (46) esta frase não deve ser interpretada como um texto que evidencia uma "religião pecadora", mas como a contrapartida do Antigo Testamento para Romanos 3.23 e 1 João 1.10. Não existe homem que não tenha pecado ou que não possa vir a pecar.

c. Bênção e ação de graças (8.54-61). Com a intercessão terminada, Salomão, que estava de joelhos, se levantou. Ele tinha assumido o papel de intercessor entre Deus e o povo, não necessariamente como um sacerdote, mas como um rei que representava significativamente o Senhor entre o povo e que também representava o povo perante Deus. As suas palavras em ação de graças são significativas e relevantes nas suas ênfases.

(1) Houve o adequado reconhecimento de Deus, e lhe foram dirigidas palavras adequadas: somente Ele pode proporcionar o verdadeiro **repouso** (56).

(2) Deus seja **conosco**, com seu povo (57) é o que Salomão via como essencial para o cumprimento de seu objetivo como o seu povo. Permanece verdadeiro o fato de que Deus deve estar com o seu povo para que possa cumprir a sua vocação e destino. Que Ele **não nos desampare e não nos deixe**.

(3) O desejo de ter Deus no seu meio, de ter o coração dirigido apropriadamente ao Senhor, deve ser um desejo constante (58-59).

(4) A principal razão por trás do chamado inicial de Israel e da construção do templo era a de que outros povos pudessem vir a saber **que o Senhor é Deus e que não há outro** (60). Aqui, e em 40-43, está o aspecto universal do monoteísmo de Israel, que é uma demonstração da fé de Israel que também é básica na fé cristã. Não existe outro Deus além do Senhor da Bíblia, e não há outro nome além do de Cristo pelo qual devamos ser salvos (At 4.12).

(5) A maneira como os homens aprenderão a conhecer a Deus retorna ao tema da obediência total. **Seja o vosso coração perfeito para com o Senhor, nosso Deus** (61). Ao caminharem perfeitamente perante Deus, os homens terão os seus falsos deuses e os seus maus caminhos pela vida expostos. Os seus olhos e a sua compreensão serão abertos ao único Senhor vivo e verdadeiro, que é a única base válida para uma existência digna nesta terra. Que prenúncio, no Antigo Testamento, da posição do Novo Testamento com respeito à consagração completa e ao amor perfeito!

"Toda a sua boa promessa" é o assunto dos versículos 56-61. Aqui podemos ver que (1) as promessas de Deus nunca deixam de ser cumpridas, 56; (2) Deus promete a sua presença, 57; (3) Temos a promessa de sua graça capacitadora, 58; (4) A promessa de Deus supera qualquer circunstância, 59; (5) A promessa de Deus leva à perfeição e à obediência, 60,61; 2 Co 7.1; 2 Pe 1.4.

4. *Sacrifícios e Festividades* (8.62-66; cf. 2 Cr 7.4-10)

A seguir, Salomão e o povo ofereceram um sacrifício de consagração adequado. O grande acontecimento e a imensa multidão reunida exigia o grande número de animais oferecido. Esta oferta conclui a cerimônia de consagração (62). **Sacrifício pacífico** (63) significa ofertas voluntárias em agradecimento a Deus. O pátio [átrio] diante do Templo também foi consagrado ao Senhor (64). Provavelmente o pátio e os seus objetos foram ungidos com o óleo de unção sagrado, como também foi o caso quando Moisés consagrou o Tabernáculo e os seus utensílios ao Senhor (Êx 40.1-15).

O banquete oferecido por Salomão foi para as pessoas de todas as partes de Israel. O território é aqui descrito de modo diferente do usual "desde Dã até Berseba". Aqui a descrição é **desde a entrada de Hamate até ao rio do Egito** (65; cf. Nm 13.21). "A entrada de Hamate" é a passagem entre o monte Hermom e o Líbano, diretamente ao norte do mar da Galiléia. **O rio do Egito** ou "ribeiro do Egito" está a uma considerável distância ao sul de Gaza, conhecido nos anais de Tiglate-Pileser como *Nahal Musri*[47].

Os **catorze dias** (65) podem ser interpretados como sete dias para a festa de dedicação e os sete dias seguintes para a Festa dos Tabernáculos. O **oitavo dia** (66), portanto, é uma referência ao retorno do povo para casa, depois de observar os sete dias da Festa dos Tabernáculos. Outra possibilidade é observar a versão grega e interpretar somente "sete dias" no versículo 65, como fazem algumas versões.

5. *O Senhor Aparece a Salomão uma Segunda Vez* (9.1-9; cf. 2 Cr 7.11-22)

A ocasião para a segunda aparição de Deus a Salomão aparentemente se deu depois da conclusão do Templo e do palácio; os **vinte anos** de 9.10 representam o total de sete anos para a construção do Templo e os treze para a construção do palácio. Além disso, parece que o final deste período ocorreu logo depois das cerimônias de consagração. Se foi esse o caso, isso significa que o Templo não foi consagrado até depois da conclusão do palácio[48].

O Senhor tornou a aparecer a Salomão (2), ou seja, uma aparição comparável àquela em Gibeão. As suas palavras a Salomão foram uma breve resposta aos pontos principais da oração de consagração do rei. Deus assegurou-lhe que tinha ouvido (3; cf. 8.28-30) e confirmou que o seu nome estava no Templo, que teria a sua atenção contínua. O Senhor novamente declarou que a obediência era a condição para a continuidade do trono de Davi (4,5; cf. 8.24-26). Aqui está o severo aviso de que a desobediência irá certamente resultar em cativeiro em uma terra estrangeira, e na destruição do Templo. Os próprios estranhos entenderiam que a causa de tal ruína seria a deslealdade de Israel ao seu Deus (6-9). **Assobiará** (8): "todos os que passarem irão assobiar de assombro" (Berk.). Portanto, esta é outra passagem que estabelece uma das maiores ênfases dos livros dos Reis: a obediência ou a santidade da vida é a chave para que Israel cumpra o propósito que Deus tem para a nação, como um povo; a sua desobediência não será tolerada de maneira alguma.

F. O Esplendor do Reino de Salomão, 9.10—10.29

Esta parte da narrativa dá detalhes sobre diferentes aspectos do reino de Salomão. Alguns assuntos foram mencionados previamente e outros são aspectos apresentados agora. Em geral, eles corroboram a idéia de que Salomão reinava com sabedoria e que, como resultado, a bênção de Deus estava sobre ele.

Muitos detalhes desta passagem foram esclarecidos pela arqueologia. Um dos melhores comentários recentemente publicados, com discussão detalhada sobre esses pontos, e freqüentes referências a outras fontes, é o trabalho de John Gray, *I & II Kings* (1963), pp. 222-51. Outros trabalhos auxiliares e valiosos são os artigos sobre os lugares mencionados em *The Interpreter's Dictionary of the Bible* (1962) e em *The New Bible Dictionary* (1962).

1. *Hirão Insatisfeito* (9.10-14; cf. 2 Cr 8.1,2)

Uma grande dificuldade na compreensão desta passagem é removida, se seguirmos a versão RSV em inglês ou os seus comentários, e o versículo 14 for lido da seguinte forma: "E enviara Hirão ao rei cento e vinte talentos de ouro". Esta quantia (US$ 3.500.000, Berk.) foi paga com vinte cidades na Galiléia. Elas estavam, em sua maioria, em Naftali,

mas incluíam territórios tanto na alta como na baixa Galiléia, e, talvez, alguma parte do vale de Esdraelom. Eram supostamente comunidades de cananeus (cf. 2 Sm 24.7) que não haviam sido conquistadas e levadas ao mesmo patamar de desenvolvimento das cidades israelitas.

O interesse de Salomão na negociação era o ouro de que ele precisava para manter o tesouro de sua crescente nação. O interesse de Hirão, aparentemente, era o território que rodeava as cidades, que poderia ser usado para a produção dos cereais de que ele necessitava. Hirão estava desapontado porque a terra não estava desenvolvida e era improdutiva; isto parece ter sido a base para o popular apelido da região – **Cabul** (13), "nada". Deve-se interpretar 2 Crônicas 8.1,2 como uma referência a uma época posterior, quando Salomão obteve novamente a posse das cidades. Esta é a base para a proposta de que estas localidades eram, na verdade, mantidas como uma garantia para Hirão, durante o período em que o ouro estava emprestado a Salomão.

2. *Salomão Usa Trabalhos Forçados* (9.15-23; cf. 2 Cr 8.3-10)

O uso de trabalho forçado (*ham-mas*) foi mencionado em conexão com a construção do Templo (5.13-18). Aqui é feita outra menção, em conexão com outras construções para mostrar o quão abrangentes eram os empreendimentos de Salomão.

a. Milo e a muralha de Jerusalém (9.15). **Milo** (15) foi interpretado como algum tipo de fortaleza ou torre, talvez uma parte da muralha. O seu significado, "enchimento", foi conseqüentemente aplicado no sentido de que a muralha estava em processo de ser "preenchida" ou "concluída". No entanto, a partir de exemplos em Bete-Semes e em Laquis, hoje muitos entendem **Milo** como um palácio-cidadela ou fortificação, construída em uma plataforma com um preenchimento de terra em seu interior[49].

b. Cidades construídas (9.15,16). A lista das cidades que Salomão construiu ou reconstruiu em todo o seu domínio não está completa nesta passagem. A lista deveria, supostamente, pelo menos totalizar o número de provedores administrativos, de 4.7-19. Cada um desses provedores tinha a sua cidade-centro ou local de munições, onde fazia a sua residência; em alguns casos ele também tinha uma cidade de carros (19). **Hazor** (*Tell al-Kedah*) está localizada estrategicamente no norte, entre o mar da Galiléia e o gago Huleh, onde controlava importantes rotas de comércio. **Megido** (*Tell el-Mutesellim*) da mesma forma estava estrategicamente localizada na extremidade oeste do vale de Esdraelom (veja mapa), a fim de controlar rotas através da passagem para o seu sul e a costa do Mediterrâneo, no oeste. **Gezer** (*Tell Jezer*) estava situada aos pés de Judá, onde havia uma estrada-tronco através da planície costeira. Estas são somente três das numerosas cidades cuja investigação arqueológica mostrou que foram reconstruídas ou reformadas durante a época de Salomão. Os seus portões em forma de *E* invertido e outras estruturas em pedra são testemunhas do trabalho de um arquiteto, ou do estabelecimento de padrões arquitetônicos de um período em particular[50].

Com respeito a **Gezer** (16,17), Albright sugeriu que este nome é uma variação de *Gerar*, pois alguns pensam que um incêndio em Gezer, na época de Salomão, seria de difícil justificativa arqueológica. Esta cidade provavelmente estava em mãos israelitas na época de Salomão. Gerar, localizada a nordeste de Berseba, estava em mãos de

cananeus até ser atacada pela expedição durante a época de Salomão. O **Faraó** (16) desta expedição foi o último governante da fraca 21ª Dinastia. Ele não era Sesonque (Sisaque), cuja filha havia se casado com Salomão (3.1), e que julgava ser vantajoso para ele estar aliado a Israel, que era a força política em ascensão na Palestina[51].

c. Outras cidades na região montanhosa (9.17,18). **Bete-Horom**, a alta e a baixa Bete-Horom (que talvez deva ser considerada como a Baalate, de acordo com Josefo e a versão RSV em inglês), pode estar localizada a aproximadamente vinte quilômetros a noroeste de Jerusalém, em um cume que conduz do planalto até o vale de Aijalom. Aparentemente faziam parte do sistema de fortificações afastadas de Jerusalém, e controlavam um dos poucos acessos à cidade desde a planície costeira. **Baalate** ficava a aproximadamente 16 quilômetros mais para o oeste, nas proximidades de Gezer. **Tadmor** ou Tamar ("palmeira"), na região semi-árida chamada Neguebe (Estepe ou Terra do Sul) é designada em Ezequiel 47.19 e 48.28 como o limite sudeste da Terra Santa.

d. Cidades de munições e cidades de carros (9.19). A palavra *miskenoth* que descreve estas cidades é também usada em relação aos locais de munições durante a permanência dos israelitas no Egito (Êx 1.11). Trata-se, claramente, de uma referência a cidades com instalações para armazenamento de grãos. O conceito provavelmente está relacionado com as cidades dos doze provedores administrativos. Cada um deles deveria fornecer provisões durante um mês para a corte; cada um precisaria ter grandes instalações para armazenamento. Não está totalmente esclarecido em quantas cidades são incluídas adicionalmente às dos doze provedores.

A arqueologia lançou uma importante luz sobre essas instalações, assim como sobre as cidades para cavalos e carros. Em Bete-Semes e em Laquis, os arqueólogos encontraram, ao lado da residência do governador, um edifício com paredes espessas e salas longas e estreitas. O objetivo deste tipo de edifício parece ter sido o de armazenar grãos e outras provisões[52]. As ruínas de estábulos encontrados em Megido, Hazor e outros lugares são testemunhos eloqüentes da arqueologia com respeito às cidades de carros de Salomão[53].

e. O trabalho forçado não se aplicava aos israelitas (9.20-23). Os habitantes não israelitas da nação eram usados para os projetos que necessitassem de trabalhos forçados. A expressão **Seus filhos** (21) – descendentes – indica que os não israelitas, na época de Salomão, estavam separados por muitas gerações daqueles que escaparam ao extermínio na época da conquista liderada por Josué. A prática de usar essas pessoas como servos em Israel foi estabelecida por Josué como um resultado do engano dos gibeonitas (Js 9.22-27). Era uma prática muito difundida na época do assentamento quando as tribos ocuparam suas respectivas regiões (Jz 1.27-36). Quanto aos israelitas, Salomão fez deles soldados, supervisores, etc., a fim de colocá-los em posição de autoridade e poder sobre os cananeus (22,23).

É difícil harmonizar a afirmação de 9.22 com as declarações de 5.13 e 11.28, que parecem indicar que Salomão também empregava israelitas para o trabalho forçado. No entanto, as afirmações de 5.13 e 11.28 podem ser interpretadas como inclusive todos os povos das regiões tribais de Israel, e aqueles que eram tomados em levas de trabalhos, nessas regiões, eram os cananeus.

3. *A Filha de Faraó Muda-se para a sua Própria Casa* (9.24)

Isto conclui um assunto deixado em aberto anteriormente. A filha de Faraó finalmente se muda para um palácio adequado em Jerusalém (cf. 3.1; 7.8; 9.16).

4. *Os Três Sacrifícios Anuais de Salomão* (9.25)

Após a construção do Templo, Salomão deixou de oferecer sacrifícios no grande alto em Gibeão. O lugar dos seus sacrifícios era o altar diante do Templo em Jerusalém. Isto acontecia pelo menos em três ocasiões anuais: Na festa dos Pães Asmos, na Festa das Semanas e na Festa dos Tabernáculos (cf. 2 Cr 8.12-16).

5. *A Frota de Salomão* (9.26-28; cf. também 10.11-12,22)

Os detalhes referentes às atividades marítimas de Salomão, juntamente com Hirão de Tiro, falam significativamente, embora um pouco de forma casual, de um importante aspecto econômico do reinado de Salomão.

A arqueologia esclareceu um aspecto inesperado desta fase das atividades do rei: a sua altamente desenvolvida indústria de metais. As explorações de Nelson Glueck, em Arabá, a depressão que se estendia na direção sul desde o mar Morto até o golfo de Ácaba, revelou restos de minas exploradas e pequenas fornalhas usadas para a fusão preliminar. Seguiram-se as escavações das ruínas da maior usina de fusão de cobre (uma *tarshish*) já encontrada no Oriente Próximo. Este lugar, chamado *Tell el-Kheleifeh*, deve ser identificado com **Eziom-Geber** (26)[54].

Este foi o lugar onde Salomão construiu e lançou seus barcos em suas longas viagens a **Ofir** (28). Como não há espaço suficiente para duas cidades separadas, Glueck interpreta **Elate** (26) como um nome posterior para Eziom-Geber (cf. Dt 2.8). Por outro lado, Gray explica que Elate era um assentamento novo na época de Salomão, "idêntico ao local industrial de Tell el-Kheleifeh". A sua interpretação é a de que tanto Elate como Eziom-Geber ocupavam o mesmo lugar; uma delas, entretanto, se dedicava à construção de barcos, e a outra ao beneficiamento do cobre[55].

"Naus de Társis" (10.22) agora são interpretadas como "barcos da refinaria". Társis, que significa "refinaria" ou "lugar de fusão" é um termo industrial e não geográfico. A frota, tripulada por israelitas e fenícios, levava o cobre ou o bronze refinado em Eziom-Geber até as terras distantes em troca dos artigos de luxo desejados por Salomão (9.28; 10.11-12,22). A identificação mais plausível e satisfatória para **Ofir** (28) é a região de Somalilândia, ao longo da costa da África, e está de acordo com Punt, das fontes egípcias, que mencionam esta região de itens similares àqueles dos registros bíblicos: ouro, prata, marfim e dois tipos de macacos (como agora se entende a palavra hebraica de 10.22, não mais como pavões). A viagem de três anos (10.22) provavelmente incluía paradas ao longo da costa da Arábia; para reiniciar-se quase ao final de um ano, incluía todo o segundo ano e terminava na primeira parte do terceiro ano[56].

6. *A Rainha de Sabá Visita Salomão* (10.1-10,13; cf. 2 Cr 9.1-12)

A curiosidade feminina foi talvez um fator determinante na viagem que **a rainha de Sabá** (1) fez a Jerusalém para visitar Salomão. Ao ouvir falar dele como um governante muito famoso, ela veio para contemplar por si mesma. A **sabedoria** de Salomão (3,4), a riqueza (4), os servos do palácio e os impressionantes sacrifícios religiosos (5) domina-

ram-na e removeram qualquer dúvida a respeito dos relatos que ela tinha ouvido (7). Os versículos 4 e 5 foram assim traduzidos: "Vendo, pois, a rainha de Sabá toda a sabedoria de Salomão, e a casa que edificara, e a comida da sua mesa, e o assentar de seus servos, e o estar de seus criados, e as vestes deles, e os seus copeiros, e a sua subida pela qual subia à Casa do Senhor, não houve mais espírito nela". Ela ficou tão enormemente impressionada que exclamou: **Bendito seja o Senhor, seu Deus** (9). A sabedoria de Salomão e o esplendor da corte eram um grande testemunho sobre o Deus a quem ele servia. Para retribuir a cortesia da corte, ela veio com presentes: **ouro, pedras preciosas** e, mais notavelmente, **especiarias** (2,10). Salomão não seria excedido por alguém; ele lhe deu presentes ainda maiores (13). O objetivo do historiador foi cumprido, ao novamente enfatizar a sabedoria dele como um sinal evidente da bênção de Deus sobre ele e o seu povo.

Por outro lado, a arqueologia destaca as implicações de um acordo comercial que esta visita deve ter produzido. Sabá, a forma hebraica para *Saba*, era o nome de um dos diversos estados da área de Hadramaut, no Iêmen, no sul da Arábia. Juntamente com os demais estados, ele era famoso pelo comércio de especiarias e incenso; este comércio era bem desenvolvido na época de Salomão. Sabá, no sul da Arábia, controlava as rotas comerciais da região de Hadramaut ao norte, até a Síria e a Mesopotâmia. O controle de Salomão, de Eziom-Geber e dos estados afastados como Edom, Moabe, Amom, Zobá, Damasco e Haurã, significava que ele podia controlar o comércio de caravanas entre a Arábia e o norte[57]. Além disso, os seus navios que navegavam a costa da Arábia sem dúvida causavam uma preocupação adicional a Sabá. **Salomão deu à rainha de Sabá tudo quanto lhe pediu o seu desejo** (13), o que poderia perfeitamente ter incluído um acordo comercial satisfatório. Ainda existia algum tipo de coleta de impostos, pois entravam no tesouro de Salomão taxas e impostos da Arábia (10.15)[58]. Salomão também ofereceu presentes que foram tirados de sua fortuna pessoal; provavelmente, à moda oriental, a fim de superar o valor dos presentes que a rainha lhe tinha trazido.

A maravilha da sabedoria e da magnificência dadas por Deus a Salomão está refletida na reação da rainha de Sabá: **eu não cria naquelas palavras, até que vim, e os meus olhos o viram; eis que me não disseram metade** (7). Aqui temos (1) uma reputação amplamente difundida, 1; (2) uma visitante curiosa, 2-5; (3) uma examinadora maravilhada, 6,7; e (4) uma partidária convencida, 8-10.

7. *As Riquezas e a Sabedoria de Salomão* (10.14-29, cf. 2 Cr 1.14-17; 9.13-28)

A riqueza e a sabedoria de Salomão foram enfatizadas pela visita da rainha de Sabá. Talvez isto explique por que estes materiais tão diversos sejam mencionados agora; eles têm a intenção de ilustrar a grande riqueza dele e a sua fama tão difundida.

a. Renda (10.14,15). A renda coletada anualmente dos estados vassalos era de 666 talentos de ouro (US$ 20.000.000; Berk.). Esta era complementada pela renda que vinha do controle do comércio.

b. Os escudos de ouro (10.16). Havia dois tamanhos de escudos de ouro usados pela guarda real nas ocasiões especiais (cf. 14.27,28 e 2 Cr 12.10). Eles foram colocados **na casa do bosque do Líbano** (17; cf. 7.2). **Duzentos** (16) eram escudos grandes (*sinnot*)

que protegiam o corpo inteiro, com **seiscentos siclos** (US$ 6.000, Berk.) **de ouro** em cada um. **Trezentos** (17) eram escudos pequenos e circulares (*meginnot*), com três arráteis de ouro (US$ 1.800, Berk.) em cada um.

c. O trono de marfim (10.18-20). O **trono** era enormemente adornado com **marfim** e coberto com **ouro**. Vários detalhes nele eram símbolos de estado ou símbolos de significado religioso relativo ao governo do rei. Não havia algo, em algum lugar, comparável a ele (20) – uma forma de descrever a sua incomparável beleza e o seu valor material. **Estavam juntos** (19) – "descansos para os braços".

d. Os vasos de beber de ouro (10.21). O ouro é apresentado como o único metal digno de Salomão. Em contraste, a prata, que é normalmente considerada superior aos metais mais comuns, era vista quase com desprezo.

Para uma discussão sobre 10.22, veja o comentário sobre 9.26-28. Para 10.25,26, veja o tópico *h* adiante.

e. Cidades dos carros (10.26). Veja comentários sobre 4.26 e 9.19. Estas cidades eram outro aspecto da grande riqueza e do grande poder de Salomão. Os **carros**, assim como as suas muitas esposas (11.1ss) e o seu grande acúmulo de ouro e prata, eram proibidos pela lei Mosaica (Dt 17.16,17). O desrespeito a essas específicas determinações era uma clara indicação do início de uma negligência moral e espiritual. Parece que a segunda aparição de Deus (9.1-9) tinha a intenção de corrigir essa transgressão, da qual já havia indicações óbvias.

f. A prata e o cedro se tornam comuns (10.27). Novamente, dois artigos de grande valor e altamente prezados eram reduzidos a um lugar comum pela grande riqueza e glória de Salomão.

g. O monopólio que controlava o comércio de carros e cavalos (10.28,29). A tradução do versículo 28 é considerada difícil: *miqweh*, em particular, é um termo enigmático. **Fio de linho** não se encaixa no contexto de cavalos e carros. Dos materiais gregos e extrabíblicos, *qweh* (QWH) deve ser interpretado como o nome de um lugar, como na versão RSV em inglês. "*Que*" é a palavra hebraica para a Cilícia, na Ásia Menor. Esta tradução está justificada por Heródoto, o qual registra que a Cilícia nos tempos antigos era a origem dos bons cavalos para os países estrangeiros. Também se sabe que os egípcios do Novo Império importavam madeira da Síria para fabricar carros. Como Salomão controlava todas as importantes rotas comerciais entre o Egito e a Síria, parece que poderia muito bem ter havido um monopólio virtual do comércio de cavalos para fora da Cilícia, e dos carros exportados do Egito. Conseqüentemente, os sírios e outros dependiam de Salomão para ter os carros egípcios, ao passo que os egípcios e outros dependiam dele para ter os cavalos da Cilícia – e Salomão era o intermediário todo-poderoso.

Com base em tais considerações, Albright traduz estes versículos: "E os cavalos de Salomão eram exportados da Cilícia: os mercadores do rei os obtinham na Cilícia ao preço corrente; e um carro era exportado do Egito ao custo de seiscentos siclos de prata e

um cavalo da Cilícia ao custo de cento e cinqüenta; e assim (com esses preços) eles eram entregues pelos seus agentes a todos os reis dos heteus e aos reis da Síria"[59]. Não se sabe quais eram os preços originais, mas a taxa estabelecida para a troca ou o valor corrente era de quatro cavalos da Cilícia (150 siclos de prata cada um – US$ 100, Berk.) para um carro egípcio (600 siclos cada – US$ 400, Berk.).

h. Resumo – "Salomão excedeu a todos os reis" (10.23-25). **Todos os reis da terra** (23) é uma expressão que se aplica mais especificamente ao mundo de Salomão e dos israelitas, ou seja, o antigo Oriente Próximo. Como as investigações arqueológicas tão notavelmente mostraram, o reino de Israel sob Davi e Salomão era o principal poder político. Salomão, em particular, foi o maior e mais poderoso rei, sem nenhuma exceção. Ele foi visitado por vários motivos, e presentes de todos os tipos lhe foram trazidos de acordo com a etiqueta das visitas diplomáticas de então e de agora. Portanto, dos pontos de vista de sabedoria, fama, riqueza e poder (político, comercial e industrial) não é exagerado dizer que Salomão excedeu a todos os reis.

G. Apostasia e Declínio, 11.1-43

A tragédia da vida de Salomão não foi uma catástrofe pessoal repentina, mas a diminuição gradual de sua completa devoção a Deus. Isto está relacionado com os interesses das suas esposas, que no final resultaram em sua própria adoração idólatra (8). Ele trilhou o repetido caminho para longe de Deus: o conhecimento do coração tornou-se somente um entendimento da mente, e o conhecimento da mente finalmente deu lugar à apostasia total. A sua vida ilustra vividamente a verdade de que "uma grande sabedoria e um conhecimento cultivado de Deus", não são uma garantia de lealdade contínua a Deus[60].

Além disso, a vida de Salomão ensina que as grandes bênçãos e oportunidades que Deus dá também possuem ameaças ocultas para o relacionamento do qual nascem essas dádivas e oportunidades. As nossas próprias bênçãos podem solapar a fé naquele que nos outorgou essas vitórias. É evidente que um relacionamento adequado de um indivíduo com Deus sempre se apóia na obediência continuada, consciente, disposta. Quando falta obediência, a alternativa é a desobediência – até mesmo a idolatria, como foi o caso de Salomão. Tal desobediência traz o julgamento divino.

1. *A Apostaria de Salomão Devido às suas Muitas Esposas* (11.1-8)

O fato de Salomão ter muitas esposas era contrário à política para os reis israelitas (cf. Dt 17.17). Isto é aparentemente o que o historiador tinha em mente quando reviu este aspecto do reinado do filho de Davi (2). Nos últimos anos de Salomão, ele gradualmente aceitou e participou daquilo que no início apenas perdoava. Construiu lugares de adoração para as suas mulheres estrangeiras (8) para que elas pudessem venerar os seus deuses em Jerusalém; então ele as acompanhou em sua adoração pagã (5,7,8)[61]. **O seu coração não era perfeito** (4) "completamente fiel" (cf. 6) **como o coração de Davi**. O seu coração estava dividido em sua lealdade, e ele desobedecia em um assunto crucial, ao passo que isso nunca aconteceu com Davi.

2. *As Palavras Iradas de Deus a Salomão* (11.9-13)

Deus, que é santo, não abre exceções com respeito ao pecado e à injustiça. Esta mensagem a respeito da ira divina provavelmente veio por intermédio de Aías, o profeta (cf. 26-40). Era uma palavra basicamente de julgamento, embora não destituída de misericórdia. A punição devida à idolatria de Salomão seria evidente na divisão de seu reino pouco tempo após a sua morte (11,12). Ele teve que conviver com o pensamento de que a maior parte daquilo que ele tentara construir e estabelecer não duraria muito. Talvez este tenha sido o verdadeiro castigo para ele. A nota de misericórdia estava na declaração de que o seu reino não seria completamente destruído: uma tribo permaneceria como testemunha da misericórdia de Deus, **por amor de meu servo Davi** (13).

3. *Os Adversários como Instrumentos do Julgamento* (11.14-40)

Os acontecimentos que envolveram **Hadade** (14), **Rezom** (23) e **Jeroboão** (26) são usados para ilustrar a verdade de que Deus enviou o julgamento divino sobre o rei basicamente por meio daqueles que se levantaram contra ele. Esta é outra maneira pela qual o reinado de Salomão serve de exemplo para a compreensão e a interpretação da história dos tempos posteriores. A idolatria foi o problema do filho de Davi; foi também o assunto crucial com os dois reinos, o do Norte e o do Sul. Da mesma forma como Deus puniu o idólatra Salomão por meio de seus adversários, Ele também castigou os dois reinos idólatras das tribos divididas através de adversários estrangeiros – os assírios e os babilônios.

a. "Hadade, o edomita" (11.14-22). Edom, ao sul de Israel, tinha sido um Estado vassalo desde a época em que foi dominado por Joabe, sob o comando de Davi (2 Sm 8.13,14). **Hadade** (14) era **da semente do rei**, isto é, era um membro da família real. Ele conseguiu fugir para o Egito onde não somente encontrou segurança, mas também as graças do Faraó (17-20). Quando soube que Davi e Joabe tinham morrido, voltou à sua terra natal (21,22). Se ele ouviu as notícias pouco tempo após a morte de Davi e retornou logo em seguida, não é necessário supor que ele imediatamente planejou e liderou uma revolta contra Salomão. Quando finalmente liderou os edomitas em uma tentativa de remover o filho de Davi do trono, havia mais do que o próprio interesse do edomita envolvido; havia também a mão de Deus (14).

b. Rezom, o sírio (arameu) (11.23-25). **Rezom**, talvez uma variante de Heziom (15.18)[62], tinha começado a sua carreira militar subordinado a Hadadezer de Zobá, derrotado por Davi (2 Sm 8.3-8). Parece que ele fugiu naquela época, e tornou-se o líder de um grupo de saqueadores que ele usou para se estabelecer em Damasco, a nordeste de Israel. **Foi adversário... por todos os dias de Salomão** (25). O seu contínuo assédio e crescente poder, nos últimos anos do reinado de Salomão, ameaçaram dividir o controle israelita nos estados sírios. Na verdade, foi pouco tempo depois do final do governo de Salomão, provavelmente junto com a revolta de Jeroboão e a invasão de Sisaque, que Israel perdeu todo o controle do território sírio[63]. Deus usou isso como um julgamento sobre Salomão (23).

c. "Jeroboão, filho de Nebate" (11.26-40). Jeroboão era um israelita, em contraste com os outros, que se tornaram adversários estrangeiros de Salomão. Para acompa-

nhar o estilo narrativo dos dois acontecimentos anteriores, afirma-se que Jeroboão era adversário de Salomão (26; cf. 14 e 23). A seguir são apresentados os detalhes (27-40; cf. 15-22 e 24,25).

Jeroboão, filho de Nebate (26) de Zereda em Efraim (localização específica desconhecida) tinha sido designado pelo **profeta Aías** (29) de Siló para governar a porção do reino que se separaria da casa de Salomão (30,31)[64]. Ainda jovem, Jeroboão estava nas graças de Salomão. **Salomão... o pôs sobre todo o cargo da casa de José** (28) significa "supervisor de todo o trabalho recrutado" (Berk.). Ao agir prematuramente com base nas palavras do profeta, Jeroboão **levantou a mão contra o rei** (27), isto é, cometeu algum tipo de ato de traição. Como Davi, ele tinha sido escolhido pela mensagem profética para suceder um governante desobediente depois da morte dele; mas, diferentemente de Davi, não aguardou o momento de Deus e, ao invés disso, tentou fazê-lo no seu próprio tempo. Portanto, teve que fugir para o Egito para não perder a vida (40).

Os **dez pedaços** (31) da roupa, que representavam as dez tribos que seriam a parte que se separaria de Salomão, eram simbólicos. Eles indicavam que o maior número participaria da rebelião. A menção de **uma tribo** (32) reservada para Davi em Jerusalém deixa isto claro[65].

A referência a Davi tendo **uma lâmpada... em Jerusalém** (36) é repetida em 15.4; 2 Reis 8.19; e 2 Crônicas 21.7. A explicação talvez esteja em 2 Samuel 21.17. A lei de Davi, considerada a "lâmpada de Israel", desejada por Abisai e outros, não seria apagada, e, de acordo com a promessa de 2 Samuel 7.16, não seria extinta.

A promessa de Deus a Jeroboão relativa a **uma casa firme** (38), em comparação à de Davi, aparentemente sugere uma estabilidade no trono para a parte que se desintegrasse do reino de Salomão durante o período planejado pelo Senhor para a separação. Deus não pretendia que o afastamento fosse permanente (39). As condições para esta estabilidade eram as mesmas que foram expressas para Davi e Salomão: **se ouvires tudo o que eu te mandar** (38).

Sisaque, rei do Egito, para quem Jeroboão fugira, invadiu Judá durante o reinado de Roboão (veja comentários sobre 14.25).

4. *O Fim do Reinado de Salomão* (11.41-43)

A narrativa do governo de Salomão é encerrada conforme o padrão característico dos relatos dos livros dos Reis. O seu reinado de **quarenta anos** (42) é geralmente reconhecido como genuinamente histórico, e não meramente um número arredondado.

Seção II

OS DOIS REINOS: SUAS HISTÓRIAS SINCRONIZADAS

1 Reis 12.1 — 2 Reis 17.41

Os livros de 1 e 2 Reis como a história da salvação – A posição de 1 e 2 Reis em nossa Bíblia indica a importância que judeus e cristãos lhes dedicaram na história escrita da *Heilsgeschichte* ("história da salvação")[1]. Esses livros não foram incluídos em nosso cânon das Escrituras meramente por causa de seus detalhes históricos, mas como fonte de importantes conhecimentos relativos ao povo que Deus escolheu para ser o seu instrumento de salvação no mundo.

O povo de Israel, como uma nação de Canaã (Palestina), tinha um destino especial a cumprir e, ao cumprir essa determinação, realizava o propósito que Deus reservara para ele e os demais povos. É esse ponto de vista essencial que faz dos livros dos Reis uma parte integrante do registro bíblico da *Heilsgeschichte.* Foi dessa convicção que surgiu uma profunda preocupação com a obediência e a santidade da vida. A obediência, revelada através de uma vida santa, era a única forma de que Israel dispunha para ser o instrumento pretendido por Deus. Também existia o reconhecimento de que tanto fatores externos como internos relativos a Israel interpunham formidáveis obstáculos para o cumprimento do destino que Deus traçara para essa nação.

O historiador abordou a história de seu povo a partir do ponto de vista dessas considerações básicas. Dirigido pelo Espírito de Deus, ele transcreveu a interpretação estabelecida para 1 e 2 Reis e, embora preocupado com Israel como povo de Deus, ele se manifestou claramente na pessoa do rei e também dos profetas que freqüentemente aparecem com suas importantes pregações. Ele viu o reino unido de Davi, e a maior parte do reino de Salomão, como uma época em que seu povo cumpria um destino especial. Eles eram internamente fortes, o coração de Davi havia sido "perfeito" para com Deus (11.4) e Salomão amara ao Senhor (3.3), mas externamente havia uma inércia. O Templo fora construído e atraía as atenções além das fronteiras da nação, como

podemos ver na visita da rainha de Sabá (10.1ss) e daqueles que vieram e trouxeram presentes para Salomão (10.23-25).

Entretanto, o pecado que mora no coração dos homens, e manifesta-se através de atos e relacionamentos, começou a modificar essa efetiva e pacífica influência do povo de Deus. Embora o historiador não tenha afirmado com tantas palavras, o que ele realmente descreve é um significativo capítulo sobre o conflito espiritual que se iniciou na época do primeiro pecado cometido (Gn 3.15). Parecia que o reino de Deus conquistava uma grande vitória; no entanto, aconteceu exatamente o contrário quando Salomão se entregou ao culto aos ídolos praticado por suas esposas.

Parecia que havia alguma esperança para o reino de Deus[2], além do tempo do castigo pela idolatria de Salomão, pois essa correção não deveria ser interminável (11:39). Entretanto, à medida que o autor acompanhava essa história, ele pode ter chegado a um momento de desilusão.

A idolatria tornara-se o fator preponderante da derrota, e ele se defrontou com o colapso total de sua nação. Milhares de seus conterrâneos, e, com toda probabilidade, também o historiador, foram para o exílio. A partir da época de Salomão, o relato sobre o período dos reis se transformou na interpretação óbvia da história de sua nação e, necessariamente, um desdobramento daquilo que se sabia a respeito do relacionamento pactual de seu povo com Deus. Entretanto, qualquer desilusão que possa ter sentido foi substituída por uma esperança para o reino de Deus quando Joaquim foi libertado, e também havia a promessa do retorno do exílio (8.33,34). Além disso, ele deve certamente ter tido conhecimento das declarações dos escritos proféticos.

A sincronização das duas histórias – Os dois livros, de 1 Reis 12.1 até 2 Reis 17.41, representam a sincronização das histórias dos dois reinos israelitas feita pelo historiador. Essa sintonia se tornou possível através do uso das crônicas oficiais de seus dois reis. Elas são freqüentemente mencionadas como fonte de informações adicionais, caso o leitor tenha interesse em consultá-las (veja a Introdução). Não existe qualquer informação sobre como o historiador teve acesso a essas crônicas. Talvez os habitantes do reino do Norte, levados para Jerusalém depois da queda de Samaria em 722 a.C., tenham conduzido consigo todos os documentos ou registros oficiais quando foram para o cativeiro. Ao considerar o grande interesse literário dos reis da antiguidade (por exemplo, Assurbanipal com sua grande biblioteca em Nínive), não seria inconcebível que Nabucodonosor possa ter sido parcialmente responsável pela preservação dos sagrados documentos e dos registros oficiais de Israel.

Essa sincronização, que vemos com bastante perplexidade, representa um documento quase sem paralelos nos escritos da história da antiguidade (veja a Introdução). Entretanto, ainda permanece a intrigante pergunta: Por que alguém resolveu executar tão difícil tarefa? A resposta é que essa pessoa foi guiada pelo Espírito de Deus. Humanamente falando, ela considerava a história dos dois reinos essencial para o relato da conduta de Deus para com o seu povo, pois se assim não fosse, teria se limitado apenas à história de Judá.

Da forma como foram sincronizadas, essas duas histórias mostram a continuidade do trono em Jerusalém, isto é, da "casa de Davi" ou dos seus descendentes, que reinaram ininterruptamente até a derrota de Judá. O reino do Norte, ao contrário, não alcançou essa estabilidade dinástica e apenas a "casa de Onri" e a "casa de Jeú" são as que mais se aproximaram dela em relação a quaisquer outras.

É interessante notar que o oposto também era uma realidade do ponto de vista cultural. O período de 900 até 600 a.C. representou uma época de estabilidade dos costumes do povo, e isso se refletia nas mudanças graduais que aparecem nas formas das cerâmicas e em outros objetos remanescentes desse período[3].

Sobre a divisão – Existem inúmeras explicações sobre a divisão, mas nenhuma pode esconder o fato de ela ter ocorrido como um castigo divino que caiu sobre a "casa de Davi" como conseqüência da apostasia de Salomão. O fator do ciúme tribal tinha suas raízes na conquista (cf. Josué 22), e desde essa época ele se manifestava de forma intermitente (cf. Jz 8.1ss.; 2 Sm 20.1ss.). Os pesados impostos podem ter representado uma justificada insatisfação (12.9) e, além disso, as nomeações políticas teriam se limitado exclusivamente aos membros da tribo de Judá (12.16). No entanto, todas essas causas eram secundárias e elas se tornaram o meio através do qual o castigo divino tornou-se realidade.

Ainda existe o problema de como entender o papel de Jeroboão na divisão, e depois dela. Ele havia sido determinado pela mensagem profética de Aías como aquele que Deus usaria para efetivar a divisão (11.35). Mas, logo depois da divisão, ele foi condenado pelo Senhor e seus pecados permaneceram como a principal ofensa cometida pelo reino do Norte em toda a sua existência. O historiador não fornece uma resposta direta, mas esta pode ser concluída a partir dos detalhes que ele fornece a respeito de Jeroboão.

Entretanto, Jeroboão poderia ter servido melhor aos propósitos de Deus se tivesse se contentado em ser apenas um líder político durante o período que o Senhor considerasse necessário para a punição da "casa de Davi". Sua principal preocupação em assegurar a dinastia, conforme a promessa de Aías (11.38), além do fato de não esperar que Deus o guiasse, isso o levou a adotar uma medida malograda e religiosamente pervertida. Dessa forma, ele foi além dos desígnios de Deus, da mesma forma que a Assíria foi além dos desígnios estabelecidos para essa nação para ser o instrumento de sua ira (Is 10.5-19)[4].

A. Divisão: Revolta em Siquém, 12.1-24

Geralmente, se acredita que os acontecimentos registrados nesse capítulo aconteceram bem no início do reinado de Jeroboão, e o primeiro versículo parece deixar isso bem claro. A cidade de **Siquém**, o lugar para onde ele aparentemente se dirigiu para acomodar o povo das tribos do Norte, está localizada na passagem que fica entre os montes Gerizim e Ebal. Esse lugar pode ser identificado com *Tell Balatah*, aproximadamente dois quilômetros e meio a leste da moderna Nablus. Ele foi escavado antes da primeira Guerra Mundial por arqueólogos alemães. Desde 1956 este tem sido o local de várias temporadas de escavações conduzidas pela expedição Drew-McCormick tendo G. Ernest Wright como seu diretor de campo. Essas escavações revelaram que a cidade de Siquém era habitada desde a Era do Cobre (antes de 4000 a.C.). Depois de certo tempo, os cananeus vieram a habitá-la por volta de 1800 a.C. e desde essa época ela continuou a ser ocupada até o período da monarquia[5].

1. *Roboão Perante Israel* (12.1-15)

Foi Roboão para Siquém (1) para dar ao povo lá reunido a oportunidade de participar de sua escolha como rei. O povo insistia para que ele fosse o resultado de sua

escolha, sujeito à sua nomeação, e não desejava aceitá-lo meramente por causa de um ritual de Jerusalém. O fato de ir a Siquém manifestava sua disposição de acomodá-los. Entretanto, a insistência do povo para que ele fosse a essa cidade, e não a Jerusalém, indicava que tinham outros propósitos em vista.

a. Jeroboão perante a assembléia de Israel (12.2-4). A palavra **Israel** (1) refere-se, aqui, aos representantes das tribos do Norte (cf. 20), e acredita-se que Judá já tivesse supostamente aceitado Jeroboão como rei. Porém ele, que havia permanecido no Egito durante o reinado de Salomão (11.40), retornou ao lar depois da morte do rei (2; cf. 2 Cr 10.2,3) e seria discutível afirmar sobre todos os planos e esquemas dos quais já teria participado. Ele estava entre os membros da assembléia de Israel, pois havia sido especialmente convidado (3). Os líderes apresentaram a Roboão uma queixa relativa aos pesados tributos a que haviam sido submetidos na época de Salomão, e expressaram seu desejo: "**Agora, pois, alivia tu a dura servidão de teu pai e o seu pesado jugo que nos impôs**" (4). Na verdade, essa queixa era mais um ponto a ser debatido, e a decisão de Roboão serviria como indicação de lealdade para consigo mesmo ou uma rebelião contra ele próprio.

b. A decisão de Roboão (12.5-11). Primeiramente, Roboão consultou aqueles que haviam servido sob seu pai Salomão, provavelmente os que haviam sido relacionados como oficiais em 4.1ss. O conselho que recebeu foi para aliviar a carga dos impostos, pois aparentemente reconheciam que a queixa era justificada.

Essa é a primeira afirmação direta em relação aos impostos que Salomão havia instituído; porém, essa taxação está implícita em sua organização fiscal e administrativa (4.7-19) e em suas disseminadas atividades de construção, industrial e comercial. Entretanto, pode parecer que muitas das despesas dessas atividades eram cobertas por impostos e taxas coletados dos estados vassalos (10.14,15). Embora essa queixa tivesse fundamento, ela também pode ter se originado do ciúme e da inveja, pois a maior parte do dinheiro era gasta na cidade de Jerusalém e nas de Judá, ao Sul.

Os jovens da própria geração de Roboão insistiam em medidas mais rigorosas, e sua linguagem figurada indicava uma atitude tirânica; eles o aconselharam a exagerar (10), a colocar um certo abuso em sua autoridade, a exceder o rigor de seu pai na medida em que seu "**dedo mínimo**" fosse mais grosso que os "**lombos**" (coxas) de seu pai. **Escorpiões** (11) é uma referência às bordas em farpas na extremidade de um açoite. Embora tenha procurado o conselho de outros, ele se baseou em sua própria decisão, isto é, aumentar a carga de impostos e não aliviá-la (12-14). Ele escolheu, de forma egoísta, seguir o curso de um tirano ao invés de caminhar na trilha de um servo, exatamente o que o rei de Israel deveria ser. Escolher entre ser um egoísta ou um servo é uma decisão que muitos, além de Roboão, já tiveram que tomar.

2. *A Rebelião, e Jeroboão Foi Feito Rei* (12.16-20)

Os líderes de Israel já haviam apresentado sua queixa (12.4), mas não está claro se Jeroboão estava disposto a atender a alguma outra demanda caso fosse apresentada. Depois de receber a resposta dele, eles tiveram a certeza de que não seriam contemplados com nenhuma consideração por parte do descendente de Davi; portanto se perguntaram: "**Que parte temos nós com Davi?**" (16; cf. 2 Sm 20.1).

Esses são os fatos conhecidos sobre os eventos que aconteceram na época da divisão entre Judá e as tribos do Norte. O que está escrito nos versículos 17-20 reflete o ponto de vista de um evento já consumado. O reinado de Roboão ficou limitado a governar sobre Judá, inclusive sobre as tribos do Norte **que habitavam as cidades de Judá** (17). Mais tarde, Roboão acompanhou seu capataz, **Adorão** (18; cf. 4.6), em uma tentativa de persuadir as tribos do Norte; porém, Adorão foi apedrejado e Roboão quase perdeu a vida. A palavra **tributo** (18) deve ser entendida como "trabalho escravo" (Berk). Uma anotação feita pelo historiador indica que a rebelião contra **a casa de Davi** ainda não havia sido dominada por Roboão, ou pelos reis que o seguiram, até a data em que esse registro foi feito. Pouco tempo depois que a assembléia de Siquém havia se dissolvido, o povo novamente se reuniu e oficialmente escolheu Jeroboão como seu rei (20)[6].

3. *Nova Tentativa de Roboão para Restaurar o Reino* (12.21-24)

Seguindo a política que havia adotado anteriormente, Roboão deu início ao recrutamento de um exército a fim de obrigar as tribos do Norte a voltarem ao seu domínio (21). A menção do nome de **Benjamim** indica o território de uma tribo que permaneceu sob o governo dos reis de Jerusalém. Entende-se, também, que Simeão havia sido ofuscado por Judá, e tinha parcialmente perdido sua identidade, mesmo antes da divisão[7]. Portanto, essa e outras referências feitas a Judá incluem Benjamim e Simeão. Judá, entretanto, é a designação comum do reino do Sul, por ser a tribo dominante.

As palavras proféticas proferidas por Semaías foram: "**Assim diz o Senhor**" (24). Como Deus estava presente nesses acontecimentos, Roboão deveria esquecer seus planos de usar o exército contra as tribos do Norte. "**Semaías, o homem de Deus**" (22) é mencionado em relação à invasão de Sisaque cinco anos mais tarde (2 Cr 12.5-8), e como historiador do reino de Roboão (2 Cr 12.15). Devemos dar crédito a Roboão por ter ouvido a Semaías, embora pouco mais exista que lhe faça merecedor de mais algum crédito. "**O resto do povo**" (23) significa os israelitas que viviam no Norte e não os outros membros de Judá e Benjamim. A frase pouco comum "**volte cada um para a sua casa**" (24) significa literalmente que eles "retornaram novamente para casa".

Roboão estava sem dúvida preocupado com algo mais do que trazer as tribos do Norte de volta para o seu reino. Durante o seu reinado, os extensos limites conquistados por Davi e mantidos por Salomão foram rapidamente dissociados. A Síria a nordeste, incentivada pelo exemplo de Damasco, tornou-se completamente livre e, dentro de pouco tempo, constituiu uma séria ameaça. As cidades filistéias a sudoeste – exceto Gate – lançaram fora a sua vassalagem. Os estados ao leste do Jordão, Amom, Moabe e Edom, já não podiam ser dominados por Judá. Assim, a divisão teve sérias repercussões tanto interna como externamente. Parece que Judá conseguiu manter o controle sobre Eziom-Geber[8].

B. O Reinado de Jeroboão em Siquém e Tirza, 12.25—14.20

O lugar para estabelecer a capital do reino do Norte só foi decidido depois que Onri escolheu Samaria (16.24). **Siquém** (25) era, claramente, a capital de Jeroboão no início de seu reinado e fatores políticos e militares podem ter sido a razão da sua posterior mudança

para Tirza (14.17). Essa cidade pode ser identificada com *Tell el Far'ah*, aproximadamente a 12 quilômetros a nordeste de Nablus, na estrada que vai de Nablus (Siquém) até Bete-Seã. Escavações feitas nesse local parecem confirmar o registro bíblico, particularmente no que concerne ao reinado de Onri que aconteceu nesse local (1 Rs 16.17,23)[9].

1. *Atividades de Construção Desenvolvidas por Jeroboão* (12.25)

A frase: **Jeroboão edificou a Siquém** deve ser entendida em termos da cidade ter sido aumentada ou modificada de acordo com suas necessidades particulares. Evidências bíblicas e arqueológicas mostram que Siquém já era uma cidade que havia sido estabelecida muito tempo antes da época de Jeroboão (cf. 12.1; Js 24.1). A cidade de **Penuel** (Peniel é uma variação ortográfica; cf. Gn 32.24-32 e Jz 8.8,9,17) é identificada com *Tulul edh-Dhahab* (Os montes de Deus), localizada na Transjordânia ao longo das margens do Jaboque, aproximadamente a 8 quilômetros a leste do lugar onde esse rio desemboca no Jordão[10]. Nestes dois lugares, as edificações feitas por Jeroboão foram provavelmente motivadas por sua preocupação com fortificações mais adequadas.

2. *Provisões Religiosas de Jeroboão para Israel* (12.26-33)

Jeroboão adotou medidas para atender às necessidades religiosas de seu povo que, segundo ele, eram importantes para garantir a continuidade de seu reinado. Por isso, ele foi além dos desígnios que Deus havia lhe preparado para ser um instrumento do castigo divino sobre a casa de Davi (cf. comentários sobre 11.29-32). Embora geralmente se afirme que Jeroboão não tinha uma alternativa, a promessa feita a Aías (11.38), além de outras considerações, deixa bem claro que esse não era o caso. A ênfase sobre a importância do Templo como santuário central continuava válida, mesmo nesse período tão precoce de seu reinado. Os israelitas do reino do Norte poderiam, e deveriam, ter exercido sua adoração em Jerusalém e o governo continuaria sob a "casa de Jeroboão" pelo tempo que Deus determinasse. Algumas objeções podem ser apresentadas à sugestão de que havia uma alternativa para Jeroboão[11]. Porém é necessário lembrar que as situações humanas apresentam muitas possibilidades. Portanto, parece pouco apropriado dizer que não havia outra saída.

a. Os bezerros de Betel e Dã (12.28-31). Depois de consultas feitas a outras pessoas, Jeroboão **fez dois bezerros de ouro** (28) e os apresentou a Israel como a imagem de seus deuses (a expressão hebraica é traduzida como, "Vês aqui teus deuses"). Ele colocou um deles em Betel (29), perto da fronteira sul de seu reino, e o outro em Dã, perto da fronteira ao norte, além do lago Huleh. Cada uma dessas cidades tinha um passado religioso. **Betel,** antigamente chamada Luz, era o lugar onde Deus aparecera de forma significativa a Jacó em duas ocasiões (Gn 28.10-21; 35.5-15), e **Dã**, chamada antigamente de Laís, era o lugar onde os sacerdotes de linhagem mosaica serviam aos danitas (Jz 18.24-31)[12].

Os bezerros de Jeroboão (ou, como alguns entendem, os seus touros), assim como as outras facetas dessa adoração, levaram muito sutilmente o povo de volta às características de seu passado pelo qual sentiam um apelo muito real. Portanto, este rei aparece como reformador religioso e não como um inovador. Entretanto, ao examinar mais detalhadamente as suas mudanças, fica evidente que ele havia regredido às características que foram rejeitadas por aqueles que adoravam ao Senhor. E foi isso, assim como a sua

verdadeira ou quase idolatria, que deu uma origem bastante justificada à sua rigorosa condenação através da expressão vindicativa: "Os pecados de Jeroboão, filho de Nebate".

Muitas explicações foram oferecidas a respeito do cenário e do significado dos bezerros de Jeroboão. A mais comum é que ele imitou o culto prestado aos touros no Egito[13]. Suas razões são óbvias: em primeiro lugar, ele havia passado um tempo considerável no Egito como refugiado político e, em segundo lugar, sua declaração a respeito de seus touros representava uma clara lembrança do bezerro de ouro de Arão (Êx 32.1-6) que tinha um antecedente egípcio bastante claro. Aparentemente, esta era uma tentativa de fazer a representação visível de Deus através da apropriação de uma forma egípcia[14].

Esta origem egípcia, entretanto, não era necessariamente verdadeira com respeito aos bezerros de Jeroboão. Embora os elementos egípcios não possam ser totalmente excluídos, existem abundantes provas para mostrar que a religião dos cananeus era a fonte imediata desses ídolos. Eles, assim como os arameus (ou siros) e os hititas, representavam seus deuses sobre um trono ou sobre as costas de um animal, ou em pé sobre algum animal. Sendo assim, podemos entender que Jeroboão simplesmente adotou em seus santuários a idéia do touro como pedestal para o entronizado e invisível Senhor. Ele provavelmente reconheceu que não podia quebrar tão drasticamente o reconhecido e acatado culto a Deus. Dessa forma, ao apresentar os bezerros ele disse: "Vês aqui teus deuses". É provável que ele tenha apresentado o Deus invisível entronizado no pedestal de um touro em seus santuários[15]. Embora seus bois não tivessem a intenção de representar uma completa idolatria, tinham uma associação tão íntima com o paganismo que estavam a poucos passos dele.

b. Sacerdotes escolhidos ao acaso (12.31,32). Os santuários que Jeroboão construiu seguiam, aparentemente, o padrão dos templos ou lugares de oração dos cananeus. Ele edificou casas (templos) em lugares **altos** (31), aparentemente tanto em Betel como em Dã, embora **Betel** (32) seja o único lugar mencionado especificamente. Os sacerdotes que ele nomeou para seus santuários vinham do povo em geral, e não eram **dos filhos de Levi** (31).

c. Mudança da festa (12.32,33). Jeroboão transferiu a Festa dos Tabernáculos, que deveria ser comemorada no sétimo mês, para o **décimo quinto dia do oitavo mês** (33). Pode ser que isso tenha sido provocado por uma colheita tardia das tribos do Norte, embora a mudança se pareça mais com uma provável reversão a uma comemoração anterior a Moisés. Esse era o plano que **ele tinha imaginado no seu coração.** Por isso, através dessa mudança específica, ele havia planejado promover a causa de "Jeroboão, filho de Nebate" e não a causa de Deus.

Em 12.26–13.3 temos uma descrição da "religião subordinada". (1) Ela se origina de interesses egoístas, 26,27; (2) Ela é justificada pelo subterfúgio e pela falsidade, 28; (3) O afastamento de Deus torna-se cada vez mais acentuado, 29-33; e (4) Deus se recusa a aceitar um lugar tão desprezível, 13.1-3.

3. *A Condenação do Altar de Jeroboão* (13.1-34)

A expressão **um homem de Deus** (1) falou ao rei é um padrão freqüentemente mencionado nos livros dos Reis. O **homem de Deus** aparece para falar a palavra do Senhor ao

rei e à nação. Existe aí a evidência da manifestação da misericórdia e da paciência para com um povo rebelde e pecador. Sempre existe mais do que um aviso adequado antes da vinda do castigo; ele é sempre precedido por demonstrações de misericórdia, e a própria repreensão pode ser entendida como um instrumento de misericórdia.

a. Jeroboão e o profeta de Judá (13.1-10). Betel (1), a moderna Beitin, estava localizada a aproximadamente 19 quilômetros ao norte de Jerusalém, em território benjamita, e a uma pequena distância da fronteira entre Judá e Benjamim. Na época da divisão, a região norte desta tribo havia se separado das do Norte, e a região sul, mais perto de Jerusalém, havia permanecido com Judá. Movido pelo Espírito de Deus, **um homem de Deus** foi a Betel para pronunciar a condenação divina sobre a nova religião de Jeroboão; e o altar proibido, sobre o qual ele realizava os sacrifícios, era o objeto dessa condenação. **Clamou contra o altar com a palavra do Senhor** (2) significa: "Ele bradou contra o altar, movido por uma palavra do Eterno" (Moffatt). O poder de Deus se manifestou através do profeta na milagrosa destruição do altar, na paralisia que secou o braço de Jeroboão e em sua cura (3-6), e na profecia de que **Josias**, da **casa de Davi,** destruiria o altar e seus sacerdotes (2). Estas notáveis manifestações da autoridade divina mudaram a atitude de Jeroboão em relação ao profeta, que passou do antagonismo (4) ao respeito; ele disse: **"Vem comigo à minha casa e... dar-te-ei um presente"** (7). A recusa do profeta, de aceitar o convite de Jeroboão para compartilhar uma refeição (8), era uma atitude de obediência à ordem de Deus. Essa recusa era bastante razoável devido à pequena distância entre Betel, através da fronteira, até Judá. A ordem de Deus era uma indicação da impureza ritual do reino do Norte, e também de seu desagrado devido à religião apóstata de Jeroboão.

b. O velho profeta em Betel (13.11-32). Esse incidente recebeu várias interpretações. É possível entender a frase **morava em Betel um profeta velho** (11) como alguém que tinha acompanhado Jeroboão. Se isso estiver correto, o velho profeta usou essa mentira para atingir alguém que falou contra ele e os outros profetas, embora na análise final ele tivesse que admitir a verdade básica da mensagem do profeta de Judá (32). Foi sob essa luz que ele foi considerado o primeiro dos falsos profetas de Israel. Por outro lado, parece ser preferível ver esse velho profeta como alguém que não tivesse conseguido elevar a voz contra as mudanças de Jeroboão, embora não estivesse a favor delas. Quando, destemidamente, o profeta de Judá apareceu perante Jeroboão, o velho profeta deve ter recebido o encorajamento de que precisava para se afirmar. Se essa interpretação estiver correta, a mentira do velho profeta (18), embora difícil de entender, pode ser considerada um meio ilegítimo para alcançar um fim legítimo. Deus nunca perdoa esse procedimento, embora às vezes ele esteja dirigido à sua glória. A morte do profeta de Judá, por causa de sua desobediência, pode ser entendida como uma impressionante lição sobre a importância da obediência pessoal à reconhecida vontade de Deus. Agora, o velho profeta convencia-se de que o **altar** e os **altos** de Jeroboão (32) estavam errados e que, no devido tempo, seriam destruídos exatamente como havia sido vaticinado pelo profeta de Judá. Mas, não se sabe se ele chegou a se opor ativamente a Jeroboão[16].

Em 13.1-26 vemos que "Deus espera por uma indiscutível obediência". (1) A obediência pode levar as pessoas a situações difíceis, 10; (2) A obediência leva as pessoas a enfrentarem situações em que é difícil tomar decisões adequadas, 11-16; (3) A obediência pode

rapidamente se transformar em desobediência quando as pessoas descuidam da vigilância (17-19); (4) A desobediência leva ao castigo, independente da fidelidade e dos serviços prestados no passado, 20-25.

c. O maior pecado de Jeroboão (13.33,34). O profeta fez a advertência a fim de que Jeroboão pudesse se submeter, se arrepender e mudar sua atitude. Embora tivesse ouvido o profeta de Judá, assim mesmo ele continuou com sua oposição a Deus. Aumentou o número de lugares altos e de sacerdotes proibidos e ofereceu, assim, maior oportunidade para seu povo participar de sua falsa adoração. A religião de Jeroboão era em parte verdadeira e equivocada, mas, na análise final, não deixava de ser uma religião feita pelo homem e centralizada nele. Como tal, ela era uma religião idólatra, isto é, aquela em que os desejos e as atitudes do homem têm precedência sobre os propósitos e os planos de Deus. É uma espécie de idolatria pior que a pagã. Seu adepto adora de maneira falsa, porém sincera; Jeroboão e seus seguidores conheciam o certo, porém praticavam aquilo que era errado.

4. *A Esposa de Jeroboão Visita Aías* (14.1-16)

Em seu relacionamento com esse profeta em particular, o rei de Israel às vezes se encontrava em uma situação comparável àquela em que o marido fala em tom de brincadeira sobre sua esposa: "Ruim com ela; pior sem ela". Isso também se aplica ao relacionamento de Jeroboão com Aías. Aparentemente, os dois nada tinham em comum, mas, em tempos de necessidade, o rei ia novamente em busca do profeta.

a. Jeroboão envia sua esposa a Siló (14.1-3). **Siló** (2), ou a moderna Seilun, ficava a aproximadamente 14 quilômetros ao norte de Betel e era a terra natal de **Aías, o profeta** (cf. 11.29).O fato de ele ter ali a sua residência sugere que Siló era uma cidade de profetas. Essas localidades são mencionadas posteriormente em conexão com os ministérios de Elias e Eliseu (2 Rs 2). Mesmo que assim não fosse, ela era certamente uma cidade com história religiosa, pois servira como sede intermitente do Tabernáculo (cf. Js 18.1; 21.2; 1 Sm 1.3). A decisão de Jeroboão de procurar a ajuda de Aías estava baseada no apoio recebido desse profeta no passado – que **disse que eu seria rei sobre este povo** (2). Entretanto, o fato de ter mandado sua esposa se disfarçar e levar um presente que qualquer pessoa comum poderia oferecer mostra que ele sabia que Aías não estava contente com a maneira como ele se conduzia desde que se tornara rei. A palavra **pães** (3) pode ser traduzida como "alguns bolos".

b. Notícias de Aías para a mulher de Jeroboão (14.4-16). Embora Aías estivesse quase completamente cego, ele sentiu, através da ajuda de Deus, que a mulher de Jeroboão vinha visitá-lo (4,5), e sua simpatia por ambos está refletida em suas palavras de saudação: "**Pois eu sou enviado a ti com duras novas**" (6). Entretanto, ele não permitiu que sua simpatia comprometesse a mensagem do Senhor que lhes deveria transmitir. (*a*) Jeroboão fazia parte dos planos do Senhor para ser um instrumento contra a casa de Davi, e Deus já havia preparado para ele um importante papel político (7,8; cf. 11.30-38). (*b*) Jeroboão tirara vantagem da situação e reivindicara indevidamente sua posição; era culpado dos atos mais graves de desobediência perante Deus. "**E me lançaste para trás de tuas costas**" (9) é uma expressão de extremo desdém. (*c*) A casa de Jeroboão seria destruída até

o último descendente[17]. **Tanto o escravo como o livre em Israel** (10) se refere tanto aos presos como aos livres. **Quem morrer a Jeroboão** (11), qualquer um que pertencer a Jeroboão e que morrer. (*d*) O filho de Abias irá morrer e **todo o Israel o pranteará** (13) porque ele sucederia Jeroboão no trono. (*e*) Outro **rei para Israel** (14, outra dinastia) se levantaria para substituir Jeroboão. A frase aparentemente vaga: "**mas que será também agora?**" (14) pode significar "hoje, e de agora em diante". (*f*) A religião e a influência de Jeroboão causariam resultados tão nefastos que, por fim, o povo de Israel seria levado para o exílio, **para além do rio** (15, ou rio Eufrates). Jeroboão poderia ter alcançado um lugar de grande proeminência se tivesse agido em conformidade com a vontade de Deus. Entretanto, sua desobediência colocou um ponto final na oportunidade de sua casa continuar a governar o Reino do Norte e traria o castigo divino tanto para o seu lar como para o povo de Israel. Nenhum homem pode restringir a si mesmo as conseqüências de seus atos iníquos. Jeroboão, **o qual pecou** (16), também **fez pecar a Israel.**

5. *Explicações Resumidas sobre o Reinado de Jeroboão* (14.17-20)

A mulher de Jeroboão retornou **a Tirza** (17), cidade que era então a capital do reino do Norte, a aproximadamente 40 quilômetros de Siló. Depois da morte e do sepultamento de seu filho (18), ficou claro que o falecimento de Jeroboão não demoraria. Ele foi sucedido por seu outro filho, **Nadabe** (20). Ele reinara durante vinte e dois anos como o primeiro rei de Israel[18].

C. O Final do Reinado de Roboão (931-913 a.C.), 14.21-31

Nessa passagem, o material foi selecionado do **Livro das Crônicas dos Reis de Judá** (29). Eles foram obtidos de acordo com a estrutura literária que o historiador emprega repetidamente desse ponto em diante. Nessa estrutura foram incluídos o nome e a idade dos reis, assim como a duração de seu reinado. Um detalhe que nem sempre aparece no prólogo é que a cidade de Jerusalém, depois da época de Salomão, seria sempre identificada como o lugar do Templo (21). O nome da rainha mãe aparece muitas vezes; nesse exemplo, sua identidade como amonita fornece alguma explicação para o drástico abandono de Roboão de uma adoração aceitável a Deus.

1. *Apostasia e Idolatria de Roboão* (14.22-24, cf. 2 Cr 11.5–12.8)

Um relato completo sobre o reinado de Roboão pode ser encontrado no segundo livro de Crônicas, que menciona a construção das cidades fortes e da afluência de sacerdotes do Reino do Norte, e também o fato de Jerusalém ter sido poupada da destruição por causa do arrependimento do rei e do príncipe.

A expressão "tal pai, tal filho" pode ser aplicada a Roboão como sucessor do trono de Judá. Seu reino foi não só a continuação da religião idólatra de Salomão como, pelo menos em grande parte, também um desenvolvimento desse culto.

Sobre o Senhor, foi dito que **Judá provocou o seu ciúme (ou zelo;** 22). Essa frase pode ser comparada à expressão **provocando o Senhor à ira** (15) que é freqüentemente repetida nos livros dos Reis (15.30; 16.7; 21.22; cf. Dt 4.25; 9.18). Ela transmite a idéia de que Deus se irou porque os pecados de Judá representavam uma ofensa ao seu caráter de

santidade. A expressão: **o provocaram a zelo** também pode ser traduzida como "provocou-o a uma ação zelosa" (cf. Is 9.7, onde a frase "zelo do Senhor" é usada em uma expressão junto a um substantivo que tem a mesma raiz do verbo traduzido como "provocou à ira" – QN'). Essa expressão acentua a preocupação de Deus com o seu nome e a sua causa.

Sob o governo de Roboão as características mais notáveis da religião dos cananeus tiveram lugar juntamente com a adoração a Deus, ou mediante a exclusão desta – lugares **altos** (23), **imagens** (pilares), **bosques** (ou postes-ídolos) e **sodomitas** (24; prostituição masculina). Todas essas características da religião dos cananeus eram chamadas de **abominações** (24).

Talvez algumas palavras possam estabelecer a diferença entre o relato do reinado de Roboão em Reis e o mesmo relato em Crônicas. Por que o historiador de Reis omitiu as informações sobre o arrependimento de Roboão e o resultado menos severo das conseqüências da invasão de Sisaque? Talvez o historiador não tenha enxergado no arrependimento de Roboão e de seus oficiais a mesma importância que o cronista observou. Ele parece não ver o assunto com bons olhos, pois esses fatos não levaram a uma reforma. Asa, depois de Abias (ou Abião), teve que fazer essas mudanças alguns anos depois do término do reinado de Roboão.

2. *A Invasão de Sisaque* (14.25-28; cf. 2 Cr 12.9-12)

No quinto ano (25) do reinado de Roboão, a nação de Judá foi invadida por **Sisaque, rei do Egito.** A menção desse fato, depois da descrição da idolatria, indica que o historiador considerava essa invasão um aspecto do castigo sobre Judá. A explicação em Crônicas é que o castigo não foi tão severo como deveria, caso Roboão e os seus príncipes não tivessem se arrependido. Parece existir uma sugestão em Reis de que, embora essa experiência devesse tê-lo levado a adotar medidas corretivas, isso não aconteceu. O historiador deixa aparentemente implícito que as condições pecaminosas prevaleceram durante todo o reinado de Roboão.

a. O relato bíblico. Sisaque invadiu Judá, subiu contra Jerusalém e tomou os tesouros da casa do Senhor e todos os escudos de ouro da "**casa do bosque do Líbano**" (cf. 10.16,17). Não está claro se isso aconteceu depois de um breve combate entre os dois exércitos, ou após algum acordo que aconteceu depois da conquista das remotas cidades fortificadas (2 Cr 12.2-4). Também não está claro se isto significava ou não que Judá se tornara uma nação vassala de Sisaque. Roboão substituiu os escudos de ouro pelos de bronze e estes foram usados pela guarda real para aumentar a pompa quando o rei entrava no Templo.

Os versículos 21 a 28 fornecem uma notável ilustração da "forma sem essência". (1) Os escudos de ouro foram perdidos por causa do pecado, 21-26; (2) A religião substituta ficou no lugar da verdadeira, 27; (3) A imitação é tão inferior à verdade como o latão é inferior ao ouro puro, 27; (4) Alguma forma de santidade ainda pode ser mantida quando se perde a verdade, 28.

b. O relato de Sisaque em Karnak. O Sisaque mencionado na Bíblia pode ser identificado com o rei Sesonque I (945-924 a.C.), fundador da 21ª Dinastia do Egito. Ele governou em Bubastis (Pi-Besete em Ez 30.17) e deixou um relato sobre a campanha palestina

na parede do famoso Templo de Karnak construído junto ao rio Nilo, na moderna cidade de Luxor. Seu relato é, em grande parte, uma inscrição em baixo relevo que mostra o deus Amun à frente de pelo menos 156 prisioneiros asiáticos, provavelmente israelitas. O nome inscrito no quadro oval abaixo da cabeça e dos ombros de cada prisioneiro é da cidade palestina aparentemente capturada por Sisaque. Algumas das localidades mencionadas são Taanaque, Bete-Seã, Gibeão, Bete-Horom, Megido e Socó[19]. Esse registro confirma o relato bíblico sobre a invasão egípcia e mostra, também, que o historiador omitiu muitos detalhes de considerável importância política. Mas, como é muitas vezes corretamente observado, o seu desejo não era fazer um relato completo da história secular.

D. A "Casa de Davi" em Jerusalém, 15.1-24

Antes de retornar à história do Reino do Norte, o historiador dá prosseguimento aos assuntos relativos a Abias e Asa, que foram reis em Jerusalém.

1. *O Reinado de Abias,* 913-911 a.C. (15.1-8; 2 Cr 13.1-22).

O nome **Abias** (1) é uma variação do nome Abião, que ocorre em algumas versões. O seu breve reinado se caracterizou pela permanência de uma idolatria que tinha estado presente desde o reinado de **seu pai** (3), Roboão. Davi foi novamente usado como exemplo de alguém cujo coração havia sido perfeito ("totalmente perfeito", conforme algumas versões), enquanto o coração de Abias **não foi perfeito para com o Senhor.** Nesse ponto, o historiador reconheceu o pecado de Davi quando se envolveu com Bate-Seba (5). A luta entre os dois reinos, que havia caracterizado o governo de seu pai Roboão, continuava a existir como sua herança política (6).

2. *O Reinado de Asa,* 911-870 (15.9-24; cf. 2 Cr 14.1–16.14)

Asa é descrito como alguém que **fez o que era reto aos olhos do Senhor, como Davi, seu pai** (11). Existe, entretanto, uma referência aos lugares **altos** (14) restantes, e à sua imprudente aliança com a Síria (cf. 2 Cr 16.7-12). Parece claro que essa favorável avaliação está relacionada, principalmente, com sua atitude frente à idolatria, pois, se assim não fosse, seria difícil harmonizar essa avaliação com outros fatos conhecidos sobre Asa.

Nos versículos 2 e 10, o nome Maaca é mencionado como o da mãe de ambos, Abias e Asa. Devemos nos lembrar que na Bíblia Sagrada, muitas vezes, os termos que designam relações familiares são usados em um sentido mais amplo para incluir qualquer antepassado ou descendente (cf. Gn 3.20; 17.16). Por isso, o versículo 10 deveria ser traduzido como "o nome de sua avó era Maaca". Ela é mencionada porque havia conseguido manter sua posição como rainha-mãe depois da morte de Abias (13).

a. A reforma religiosa (15.12-15). A extensão da conquista da religião dos cananeus em relação à casa real é indicada pela imagem de Aserá (uma deusa cananita) que a rainha-mãe havia erguido no vale de Cedrom (13). Asa demoveu-a de sua elevada posição de rainha-mãe, e destruiu a sua imagem. Ele também eliminou a prostituição masculina, o culto a Aserá, e os ídolos que haviam sido introduzidos na religião de Judá durante os reinados de Roboão e Abias (12). Quanto ao aspecto positivo, o rei trouxe **à**

casa do Senhor... prata e ouro (15). Portanto, ele adotou medidas importantes para levar a adoração a Deus ao lugar de direito em sua vida e na vida de seu povo.

b. A guerra contra Baasa (15.16-22). A luta entre os dois reinos continuou durante o governo de Asa. As hostilidades que haviam se avolumado com o passar dos anos se transformaram em guerra (cf. 2 Cr 16.1-6). Os detalhes incluídos aqui estão relacionados com as medidas que Asa tomou para evitar novas tentativas de Baasa de invadir Judá. A estrada que sai de Jerusalém e prossegue em direção ao Norte, provavelmente através ou perto de Ramá, pode ser identificada com a moderna cidade de *er-Ram,* a oito quilômetros de Jerusalém. Baasa havia construído Ramá aparentemente como uma medida que visava bloquear o comércio e a comunicação com o Norte. Não existe qualquer indicação de que, ao construir e fortificar Ramá, Baasa havia se colocado contra Judá e recuperado o controle de certas cidades benjamitas que Abias havia conquistado durante a sua guerra contra Jeroboão (cf. 2 Cr 13.18-21).

Ao encontrar-se debaixo de tanta pressão militar, Asa resolveu fazer uma aliança com **Ben-Hadade..., rei da Síria** (18) e usou o ouro e a prata de seu tesouro como atrativo para essa aliança. Ben-Hadade aceitou o presente de Asa, que foi oferecido sob a condição deste romper seu acordo com Baasa (19). O rei sírio dirigiu os seus exércitos contra as províncias situadas na região mais ao norte de Israel (20) e, ao conquistá-las, acrescentou uma área bastante significativa aos seus domínios. **Ijom** estava situada no extremo norte da fértil área de Merj Ayyun; porém a sua localização exata é desconhecida**. Dã,** centro do culto de Jeroboão para a região norte, que pode ser identificada com Tell el-Qadi ao pé da região sul do monte Hermom, guardava a rota comercial entre Damasco e Tiro. **Abel-Bete-Maaca,** Tell Abil, estava localizada a aproximadamente 19 quilômetros ao norte do lago Huleh e contemplava a interseção de importantes rotas comerciais. **Quinerete** era um distrito de Naftali.

Essas conquistas tiveram o resultado esperado por Asa. Baasa foi obrigado a interromper seus trabalhos em Ramá e retirou-se para a sua capital, **Tirza** (21). Em seguida Asa invadiu Ramá, demoliu a cidade e usou o material para construir suas duas cidades – **Geba** (22), guardiã da passagem Micmás ao sul, próximo de 10 quilômetros a nordeste de Jerusalém, e **Mispa**, ou *Tell en-Nasbeh*, em torno de 13 quilômetros ao norte de Jerusalém, na estrada para Samaria. Esses dois lugares eram tradicionalmente conhecidos como cidades limítrofes de Judá.

c. Ben-Hadade de Damasco. A descrição da dinastia de Ben-Hadade (18) faz dele um descendente de Rezom (ou **Heziom**) que havia sido um adversário de Salomão (11.23-25). Como sabemos através da história secular, essa dinastia havia feito de Damasco o estado sírio mais poderoso da região ao norte da Palestina e a oeste do Eufrates. A menção de Ben-Hadade representa uma introdução ao forte poderio sírio centralizado em Damasco, e que havia ameaçado seriamente os dois reinos israelitas durante e depois do século IX a.C. A invasão de Ben-Hadade ocorreu por volta de 879 a.C.

A tendência habitual é considerar Ben-Hadade da época de Asa como Ben-Hadade I, e o Ben-Hadade da época de Elias e de Eliseu como Ben-Hadade II. Porém Unger, ao acompanhar Albright, apresentou uma interessante coleção de provas para mostrar que o Ben-Hadade da época de Asa também é o mesmo da época de Elias e de Elizeu[20].

Por outro lado, há aqueles que não aceitam essa identificação e ainda defendem um Ben-Hadade I e Ben-Hadade II[21].

Em sua aliança com Ben-Hadade, Asa estabeleceu um perigoso precedente para os reis de Judá. Ele decidiu confiar nos exércitos de outra nação, ao invés de recorrer a uma completa confiança em Deus. E o custo foi mais alto do que ele esperava. Sua aliança contra o Reino do Norte significava uma traição aos seus irmãos hebreus. Ela criou um antagonismo ainda maior que levou, mais tarde, a uma aliança entre Israel (o reino do Norte) e a Síria, contra Judá. Além disso, ao se comprometer com Ben-Hadade, Asa havia colocado os dois reinos formados por povos hebreus em uma posição de subserviência a Damasco[22].

d. O final do reinado de Asa (15.23-24). Geralmente se faz referência a fontes de informações adicionais. Uma observação incluiu que Asa teve um grave problema nos pés, e que foi sepultado na cidade de Davi. Seu sucessor foi Josafá.

E. Instabilidade no Reino do Norte, 15.25—16.28

No relato sobre o reinado de Asa, o historiador incluiu incidentes que estavam fora do reinado de Nadabe, do Reino do Norte, e que ainda não haviam sido apresentados. Ele, então, voltou atrás para retomar a história desse reino e continuou desse ponto em diante através de 2 Reis 10, exceto no caso de itens resumidos relativos aos reis em 1 Reis 22.41-49 e 2 Reis 8.16-24. Uma grande parte dessa extensa passagem diz respeito à vida de Elias e de Eliseu, o que sugere que esse período da história de Israel foi caracterizado por um poderoso ministério profético.

O período de vinte e cinco ou trinta anos coberto por 15.25—16.28 foi uma época bastante conturbada para o povo do Reino do Norte. Durante esse breve período, a primeira dinastia de Israel foi substituída por outra que, assim como ela, não conseguiu se perpetuar além da segunda geração. Houve, em seguida, um período quase de anarquia durante o qual o Reino do Norte esteve próximo da extinção. Para o historiador, a instabilidade e a desordem representavam a eloqüente expressão do castigo de Deus sobre Jeroboão e aqueles que insistiam em continuar com as suas práticas pecaminosas.

1. *O Reinado de Nadabe*, 910-909 (15.25-32)

O reinado de Nadabe foi muito curto e coincidiu com parte do reinado de Asa.

a. "*Andou nos caminhos de seu pai*" (15.26). Em muitas famílias, o filho faz bem em seguir o exemplo do pai. Entretanto, isso não é verdade quando o genitor estabelece um padrão de vida pecaminoso, como foi o caso de Jeroboão. A frase **nos caminhos de seu pai** é uma referência particular à falsa adoração de Jeroboão. Nadabe, assim como todos os reis do Norte que o sucederam, preferiu continuar com a mesma forma de adoração de Jeroboão, por acreditar que ela fosse essencial à existência do reino. A escolha que se apresentava perante ele era continuar com essa religião e arriscar o castigo de Deus ou interrompê-la e arriscar o colapso de seu reino. Nadabe preferiu se arriscar a sofrer o juízo de Deus, uma escolha que se deveu mais a uma auto-exaltação do que a uma obediência ao Senhor. Essa é uma decisão que muitas pessoas já tomaram, mesmo cientes de antemão que fazem a escolha errada.

b. Devido aos pecados de Jeroboão (15.27-30). O ambicioso Baasa, (27) provavelmente um oficial do exército, ou funcionário da corte, liderou seus seguidores contra Nadabe em **Gibetom,** a moderna *Tell el-Melat*, situada a alguns quilômetros a oeste de Gezer. Nessa ocasião, Nadabe tentava capturar a cidade dos filisteus. De acordo com a tradição e a previsão profética (cf. 14.10), Baasa matou toda a família de Nadabe, e deu fim, deste modo, à **casa de Jeroboão** (29). Nadabe teve uma morte prematura e violenta porque preferiu desobedecer a Deus.

2. *O Reinado de Baasa,* 909-886 (15.33—16.7)

Baasa foi outro que subiu ao poder com grandes promessas, mas que também fez a escolha errada em relação à falsa adoração que havia herdado da "casa de Jeroboão". O relato da guerra entre ele e Asa foi expresso no registro do reino de Asa (15.16-22) e não vamos repeti-lo aqui.

a. Exaltado a partir do pó (16.2). **Porquanto de levantei do pó e te coloquei por chefe sobre o meu povo, Israel** – essas palavras foram proferidas a Baasa pelo profeta "Jeú, filho de Hanani" ao apresentar sua mensagem de juízo. Elas indicam que Deus havia promovido Baasa ao trono. O termo **chefe** (ou príncipe) é uma palavra que se aplica a uma pessoa digna de respeito e estima, mas de autoridade limitada. Essa foi a maneira de Jeú indicar a Baasa que deveria reconhecer que não era a suprema autoridade de seu reino, e que Deus estava acima dele. Aparentemente, foi baseado no fato de Baasa não reconhecer ao Senhor como sua suprema autoridade, que Jeú pronunciou o juízo de Deus que lhe sobreviria.

b. O retorno ao pó (16.3-7). O pronunciamento profético contra Baasa referia-se ao extermínio de sua casa; ela se tornaria igual à **casa de Jeroboão, filho de Nebate** (3). **Quem morrer a Baasa** (4) significa "qualquer um pertencente a Baasa que morrer". Baasa teve uma morte natural (6), mas seu filho Elá experimentou o castigo que havia sido profetizado sobre a dinastia.

3. *O Reinado de Elá,* 886-885 a.C. (16.8-14)

Elá (8) estava na capital, **Tirza,** e visitava a **casa de Arsa** (9), mordomo do palácio. Não está claro se ele era um indivíduo relapso, que não se preocupava com o seu povo, ou se estava sobrecarregado com grandes preocupações; sua embriaguez resultou em um estupor alcoólico. Além disso, podemos apenas supor que fizesse parte de uma intriga palaciana. Zinri (10) que era um de seus comandantes, veio e o matou.

a. "*Conforme a palavra do Senhor*" (12, cf. também 3). Nesse ponto, e também em outros em 1 e 2 Reis, devemos entender que as previsões proféticas não predeterminavam ou predestinavam futuros acontecimentos. Os atos morais do indivíduo não eram invalidados, nem ele era desesperadamente envolvido em acontecimentos predeterminados que o levavam à perdição. As previsões eram feitas de acordo com a presciência de Deus, e certamente sob a unção do Espírito Santo. Mas as previsões eram baseadas no conhecimento divino do curso de ação escolhido pelo homem. Os pecados de Baasa e de Elá resultaram de suas próprias escolhas, e não foram causados por circunstâncias inevitá-

veis sobre as quais o rei não tinha qualquer controle. **Àquele que urinou contra a parede** (11), "não lhe deixou homem algum, nem a seus parentes, nem a seus amigos".

b. Deus estava irado com os ídolos do povo (13). O historiador viu que os pecados dos pais traziam más conseqüências às gerações seguintes, e isso era particularmente verdade em relação ao pecado da idolatria (Êx 20.4-6). De acordo com a perspectiva do autor sobre a história, não há dúvida de que ele tinha em mente o efeito dos pecados de Manassés, que nem as reformas de Josias conseguiram compensar (2 Rs 23.26,27). **Vaidades**; este era o epíteto profético para os ídolos (cf. 32.21; 2 Rs 17.15; Sl 31.6; Jr 8.19).

4. *O Reinado de Zinri,* 885 a.C. (16.15-20)

Enquanto Onri, supostamente sob as ordens de Elá, tentava arrancar Gibetom das mãos dos filisteus, Zinri matou o rei Elá e assumiu o governo. Aparentemente, ele havia agido com pouquíssima ajuda, pois seu reinado durou apenas sete dias. **Todo o Israel... fez rei sobre Israel a Onri** (16) quando soube que Zinri havia matado Elá.

Onri, motivado pela lealdade a Elá, ou por suas próprias ambições mundanas, retirou o seu exército de Gibetom e dirigiu o ataque contra Tirza. Quando Zinri percebeu que havia sido derrotado, ele foi ao palácio, queimou sobre si a casa do rei e morreu (18). Escavações feitas em *Tell el-Far'ah*, que havia sido identificada com Tirza, revelaram uma destruição seguida por uma restauração parcial do local. Isso está de acordo com o relato bíblico do reinado de Onri – seu ataque contra Zinri e sua permanência de seis anos como rei antes de transferir a capital para Samaria[23].

5. *O Reinado de Onri*, 885-874 a.C. (16.21-28)

Onri foi um dos líderes mais competentes do Reino do Norte. Ele trouxe a estabilidade de um governo dinástico a um povo que havia estado cada vez mais envolvido em golpes e intrigas de indivíduos interesseiros. Ele também tomou a sábia decisão de transferir a capital de Tirza. Sua dinastia alcançou uma reputação internacional; os reis assírios, em seus diários desde o tempo de Salmanezer III (858-824 a.C.) até Sargão II (721-705 a.C.), referiam-se aos reis de Israel como a "casa de Onri" (*Bit Humria*)[24].

a. Onri une as facções (16.21,22). Durante vários anos o ciúme entre as tribos, que foi o fator da divisão depois de Salomão, exerceu aparentemente um importante papel na desunião entre as tribos do Reino do Norte. Um grupo aceitava **Tibni** como seu rei, e o outro admitia o endosso do exército para **Onri**. O nome de Tibni foi ignorado, Onri foi capaz de derrotá-lo e, dessa forma, se estabeleceu como único pretendente ao trono.

b. Samaria fundada como a nova capital (16.24). Onri comprou uma colina pelo equivalente a $4.250 (Berk.; dois talentos de prata ou aproximadamente setenta quilos de prata), sobre a qual construiu uma cidade para ser a sua capital. Sua escolha foi aprovada pelos reis que lhe seguiram, pois eles também conservaram e desenvolveram essa cidade como a capital. A cidade se chamava Samaria, nome do antigo proprietário de quem Onri tinha comprado a terra. Samaria (a Sebaste do período romano e da época do NT) está estrategicamente localizada sobre uma colina cercada nos três lados por planícies e encostas férteis. Ela está a cerca de 67 quilômetros ao norte de Jerusalém, e

a 40 quilômetros da costa do Mediterrâneo. A cidade contemplava a estrada principal que ligava Jerusalém à planície de Esdraelom, e ao norte. A própria colina forma uma extensa cadeia na direção leste-oeste. Ela podia ser facilmente defendida, um fator sem dúvida muito importante para Onri tomar a decisão de comprá-la. Ela já foi escavada e, exceto por alguns materiais encravados na rocha do início da Era do Bronze, esse local não havia sido ocupado desde a Idade do Ferro II, de aprox. 900 a.C.[25]. Além disso, escavações posteriores revelaram um extenso projeto de construção ali realizado por Onri e Acabe.

c. O erro de Onri (16.25-28). Embora Onri tivesse muitos pontos a seu favor, ele errou e desobedeceu a Deus ao continuar a promover a falsa religião de Jeroboão. **Com as suas vaidades** (26) é uma frase que pode ser corretamente traduzida como "com os seus ídolos". A vida do homem não tem valor, se não estiver em completa obediência a Deus. O historiador considerou a idolatria uma prática que eliminava totalmente o direito que o Senhor tem sobre a vida humana. Portanto, ela era o ponto crucial dos pecados de Jeroboão e dos pecados dos outros reis que continuaram a praticá-la. A perversão do coração abriu as portas à idolatria no sentido visível e habitual.

Dessa forma, os livros dos Reis e o ponto de vista do historiador sobre a idolatria do coração são muito significativos em sua exposição do pecado, que é a mais insidiosa e sutil de todas as idolatrias. Foi isso que o historiador considerou como a verdadeira causa da decadência dos reinados e não o poder dos assírios e babilônios. É provável que o seu único propósito fosse chamar a atenção para a idolatria pelo que ela realmente representa. Porém, outros autores bíblicos proclamam as *boas novas* através do Senhor Jesus Cristo, e dizem que a graça de Deus é mais que adequada para conceder ao homem não só o perdão dos pecados, mas também a purificação que elimina o pecado, a fonte de toda idolatria.

F. Acabe, da "Casa de Onri" (874-853 a.C.), 16.29—22.40

O reinado de Acabe foi um período crucial para o povo da antiga nação de Israel. Os sírios, liderados pelo vigoroso Ben-Hadade, já haviam conquistado o controle da maior parte do território ao norte de Israel. A atenção dos sírios foi um pouco desviada pelo crescente poder assírio na Mesopotâmia; porém, eles continuaram a ser uma séria ameaça não só para o reino do Norte, como também para Judá. Entretanto, o historiador não considerou esse fato de forma tão crítica como a instalação do culto a Baal em Samaria. Através da influência da rainha Jezabel, e dos esforços de seus sacerdotes, o baalismo ameaçava extinguir a adoração a Deus em ambos os reinos. Era uma época que exigia almas corajosas para que a causa do Senhor permanecesse viva, e Deus tinha à sua disposição essa coragem através do profeta Elias, assim como de Eliseu, depois da época de Acabe.

1. *O Casamento de Acabe com Jezabel* (16.29-34)

Provavelmente, Onri arranjou o casamento entre seu filho Acabe e **Jezabel, filha de Etbaal, rei dos sidônios** (31, Fenícios). Foi, sem dúvida, um casamento que selou o acordo entre os dois países. Embora as implicações políticas tenham sido omitidas do registro

bíblico, o programa religioso que Jezabel promoveu pode muito bem ter sido parte desse acordo (cf. o acordo de Acaz com a Assíria em uma data posterior, 2 Rs 16.10-16).

a. O interesse de Onri e de Acabe em uma aliança. Os sírios, com as cidades da região norte de Israel que haviam conquistado de Baasa (15.20), estavam em condição de controlar as rotas comerciais para o Ocidente. Esse controle lhes proporcionava os meios necessários para fazerem de Damasco o estado mais poderoso da Síria. Entretanto, isso enfraquecia Israel e ameaçava interromper com a Fenícia um comércio vital para suas necessidades. Onri, provavelmente ao dar início a uma ação diplomática, encarregou-se de formar uma aliança que traria benefícios mútuos para a sua nação e a Fenícia. Isso levou ao casamento de seu filho e sucessor com a filha de Etbaal (ou Ittobaal) da Fenícia[26]. A Bíblia simplesmente informa que Acabe tomou Jezabel como mulher, mas não indica quando. É provável que ele a tenha desposado antes de se tornar rei.

b. Introdução à adoração a Baal (16.31-33). O casamento de Acabe foi realizado sob um profundo desrespeito às injunções de Deus contra tais casamentos mistos. A desconsideração de Onri e de Acabe ao mandamento divino levou a uma total rebelião contra os outros mandamentos. O próprio Acabe se tornou um adorador de Baal e construiu um templo para seu culto em Samaria, que foi ocupado pelas centenas de sacerdotes de Jezabel (18.19). Ele construiu uma espécie de símbolo de Aserá, uma indicação de que o degradante culto à fertilidade estava instalado em Samaria. De certo modo, ele aparentemente tentou permanecer fiel a Deus (21.27-29), mas a adoração a Baal era a sua verdadeira religião.

c. Hiel reconstrói Jericó (16.34). A reconstrução de Jericó, que havia sido profetizada por Josué (Js 6.26) pode ter feito parte do programa de Onri e Acabe para obter fortificações melhores e mais adequadas. A cidade de Jericó estava situada nas proximidades da fronteira entre os dois reinos israelitas. Ela também poderia oferecer proteção contra a rebelião em Moabe (cf. 2 Rs 3.5); porém, o hebraico nesse verso é ambíguo. De certa forma, a construção da cidade custou a vida dos dois filhos de Hiel, e é difícil saber se perderam a vida na própria construção da cidade ou se foram oferecidos como sacrifícios humanos, uma prática que o culto a Baal de Acabe teria permitido.

2. *As Atividades de Elias durante a Seca* (17.1-24)

O profeta mais empolgante do Antigo Testamento apareceu repentinamente como porta-voz de Deus durante o reinado de Acabe. Ele era aquele mensageiro extremamente necessário para o conflito entre a verdadeira religião, com seus padrões de uma vida virtuosa, e o culto a Baal com sua ênfase na devassidão. Elias entrou em cena numa época em que a tentação de viver através de impulsos físicos e sensuais espalhava-se de forma ampla. Por isso, a época do profeta exigia não só um grande espírito como também determinadas realizações, e era contra o cenário daquela época que seu ministério deveria se desenvolver. Deus manifestou o seu supremo poder através deste profeta em acontecimentos milagrosos que ocorreram um após o outro, a fim de derrotar as forças de Baal e de Aserá. Esse relato nos faz lembrar a forma como o Senhor revelou o seu supremo poder nas pragas contra o Faraó e os deuses do Egito na época de Moisés.

a. Previsão da seca (17.1). O nome **Elias, o tisbita**, significa provavelmente Elias de Tisbé; porém, esse local nunca foi satisfatoriamente identificado. "Tisbé, na região de Gileade" não ajuda a decidir a sua localização, porque a frase significa apenas "os hóspedes de Gileade". Ela sugere um clã nômade, como os recabitas ou queneus. Já foi considerado um lugar na Galiléia e, se assim for, Elias seria um gileadita que foi viver no lado ocidental do Jordão. A sugestão de Nelson Glueck de que Jabes-Gileade era o lar de Elias é extremamente plausível; porém, não oferece uma solução final[27]. **Nestes anos...** a duração da seca prevista era de três anos e meio, de acordo com Lucas 4.25.

b. Deus como provedor (17.2-7). O anúncio da seca deu início ao conflito entre Deus e Baal, que atingiu o seu clímax no monte Carmelo. Assim que a batalha foi consolidada, Elias recebeu ordens do Senhor para se isolar no deserto durante o período da seca, e Deus milagrosamente proveu seu alimento através dos meios mais improváveis. Como está freqüentemente provado na Bíblia, o Senhor não está preso, como o homem, à forma habitual de fazer as coisas. Esse milagroso cuidado foi muito importante para o desenvolvimento da confiança de Elias em Deus, da qual ele necessitaria para o importante confronto com as forças de Baal e Aserá no futuro. A frase "**Querite, que está diante do Jordão**" (3) pode ser aplicada tanto ao lado oriental como ao ocidental. Existe uma tendência de se localizar esse riacho ou uádi no lado leste do Jordão.

c. Deus dá o reforço (17.8-16). O segundo esconderijo de Elias era a casa de uma viúva em **Sarepta** (9; a moderna *Sarafand*), uma vila fenícia a cerca de 10 quilômetros ao sul de Sidom.

A expressão **Vou prepará-lo** (12) pode ser traduzida como "que eu possa entrar e prepará-lo". A resposta da viúva ao pedido de Elias, e sua disposição de lhe dar a pequena quantidade de comida e azeite (12,15), indicam que ela era uma mulher temente a Deus. "A farinha da panela não se acabará, e o azeite da botija não faltará" (14). Como essas palavras são sugestivas e nos fazem enxergar os inesgotáveis recursos do Senhor, e seu oportuno atendimento às necessidades humanas!

Nos versículos 9 a 16 é ensinada uma lição sobre o "infalível suprimento de Deus". Vemos aqui (1) Privação, isto é, a hora de uma terrível necessidade, 9-11; (2) Promessa no desafio de se ter a fé obediente, 12-14; e (3) A provisão através da generosa mão de Deus: "**Da panela a farinha se não acabou, e da botija o azeite não faltou, conforme a palavra do Senhor, que falara pelo ministério de Elias**", 16.

d. Deus dá uma nova vida (17.17-24). Nessa ocasião, o poder de Deus se manifestou de forma mais impressionante do que em qualquer outro momento da experiência de Elias. O angustiante, mas equivocado, grito do coração dessa mãe no versículo 18 foi esclarecido nas versões modernas: "Homem de Deus, o que o senhor tem contra mim? Será que o senhor veio aqui para fazer com que Deus lembrasse dos meus pecados e assim provocar a morte do meu filho?" (NTLH). A resposta da viúva às instruções de Elias, e a maneira como ela agiu por fé, eram muito importantes. Porém, mais importante foi a oração de Elias e a resposta do Senhor à sua súplica. Vemos aqui uma demonstração do poder de Deus sobre as leis que controlam a vida física. Ela é o exemplo do seu poder de dar renovação à vida espiritual. É essa vida moral e espiritual que recebe uma

grande atenção ao longo de todo o Antigo Testamento, e que é declarada como as "boas novas" em Cristo, no Novo Testamento.

3. *Elias Apresenta-se a Acabe* (18.1-46)

A longa seca havia causado uma grave falta de alimentos para os povos das terras afetadas, bem como de grãos e de pasto para os seus animais. Com a fome que criava as mais graves condições e sentimentos que, sem dúvida, cresciam contra aquele que havia trazido a profecia da seca, Deus enviou Elias de volta para Samaria, a fim de comparecer novamente perante Acabe. Ao se dirigir àquela cidade, o profeta enfrentaria não só a ira do rei, mas também Jezabel e seus fanáticos sacerdotes.

a. Deus manda e Elias obedece (18.1,2). **No terceiro ano** (1) é uma expressão que deve ser entendida como a indicação do tempo que Elias passou em Sarepta – isto é, mais de dois anos. Elias havia iniciado a viagem a Samaria quando ocorreram os dois incidentes de 3 a 16. Apesar da explosiva situação que o aguardava, ele obedeceu à ordem de Deus para se apresentar perante Acabe.

b. Elias encontra Obadias (18.3-16). Podemos imaginar o rigor da falta de alimentos pelo fato do rei Acabe e seu mordomo Obadias serem forçados a procurar sistematicamente, e em lugares longínquos, as ervas para os animais (5,6). Obadias é identificado como um sincero servo de Deus, que teve coragem de esconder **cem profetas do Senhor** (4) em uma caverna para poupá-los da implacável perseguição de Jezabel. Elias o encontrou e pediu-lhe que dissesse a Acabe que gostaria de vê-lo. **És tu o meu senhor Elias?** (7) também poderia ser entendido mais claramente como "És tu, meu senhor Elias?" Podemos entender a relutância de Obadias de procurar Acabe, porque o rei havia despendido um grande esforço, mas sem resultado, para encontrar o profeta. Elias poderia desaparecer outra vez, misteriosamente, do mesmo modo que havia ficado escondido antes. Se isso acontecesse, Acabe se iraria e mandaria matar o mordomo (9-14). Quando Elias lhe garantiu que isso não aconteceria, ele se dispôs a falar ao rei.

c. O perturbador de Israel (18.17-19). O fato de Acabe chamar Elias de perturbador de Israel é típico da cegueira de um pecador. Na verdade, é muito difícil alguém admitir que pecou e que, como pecador, deve ser justificadamente submetido ao juízo de Deus. Esta confissão só acontece quando o indivíduo está misericordiosamente convencido dos seus pecados através do ministério do Espírito Santo.

Elias deixou bem claro quem era o verdadeiro perturbador de Israel: Eu não tenho perturbado a Israel, mas tu e a casa de teu pai, porque deixastes os mandamentos do Senhor (18). Havia chegado o momento da prova final. O Deus de Israel exporia Baal, Aserá e também quaisquer outros falsos deuses, para deixá-los exatamente como eram. E isto aconteceria em uma competição entre Elias e os profetas das divindades dos cananeus no **monte Carmelo** (19).

d. A disputa (18.20-46). O monte Carmelo é uma cordilheira com cerca de 32 quilômetros de comprimento que se estende na direção sudeste-noroeste desde o vale de Esdraelom até a margem do Mediterrâneo. O rio Quisom corre ao longo de sua margem

oriental durante grande parte dessa extensão. O promontório ocidental da montanha, situado junto ao mar, forma a região suburbana da moderna cidade de Haifa. Nesse local ainda existe um famoso mosteiro carmelita construído sobre uma caverna que, segundo se acredita, é o lugar onde Elias viveu durante algum tempo.

Acredita-se que o local da disputa entre Elias e os profetas de Baal era perto da encosta sudeste do Carmelo, junto ao seu ponto mais elevado que está a aproximadamente 600 metros acima do nível do mar. Esse lugar é geralmente identificado com *el-Muhraka* ou "lugar queimado", e ajusta-se muito bem aos detalhes fornecidos pela Bíblia Sagrada. Próximo a ele há uma fonte que abastece o local com água. O rio Quisom está logo abaixo, e o monte *Tell el-Qassis* ou "monte do sacerdote" não é muito distante dali.

O monte Carmelo está situado a cerca de 64 quilômetros de Samaria. A Bíblia não afirma se essa cidade foi o lugar onde Elias e Acabe se encontraram (17-19), mas, presumivelmente, isso não foge à verdade. Diferentes sugestões foram apresentadas, para justificar a razão pela qual o monte Carmelo foi escolhido. Essa cadeia de montanhas, com suas cavernas e poucos habitantes, pode ter sido o local do esconderijo de Elias e seus seguidores ou discípulos ("os filhos dos profetas", veja 2 Rs 2). Ele também pode ter sido o local onde havia um ponto elevado e preferido para o culto a Baal, com sua vista imponente do mar do lado oriental e do vale de Aco ao norte. Esse local deve ter sido considerado muito apropriado para o culto a Baal que, como controlador da tempestade e da chuva, terminava com a seca do verão e trazia as vivificantes chuvas do inverno. Se essa última sugestão estiver correta, então Elias levou o conflito ao núcleo da própria fortaleza dos seguidores de Baal.

(1) *O desafio* (21-24). Elias não deu oportunidade aos profetas de Baal de colocá-lo em uma posição defensiva, e tomou a iniciativa da disputa. "Até quando coxeareis entre dois pensamentos? ou "fendas" (21, hebraico) era o seu desafio. O significado exato das palavras não está muito claro para nós atualmente. Mas, a expressão pode ser traduzida como: "Quanto tempo ireis coxear por causa de duas tendências diferentes?" Essa é uma tradução em sentido figurado sugerida pelo contexto.

O que acontece depois está bem claro. O povo tentava encontrar um lugar para Baal e outro para Deus em sua vida, e isso o incapacitava seriamente. Elias desafiou todos a observar o que aconteceria, para depois decidir – **Se o Senhor é Deus, segui-o** (21). Esse desafio era uma proposta definitiva; ela indicava sua grande confiança em Deus, a quem o profeta conhecia como o Senhor de poder e milagres. Ele estava confiante, embora fosse apenas um contra os 450 profetas de Baal. A Bíblia não declara porque os **profetas das cavernas** (19, ou **profetas de Aserá**) não apareceram, pois foram convocados. Cada um dos lados deveria preparar um bezerro para o sacrifício e concordaram em orar e aguardar que os sacrifícios fossem consumidos pelo fogo sagrado (24).

Na indagação de Elias, **Até quando coxeareis entre dois pensamentos?** (21) podemos imaginar: O tormento da indecisão – (1) a atraente sedução de outros deuses, 18,19; (2) a reivindicação do Senhor de ser o único Deus, 21; (3) o crucial teste das conseqüências, 24; (4) O fracasso do falso, 25-29; (5) o triunfo da verdade, 30-40.

(2) *O frenesi dos profetas de Baal* (25-29). **Os profetas de Baal** (25) foram os primeiros a preparar o sacrifício. Clamaram toda manhã pelo seu deus, mas seus gritos foram em vão, e o escárnio de Elias incitava ainda mais a sua agitação. De acordo com seus costumes[28] eles cortavam e feriam profundamente o corpo e proferiam loucamente

palavras sem nexo. Esperavam que Baal fosse responder por causa de suas expressões (razão pela qual eram chamados de profetas); porém, ao consumir o seu sacrifício, "não houve voz, nem resposta, nem atenção alguma" (29).

(3) *A oração de Elias* (30-40). É difícil encontrar uma explicação a respeito do **altar do Senhor** que Elias **reparou** (30). Parece que a adoração a Deus, conduzida nesse local, havia sido interrompida. Uma provável sugestão é que esse altar fora usado por pessoas do Reino do Norte que eram fiéis a Deus, mas que foram proibidas de continuar com suas práticas religiosas por causa da religião de Acabe e Jezabel, que era dirigida à adoração a Baal e Aserá. A restauração de Elias significava que a religião de Deus seria novamente instalada. Talvez exista aí a explicação da razão pela qual Elias escolheu o monte Carmelo para a competição contra os profetas de Baal.

As **doze pedras** (31), as quais simbolizavam as doze tribos de Israel, foram colocadas no altar com a finalidade de retratar o desejo de Deus para a unidade entre as tribos, particularmente uma crença unificada em sua pessoa. Segundo **a largura de duas medidas de semente** (32), isso "não pode significar duas medidas de cereais juntas, mas, provavelmente, a largura da vala em volta do altar, uma grande jarda, ou uma medida semelhante" (Berk). Depois de tomar grandes precauções à vista de todos, contra acusações de fraude (33-35), o sacrifício de Elias estava pronto.

Na hora em que o sacrifício da noite era habitualmente oferecido, Elias orou ao Deus dos patriarcas de Israel, que também era o seu Senhor. Ele orou, como somente uma pessoa obediente pode rogar, para que Deus pudesse responder, afastar o seu **povo** (37) de Baal e Aserá, e trazê-lo de volta para Si.

Deus respondeu a Elias e, bondosamente, honrou os fiéis israelitas com a sua santa presença. Seu fogo sagrado consumiu a lenha, o sacrifício encharcado de água e o próprio altar (38). O povo, cheio de admiração e espanto, confessou o que todo homem deve confessar – quanto mais cedo na vida, melhor: **"Só o Senhor é Deus! Só o Senhor é Deus!"** (39). Essa confissão deixava bem claro que eles haviam decidido em favor de Deus e contra Baal. Elias, então, ordenou que o povo agarrasse os profetas de Baal para matá-los.

O **Quisom** (40), também mencionado na batalha de Débora e Baraque contra Sísera (Jz 4.13; 5.21), e que corre a cerca de 300 metros abaixo de *el-Muhraka*, pode ser alcançado quando se desce uma ravina cheia de pedras.

No sacrifício e na oração de Elias podemos ver: (1) Uma fé que ousa submeter Deus a um teste, 30-35; (2) Um homem que está preocupado com a glória de Deus e a salvação de seu povo, 36,37; (3) A espécie de resposta dada por Deus a essa fé e a esses homens, 38; e, (4) A resposta do povo diante do poder de Deus assim manifestado, 39.

(4) *Deus envia a chuva* (41-46). Elias fez o povo entender que era Deus, e não Baal, quem enviava a chuva e terminava com a terrível seca. A finalidade do milagre era mostrar claramente quem estava no controle de todo o reino da Natureza.

As pessoas consideravam que Baal era particularmente o deus da tempestade e da chuva. Elas acreditavam que durante o verão, quando o campo se tornava seco e tostado, como acontece na Palestina, Baal dormia ou estava confinado ao mundo inferior. O retorno das chuvas em meados de outubro ou no início de novembro indicava que Baal retornava às suas atividades[29].

Dessa forma, a seca anunciada por Elias (17.1) havia acontecido como um desafio direto a Baal. Quanto mais tempo ela continuasse, mais evidente se tornava que ele não era o grande deus que os seus seguidores acreditavam ser, e que só o Senhor era o Deus verdadeiro. A mensagem de Elias a Acabe: **Sobe, come e bebe** (41) indicava que a ansiedade e o temor experimentados durante o longo período de seca logo seriam substituídos pela alegria, pelo fato de que a calamidade finalmente chegara ao fim. E a chuva começou a cair logo depois da oração de Elias. Primeiro apareceu uma pequena nuvem sobre o mar na linha do horizonte. Depois, formou-se a tempestade e finalmente caiu uma chuva abundante (43-45). Acabe, instruído por Elias, tomou o caminho de Jezreel (45,46), a moderna *Zer'in*, na base do monte Gilboa, na região oriental do vale de Jezreel. Este era aparentemente o local da residência de verão do rei, e a distância não era muito longa. Elias, fortalecido pelo Senhor, chegou a essa cidade antes de Acabe.

4. *Elias Volta para o Deserto* (19.1-21)

Porém a vitória conquistada ainda não era completa. Os profetas da deusa Aserá de Jezabel não tinham comparecido ao Carmelo, e agora ela precisava ser particularmente enfrentada. Quando Acabe relatou a Jezabel o que havia acontecido (1) ela não admitiu que sua religião fosse uma aventura insensata e, tomada de fanático zelo, determinou a morte de Elias (2). Quando o profeta **viu [O que vendo ele]** (**que** está escrito em itálico na versão KJV em inglês, para indicar que essa palavra foi acrescentada pelos tradutores), ele **se levantou, e, para escapar com vida, se foi** (3). O hebraico usa a forma do verbo "ver". A versão RSV em inglês traduz essa forma como "temer", o que não se coaduna com o caráter do profeta.

Elias aparentemente esperava que o rei exercesse sua autoridade e influência sobre Jezabel, mas, provavelmente, ele não o fez. Parece que o enfado do profeta, seu desânimo causado pela libertação dos profetas de Aserá, assim como a ameaça à sua vida, foram as razões que o levaram a empreender a longa jornada até Berseba (3), que ficava na extremidade sul de Judá, cerca de 45 quilômetros ao sul de Hebrom, identificada com a moderna *Bir es-Saba'*. Essa distância exigia vários dias de viagem para Elias e seu servo.

a. Elias sob a árvore do zimbro (19.4-8). As más condições de Elias eram evidentes. Como outro homem qualquer (cf. Tg 5.17), ele desejava se retirar para longe e ficar sozinho. Seu cansaço físico e o fato de estar em uma situação embaraçosa tinham provocado um visível efeito sobre sua aparência e atitude mental. Debaixo da sombra protetora de um **zimbro** (4), ou **junípero** (*rethem*), um arbusto que cresce no leito seco dos rios do deserto, ele se sentia tão deprimido a ponto de desejar que sua vida logo terminasse. Em momentos como esse Deus sabe, mais que a própria pessoa, o que é necessário – dormir, boa alimentação e dormir ainda mais (5-7). Com o toque especial de Deus, e através do alimento trazido por um anjo, ele fez a longa jornada (cerca de 280 quilômetros) em direção a **Horebe**, ao sul (8, Sinai). Novamente, existe aqui uma notável semelhança entre a vida de Elias e a de Moisés, e os quarenta dias sugerem os mesmos quarenta dias que Moisés passou no monte; o Sinai foi para ambos a montanha da revelação.

b. Deus se revela em Horebe (19.9-18). Nessa ocasião, Deus rejeitou a maneira habitual que usara anteriormente para se revelar. Houve apenas uma **voz mansa e delica-**

da (12), literalmente, "uma voz, um murmúrio delicado (quase inaudível)". Em seguida, ele ouviu a pergunta: "Que fazes aqui, Elias?" (13, hebraico), ou literalmente, "Por que estás aqui?" Era a mesma pergunta que Deus fizera anteriormente (9) e à qual Elias havia dado a mesma resposta (14; cf. 10).

A queixa que Elias dirigiu a Deus estava baseada em um exagero, pois não era o único que havia sobrado (cf. 18.4 e 18.39), e devia-se mais à sua impaciência porque Deus não havia interrompido completamente o culto a Baal. Responder a Elias, através daquela fala mansa e delicada, era a maneira de Deus mostrar que seus desígnios também são cumpridos através da paciência e de um longo sofrimento. Muitas vezes, os homens de Deus encontram nesse exemplo uma lição muito difícil, mas que deve ser aprendida.

A ordem de Deus, para Elias ungir certos indivíduos, e as palavras que proferiu a respeito deles (15-17) fixaram ainda mais em Elias a necessidade da paciência. Em seu devido tempo, a pecadora "casa de Onri" – Acabe e Jezabel – seria derrotada. **Hazael**, da **Síria** (15), e **Jeú,** de **Israel** (16), foram "ungidos" através do sucessor de Elias, isto é, Eliseu (cf. 2 Rs 8.7-15 e 9.1ss.). **Ungirás profeta em teu lugar** (16) é o mesmo que dizer "ser profeta em seu lugar".

c. Elias nomeia seu sucessor (19.19-21). De acordo com as instruções de Deus, Elias foi a **Abel-Meolá** (cf. 16) para nomear Eliseu como seu sucessor. **Abel-Meolá** pode ser identificada com *Tell el-Maglub* no Uádi *el-Yabis*, um lugar em Gileade, perto da estrada que vai para o norte, desde Horebe até Damasco[30]. As **doze juntas** de bois (19) usadas por Eliseu para arar a terra indicam que ele era uma homem de posses. Aquele que **estava com a duodécima** significa que Eliseu trabalhava perto do 12º par. O ato de Elias de **lançar sua capa** foi entendido por ambos como um símbolo da transferência da liderança e do ministério. O pedido de Eliseu de **beijar o pai e a mãe** (20) era um costume oriental de pedir para arrumar os negócios a fim de providenciar uma despedida adequada. A tradução de Moffatt acentua o significado das palavras de Elias ao jovem agricultor que havia acabado de ser convocado para o ministério: "Vai", disse Elias, "mas – considere o que te fiz!" Os **aparelhos dos bois** (21) seriam os jugos de madeira.

"A cura de Deus para a tristeza" está retratada no capítulo 19. Elias **veio, e se assentou debaixo de um zimbro; e pediu em seu ânimo a morte,** (4). Para essa habitual experiência humana de profundo desânimo, Deus tem um quádruplo remédio: (1) O cuidado adequado com o corpo, 5-8; (2) uma nova revelação de Deus, ouvida do céu em **uma voz mansa e delicada,** 9-14, (3) uma renovação da missão; e (4) um amigo fiel, 18-21.

5. *Acabe é Confrontado por Ben-Hadade* (20.1-43)

Os sírios que continuamente ameaçavam Israel, talvez incomodados com a aliança de Onri[31], levantaram-se contra Acabe. As vitórias que este rei havia conquistado sobre Ben-Hadade[32]podem ser parcialmente explicadas pelas sólidas fortificações feitas por Onri e Acabe em Samaria. As batalhas entre Israel e a Síria, relatadas no capítulo final de 1 Reis, ocorreram durante os últimos cinco ou seis anos do governo deste rei. Houve outra grande batalha em Karkar (854 ou 853 a.C.) na qual Acabe e Ben-Hadade se aliaram contra Salmaneser III (858-824 a.C.). Essa guerra foi mencionada na conhecida inscrição monolítica de Salmeneser que se encontra no Museu Britânico, mas foi totalmente ignorada na Bíblia Sagrada[33].

Novamente, é óbvio que o historiador não tinha a intenção de escrever uma completa história política, mas de mostrar a mão de Deus em ação em prol de seu povo. O relato dessas vitórias, que se seguiram ao triunfo divino sobre Baal no monte Carmelo, tem o propósito de sugerir a permanente manifestação de seu poder. Mais uma vez, os profetas aparecem em público sem qualquer temor.

a. A primeira batalha (20.1-21). **Ben-Hadade**, apoiado por uma grande coalizão (os **reis** [1] eram, provavelmente, os governantes das cidades-estado), atacou e sitiou Samaria.

Aparentemente incapaz de conquistar a tão fortificada cidade, ele tentou fazer com que Acabe concordasse com as condições de uma derrota. O rei de Israel aceitou dar ouro, prata e reféns (4). Entretanto, ao ouvir o conselho da assembléia dos anciãos, ele se recusou a admitir a entrada de Ben-Hadade na cidade (6-9). Essa atitude deixou o rei da Síria furioso, pois ele havia prometido, como era de seu feitio, reduzir Samaria a um monte de ruínas. **Que o pó de Samaria,** etc., (10) deve ser entendido como "se houver suficiente pó em Samaria para encher completamente as mãos de cada um de meus seguidores" (Berk.).

Acabe respondeu com a antiga versão militar de "Não conte suas galinhas antes de elas chocarem" (11). Um profeta, cujo nome não é mencionado, veio para garantir a Acabe que Deus lhe daria a vitória (13), transmitir conselhos sobre uma efetiva estratégia e encorajá-lo a tomar a iniciativa (14). Acabe, então, deu início ao ataque que resultou em uma grande vitória sobre as forças de Ben-Hadade. Ele enviou primeiro os seus 232 jovens dos **príncipes das províncias** (17) para fora da cidade, como havia sido aconselhado pelo profeta. Eles seriam os líderes de várias seções de Israel. Provavelmente esconderam suas espadas debaixo das vestes para não darem indício de serem homens de guerra. De acordo com a estratégia, eles foram seguidos por 7.000 soldados – se não imediatamente, porém no momento planejado (15; cf. 19). Ben-Hadade, tomado pelo estupor da embriaguez, não percebeu o significado da informação que chegou até ele, e deu ordens para que fossem **capturados vivos** (18), mas isso só poderia ser aplicado a homens desarmados. Deus mostrou a sua mão e novamente todos ficaram cientes que Ele era o Senhor (13; cf. Ez 6.7, *passim*).

b. Cada rei dá conselhos sobre a próxima batalha (20.22-25). A batalha de Acabe contra o agressor havia sido puramente defensiva. E não era sua intenção perseguir Ben-Hadade até Damasco. Portanto, o inimigo fugiu para se recuperar das perdas e atacar novamente Israel. O rei de Israel tomou conhecimento desse fato através do **profeta** (22), aparentemente o mesmo que anteriormente o havia aconselhado (13).

O versículo 23 reflete a antiga e generalizada crença de que a divindade a quem o povo adorava sempre estava ao lado de seu exército e lutava com ele. Entretanto, isso não reflete o que é considerado nos tempos modernos como uma fase do desenvolvimento da crença de Israel em Deus – talvez, isso pudesse acontecer em se tratando de um israelita leigo, mas nunca no caso dos grandes líderes como Moisés, Samuel e Elias. O versículo 24 sugere o fortalecimento da organização militar quando os **capitães** foram colocados no lugar dos **reis.** Cada "rei" podia tomar decisões independentes para as forças sob seu comando; porém, os capitães eram responsáveis pelo próprio Ben-Hadade.

c. A batalha de Afeca (20.26-43). A cidade de **Afeca** (26), a medieval *Afiq* (ou moderna *Fig*), estava situada à margem oriental do mar da Galiléia, na antiga Basã da Transjordânia, onde passava a estrada principal que ia de Damasco a Bete-Seã através do vale de Jezreel[34]. Os exércitos tomaram posição para a batalha em uma planície próxima, em que o contingente israelita tinha a aparência de "pequenos rebanhos de cabras" se comparado ao exército sírio (26-27). Novamente, através de um **homem de Deus** (28) que entrou em cena, o Senhor enviou a promessa de uma poderosa vitória sobre os sírios. Deus pretendia que os sírios ficassem cientes que Ele era o **Deus dos vales**, assim como o **Deus dos montes**. O Senhor exibiu o seu poder de uma forma que lembrava as grandes vitórias sobre os cananeus na época de Josué (especialmente cf. Js 10). Muitos soldados sírios, que haviam escapado ao grande morticínio no campo de batalha, encontraram a desgraça em Afeca quando um **muro caiu** (30) sobre eles.

Uma importante verdade está implícita no registro dos versículos 22-30, onde encontramos o Senhor se revelando como o "Deus dos vales". Aqui, então, podemos pensar (1) na falsa filosofia do mundo de que Deus só é Deus nos montes, nos lugares elevados da vida e dos momentos de prosperidade, 23; e (2) na verdadeira teologia da Bíblia quando diz que o Senhor também é o Deus dos vales, das profundezas, dos momentos de provação e de depressão, 28. Há pessoas que dizem: "O sol pode brilhar intensamente no topo das montanhas, mas as frutas crescem nos vales".

(1) *Acabe é clemente com Ben-Hadade* (30-34). Ben-Hadade escapou da morte e encontrou a salvação em **Afeca** (30). Os **panos de saco** (31) de seus servos indicavam humildade e também as **cordas** em volta de sua cabeça (talvez pescoço) sugeriam que estavam resignados em ser prisioneiros de Acabe (31-32). Isto foi, sem dúvida, um fator preponderante na decisão de Acabe de demonstrar clemência para com eles. O elemento mais importante era o crescente poder da Assíria sob o governo de Salmaneser III, que havia se transformado em uma ameaça tanto para Damasco como para Israel. Talvez tenha sido essa circunstância que levou Acabe a se referir a Ben-Hadade como **meu irmão** (32), para significar que perante uma ameaça comum havia a necessidade de serem mutuamente amigos. Essa difícil parte do versículo 33 tem sido traduzida como: "Isso eles consideraram como um bom presságio, prenderam-se às palavras e gritaram: 'Sim, seu irmão, Ben-Hadade'"(Moffatt). E, mais tarde, quando os dois se reuniram, estabeleceram algum tipo de acordo que envolvia o retorno de Ben-Hadade a certas cidades israelitas então controladas pela Síria, e a expressão **faze para ti ruas em Damasco** (34) pode ser interpretada como: "Deixarei você desenvolver o comércio israelita em Damasco" ou **"Tu poderás estabelecer** lugares de comércio em Damasco" (Moffatt). Esse acordo explica porque Acabe e Bem-Hadade faziam parte da coalizão que fez os assírios retrocederem em Karkar e Gilzan (854/853 a.C.).

(2) *Um profeta condena Acabe* (35-43). **Um dos homens dos filhos dos profetas** (escola ou corporação de profetas) foi orientado pelo Espírito de Deus a transmitir uma mensagem do Senhor a Acabe. Essa atividade profética indica que, em seguida à disputa no monte Carmelo, o espírito profético ou o ministério profético havia conquistado outra forte posição, tendo o grande Elias como sua inspiração. Embora Jezabel, seu templo, e seus sacerdotes de Aserá ainda estivessem em Samaria, seu culto cananeu não tinha mais o mesmo domínio sobre o povo (cf. 18.39).

Dessa forma, um outro profeta havia ousado, sem temer por sua vida, aproximar-se de Acabe da mesma maneira que Natã confrontara Davi com seus pecados (2 Sm 12.1-15). Esse profeta anônimo pronunciou o castigo de Deus sobre Acabe por ter concedido liberdade a Ben-Hadade, que estava sob anátema, isto é, "destinado à destruição" como inimigo de Deus e de seu povo. Portanto, ele deveria ter sido condenado à morte. Acabe não tinha desculpa, em vista dos numerosos precedentes (por exemplo, Saul e Agague, 1 Sm 15.17-33).

Acabe, que havia ficado orgulhoso pelos sucessos conquistados em sua vida, foi repentinamente interrompido pela palavra de Deus transmitida pelo profeta. E ele seguiu adiante desgostoso e indignado (43). Não se sabe se ele tinha ou não consciência de que o profeta tentava dizer ao seu rei que no serviço divino somente a completa obediência é aceitável a Deus. Este incidente também reflete a ênfase profética de que Israel nunca deveria confiar em alianças feitas com estrangeiros.

Uma importante lição pode ser aprendida nos versículos 38-43 através da parábola do profeta que estava "ocupado de uma e de outra parte". Encontramos nesta situação: (1) Uma importante missão que deve ser cumprida, 39; (2) um guarda preocupado que nada faz de errado, mas estava "excessivamente ocupado", 40; (3) Um severo castigo, 40-42; e, (4) O triste resultado de permitir que as coisas boas da vida possam afastar outras ainda melhores, (43). **Foi-se o rei de Israel para sua casa, desgostoso e indignado,** ou, como diz a versão RSV em inglês, "ressentido e zangado". A alegria da vitória foi perdida para alguém que estava "muito ocupado".

6. *O Plano Maligno de Jezabel* (21.1-29)

Como o programa religioso de Jezabel havia sido drasticamente interrompido, seus planos contra Nabote podem ser considerados como um último recurso dos deuses de Tiro contra o Deus de Israel.

a. A recusa de Nabote de vender sua vinha para Acabe (21.1-4). Nabote era um israelita de Jezreel que tinha um pedaço de terra cobiçado por Acabe. Jezreel estava localizada na base do monte Gilboa, na região oriental do vale e da planície de mesmo nome. A vinha de Nabote era próxima ao palácio real, isto é, da casa de verão, e, aparentemente, Acabe, levado por um capricho, desejava transformá-la em um jardim.

Nabote tinha todo o direito de se recusar a vendê-la. Na verdade, ele teria transgredido não só uma tradição, como também a sua consciência, se fizesse essa venda (cf. Lv 25.23-28; Nm 36.7ss.). Acabe reconhecia que Nabote estava religiosamente obrigado a conservar a posse de sua terra e que essa obrigação não poderia ser contrariada. Entretanto, ele ainda assim queria essa área; ele se irritou, adoeceu e deixou de comer. A única coisa pior que uma criança mimada é um adulto amuado.

b. O plano de Jezabel (21.5-16). A consciência de Jezabel, de Tiro, não tinha sido desenvolvida pelas tradições israelitas e pelo respeito aos direitos alheios. Como Acabe não se apossou imediatamente da vinha de Nabote, uma coisa que dificilmente seria capaz de entender (7), ela continuou com seu plano diabólico. Os **filhos de Belial** (10) seriam homens desonestos. Nunca foi exposta a falsa acusação de blasfêmia levantada contra Nabote perante a assembléia dos anciãos e dos nobres. Este sincero israelita foi

apedrejado de acordo com a lei (13; cf. Lv 24.13-16), sob o testemunho de duas pessoas que teriam presenciado a suposta ofensa (cf. Dt 17.6,7). Com a eliminação de Nabote, Acabe tomou posse do jardim (15-16) que, sem dúvida, havia perdido grande parte de seus antigos atrativos.

c. Os atos malignos são castigados (21.17-29). Não foi meramente um dos "filhos dos profetas" que foi enviado a Acabe nessa ocasião, mas o próprio **Elias**. Em relação ao **tisbita** (17), veja o comentário sobre 17.1. Quando os dois se encontraram, Acabe chamou Elias de seu **inimigo** (20). Mas, estava errado outra vez (cf. 18.17,18). O rei, e não o profeta, era o seu próprio inimigo. A desgraça e o castigo que iriam cair sobre ele eram apenas o resultado de seus próprios erros e não de Elias. A pessoa que como Acabe (20) se vende ao pecado traz terríveis conseqüências sobre a sua própria vida.

Elias trazia uma sombria mensagem para Acabe e Jezabel. Eles e toda a sua família seriam eliminados, da mesma maneira como as dinastias anteriores haviam sido rejeitadas por causa de seus pecados (21-22; cf. comentários sobre 14.10). Jezabel teria uma morte horrível na mesma cidade onde havia perpetrado seus crimes (23). **Aquele que de Acabe morrer** (24) significa "qualquer um que pertença a Acabe, e morrer". No versículo 25 o historiador faz um resumo do reinado de Acabe: "Ninguém fora como Acabe, que se vendera para fazer o que era mau aos olhos do Senhor".

A mensagem de Elias trouxe medo e condenação para Acabe. Durante algum tempo ele se comportou com profunda lamentação e completo jejum. **Andava mansamente** (27) pode ser traduzido como "assumiu uma atitude submissa" (Moffatt). Deus reconheceu essa atitude de arrependimento e prometeu que o castigo sobre a sua casa seria suspenso até uma outra ocasião (29).

Em dois versículos foi dito que Acabe havia se vendido (20,25). Ele "se vendeu ao diabo". Nos versículos 17-29 o seu esboço é traçado: (1) Era cobiçoso, 18; (2) considerava o homem de Deus como seu inimigo, 20; (3) era fraco e facilmente influenciado pelos outros, 25; (4) voltou-se a uma idolatria despudorada, 26; (5) foi julgado pelo Deus justo, 19,21-24; e (6) seu arrependimento trouxe uma suspensão temporária da sentença, 27-29 – tanto o arrependimento como a pausa do castigo, foram, de fato, apenas temporários e não permanentes.

7. Acabe e Ben-Hadade na Guerra pela Conquista de Ramote-Gileade (22.1-40)

Podemos imaginar que houve uma trégua entre Israel e a Síria, que durou **três anos** (1) desde a data da batalha de Afeca (20.26-29) até a batalha por Ramote-Gileade, aqui descrita. Isso inclui o período do pacto que foi estabelecido entre os dois (20.34), e essa aliança envolvia Acabe e um grande exército israelita na batalha de Karkar. A sua tentativa de retomar Ramote-Gileade ocorreu, obviamente, no último ano de seu reinado. A descrição dessa batalha foi incluída por duas razões: (1) ela indica a posição profética contra alianças com países estrangeiros e (2) a morte de Acabe mostra o cumprimento do juízo previsto, e que lhe sobreveio de forma direta e pessoal.

a. Josafá aceita marchar contra Ramote-Gileade (22.2-4). Não foram fornecidos detalhes sobre a aliança entre Acabe e Josafá, de Judá. Ao leitor resta imaginar que tenha sido alcançado algum tipo de acordo entre os dois em vista das ameaças da Síria e da

Assíria. Parece bastante provável que esse acordo tenha sido selado através de um casamento real, das bodas da filha de Acabe, Atalia, com Jeorão, filho de Josafá (cf. 2 Rs 8.18). A maneira como esse casamento é descrito indica que algum tipo de entendimento já havia sido estabelecido.

A cidade de Ramote-Gileade, às vezes chamada de **Ramote em Gileade** (3; Dt 4.43; Js 20.8 *passim*), ou Ramá (2 Rs 8.29), havia sido construída e escolhida para ser um dos centros distritais de Salomão (4.13). Ela pode ser identificada com *Tell er-Rumeith* no norte da Transjordânia. Trata-se de uma colina com três outeiros, localizada várias milhas a sudeste de Ramtha, não muito longe da interseção norte-sul da estrada de Damasco, através de Jarash, e da estrada que vai de leste a oeste de Mafraq a Irbid. Essa estratégica localização fazia dela uma importante cidade sob o ponto de vista do controle do comércio nas épocas de paz, e do movimento das tropas em épocas de guerra. Provavelmente, Ramote-Gileade foi conquistada por Rezom (Heziom) em algum momento do reinado de Onri ou mesmo de Roboão. A Bíblia não faz qualquer referência a esse fato, exceto que ela aparece como uma cidade que Ben-Hadade havia prometido devolver a Israel (20.34). Porém, o fato de não ter cumprido sua promessa levou Acabe a decidir retomar a cidade à força.

b. O pedido de Josafá (22.5-28). Esse incidente traz um grande esclarecimento sobre o desenvolvimento da atividade profética durante a época de Acabe. Ele indica a ascensão dos falsos profetas em Israel, um grupo geralmente reconhecido por sua posição em volta do rei, e junto aos sacerdotes. Posteriormente, esses populares conselheiros passaram a sofrer freqüentes críticas dos verdadeiros profetas de Deus (Is 9.15; Jr 5.13,31; 23.11,15,16,25,26; Os 4.5; Mq 3.5-7). Acabe conseguiu reunir 400 homens com facilidade, porque já havia organizado este grupo em substituição aos profetas de Baal.

Ao que tudo indica, os novos profetas de Acabe se conduziram de acordo com a verdadeira tradição profética. A única diferença – isto é, uma grande diferença – era que haviam sido convocados pelo rei e não por Deus. Sua lealdade e serviço estavam dirigidos a um homem e não ao Senhor. Seu desempenho perante Acabe, predizendo somente o que o rei queira ouvir (6, 11) é uma clara indicação disso. Josafá, acostumado com um círculo de genuínas vozes proféticas, percebeu o tom de falsidade que existia nas palavras dos profetas de Acabe, e então perguntou: "**Não há aqui ainda algum profeta do Senhor?**" (7). A versão Berkeley traz a seguinte tradução: "Não existe por aqui nenhum outro profeta do Senhor?" A **praça** ou **eira** (10) onde os profetas compareciam perante Acabe e Josafá era um espaço aberto perto da porta da cidade. Esse lugar era usado como local de debulha na época da colheita.

(1) *Micaías desafia os profetas de Acabe* (13-23). Micaías, que só é conhecido nesta situação, "brincou" com o mensageiro que o conduzia, ao desejar, aparentemente ver a reação de Acabe (13-15). A mensagem do Senhor que ele transmitia era exatamente o oposto da palavra dos outros profetas. Ela dizia que Israel ficaria sem rei – como **ovelhas que não têm pastor** (17). Essa era uma profecia que Acabe não queria ouvir; no entanto, ele suspeitava que seria proferida pelo verdadeiro profeta de Deus. A frase: **então disse ele** (19) indica que Micaías continuou com outra devastadora mensagem. **O Senhor pôs o espírito da mentira na boca de todos estes teus profetas** (23). Todo o programa de profecias de Acabe, que poderia ter levado a ele um pouco de tranqüilidade,

ficou exposto como falso e totalmente incerto. Não se pode confiar na tentativa do homem de imaginar substitutos para a verdadeira adoração a Deus.

(2) *Micaías é perseguido e preso* (24-27). Zedequias, tomado de ira, ao ouvir as palavras de Micaías sobre ele e os outros profetas, adiantou-se e feriu-o no queixo. O profeta então proclamou a autenticidade de suas previsões (24) e sua réplica foi: **Eis que o verás naquele mesmo dia** (25). Os acontecimentos que se seguiram comprovaram quem era o verdadeiro profeta. O teste crucial de um profeta é a confirmação histórica de suas previsões (cf. Dt 18.18-22). Acabe ordenou, **tomai a Micaías e tornai a trazê-lo a Amom** (26). Aparentemente, isso representava a presença de condições mais severas do que as da sua prisão anterior (27; cf. 8,18). O rei planejava cuidar dele depois de seu retorno da batalha. Entretanto, o profeta anunciou: **Se tu voltares em paz, o Senhor não tem falado por mim** (28).

c. A batalha em Ramote-Gileade (22.29-36). Perturbado pela profecia de Micaías, Acabe decidiu despir as roupas que o caracterizavam como rei antes de ir para a batalha e pediu a Josafá que não tirasse as vestes reais. Esta atitude desviou a atenção de Acabe durante algum tempo (30,32).

A ordem de Ben-Hadade aos seus comandantes demonstra o respeito que sentia pela liderança militar de Acabe: **Não pelejareis nem contra pequeno nem contra grande, mas só contra o rei de Israel** (31). Ele era, naturalmente, o personagem crucial do campo de batalha, e sua captura ou morte seria considerada pelo seu exército como sinal de derrota. Isso também explica porque Acabe permaneceu corajosamente no campo da luta, ao demonstrar que nada sentia, embora tivesse sido mortalmente ferido por uma seta perdida. **Entre as fivelas e as couraças** (34) pode ser entendido como "entre as escamas da armadura e do peitoral" (Berk). A batalha terminou com Ramote-Gileade ainda em poder dos sírios, enquanto o exército israelita se desintegrava ao saber da morte de Acabe; a notícia se espalhou, e foi, **cada um para sua cidade, e cada um para sua terra** (36).

d. Morte e sepultamento de Acabe (22.37-40). A inesperada morte de Acabe veio comprovar a profecia de Elias (21.19) e de outros profetas (20.42; 22.20). **E, lavando-se o carro no tanque de Samaria, os cães lamberam o seu sangue** (38); o versículo ainda acrescenta: **Ora, as prostitutas se lavavam ali**. Keil sugere que essa construção gramatical deve ser aceita sob a seguinte forma: "as prostitutas estavam se banhando no tanque no momento em que o carro de guerra estava sendo lavado do sangue de Acabe."[35]

Peças de marfim entalhado, encontradas em Samaria, mostram que esse material era usado para decorar o interior do palácio de Acabe, como está indicado na expressão: **casa de marfim** (39). A grande piscina de 10x5 metros, escavada em Samaria, poderia ser o tanque do versículo 38[36]. Uma outra pessoa muito importante sob o ponto de vista da capacidade humana – um governante sagaz, política e militarmente competente – morreu e foi sepultado. Entretanto, assim como seu pai, Onri, Acabe se entregou a uma vida pecaminosa e idólatra que, certamente, ofuscou tudo aquilo que conseguiu realizar. O seu exemplo de impiedade teve continuidade na vida de seu filho e filha, que governaram os dois reinos.

G. O Reinado de Josafá (R.S.)* (870-848 a.C.), 22.41-50 (cf. 2 Cr 17.1—20.37)

Tem início aqui a parte principal do sincronismo feito pelo historiador entre os reis de Judá e Israel. Ele prossegue através de 2 Reis 17.23 e termina com o relato da decadência de Samaria. Essa seção dá prosseguimento à atenção dedicada ao ministério dos profetas do reino do Norte. O reinado de Josafá, que foi aqui tratado de forma muito breve, recebe um espaço muito maior em 2 Crônicas. Acontecimentos posteriores no reino do Norte foram reservados para a descrição do reinado de Jeorão (R.N.)** em 2 Reis 3ss.

1. *Um Bom Rei* (22.41-46)

Josafá é caracterizado como aquele que fez **o que era reto aos olhos do Senhor** (42-43) porque nunca se envolveu com a religião idólatra. O historiador não tece comentários sobre o casamento de seu filho Jeorão com Atalia, a filha de Acabe[37]. Assim como seu pai, Asa, ele permitia a realização de cultos nos lugares **altos** e também conservou certos aspectos da reforma religiosa feita por seu antecessor: em particular, ele completou a remoção dos **sodomitas** (46, os *qadesh*, a prostituição masculina) dos cultos cananeus, cujas práticas remontam à época de Roboão (cf. 14.21-24).

2. *Notas Finais* (22.47-50)

Josafá tentou modernizar a refinaria de cobre e desenvolver o comércio com Ofir, como Salomão havia feito (cf. comentários sobre 1 Rs 9.26-28). O texto em 2 Crônicas 20.35-37 relata como Josafá caiu em desgraça ao se aliar ao iníquo Acazias (R.N.). Talvez sua recusa em permitir que os homens de Acazias se juntassem aos marinheiros dos navios de Judá (49), possa ser entendida depois do desastre descrito no versículo 48. Ele foi sepultado na **Cidade de Davi** (50) e sucedido por seu filho **Jorão** (R.S.).

H. O Reinado de Acazias (R.N.) (853-852 a.C.), 1 Rs 22.51—2 Rs 1.18.

Durante dois anos, o reinado de Acazias coincidiu com o de Josafá (R.S).

1. *Foi Caracterizado pela Iniqüidade* (22.52,53)

Podemos observar dois aspectos em relação ao reinado de Acazias: primeiro, ele continuou com o depravado culto aos bezerros que Jeroboão realizava em Betel e Dã, e, em segundo lugar, ele mesmo era um adorador de Baal. A influência de Jezabel, aparentemente, começava a se fazer presente. As forças do mal não desistem facilmente; mesmo depois de exterminadas, elas muitas vezes se reagrupam e tentam voltar rapidamente.

2. *A Rebelião de Moabe* (2 Rs 1.1) – (Veja comentários sobre 2 Rs 3.4ss.)

3. *Acazias Procura a Ajuda de Baal-Zebube* (1.2-4)

A queda de Acazias, da qual ele custou a se recuperar, levou-o a perguntar a **Baal-Zebube, deus de Ecrom** (2), a respeito de sua enfermidade. Ecrom (a moderna cidade de *'Akir*) está situada cerca de 16 quilômetros a leste de Jafa. A palavra **Baal-Zebube** significa literalmente "Baal das moscas", o deus que supostamente havia afastado as

doenças que atraíam os insetos. Zebul Baal ("Senhor Baal") aparece nos textos ugaríticos como o nome de Baal, e é possível que esse nome seja uma alteração intencional e depreciadora de Baal Zebul[38]. Não está explicado porque Acazias desejava dirigir essa pergunta ao **deus de Ecrom** (3), embora a falta de fé em Deus por parte do rei esteja claramente implícita nas palavras de Elias.

4. *Elias Desafia a Adoração de Acazias a Baal* (1.5-16)

Aparentemente, Elias encontrou as pessoas que Acazias enviou para interrogar Baal-Zebube nas proximidades de Samaria, do lado de fora da cidade. Sua pergunta, da parte do Senhor, foi dirigida diretamente contra Acazias: "Não há Deus em Israel?" (6). Elias ficou profundamente perturbado pela escolha de Acazias de procurar a Baal, e não a Deus. Como é que podia ignorar que aquela divindade era um deus sem sentido e impotente? Aqui está demonstrada a cegueira e a tolice de todos aqueles que procuram uma alternativa diferente para servir a Deus.

A roupa de Elias, aqui mencionada pela primeira vez, era igual à dos profetas – era feita de pele de carneiro, ou de cabra, ou ainda um traje áspero de pele de camelo enrolado em volta do corpo (cf. Zc 13.4; Mt 3.4). A aspereza e a rusticidade dessas vestes talvez fosse intencional, a fim de sugerir a severidade do juízo divino contra a nação indisciplinada e efeminada.

Os mensageiros enviados pelo rei (2,3,5) podem ser entendidos como profetas de Baal, o tipo mais provável de indivíduos que inquiririam Baal-Zebube sobre a recuperação de Acazias. O fogo que consumiu as duas tropas de soldados (9-12) foi uma outra manifestação da sagrada ira de Deus contra Baal. Havia uma única mensagem para o rei a respeito da recuperação de sua saúde, a palavra de Deus através de Elias: **Certamente morrerás** (16).

5. *O Epílogo do Reinado de Acazias* (1.17,18)

Outro homem havia morrido. Ele se dedicara a Baal e não a Deus. Acazias foi sucedido por seu irmão Jorão, outro filho de Acabe. A dificuldade em harmonizar as declarações de 1 Reis 22.41,51 com 1.17 foi resolvida através da sugestão de uma co-regência para Jeorão, de Judá (veja a Introdução).

I. Narrativa de Elias-Eliseu, 2 Reis 2.1-25

O historiador deixa de lado a narrativa sobre a história dos reis e volta a sua atenção para o término da grande missão de Elias, e o início do ministério de seu sucessor. Essa seção retorna à vida de Eliseu, que deixou de ser mencionado desde a breve introdução de 1 Reis 19.19-21.

1. *A Despedida de Elias* (2.1-12)

O Espírito de Deus havia revelado a Elias, a Eliseu e aos jovens profetas que estava próxima a hora em que o primeiro partiria da terra (1,3,5). **Sabes que o Senhor, hoje, tomará o teu senhor por de cima da tua cabeça?** (3) é uma frase que pode ser traduzida como: "O Senhor vai levar o seu mestre antes de vocês" (Berk). Elias e Eliseu

partiram de Gilgal (1; *Jiljulieh* na região montanhosa, cerca de 11 quilômetros ao norte de Betel) **para Betel** (2), **Jericó** (4) e um lugar próximo do **Jordão** (7). Embora os jovens profetas tivessem recebido uma revelação sobre a transladação de Elias para o céu, eles não tiveram o privilégio de se despedir pessoalmente – mas ficaram **de longe.**

a. O último pedido de Eliseu (2.9-10). "Peço-te que haja porção dobrada de teu espírito sobre mim" (9; hebraico). Essa frase tem sido muitas vezes mal interpretada como um pedido para receber o dobro do Espírito que estava na vida de Elias, e os maiores milagres que ele realizou foram considerados como indicação dessa assertiva. No entanto, esse pedido estava baseado em Deuteronômio 21.15-17, onde a mesma expressão **porção dobrada** (9) é aplicada àquilo que o primogênito recebia da herança de seu pai. Eliseu se considerava o primogênito de Elias, o "filho do profeta" porque havia sido chamado para sucedê-lo como líder (cf. 1 Rs 19.19-21). Ele também estava profundamente preocupado porque passaria a ter aquele importante Espírito na qualidade de primogênito. A resposta de Elias era que não podia conceder esse pedido; somente Deus tinha o poder para tanto. Porém, se o Senhor permitisse a Eliseu presenciar a sua subida ao céu, então ele receberia a "porção dobrada" (10).

b. Elias é tomado em um rodamoinho (2.11-12). Quando os dois caminhavam juntos, Elias foi levado para o céu. Esse fenômeno de fogo que apareceu com cavalos e carruagens, era uma característica das revelações especiais de Deus (cf. Êx 19.16-25; Sl 18.7-15). Eliseu recebeu a permissão de testemunhar essa translação e, clamando disse: **Meu pai, meu pai** (12). Esta atitude demonstra o reconhecimento por parte de Eliseu de que Elias era o seu líder espiritual e o seu reverenciado predecessor.

2. *Eliseu Veste o Manto de Elias* (2.12-25)

O manto de Elias caiu onde Eliseu podia apanhar. A disponibilidade do manto autenticava que Eliseu havia recebido a "porção dobrada". Na verdade, ele representava o endosso de Deus como sucessor de Elias e o símbolo de que o poder do Senhor permaneceria nele, da mesma forma como havia se estabelecido em Elias. Ao retornar, Eliseu feriu as águas (14) do Jordão, como Elias havia feito anteriormente (cf. 8). Ele foi, então, aceito como o novo líder dos profetas de Jericó (15). Ele permitiu a um grupo satisfazer sua curiosidade a respeito da partida de Elias, pois eles achavam que o velho profeta havia sido lançado **em algum dos montes ou em algum dos vales** (15). Ele usou sal para purificar uma fonte em Jericó, cuja água era imprópria para beber e irrigar. **Até ao dia de hoje** (22) poderia significar até o dia em que o historiador vivia.

Os versículos 1-15 realçam a "porção dobrada". No registro da Bíblia Sagrada sobre a profunda experiência de Eliseu com Deus, podemos ver: (1) Um homem de Deus percebeu sua necessidade diante de suas maiores responsabilidades, 1-3; (2) ele era atento e persistente, 2-6; (3) ele enxergou o poder de Deus na vida de outra pessoa, 7,8; (4) ele foi determinado em sua solicitação, 9,10; (5) ele atendeu as condições prescritas, 10-12; (6) ele exerceu a fé e recebeu a promessa, 13,14; e (7) seus seguidores reconheceram a diferença, 15.

A pergunta de Eliseu: **"Onde está o Senhor, Deus de Elias?"** (14) é muito significativa. O Dr. J. B. Chapman costumava explicar que Eliseu tinha o manto, símbolo da função de profeta, mas ele precisava também ter a presença do Senhor dentro de si. As

lições da vida de Eliseu podem ser resumidas em relação a essa grande frase. (1) O Senhor de Elias é um Deus que dispensa cuidados providenciais, 1 Rs 17; (2) O Senhor de Elias é um Deus que responde através do fogo, 1 Rs 18.1-40; (3) O Senhor de Elias é um Deus que ouve as orações, 1 Rs 18.41-46; (4) O Senhor de Elias ainda é o Deus da árvore de "zimbro", 1 Rs 19.4-18; e (5) O Senhor de Elias derrama o seu precioso Espírito sobre os seus servos, 2.9-12.

Ao voltar a Betel, Eliseu foi recebido por um grupo de rapazes que o ridicularizaram (23) – *ne'arim qetannim*, "jovens ou meninos". Ele proferiu uma maldição sobre eles em nome do Senhor, depois da qual duas ursas saíram do bosque e os atacaram. Não sabemos como reconciliar completamente esse incidente com o caráter de Deus ou com a bondade do profeta. Se tal reconciliação for possível, devemos entender que os meninos eram suficientemente crescidos para responder moralmente. Keil sugeriu que Eliseu pronunciou essa maldição a fim de vingar a honra do Senhor que havia sido ofendida quando os jovens proferiram aquelas palavras para insultá-lo[39]. Em seguida, ele foi ao **monte Carmelo** (25), provavelmente para estar a sós ou visitar outro grupo de profetas. Depois, Eliseu retornou a Samaria, pois Jezabel lá estava, e os filhos de Acabe haviam se inclinado à adoração a Baal. Dessa forma, o grandioso poder de Deus havia se manifestado através de Eliseu desde o início de sua liderança sobre os profetas. Vemos aqui uma notável confirmação de que ele havia sido escolhido como o sucessor de Elias.

3. *Os "Filhos dos Profetas"*

Entendemos que a expressão **filhos dos profetas** (3) se refere a uma corporação ou ordem de profetas na antiga nação de Israel que, segundo parece, surgiu primeiramente na época de Samuel e de Saul (cf. 1 Sm 10.9-13). Samuel foi, sem dúvida, o fundador das corporações proféticas[40]. Eles aparecem de forma proeminente nos livros dos Reis durante a época de Elias e de Eliseu (1 Rs 18.4; 20.35; e 2 Rs 2, *passim*). Aparentemente, eles formavam grupos de pessoas que, tendo sido chamadas ao ministério profético, haviam estudado e aprendido com grandes profetas como Samuel, Elias, Eliseu, Isaías (cf. Is 8.16) e outros. Conforme está indicado nesse capítulo, eles viviam em grupos nas cidades escolhidas, entre elas Betel, Jericó e Gilgal.

J. O Reinado de Jorão (R.N.) (852-841 a.C.), 3.1-27

O reinado de Jorão (R.N.) coincidiu com a última parte do governo de Josafá (R.S.) e também com o de Acazias (R.S.), cujos nomes são os mesmos da relação do reino do Norte (veja a Introdução).

1. *A Impiedade do Reinado de Jorão* (3.1-3)

As ofensas que Jorão cometeu contra Deus não eram tão grandes como as de seu pai e de sua mãe (Acabe e Jezabel). Ele removeu a **estátua de Baal** (2, a coluna) que Acabe havia, aparentemente, erguido no templo de Baal, embora isso não tenha sido mencionado anteriormente (cf. 1 Rs 16.33). Ele continuou a praticar os mesmos **pecados de Jeroboão** (3), mas novamente existe aqui uma diferença cuidadosa entre o culto a Baal **e** os **pecados de Jeroboão, filho de Nebate.**

2. *Jorão Atrai a Ajuda de Josafá contra Moabe* (3.4-27)

Depois da morte de Acabe, a rebelião de Moabe contra Israel é mencionada pela segunda vez (5, cf. 1.1). A Bíblia Sagrada não explica quando Moabe caiu sob o controle do Reino do Norte. Porém, uma considerável luz sobre essa questão foi lançada pela famosa Pedra Moabita, um relato contemporâneo do registro bíblico sobre essa revolta contra Israel. Ela foi descoberta em 1868 e está no museu do Louvre. Trata-se de uma inscrição feita pelo rei Mesa, erguida em sua capital Dibom (a moderna Dhiban). Ela contém a admissão de que Onri e seu filho haviam "humilhado" Moabe durante "quarenta anos", mas que ele foi capaz de triunfar sobre o reino do Norte. Existe a mesma questão sobre como entender esses "quarenta anos" da Pedra Moabita. Entretanto, parece que ela fornece uma base adequada para sugerir que Onri conquistou pelo menos a parte norte de Moabe e que ela permaneceu sob o controle de Israel até o início do reinado de Jorão[41].

a. Jorão e Josafá Marcham contra Mesa (3.4-8).

Mesa, ao aproveitar-se da confusão causada pela morte de Acabe, e da fragilidade do breve reinado de Acazias, rebelou-se e recusou-se a entregar o tributo anual que lhe era imposto – "100.000 cordeiros e 100.000 carneiros com a sua lã" (4). A aliança estabelecida entre Acabe e Josafá ainda estava em vigor, e Jorão solicitou a Josafá que o ajudasse na guerra contra Mesa. O **caminho do deserto de Edom** (8) significa que eles tomaram a longa rota ao sul de Judá até o extremo sul do mar Morto, e então seguiram ao longo da fronteira leste de Edom. Assim não teriam que enfrentar os desfiladeiros sinuosos e profundos como o vale de Zerede (*Uádi Hesa*), nas proximidades dos limites a leste do mar Morto.

b. A séria escassez de água (3.9-11). A aliança contra Moabe também incluía o **rei de Edom** (9), aparentemente um vassalo submisso a Josafá, de Judá. Ao final de uma "marcha de sete dias" haviam chegado à extremidade oriental de Edom onde enfrentaram grande escassez de água para os homens e animais. A fonte de água próxima à fronteira ao sul, com a qual eles aparentemente contavam, encontrava-se totalmente seca. Eliseu estava nas vizinhanças, provavelmente enviado pelo Espírito de Deus. A frase: **Que deitava água sobre as mãos de Elias** (11) significa "aquele que era o servo de Elias" (Moffatt). Os reis **desceram a ele** (12) para ouvir a voz do Senhor sobre a sua provação.

c. A palavra de Deus através de Eliseu (3.12-20). Ao se aproximar dos reis, Eliseu demonstrou uma compreensível hostilidade para com Jorão, por causa de sua tolerância aos profetas de seus pais e completa falta de fé em Deus naquelas prementes circunstâncias (13; cf. 10). Ele concordou em procurar a palavra de Deus em vista de sua consideração para com **Josafá, rei de Judá** (14). Enquanto um menestrel tocava um instrumento musical, a palavra de Deus chegou até ele. A música era ocasionalmente usada no Antigo Testamento como uma preparação para a mensagem profética (cf. 1 Sm 10.5). A palavra dizia que Deus enviaria água para eles de uma forma pouco comum; porém, bastante fácil para Ele. Deus também concederia a vitória sobre os moabitas (16-20). Na manhã seguinte, Deus cumpriu a sua Palavra: **a terra se encheu de água** (20), tanto o leito seco do rio (**neste vale**) como as **covas** que haviam

sido preparadas (16). Deus atendeu às suas necessidades, justificou o seu porta-voz e honrou a fé de Josafá. **Pelo caminho de Edom** (20) quer dizer desde o sul.

d. Mesa é derrotado (3.21-27). Mesa havia reunido seu exército – **todos os que cingiam cinto e daí para cima** (21) ou todos aqueles que eram capazes de colocar uma armadura, desde o mais jovem até o mais velho. **Puseram-se às fronteiras** seria no limite ou na fronteira de seu território. Os moabitas, por desconhecerem que o leito do rio onde os exércitos dos três reis estavam acampados estava coberto de água, enganaram-se ao interpretar os raios de sol da manhã sobre a superfície de água e acreditaram que se tratava de sangue (22). Ao entenderem que havia rompido uma luta entre os reis dos exércitos acampados, eles se apressaram para recolher os despojos (23). O ataque surpresa dos israelitas forçou os moabitas a fugir. Em sua perseguição a Mesa, Israel arrasou totalmente as cidades que se encontravam em seu caminho (24-25). **Quir-Haresete,** a moderna Kerak, está localizada a aproximadamente 27 quilômetros ao sul do rio Arnom e 18 a leste do mar Morto[42].

Sitiado por seus inimigos e incapaz de escapar, o desesperado Mesa ofereceu seu filho mais velho em holocausto sobre o muro da cidade como uma oferta queimada ao seu deus Quemos. A frase, **e houve grande indignação contra Israel** (27) é difícil de explicar. Não podemos aceitar a interpretação de que os israelitas acreditassem que estavam condenados à ira de Quemos por causa do sacrifício humano de Mesa[43]. A explicação de Keil parece ser a mais apropriada, isto é, no sítio à cidade, os israelitas perceberam a ira de Deus sobre eles por terem sido a causa de um sacrifício humano, o que era proibido pela sua lei (Lv 18.21; 20.3)[44].

Qualquer que tenha sido o seu significado exato, pode ter ocorrido algum outro evento na ocasião que fez com que Israel se retirasse.

K. Mais Narrativas sobre Eliseu, 4.1—8.15

Foi incluído um relato sobre os outros milagres para mostrar como Eliseu deu continuidade ao ministério de Elias. Esses eventos podem ser atribuídos ao reinado de Jorão, embora sua ordem não seja estritamente cronológica.

1. *Deus Supre as Necessidades da Viúva de um Profeta* (4.1-7)

A viúva de um dos profetas, achando-se incapaz de saldar uma dívida, enfrentou a possibilidade do credor tomar seus dois filhos para um período de escravidão. O texto em Levítico 25.39,40 determina que se o devedor não pudesse pagar a sua dívida, ele era obrigado a servir ao credor como escravo até o ano do jubileu. O poder de Deus, manifestado através de Eliseu, aumentou o pequeno suprimento de azeite da viúva até uma quantidade que seria suficiente para saldar a dívida, e ainda sobrar para atender à sua família.

No benevolente milagre que Eliseu realizou para a viúva do profeta, vemos a lição de "muitos vasos... vazios": (1) Havia um urgente senso de necessidade, 1; (2) Foi usado o que estava disponível, um vaso de azeite, 2; (3) A medida da fé e da expectativa tornou-se a medida da bênção, 4-6; (4) A necessidade foi atendida através da generosidade e do milagre de Deus, 7.

2. *Deus Ressuscita uma Criança* (4.8-37)

A cidade de Suném estava localizada em uma elevação que dominava o vale de Jezreel. Eliseu tornara-se amigo de uma rica mulher que morava naquela localidade, e ela sempre insistia que ele fosse seu hóspede toda vez que visitasse aquele local (8-10). Para mostrar sua gratidão, Eliseu procurou retribuir com alguma forma de atenção. **Eu habito no meio de meu povo** (13) pode significar: "Meu povo irá cuidar de mim se eu precisar de alguma coisa" (Berk). Como ela não tinha filhos, ficou surpresa quando o profeta anunciou que ela geraria um filho, embora seu esposo fosse bastante idoso. E isto ocorreu, conforme Eliseu havia previsto (11-17).

Um dia, quando o menino estava na companhia dos segadores, ele se queixou de uma terrível dor de cabeça e morreu, apesar dos esforços para salvá-lo. A mulher de Suném colocou o corpo do menino sobre a cama do quarto de Eliseu e preparou-se para ir ao Carmelo a fim de buscar o auxílio do profeta (18-25). Aparentemente, seu esposo era adepto de uma religião formal e não podia imaginar qualquer razão de entrar em contato com um homem de Deus porque não havia uma observação religiosa a ser cumprida – **não é lua nova, nem sábado** (23). Mas a mãe acreditava em um auxílio para a sua necessidade, e partiu para receber um conselho. Nem bem havia saudado Geazi, o servo de Eliseu, ela se lançou aos pés do profeta, para demonstrar sua amargura e a desesperada ajuda que precisava (25-27).

Os comentários que fez sobre seu filho, sobre o qual não havia pedido, permitiram a Eliseu perceber o que a perturbava (28). Ele enviou Geazi na frente, mediante a instrução de levar o **seu bordão e colocá-lo sobre o rosto do menino** (29). Mais tarde, ao entrar no quarto onde o corpo da criança jazia sobre a cama, Eliseu orou e **deitou-se sobre o menino** (34). Deus manifestou o seu poder e devolveu a vida à criança. Eliseu foi capaz de apresentá-lo novamente à mãe (35-37).

3. *Deus Retira o Veneno da Panela* (4.38-41)

A seca levou os filhos dos profetas de Gilgal a cozinhar ervas que normalmente não eram usadas como alimento. Quando começaram a tomar a sopa, perceberam que alguma coisa estava errada e disseram a Eliseu: **Há morte na panela** (40). Novamente o poder de Deus se manifestou através do profeta ao colocar farinha dentro dela, e assim aquela comida deixou de oferecer perigo.

4. *Deus Multiplica os Pães* (4.42-44)

Alguns identificaram Baal-Salisa (42) com a Salisa de 1 Samuel 9.4. *Kefr Thilth*, localizada a sudoeste de Siquém, seria o provável local de onde o homem trouxe **pães das primícias**, vinte pães de cevada e espigas verdes para Eliseu. O milagroso poder de Deus novamente se manifestou através da pequena quantidade de alimento que se multiplicou e se tornou mais do que suficiente para cem homens. Essa era a forma de Deus demonstrar que Ele proveria aos seus profetas.

5. *Deus Cura a Lepra de Naamã* (5.1-27)

O poder divino, o qual se manifestou através da cura da lepra de Naamã, tinha o propósito de demonstrar que o Deus de Israel era maior que as divindades da Síria. O milagre aconteceu em benefício dos israelitas e também dos sírios. Os israelitas entende-

ram que Deus desejava fazer deles o seu instrumento para conquistar outros povos. Também está aqui evidente o ponto de vista profético de que o reino do Norte, assim como o de Judá, estava essencialmente relacionado com o cumprimento do propósito de Deus para o seu povo.

a. Naamã procura ajuda em Israel (5.1-7). Podemos supor que **Naamã** (1) procurou primeiramente a ajuda de seu deus sírio (cf. Acazias tentou perguntar a Baal-Zebube, 1.2ss). Porque não recebeu uma ajuda dessa fonte, ele se voltou para Eliseu, o profeta do Deus de Israel. Foi feita uma referência às invasões sírias (2) para explicar a presença de uma serva israelita no lar de Naamã. Sua presteza em compartilhar a sua confiança, não só em Eliseu, mas principalmente no Deus deste profeta, foi um fator importante para a cura e a conversão de Naamã. A reação do rei de Israel (Jorão) é bastante compreensível (7), pois o pedido que havia sido feito era impossível. Embora Naamã tivesse trazido consigo um presente substancial para o rei de Israel (US$20.000 em prata, US$60.000 em ouro e dez conjuntos de roupas – 5, Berk), isso não tranqüilizou os seus temores.

b. Deus cura Naamã (5.8-14). Os detalhes descrevem o cenário externo que, entretanto, era apenas incidental em relação ao milagre da cura que Deus realizou através de Eliseu. Ele representava um outro episódio significativo no ministério de Eliseu, e tinha o propósito de demonstrar que só o Senhor é Deus, e que os deuses de outras nações nada representavam. O rio **Abana** (12), atual Barada, começa nas montanhas do Líbano e corre através de Damasco, e torna possível a existência dessa cidade por causa do oásis formado em seu percurso. O rio **Farpar** (ou **Farfar**) não foi identificado tão facilmente como o Abana. É possível que a Bíblia refira-se a um rio que começa nas montanhas do Líbano e corre cerca de 16 quilômetros em direção à região sudoeste de Damasco e que, nesse caso, seria chamado de rio de Damasco. Outra sugestão é que Farpar seja uma referência a um afluente do Barada, o *Nahr Taura*[45].

O desespero de Naamã, causado pela impureza do rio Jordão, pode ter sido provocado em parte pela correta comparação que fez com esses rios (12). Entretanto, a questão verdadeira era a sua má vontade em se humilhar adequadamente, e obedecer à ordem de Deus para obter a cura. Ele já havia imaginado, antecipadamente, a maneira como isso deveria ser feito (11). Mas devido à sua necessidade ser muito grande, ele foi persuadido pelos servos a se humilhar e Deus, de forma extraordinária, o curou (13,14).

O registro da cura de Naamã representa um cativante relato da "cura do leproso". Existe aqui um retrato notável sobre: (1) A grandeza que não leva a coisa alguma – **um grande homem... porém leproso**, 1; (2) O testemunho da fé de uma escrava, 2-4; (3) Um pedido inesperado e humilde, 9-11; (4) Alternativas mais atraentes, 12; (5) A obediência e a cura completa, 13,14.

c. A conversão de Naamã (5.15-19). Naamã declarou: **Não há Deus senão em Israel** (15). Ele afirmou que, daí por diante, só ofereceria sacrifícios a Deus (17). Aparentemente, sua intenção era usar o solo israelita que havia solicitado (17) para construir um lugar sagrado na Síria para adorar a Deus. Isso reflete o conceito de que Deus deve ser adorado em um lugar especial ou em uma associação com uma nação em particular. Nesse ponto, não há razões para condená-lo, pois muitos israelitas pareciam comparti-

lhar o mesmo ponto de vista. Os profetas, por sua vez, tinham que contrariar essa posição continuamente. Naamã resolveu adorar a Deus, embora os negócios de Estado exigissem que, em certas ocasiões, ele ajudasse o rei da Síria no templo de **Rimom** (18). Esse nome aparece como Ramanu nos textos assírios, onde é um título de Hadade[46].

d. Geazi é atormentado pela lepra de Naamã (5.20-27)

Naamã havia oferecido um presente a Eliseu; porém, o profeta o recusou (15,16). No entanto, sua gratidão era tão grande que ele prontamente deu **dois talentos** (23) de prata a Geazi (US$4.000 – Berk.) supostamente para dois jovens profetas necessitados. Eliseu transferiu a lepra de Naamã para Geazi, não só porque ele havia mentido por razões pessoais, mas o que era ainda pior, seu interesse egoísta por dinheiro havia diminuído a eficiência do ministério de Eliseu para Deus (26,27). Esse incidente se apresenta como uma impressionante advertência a todos os servos do Senhor que colocam os interesses pessoais à frente da causa do Mestre.

6. *Deus Permite que Eliseu Recupere o Machado* (6.1-7)

Nos é estreito (1) quer dizer: esse lugar é muito pequeno. O fato do machado de ferro ou de bronze, que havia afundado, ter subido à superfície foi um completo milagre. Isto é, esse fato não estava ligado a um fenômeno natural, como às vezes algumas pessoas pensam que acontece em alguns milagres bíblicos, e era mais uma demonstração do poder divino. Sua intenção era enfatizar aos jovens profetas que, no conflito com a adoração a Baal, Deus trabalhava a favor deles.

7. *Deus Usa Eliseu em uma Armadilha para os Invasores Sírios* (6.8-23)

Nesse ponto, Keil e Unger estão de acordo ao entender que as invasões sírias descritas nessa passagem ocorreram durante a época de Jorão (3.1), e não mais tarde durante o reinado de Jeú, Jeoás ou Jeoacaz[47]. A vitória, concedida por Deus através de seu profeta, deve ser entendida como o triunfo divino permanente sobre Baal, e tinha a finalidade de que Israel se voltasse inteiramente ao Senhor e aos sírios que haviam sido conquistados para Ele. Dessa forma, toda essa história, embora seja principalmente política e militar, não deixa de ser uma *heilsgeschichte* ou "história de salvação". Devido ao dinâmico ministério de Elias e de Eliseu, as batalhas contra os sírios – que em sua maior parte resultaram em vitórias israelitas – podem ser entendidas como meios de promover a adoração a Deus além das fronteiras de Israel. Devemos observar que nesses enfrentamentos militares Israel não era o agressor.

a. O papel de Eliseu como informante (6.8-14). Liderados pelo seu rei, um grupo de sírios começou a perturbar Israel com incursões guerrilheiras. Eliseu, através da divina revelação, frustrou inúmeras vezes essas invasões ao informar o rei de Israel sobre esses planos. Dessa forma, ele permitiu ao rei **não uma nem duas vezes** (10) evitar a armadilha que os sírios haviam preparado. Quando o rei da Síria soube que Eliseu informava contra eles (11,12) cercou Dotã (13) onde o profeta estava instalado. Furtivamente, à noite, os soldados sírios tomaram posição para estarem prontos na manhã seguinte, a fim de prender Eliseu quando ele saísse da cidade (14). **Dotã** (*Tell Dotha*) está situada cerca de 18 quilômetros ao norte de Samaria.

b. O Senhor castiga os sírios (6.15-23). O servo de Eliseu ficou assustado quando, na manhã seguinte, viu os sírios acampados fora da cidade. A resposta do profeta permanece como um clássico exemplo de confiança e fé em Deus: **Não temas; porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles** (16). Os olhos do servo, então, foram abertos para que enxergasse o exército que Deus havia disponibilizado.

Ao caminhar em direção aos sírios, Eliseu foi cercado por cavalos e carros de fogo (17) e eles foram feridos **de cegueira** (18). Em seguida, Eliseu levou-os a Samaria onde sua cegueira foi removida e tornaram-se hóspedes do rei de Israel (20-23). Eles não foram mortos porque, na verdade, não haviam sido levados como prisioneiros de guerra. Eliseu lembrou ao rei que mesmo, se assim fosse, seria desumano matá-los. Os sírios podiam ver que estavam reunidos com o profeta e o povo do verdadeiro Deus. Foi um ato que levou à paz durante algum tempo, pois **não entraram mais tropas de sírios na terra de Israel** (23).

"Ver o invisível" é a importante e permanente lição dos versículos 13-18. (1) As circunstâncias ameaçadoras, 14; (2) O medo do servo, 15; (3) A fé de Eliseu, 16; (4) A abertura dos olhos, 17; (5) Os **cavalos e carros de fogo** no monte, 17.

8. *Deus Usa Eliseu durante o Cerco de Ben-Hadade a Samaria* (6.24—7.20)

Apesar daquele período de paz, mais tarde, Samaria sofreu um prolongado cerco de Ben-Hadade. Isso ocorreu depois de 845 a.C., durante uma pausa entre os avanços da Assíria. Nesse período, o rei da Síria usou **todo o seu exército** (24), isto é, toda a força de suas tropas contra Israel[48].

A capacidade de Samaria de efetivamente suportar esse cerco reflete a sabedoria da escolha de Onri quando a fortificou para ser a capital do Reino do Norte (cf. 1 Rs 16.24).

a. Condições criadas pelo cerco (6.24-31). O cerco da Síria contra Samaria exauriu o suprimento de alimentos da cidade e até o jumento, um animal impuro, foi usado como comida. **Uma cabeça de um jumento** (25) que era uma das partes do animal menos própria para se comer era vendida por cinqüenta dólares americanos em prata (Berk. Oitenta peças de prata). A **quarta parte de um cabo de esterco de pombas** – que Josefo afirma ter sido usado como alimento em tempos de seca – era vendida por três dólares em prata (Berk. Cinco peças de prata). As mães voltaram-se ao canibalismo. Uma delas se queixou ao rei de que uma outra mulher não cumpriu a sua parte do acordo feito entre elas, quando chegou a vez de comerem o filho da outra (26-29). Quando ele **ia passando pelo muro** (30), rasgou as vestes reais e o povo percebeu que estava vestido com "pano de saco sobre a carne" (Moffatt). O atormentado rei (Jorão) prometeu mandar cortar a **cabeça de Eliseu** (31) em uma indicação de que culpava o profeta por sua provação. Podemos imaginar a razão dessa promessa. O profeta havia aconselhado o rei a não se render aos sírios, arrependesse e confiasse em Deus para a sua libertação.

b. Eliseu declara que o cerco logo terminará (6.32—7.2). Provavelmente em 5.24 está indicado que Eliseu havia se alojado em Samaria onde a "altura" ou "outeiro" (em hebraico, *ophel* ou "colina") pode significar a parte da fortaleza da cidade onde estava localizada a sua casa. Aparentemente, ele tinha o apoio dos **anciãos** (32) em qualquer atitude que tomasse durante o cerco. **Filho do homicida** (32) é uma expressão que

identifica o rei como assassino por causa de sua intenção. Ela foi traduzida simplesmente como "homicida" ou "assassino" nas várias versões. Eliseu tomou precauções para não ser morto pelo servo do rei antes da chegada do monarca (32). Como esse cerco havia sido enviado pelo Senhor, o sentimento expresso por Eliseu significa que só Deus poderia libertá-los (33). Porém, embora essa libertação não fosse merecida, o Senhor é sempre generoso. Sob a direção do Espírito Santo, Eliseu predisse que a escassez de alimentos terminaria no dia seguinte. Os grãos geralmente disponíveis para fazer o alimento, mas até então impossíveis de serem comprados por causa dos preços elevados, seriam vendidos a preços normais (7.1). Um capitão do rei, que havia mostrado sua descrença, foi informado de que testemunharia esse alívio para a cidade, mas **não participaria dele**.

c. Os quatro leprosos (7.3-15). Quatro leprosos, aparentemente isolados em uma casa fora da cidade (Lv 13.46; Nm 5.3; cf. 2 Rs 15.5), decidiram que nada tinham a perder se fossem ao acampamento dos sírios. Eles descobriram que o local estava abandonado (3-5), pois os sírios haviam fugido quando Deus, miraculosamente, **fez com que ouvissem o ruído de um grande exército** (6). O som parecia a aproximação de reforços para Samaria (6,7). Os leprosos voltaram e informaram os guardas da porta de Samaria, pois eram noticias demasiadamente boas para não serem divulgadas (9-11). O rei pensou que fosse uma artimanha dos sírios (12), porém os mensageiros que haviam retornado provaram que sua suspeita era infundada (13-15). O difícil parêntese no versículo 13 reflete, deste modo, o arrazoar dos conselheiros do rei: "Se eles sobreviverem se tornarão parecidos com toda a multidão de Israel que ficou aqui, mas se eles caírem em uma armadilha, ficarão parecidos com toda a multidão de Israel que pereceu" (Berk.).

"Um dia de boas notícias" é o tema dos versículos 3-11. Observamos aqui: (1) Uma desesperada provação, 3; (2) Uma atitude corajosa, 4; (3) Uma grande descoberta, 5-7; (4) Uma satisfação pessoal, 8; (5) o despertar de um senso de dever – **Não fazemos bem; este dia é dia de boas novas, e nos calamos**, 9; (6) As boas novas foram compartilhadas, 10,11.

d. O fim do cerco (7.16-20). O povo aglomerou-se no acampamento sírio, e assim conseguiu o alimento que desesperadamente precisava. E as previsões de Eliseu, a respeito das condições da libertação e da morte do capitão do rei, cumpriram-se plenamente.

9. *Eliseu Ajuda a Sunamita Novamente* (8.1-6)

O relato desse incidente é um exemplo da falta de uma estrita ordem cronológica nesse material sobre Eliseu. A seca de sete anos provavelmente ocorreu quase na metade do reinado de Jorão, antes do profeta curar a lepra de Naamã (5.1-27). A conversa de Geazi com o rei (4,5) mostra que o servo de Eliseu ainda não havia sido atacado pela doença.

Eliseu havia aconselhado a mulher sunamita (4.8-37) a partir para outro país durante a seca. Seguindo esse conselho, ela foi para a Filístia e, lá, permaneceu durante sete anos. Ao retornar, encontrou dificuldade para estabelecer o seu devido direito à propriedade da terra. Geazi, servo de Eliseu, estava com Jorão em Samaria quando a mulher **clamou ao rei pela sua casa e pelas suas terras** (5). O conhecimento que

existia entre ambos foi, sem dúvida, um fator que influiu na atitude do rei de lhe assegurar a reintegração de sua propriedade (6).

10. *Eliseu Visita Damasco* (8.7-15)

Aparentemente, devemos entender que a presença de Eliseu em Damasco se devia à obediência a uma ordem de Deus para "ungir" Hazael como rei da Síria (1 Rs 19.15). Essa determinação foi obedecida por Eliseu. A "unção" pode não ter sido necessariamente uma verdadeira cerimônia em que se derramou o óleo sobre Hazael, mas a designação de Hazael por Eliseu (no período 841-798 a.C.) como sucessor de Ben-Hadade. Em fontes não bíblicas, ele ficou conhecido como alguém que havia usurpado o trono de Damasco[49].

a. A enfermidade de Ben-Hadade (8.7-9). O imenso presente que Ben-Hadade deu a Eliseu indica o grande respeito que o rei sírio nutria por ele. Mais importante ainda, o fato de pedir a opinião de um profeta do Senhor sugere que ele havia ficado bastante impressionado com o poder e a força do Deus de Israel com o passar dos anos. Não podemos afirmar com segurança se ele havia se convertido ao Senhor, mas pelo menos nessa ocasião ele dispensava a Deus uma certa consideração e negligenciava a divindade de sua cidade, Hadade (Baal). **Teu filho** (9) era a maneira do servo expressar a deferência de Ben-Hadade em relação a Eliseu.

b. Eliseu confronta Hazael com seu futuro (8.10-15). Eliseu afirmou a Hazael, um oficial da corte de Ben-Hadade: **o Senhor me tem mostrado que tu hás de ser rei da Síria** (13). Suas palavras: **Vai e dize-lhe: Certamente, não sararás** (10) eram a forma de Eliseu mostrar a Hazael que ele conhecia os seus pensamentos e planos. O profeta sabia que ele mentiria ao rei, pois qualquer outro tipo de mensagem provavelmente colocaria Ben-Hadade de sobreaviso contra os atos que Hazael praticaria no dia seguinte (10,15). Eliseu também confrontou Hazael com a barbaridade cometida contra Israel, da qual ele seria responsável quando se tornasse o rei de Damasco. Ele, entretanto, rejeitou vigorosamente essa acusação: **Pois que é teu servo, que não é mais do que um cão, para fazer tão grande coisa?** (13).

L. O Reinado de Jeorão (R.S.) (848-841 a.C.), 8.16-24 (cf. 2 Cr 21.1-19)

O nome **Jeorão** (16) foi usado nas duas relações dos reis. Às vezes, ele aparece numa forma mais abreviada como **Jorão** (16; cf. 1.17), onde o divino elemento do nome foi eliminado – *Jeho* foi abreviado para *Jo*.

1. *"Ele fez o mal"* (8.17-19).

O mal de Jeorão, ao qual o historiador se refere, foi o de se dedicar ao culto idólatra dos canaaneus. Isso pode ser atribuído, parcialmente, à influência de Atalia, filha de Acabe, com quem Jeorão se casara. Foi através desse casamento que o culto de Acabe e Jezabel, a Baal e Aserá, transformou-se em uma grave ameaça ao povo de Judá. A razão de Deus permitir que esta tribo continuasse, apesar da desobedi-

ência de Jeorão, pode ser encontrada na promessa feita a Davi de que **lhe daria para sempre uma lâmpada a seus filhos** (19).

2. *A revolta de Edom* (8.20-22).

Edom, e também os outros estados vassalos, sempre procuraram a oportunidade de se libertar do jugo de Judá. Essa guerra pode ter sido provocada pela incapacidade de Judá dominar Moabe completamente (3.25-27) e pela preocupação com as invasões assírias no oeste entre 850 e 841 a.C.[50]. **Zair**, (21), de onde Jeorão realizou seu ataque noturno contra Edom, pode ter sido localizada na extremidade sul do mar Morto (cf. Zoar, Gn 13.10), ou na região nordeste de Hebrom (cf. Zior, Js 15.54, cerca de 8 quilômetros de Hebrom). **Libna** (22) estava localizada na fronteira entre a Filístia e Judá, e servia como uma cidade fortaleza que os filisteus conquistaram na época da revolta edomita (cf. 2 Cr 21.16,17). Ela pode ser identificada com *Tell es-Safi* na extremidade ocidental do vale de Elá, ou mais ao sul com *Tell Bornat* no *Uádi Zeita*[51].

3. *Epílogo* (8.23-24).

Os detalhes a respeito das terríveis doenças e da morte violenta de Jeorão foram omitidos pelo historiador (cf. 2 Cr 21.11-15,18,19).

M. O Reinado de Acazias (R.S.). (841 a.C.), 8.25-29 (cf. 2 Cr 22.1-6)

A mãe de Acazias, Atalia é identificada como **filha de Onri** (26; em hebraico, *bat omri*). Essa expressão também significa neta ou descendente do sexo feminino; o contexto exige a tradução "neta".

1. *"Ele Fez o que era Mau"* (8.27)

Novamente, a impiedade do rei foi participar e promover a religião de Acabe e Jezabel.

2. *Guerra contra a Síria por Ramote-Gileade* (8.28,29)

Ramote-Gileade (28) continuava sob o controle da Síria devido às más sucedidas tentativas de Acabe e Josafá de conquistá-la (1 Rs 22.29-36, em torno de 853 a.C.); porém, ela foi violentamente arrebatada dos sírios através dos esforços combinados de Jeorão (R.N.) e Acazias (R.S.), talvez no início do ano 841 a.C. O período de confusão e incerteza que se seguiu depois que Hazael se apossou do trono (veja os comentários sobre 8.15) havia criado um momento oportuno para um movimento contra Ramote-Gileade[52]. **Contra Hazael** (28,29) significa, provavelmente, contra o exército sírio, então sob a liderança de Hazael. O amigável relacionamento entre os dois reis israelitas está refletido na visita de Acazias a Jezreel para ver Jorão, que se recuperava dos ferimentos sofridos na batalha de Ramote-Gileade.

N. Ascensão e Reinado de Jeú (R.N.) (841-814 a.C.), 9.1—10.36

A forte dinastia de Onri deu origem à outra "casa" poderosa no reino do Norte. "A casa de Jeú" permaneceu em Samaria durante quatro gerações (10.30). A usurpação do

trono por ele teve início, e foi fortemente promovida pelos profetas de Deus, com o interesse de uma total eliminação da adoração a Baal no reino do Norte.

1. *Jeú é Ungido* (9.1-10)

Eliseu transferiu para **um dos filhos dos profetas** (1) a ordem de Deus para ungir a Jeú (1 Rs 19.16) que lhe havia sido dada como sucessor de Elias. Ele, um indivíduo capaz e ousado, era o comandante em **Ramote-Gileade** (4,5). **Leva-o** (2) significa leva-o à "câmara interior". Sua principal tarefa como rei seria destruir **a casa de Acabe** (7) e, dessa forma, destituir a dinastia de Onri dentro do propósito de libertar a terra da religião dos canaaneus. Para o significado do versículo 8, veja os comentários sobre 1 Reis 14.10.

2. *Jeú Derrota Jorão* (9.11-37)

A maneira do jovem profeta, sua urgência em penetrar repentinamente na reunião dos oficiais, e talvez sua própria aparência, provocaram o desprezível epíteto de camarada **louco** (11, "este louco") ou "homem louco" (Berk).

Quando Jeú anunciou que fora ungido rei, os oficiais e companheiros expressaram sua aprovação e o proclamaram rei (11-13). Moffatt interpreta o significado da primeira parte do versículo 13 da seguinte maneira: "Então, cada um dos homens correu e colocou o seu manto nos degraus aos pés de Jeú". A Bíblia não informa se a unção de Jeú representava o ponto culminante dos planos que ele havia preparado. Entretanto, essa ajuda profética proporcionou a base para levar adiante a sua conspiração contra Jorão (14).

Jeú saiu vitorioso de seu "golpe de Estado", porque ele manteve o sigilo necessário (15), a rapidez (17-20) e a surpresa (21-24). Quando o rei percebeu que ele pretendia ferilo, **voltou as mãos** e fugiu (23), isto é, ele "se virou e fugiu". Mas Jeú matou o fugitivo Jorão com uma **flecha** (24) bem colocada, e ordenou que o corpo fosse sepultado na vinha de Nabote. O novo rei tinha tomado conhecimento do desprezível incidente de Nabote, quando era um oficial sob as ordens de Acabe (25). A morte de Jorão vingou a vida de Nabote (26; cf. 1 Rs 21.19). Jeú também deu ordem a seus homens para perseguir Acazias, que havia fugido. Eles o encontraram e feriram, não muito longe de Jezreel. Ele conseguiu escapar para **Megido**, 16 quilômetros a oeste, onde morreu. O ex-comandante de Acabe também é responsável pelo terrível destino de Jezabel em Jezreel (30-35). **Pintou em volta dos olhos, e enfeitou a sua cabeça** (30), isto é, "pintou os seus olhos e adornou a sua cabeça". Antes de ser lançada pela janela, ela o lembrou, ou chamou-o de Zinri (31), que também havia cometido um assassinato para conseguir o trono (1 Rs 16.8-10). Aparentemente, esse nome havia se tornado o epíteto de um assassino, semelhante ao de Judas como traidor. Jeú entendeu naquele terrível destino a concretização da profecia que Elias havia proferido a respeito dela (36,37; cf. 1 Rs 21.23). A frase, **que não se possa dizer: esta é Jezabel** (37) parece ser a fórmula da lamentação. Moffatt a interpreta do seguinte modo: "Não haverá ninguém para dizer: ei-la! ei-la!"

3. *Jeú Removeu Baal de Israel* (10.1-36)

É muito difícil justificar os massacres generalizados realizados por Jeú à luz dos padrões cristãos. Até mesmo um dos profetas do Antigo Testamento chegou a julgá-lo porque, aparentemente, ele fora muito longe com suas medidas extremas (Os 1.4,5). Mas não seremos justos com Jeú se ele for julgado sob a luz dos padrões cristãos. O historia-

dor apresenta os extermínios em massa e usa quase o mesmo ponto de vista dos extermínios anteriores feitos pelos cananeus e apresentados no livro de Josué. Ele entendia que a situação exigia medidas extremas; Baal deveria partir, ou Deus os abandonaria.

a. A ajuda dos oficiais (10.1-11). A fim de assegurar o sucesso de seu golpe, Jeú continuou com a habitual eliminação de todos os descendentes masculinos da linhagem real precedente. Sua primeira carta aos oficiais e anciãos de Samaria[53] inteligentemente os forçava a declarar se estavam do seu lado ou se pretendiam apoiar algum membro da família real (3). Embora do ponto de vista militar a vantagem estivesse do seu lado (2), eles respeitavam demasiadamente a habilidade de Jeú para recusarem o seu apoio e responderam: **A ninguém poremos rei** (5). Ele, então, mandou um recado: **Tomai as cabeças dos homens, filhos de vosso senhor, e amanhã a este tempo vinde a mim, a Jezreel** (6). Ao forçar os oficiais de Samaria a matar os filhos do rei, Jeú os manobrava para, aos olhos do povo, levá-los ao seu lado do golpe. Sua razão era: **Eu conspirei contra o meu senhor e o matei, mas quem feriu a todos estes?** (9). **Vós sois justos,** deve ser interpretado como: "Vós sois homens de mente justa" (Moffat).

b. A morte dos parentes de Acazias (10.12-14). Jeú encontrou os familiares do rei de Judá aparentemente a caminho de Jezreel para visitar seus parentes reais. Alguns deles, provavelmente nem todos, seriam descendentes de Acazias através de Atalia, sua mãe, filha de Acabe. Jeú matou a todos eles, sem fazer distinção entre quem era descendente ou não. **A casa de tosquia – Bete-Equede** – a casa em que os pastores tosquiam as ovelhas (12,14 – em hebraico *Beth-eked*) era um lugar com uma cisterna, no caminho de Jezreel a Samaria. Talvez seja uma referência a *Beit-Qad*, cerca de cinco quilômetros ao norte de Jenin.

c. Jonadabe, o recabita (10.15-17). A revolta de Jeú, em uma reação contra o culto a Baal, atraiu o elemento conservador de Israel. Como essa é a primeira referência feita aos recabitas no Antigo Testamento, parece que eles tiveram seu início durante os dias do baalismo de Acabe. Eles formavam um grupo que insistia no modo de vida simples e rude que os israelitas haviam conhecido no deserto quanto estavam a caminho de Canaã (cf. Jr 35.1-11). Apesar das ações positivas de Jeú, não deixa de ser um dia muito triste aquele em que o **zelo de um homem para com o Senhor** (16) é medido pelo número de vidas que ele destruiu.

d. A solene assembléia dos adoradores de Baal (10.18-27). O golpe final de Jeú, para o extermínio do culto a Baal, veio através de uma armadilha. Em nossa luta diária contra a impiedade, devemos ir além das práticas do Antigo Testamento, mas não podemos desobedecer à lei de Deus em nossos esforços para promover a causa divina. Sob o disfarce de uma sanção real, Jeú instituiu um feriado em honra a Baal a ser comemorado no templo desse deus em Samaria. Traga **as vestimentas** (22) pode indicar as vestes especiais usadas durante a cerimônia do culto. No apogeu dos ritos religiosos, ele enviou seus guardas ao templo para matar os adoradores desse deus falso. **Foram à cidade** (25) provavelmente significa "entraram nos aposentos interiores da casa de Baal". A maldade de Jeú contra o baalismo não terminou até que todos os vestígios do templo dessa entida-

de, e também todos os seus pertences, fossem destruídos. Essa completa eliminação é atestada pelo fato de nenhum traço do templo de Baal ter sido encontrado nas escavações em Samaria nas camadas atribuídas à época de Acabe. **Fizeram dela latrinas** (27) significa "fizeram dela uma latrina" (Berk.).

e. Jeú mantém a adoração de Jeroboão (10.28-31). Jeú, entretanto, não foi muito longe em sua reforma religiosa. Ele parou antes de eliminar os **bezerros de ouro** (29) e a adoração que Jeroboão I introduzira em Betel e Dã. Foi a benignidade de Deus que o levou a usar um homem que não o servia de todo o **seu coração** (31). Uma dinastia formada por quatro gerações a partir dele, foi a maneira que Deus utilizou para honrá-lo pela sua importante contribuição ao libertar a terra de Israel da adoração a Baal (30).

f. Epílogo (10.32-36). Durante o período em que ele se estabelecia em Samaria, Hazael, rei de Damasco, invadiu o território de Israel desde o **Jordão, a leste** (33), inclusive Ramote-Gileade,[54] e outras cidades da região. Jeú foi sucedido por seu filho **Jeoacaz** (35)[55].

O. O Reinado de Atalia (R.S.) (841-835), 2 Rs 11.1-20 (cf. 2 Cr 22.10—23.21)

O povo de Judá não exigiu uma ação militar contra Jeú por causa da forte oposição que existia contra o envolvimento político e religioso representado pelo casamento de Jeorão com Atalia, filha de Acabe (8.16). Essa oposição estava refletida na execução de um número considerável de membros da família real e de oficiais da corte (2 Cr 21.4)[56].

Estas execuções, ao invés de eliminarem a oposição, provavelmente serviram para aumentá-la. Atalia percebeu que o movimento do Reino do Norte contra Baal alcançaria, de maneira semelhante, Judá e daria àqueles que sempre se opuseram à adoração a esse deus que ela levara para Jerusalém, a oportunidade de se levantar contra o seu governo. Atalia conseguiu lidar com essa oposição durante seis anos, e o relato de seu reinado poderia ser diferente, se tivesse sido capaz de obter o apoio do sumo sacerdote, Joiada.

1. *Jeoseba Salva Joás* (11.1-3)

"Vida por vida" era o curso de ação de Atalia. Toda a **semente real** (1) refere-se aos filhos de Jeorão dos quais ela não era a mãe. Esse conceito atingiria o primogênito de Josafá ou qualquer outro membro da linhagem de Davi. Ela tinha a intenção de eliminar todos os pretendentes ao trono. Jeoseba (2) era tia do infante Joás, a quem ela rapidamente afastou e escondeu na **casa do Senhor** (3). Ela também era mulher de Joiada (2 Cr 22.11).

2. *Joás é Coroado* (11.4-12)

Joiada havia planejado, com cuidado e inteligência, o momento de retirar Joás do esconderijo, para que, desta forma, pudesse derrubar Atalia e seu culto a Baal. Ele conquistou a confiança dos **capitães e dos da guarda** (4), isto é, dos guardas do palácio, e eles juraram manter segredo sobre seus planos (4-8). Ele contava com a ajuda dos sacerdotes que tinham ido a Jerusalém para cumprir os seus deveres religiosos (9; cf. 2 Cr 23.4), e distribuiu entre eles as armas do Templo usadas nas ocasiões oficiais (cf. 1

Rs 10.16,17; 14.25-28). Os **escudos de Davi:** (10) significa que eles acompanhavam a tradição do uso dos escudos que Salomão preparou com os espólios de guerra de Davi[57]. **Entrar entre as fileiras** (8) significa: "qualquer um que se aproximar das fileiras". No dia determinado, Joás, então com sete anos de idade, foi proclamado rei, acompanhado de palmas e brados. A sua coroação foi celebrada sob a autoridade do sumo sacerdote (12; cf. Êx 29.6,7; Lv 8.9,10). **O testemunho** (12) era talvez um amuleto ou algum documento escrito que simbolizava a Lei e, dessa forma, associava a aliança de Deus com a dinastia de Davi.

3. *Joiada Derruba Atalia* (11.13-16)

Os planos de Joiada foram bem preparados. Além disso, Joiada e Joás estavam do lado do Deus de Israel. Atalia, aparentemente tomada de surpresa, correu ao Templo em um frenético esforço para assumir o controle. Seu desespero era evidente pela forma como ela rasgou as vestes, e pelos seus lancinantes gritos: **Traição, Traição** (14). Ela foi presa e, como adoradora de Baal e assassina dos herdeiros reais, exceto Joás (11.1-2), foi morta fora do Templo, para que este não fosse profanado (15,16).

4. *Joiada Restabelece o Pacto* (11.17-20)

Era necessário restabelecer o pacto entre Deus e o reino de Judá porque o governo de Atalia havia causado uma ruptura na linhagem de Davi e no pacto. A **casa de Baal** (18), que foi destruída, mostra a extensão com que o culto a este deus havia sido estabelecido durante a presença de Atalia em Jerusalém. Joiada também nomeou vários **oficiais sobre a casa do Senhor** (18) e reorganizou suas desordenadas atividades. A palavra **capitães** (veja também 4 – em hebraico *carites*) pode ser entendida como um desenvolvimento posterior dos quereteus que faziam parte do corpo real de guarda-costas (cf. 2 Sm 8.18; 1 Rs 1.38). É possível que eles fossem os caritas ou um grupo asiático conhecido através de fontes não bíblicas, e serviam como mercenários[58].

P. O Reinado de Joás (R.S.) (835-796 a.C.), 12.1-21 (cf. 2 Cr 24.1-27)

Joás (ou Jeoás, 1, em algumas passagens, como uma variação ortográfica) começou seu reinado como um menino-rei. Nada se sabe sobre sua mãe, exceto seu nome e sua cidade, **Zíbia, de Berseba** (1). Nos primeiros anos, pelo menos, o poder que estava por trás do trono encontrava-se nas mãos de **Joiada, o sumo sacerdote** (2). Enquanto ele viveu, o reinado de Joás foi caracterizado pela justiça, exceto quanto ao insucesso de remover os **lugares altos** (2,3; cf. 2 Cr 24.15-22). Devido aos esforços de Joiada, na ocasião em que Joás foi feito rei, a terra de Judá ficou livre da pecaminosa adoração a Baal, e assim permaneceu até a sua morte.

1. *Joás Insiste na Reparação do Templo* (12.4-16)

A religião de Baal, introduzida por Atalia, havia ocasionado uma séria negligência em relação aos serviços e a adoração no Templo. A rainha, de fato, era a responsável por uma considerável destruição do ambiente sagrado e de seus objetos, e pelo confisco de ofertas destinadas a Deus, que ela reverteu para a causa de Baal (2 Cr 24.7).

a. Joás confia aos sacerdotes a tarefa de reparar o Templo (12.4-8). Os recursos destinados aos sacerdotes e à manutenção do Templo normalmente provinham de três origens: (*a*) **o dinheiro daquele que passa** (4), isto é, o dinheiro da análise do censo (Ex 30.13); (*b*) **o dinheiro de cada uma das pessoas,** o dinheiro da alma ou da redenção (cf. Nm 18.15,16); e, (*c*) **o dinheiro que trouxer cada um voluntariamente,** as ofertas espontâneas. Os sacerdotes deveriam utilizar esses recursos para reparar o Templo. O fato de terem deixado de fazer esses reparos quando Joás já tinha chegado aos vinte e três anos não indica necessariamente que houve uma apropriação indébita. Parece, antes, que os proventos esperados, através das fontes naturais, não eram tão elevados quanto o necessário, e que os sacerdotes talvez não tivessem sido muito cuidadosos a respeito da apropriação do dinheiro para seu uso pessoal, como deveriam ser. "**Conhecidos**" (5,7) significa "eleitores" ou "apoiadores" (Berk.).

b. O uso da caixa de coleta (12.9-16). O plano convencionado entre Joás e os sacerdotes era o de usar uma arca (ou caixa) do lado direito do altar para coletar as ofertas para o Templo (9). **Contavam e ensacavam o dinheiro** (10) quer dizer que ele era contado e guardado. Trabalhadores foram contratados especificamente para as obras de reparação (11,12). A caixa e a nomeação dos funcionários chamaram a atenção para a necessidade da reparação do Templo. As ofertas aumentaram e os trabalhos foram concluídos, o que serve para ilustrar que, quanto mais específica é uma necessidade, mais pessoas estão dispostas a contribuir. Alguns pensaram que existisse uma discrepância entre as afirmações do versículo 13 e 2 Crônicas 24.14 em relação à elaboração da mobília do Templo – **taças de prata, garfos, bacias, trombetas, vaso de ouro ou vaso de prata** (13). O problema ficou resolvido quando entenderam que a declaração em Reis aplica-se ao período dos trabalhos de reparação, e a de Crônicas refere-se ao período depois que os reparos foram concluídos.

2. *Joás Paga Tributos a Hazael* (12.17,18)

Depois de conquistar a Transjordânia e chegar até o monte Arnom (10.32,33), Hazael continuou a sua expedição em direção ao oeste e depois para o sul, ao longo da costa do Mediterrâneo. A conquista de **Gate** (17) tinha aparentemente a finalidade de controlar o comércio com o Egito no sul, ao longo da costa no norte e no interior, até Jerusalém. A sua ameaça contra Jerusalém (cf. 2 Cr 24.23,24) foi interrompida quando ele recebeu de Joás os tesouros do Templo e do palácio como tributos à sua pessoa (cf. 1 Rs 15.18). Não está claro se isso significa que a nação de Judá tornara-se vassala, na obrigação, portanto, de lhe pagar esses tributos.

3. *Joás é Morto* (12.19-21)

As razões da conspiração contra Joás não foram explicadas nos livros dos Reis. Podemos supor, com base em 2 Crônicas 24.15-22, que ele havia contrariado os interesses da religião quando se voltou para o culto a Baal depois da morte do sumo sacerdote. Ao ser condenado devido a esse ato por Zacarias, filho de Joiada, ordenou que este fosse apedrejado. A expressão **casa de Milo** (20) possivelmente seja uma referência a uma estrutura construída sobre uma plataforma de terra batida (veja os comentários sobre 1 Rs 9.15), provavelmente localizada na região noroeste da cidade de Davi. O local chamado **Sila** não pôde ser identificado; talvez esta seja uma referência a um bairro da cidade.

Q. O Reinado de Jeoacaz (R.N.) (814-798 a.C.), 13.1-9

Depois da eliminação do culto a Baal, levada a efeito no reino do Sul, a atenção é dirigida novamente ao Reino do Norte. Em 13.1 e 13.10 existem certas diferenças nas informações que servem para fazer a sincronização entre os governos de ambos os reis. A afirmação em 13.1 diz que Jeoacaz (R.N.) começou a reinar no vigésimo terceiro ano de Joás (R.S.), e que reinou durante **dezessete anos**, e dar a entender que Jeoacaz reinou até o trigésimo nono ou possivelmente até o quadragésimo ano de Joás. Entretanto, o versículo 13.10 declara que ele morreu e que seu filho Jeoás (R.N.) veio a sucedê-lo no trigésimo sétimo ano de Joás (R.S.). Esse último versículo, portanto, indica que o reinado de Jeoacaz teve uma duração de quinze ou talvez quatorze anos.

Foram apresentadas diferentes sugestões como soluções plausíveis para esse problema. Uma delas é que o versículo 13.1 deveria ser corrigido e interpretado como quinze anos para o reinado de Jeoacaz – uma proposta feita por Keil, entre os primeiros comentaristas, e de Albright, dentre outros, nos últimos anos. Outra sugestão é que o versículo 13.1 está correto e que o texto do 13.10 deveria ser corrigido com base em evidências encontradas em manuscritos gregos que mencionam o trigésimo nono ano do reinado de Joás como o ano em que Jeoacaz morreu. Ainda outra possibilidade foi apresentada por Gray e outros, os quais afirmaram que o versículo 13.1 foi escrito sob o ponto de vista de uma co-regência, e 13.10 sob o ponto de vista de um reinado integral ou independente.

1. *O ímpio reinado de Jeoacaz.* O reinado de Jeoacaz, filho de Joás, deu continuidade aos mesmos **pecados de Jeroboão** (2); portanto, estava condenado. **E também o bosque ficou em pé em Samaria** (6) ou "Aserá também reinava em Samaria". Em nenhum lugar está escrito que Jeú destruiu o "bosque" ou a Aserá de Acabe (1 Rs 16.33).

2. *O frágil e ineficiente reinado de Jeoacaz.* Ele foi incapaz de impedir que Hazael, livremente, aniquilasse e conquistasse partes de Israel (3). Seus domínios ficaram reduzidos quase que somente à região montanhosa de Efraim. O tamanho do exército que o rei sírio enviou (7) reduziu Israel a uma humilhação sem precedentes[59]. Os "salvadores" prometidos, para buscar o Senhor (4,5), seriam os sucessores de Jeoacaz, Joás e Jeroboão, que foram capazes de libertar Israel da opressão Síria, e restaurar o seu prestígio.

R. O Reinado de Jeoás (Joás) (R.N.) (798-782 a.C.), 13.10-25; 14.15,16

O relato sobre o reinado de Jeoás é diferente dos outros. O prólogo (10,11) é imediatamente seguido pelo epílogo (12,13), que também é repetido com pequenas variações (14.15,16). A parte principal dos dados sobre esse reinado vem depois do epílogo (14.24)[60].

1. *A Enfermidade e a Morte de Eliseu* (13.14-21)

Joás visitou Eliseu devido ao grande respeito que tinha pelo profeta, que estava próximo de falecer. A sua saudação: **Meu pai, meu pai, carros de Israel e seus cava-**

leiros! (14), foi a exclamação que o profeta pronunciou na ocasião em que Elias foi levado ao céu (2.12). O fato de Joás utilizar esta expressão é uma indicação de que ele reconhecia a proximidade da morte de Eliseu. A ordem relacionada ao uso **do arco e das flechas** (15) estava relacionada com a Síria, que era a nação que oprimia Israel. Uma flecha lançada em direção ao oriente simbolizava a vitória **em Afeca** (17); as setas lançadas ao solo simbolizavam a vitória de Israel sobre a Síria (18).

Eliseu **se indignou muito contra Joás** (19), por saber que confiar e se apoiar em outras nações era uma atitude errada. Era necessário ter uma completa confiança em Deus para que fossem ajudados contra as nações estrangeiras que procuravam oprimir Israel. O poder miraculoso associado aos ossos de Eliseu (20,21) tinha a finalidade de mostrar a Joás que o poder do Deus de Israel seria manifestado na vitória sobre a Síria, mesmo após a morte do profeta.

2. *As Vitórias de Jeoás sobre a Síria* (13.22-25)

Hazael (841-798 a.C.) foi sucedido por seu filho Ben-Hadade (798-733), de quem Jeoás foi capaz de recuperar cidades e territórios que **Hazael** (22) havia anteriormente tomado de Israel (24,25). As **três vezes** (25) que Jeoás derrotou Ben-Hadade e retomou as cidades de Israel sugerem que estas aquisições territoriais tinham uma extensão considerável, ou seja, a Transjordânia, as terras altas da Galiléia e o território situado a noroeste de Samaria que Jeoacaz havia perdido para Hazael[61]. Suas vitórias representaram um cumprimento parcial da promessa dos "salvadores" para o alívio de Israel (13.4,5). A palavra **ainda** (23), usada pelo historiador, reflete a expressão da bondade de Deus para com Israel. A versão RSV em inglês traduz esta passagem da seguinte forma: "até o momento, ainda não os lançou da sua presença".

S. O Reinado de Amazias (R.S.) (796-767 a.C.), 14.1-14,17-22 (cf. 2 Cr 25.1-28)

A Bíblia Sagrada não indica a natureza da conspiração contra Jeoás, pai de Amazias. Ela foi instigada por um partido de oposição, como foi sugerido acima (veja os comentários sobre 12.19,20) e, aparentemente, estava dirigida à pessoa de Jeoás e não contra a "casa de Davi".

1. *O Prólogo* (14.1-6)

Novamente a afirmação: **E... fez o que era reto aos olhos do Senhor** (3; cf. 2 Cr 25.14-16), é difícil de compreender (cf. 12.2). Ela, provavelmente, se aplica à tentativa de evitar o pecado específico da adoração a Baal.

O **livro da lei de Moisés** (6) é uma segunda referência à forma escrita da lei mosaica (cf. 1 Rs 2.3). Este livro, encontrado no Templo e lido publicamente, era a base para as reformas de Josias (2 Rs 22–23). Embora a análise literária possa estar correta ao atribuir essas referências ao historiador, e não às suas fontes analíticas, isso não quer dizer que o livro, ao qual a referência foi feita, seja tão posterior (ou aproximadamente posterior) à menção feita a ele. A passagem citada do livro da lei para explicar a ação leniente de Amazias em relação aos filhos daqueles que conspiraram contra o seu pai, foi Deuteronômio 24.16.

2. *A Campanha Edomita* (14.7)

Um considerável número de detalhes foi incluído em 2 Crônicas 25.5-13, relacionados ao avanço de Amazias contra Edom, e que, também, são importantes para o incidente de Bete-Semes (11-14). O rei de Judá tinha a intenção de trazer Edom novamente para o seu controle, porque os edomitas haviam se revoltado contra Jeorão, seu pai (8.20-22). Ele começou com um grande contingente do reino do Norte, o qual recebeu a recomendação de um profeta antes de entrar na batalha contra Edom (2 Cr 25.6-10). Em seguida ele prosseguiu, com o objetivo de submeter os edomitas a uma sonora derrota o que, aparentemente, transformaria novamente Edom em um estado vassalo de Judá.

O vale do Sal (7) é, provavelmente, *es-Sabkha*, uma planície salgada e estéril a oeste do mar Morto, localizada em território edomita. **Sela** é o nome da capital (cf. Is 16.1), a famosa Petra. Trata-se de uma fortaleza construída sobre uma rocha de cor rosa-avermelhada, cerca de 80 quilômetros ao sul e a oeste do mar Morto, cuja entrada é feita através do impressionante *canyon* de calcário (chamado Siq) do *Uádi Musa*. O nome **Jocteel** ocorre em Josué 15.38, e refere-se a uma colônia nas planícies de Judá. Talvez esse nome tenha tido a finalidade de representar um epíteto humilhante, por usar o nome de uma vila pouco conhecida para a orgulhosa capital de Edom (cf. Ob 1-4).

3. *Jeoás (R.N.) Derrota Amazias* (14.8-14)

Os detalhes de 2 Crônicas 25.1-13 fornecem um proveitoso cenário para se entender o choque que ocorreu entre os dois Reinos israelitas em Bete-Semes. O comunicado oficial de Amazias a Jeoás: **Vem, vejamo-nos cara a cara** (8) era, na realidade, uma declaração de guerra contra o reino do Norte. Não há dúvida de que ele foi provocado pelas invasões das cidades de Judá, feitas pelos soldados de Jeoás que haviam sido contratados; porém, logo depois despedidos por Amazias (cf. 2 Cr 25.10,13).

A fábula de Jeoás (cf. Jz 9.7-15) sugeria a Amazias que reconsiderasse seus conceitos, e que a sua vitória sobre os edomitas o havia tornado presunçoso (8-10). A superioridade militar de Jeoás logo ficou evidente na batalha de Bete-Semes, e ele não só derrotou a Amazias de uma forma esplendorosa, como também perseguiu o seu exército até Jerusalém, derrubou uma considerável porção da parte norte do muro da cidade, e saqueou os tesouros do Templo e do palácio (11-14). O nome **Bete-Semes** (11; *Tell er-Rumeileh*) foi propositalmente distinguido de Bete-Semes de Naftali (Js 19.38; Jz 1.33); ela estava localizada na estrada principal que ia de Jerusalém a Asdode, quase 40 quilômetros a oeste da capital de Judá, e 24 quilômetros ao norte de Laquis[62].

4. *Amazias – Vítima de Conspiração* (14.17-22)

A conspiração contra Amazias tem sido atribuída à oposição por causa de sua incompetência nas batalhas contra Jeoás. Porém, o texto em 2 Crônicas 25.27 indica que a verdadeira razão era a sua apostasia. Ele foi assassinado por certas pessoas anônimas em Laquis, depois de uma perseguição (19). Esta cidade (a moderna *Tell ed-Durveir*) está localizada a sudoeste de Jerusalém, cerca de 24 quilômetros ao sul de Bete-Semes. Depois do sepultamento de Amazias, o povo aclamou Azarias como o novo rei. Vamos observar apenas um evento aqui. Ele foi capaz de recuperar o controle de Elate (22; na área de Eziom-Geber).

T. O Reinado de Jeroboão II (R.N.) (782-753 a.C.), 14.23-29

O longo reinado de Jeroboão II foi um dos mais fortes e prósperos do Reino do Norte. Ele era um competente líder militar e sábio administrador, exatamente como seu pai Jeoás. Teve muito sucesso ao recuperar territórios israelitas adicionais das mãos dos sírios. A partir das mensagens de Amós, Isaías e Oséias ficou claro que o Reino do Norte alcançou o ápice de seu poder comercial e político sob o seu reinado. No mesmo período, devido a um momento de paz que havia se instalado entre os reinos, e à sábia liderança de Azarias, Judá também gozou a mesma prosperidade material.

1. *Jeroboão Praticou a Impiedade* (14.24)

A impiedade praticada por Jeroboão foi identificada pelo endosso e continuação da falsa religião iniciada por **Jeroboão, filho de Nebate** (24).

2. *Jeroboão Restaura a Fronteira de Israel* (14.25-28)

Jeroboão foi capaz de restabelecer os **termos** (fronteiras) **de Israel** (25) ao norte e a leste, e igualou-a aos limites estabelecidos por Davi (cf. 2 Sm 8.1-14; 1 Rs 4.21). Ele recuperou áreas que ainda estavam sob o controle dos sírios – o território que Ben-Hadade havia tomado de Baasa pouco mais de cem anos antes daquela ocasião (cf. 1 Rs 15.20). Ele também conquistou o sul da Transjordânia e chegou talvez até o *Uádi el-Hesa* (Zerede), isto é, a fronteira entre Moabe e Edom. **O mar da Planície** (25) é uma referência ao mar Morto. **Jonas** é identificado como o profeta do livro de igual nome. **Gate-Hefer** (Js 19.13) é geralmente identificada com *al-Meshed*, uma vila ao norte de Nazaré. A última parte do versículo 26 pode ser interpretada da seguinte forma: "Nada havia restado, que estivesse preso ou livre, e não havia alguém para ajudar Israel". Jeroboão, como "salvador" de Israel (27), cumpriu uma profecia anteriormente pronunciada durante a época de Jeoacaz (13.5).

U. O Reinado de Azarias (R.S.) (767-740 a.C.), 14.22; 15.1-7 (cf. 2 Cr 26.1-23)

Azarias é chamado de Uzias em 2 Crônicas 26 e em Isaías 1.1; 6.1. Não se sabe como esses dois nomes tão diferentes foram usados para designar o mesmo rei. Acredita-se que esse uso seria intercambiável, porque têm um significado inter-relacionado: Azarias significa "Jeová ajuda", e Uzias quer dizer "Jeová fortalece". Mais uma vez um importante reinado é tratado com brevidade pelo historiador, e será necessário voltar a 2 Crônicas 26.1-23 para obtermos maiores informações.

1. *Prólogo* (15.1-4)

Azarias fez o que era reto, como Joás (12.2) e Amazias (14.3), exceto que **os altos se não tiraram** (4). Parece que ao fazer a avaliação dos reinados de Judá, o historiador novamente escreveu, ao ter em mente a adoração a Baal. A presunçosa oferta de Azarias ao Templo (2 Cr 26.16-19) pode ter sido um desenvolvimento do culto estranho que ocorreu em seus anos posteriores.

2. *A Expansão Militar e Comercial de Azarias* (14.22)

Essa breve referência a **Elate** nos dá uma idéia a respeito da maneira como Azarias desenvolveu o comércio de Judá. Esta era a cidade-porto de Salomão situada no golfo de Ácaba (1 Rs 9.26). O rei a levou de volta ao controle do Sul ao derrotar os edomitas (14.70). O fato de ter sido capaz de realizar essa façanha está explicado em 2 Crônicas 26.6-15, que descreve a poderosa máquina de guerra que Judá havia se tornado sob Azarias. Dessa forma, seu reino se igualou ao de Jeroboão, no Norte, não só cronologicamente, como também em termos de poder e prosperidade.

3. *A Lepra de Azarias e a Co-regência* (15.5-7)

A lepra de Azarias está explicada em 2 Crônicas 26.16-20 como um castigo de Deus sobre ele por causa de seus atos presunçosos no Templo. Sua moradia em uma **casa separada** (5), fora da cidade, estava de acordo com as leis relativas à lepra (Lv 13.45,46). Sua condição de leproso, que exigia um isolamento da sociedade, explica a nomeação de seu filho **Jotão** para estar sobre a casa, isto é, ele "administrava os funcionários do palácio e governava a nação" (Moffatt). Ele morreu e foi sucedido por este seu filho.

V. A Fraqueza do Reino do Norte, 15.8-31

O final do Reino do Norte aproximava-se depois da morte de Jeroboão II, embora tivesse alcançado o apogeu político e material sob seu reinado. Inúmeros fatores contribuíram para essa derrocada – entre eles a falta de um rei forte e as investidas assírias no oeste. Mas nenhum deles foi tão crucial como a desobediência e sua conseqüente decadência moral.

1. *O Reinado de Zacarias,* 753-752 (15.8-12)

A conspiração de Salum foi acompanhada por uma mudança na dinastia, a primeira entre várias outras que aconteceram no breve período de vinte anos. **Jabes** (10) pode ser mais uma designação geográfica do que um nome de pessoa. A morte de Zacarias e a subseqüente perda do trono para a "casa de Jeú" foram o cumprimento de uma profecia anterior (12; cf. 10.30).

2. *O Reinado de Salum,* 752 (15.13-16)

Salum foi incapaz de unir os grupos políticos, e foi assassinado. Porém o assassino tirou esta idéia de um ato que o rei havia praticado no ano anterior. **Tifsa** (16) é o nome de uma cidade que ficava no extremo norte do reino de Salomão (1 Rs 4.24), e talvez seja *Sheikh Abu Zarad*, localizada cerca de 13 quilômetros ao sul de Siquém. Ao saqueá-la, por não lhe ter oferecido apoio, Menaém tornou-se culpado de um ato bárbaro contra o seu próprio povo, semelhante àquele que Eliseu havia previsto que Hazael praticaria contra Israel (8.12).

3. *O Reinado de Menaém*, 752-742 a.C. (15.17-21)

O reino do Norte debatia-se em dificuldades por causa de ambiciosos usurpadores, em uma época em que mais necessitava de uma excelente liderança. O exército assírio,

sob Salmaneser (858-824) e Hadade-Nirari (805-782 a.C.), constantemente invadia a região oeste e sul em direção ao Egito. Sua expansão a oeste durante o reinado de Tiglate-Pileser III (745-727) e de seus sucessores, havia envolvido o reino do Norte. **Pul, rei da Assíria** (19) é o nome hebraico para o termo babilônio *Pulu*, uma abreviatura de Tiglate-Pileser que cobrou um pesado tributo de Menaém. **Mil talentos de prata** seriam US$2.000.000 (Berk). A fim de levantar o dinheiro desse tributo, o rei de Israel cobrou US$2.000 em prata de cada homem rico (20, Berk. Cinqüenta siclos de prata)[63]. **Para que sua mão fosse com ele** (19), isto é, "para que ele pudesse ajudar a confirmar a posse do poder real".

4. *O Reinado de Pecaías*, 742-740 a.C. (15.23-26)

O trono foi ocupado por Pecaías, filho de Menaém; porém, aqueles que se opunham fortemente à política de submissão ao jugo assírio, particularmente os mais abastados, procuraram um outro rei. O homem escolhido era Peca, um capitão do exército que havia liderado um contingente de gileaditas contra o palácio. Peca assassinou Pecaías e **reinou em seu lugar** (25).

5. *O Reinado de Peca,* 740-732 a.C. (15.27-31)

Peca foi confrontado com a invasão do exército assírio de Tiglate-Pileser e perdeu para ele o precioso território (29) que Jeroboão II havia reconquistado. Além disso, nessa ocasião o seu povo ficou sujeito à nova política assíria de tomar prisioneiros de guerra, e os israelitas dessa região foram levados como cativos para a Assíria (29; cf. 17.6). Por causa desses acontecimentos, manifestações de agitação e insatisfação deram ensejo a uma outra conspiração. Oséias matou Peca para assumir, não o papel de rei, mas de um vassalo da Assíria.

6. *Os Eventos Finais do Reino do Norte*

É difícil acompanhar os eventos finais do Reino do Norte somente através das informações contidas em 15.27–17.1. Esses eventos faziam parte de relacionamentos internacionais que foram mencionados de forma sucinta e indireta. Como agora se tornaram conhecidos através de fontes não bíblicas, os eventos registrados em 15.32–16.18 ocorreram antes daqueles que foram descritos em 15.29; na verdade, as informações contidas em 15.32–16.18 ajudam a explicar os eventos descritos em 15.29.

a. A Assíria sob Tiglate-Pileser III. Seu reinado colocou um ponto final em um período de fraqueza da Assíria, o inimigo do norte de Israel. Entre os detalhes contidos nos seus registros de suas façanhas, há referências à derrota de uma coalizão liderada por *Azriyahu de Jaudi* ("Azarias, o judeu"), o único governante de uma nação forte entre os estados pequenos da costa oriental do Mediterrâneo daquela época[64]. Isso aconteceu em 743 a.C., o mesmo ano em que Tiglate-Pileser impôs um tributo sobre Menaém (15.19) que, provavelmente, fazia parte da coalizão contra a Assíria formada por Azarias.

b. A aliança Peca-Rezim. Peca, do Reino do Norte, formou uma aliança com Rezim da Síria em um aparente movimento contra a Assíria. A formação dessa coalizão e a invasão de Judá (16.5; cf. Is 7.1-17) aconteceram enquanto Tiglate-Pileser conduzia uma campa-

nha em Urartu (737-735 a.C.)[65]. Peca e Rezim haviam, aparentemente, coagido a Filístia e Edom a se unirem à aliança e, da mesma maneira, tentaram obter a participação de Judá (cf. 15.37). Mas Jotão foi inflexível e não concordou. Eles, então, seguiram com seus exércitos contra o Reino do Sul durante o reinado de Acaz na assim chamada guerra siro-efraimita (16.5; Is 7.1,2). Como Judá havia se recusado a participar da coalizão, aparentemente desejavam tornar essa nação ineficaz, já que era um possível aliado da Assíria. Acaz foi capaz de suportar o ataque lançado contra ele, e enviou mensageiros com grandes dádivas a Tiglate-Pileser (16.7-9).

c. Tiglate-Pileser Intervém a Favor de Judá. É provável que Tiglate-Pileser tenha acolhido com agrado a esplêndida oportunidade que se lhe oferecia de avançar para o oeste. Ele marchou contra a Síria (16.9) e, depois, contra o Reino do Norte em 734 a.C., anexou esse território como parte de seu império e levou os prisioneiros de guerra (15.29). Dessa forma, sob uma ampla perspectiva histórica, o ataque de Tiglate-Pileser contra o Reino do Norte durante o reinado de Peca é considerado uma ajuda concedida a Judá, ao atender um pedido de Acaz. Entretanto, isso custou alguma coisa ao rei de Judá que, aparentemente, foi obrigado a introduzir a religião assíria na adoração de Judá no Templo (16.10-18). Os acontecimentos dos anos seguintes levaram à rápida decadência do Reino do Norte. O golpe fatal foi desferido por Salmaneser V.

W. O Reinado de Jotão (R.S.) (740-732 a.C., co-regente a partir de 750), 15.32-38 (cf. 2 Cr 27.1-8)

Jotão é outro rei que foi avaliado como alguém que fez o que era reto aos olhos do Senhor, mas, que, também, não removeu **os lugares altos** (35). Ele se dedicou a uma considerável atividade de construção (2 Cr 27.3,4). A **Porta Alta** não foi identificada, cf. Jr 20.2 e Ez 9.2. Ele conduziu vitoriosas campanhas militares e alcançou a reputação de ser um rei poderoso (2 Cr 27.5,6). A presença de um exército bem desenvolvido, que Jotão havia recebido como herança de Acaz, explica em parte como Peca e Rezim não conseguiram tomar Jerusalém (16.5). Por ter se recusado a participar de um bloco contra a Assíria, ele precisou enfrentar um ataque permanente de **Rezim, rei da Síria**, e de **Peca**, de Israel (37).

X. O Reinado de Acaz (R.S.) (732-716 a.C.), 16.1-20 (cf. 2 Cr 28.1-27)

O povo de Judá havia experimentado prosperidade e sucesso sob a vigorosa liderança de Azarias e Jotão. Os pecados da luxúria e a despreocupação das classes governantes foram veementemente condenados por Isaías (cf. 2–6) e outros profetas. Durante o reinado de Acaz a iniqüidade e a incredulidade transformaram-se em uma ultrajante idolatria, particularmente em relação ao próprio rei. Dessa forma, o ataque sírio-israelita aconteceu como um juízo divino sobre a pecadora Judá (15.37; 2 Cr 28.5-7). O apelo de Acaz aos assírios pode ser entendido como um ato arrogante de um rei generoso que se recusava a entender "os sinais dos tempos" cujo propósito era levá-lo ao arrependimento.

1. *Prólogo* (16.1-4)

Acaz dedicou-se ao culto a Moloque, isto é, começou a realizar sacrifícios humanos **e até a seu filho fez passar pelo fogo** (3). Tal procedimento, imitado anos mais tarde pelos israelitas, era sempre fortemente condenado pelos profetas (23.10; cf. Jr 7.31 e Ez 16.21). Não há uma indicação sobre quando Acaz ofereceu seu filho a Moloque. Ele pode ter recorrido a essa prática na época do cerco sírio-efraimita de Jerusalém, na esperança de que esse sacrifício pudesse ser tão efetivo para ele como parecia ter sido para Mesa, rei de Moabe (cf. 3.25-27).

2. *Acaz é Sitiado por Rezim e Peca* (16.5-9)

Aparentemente, esse cerco continuou durante um período considerável de tempo. A estratégica localização de Jerusalém, assim como as bem desenvolvidas forças de Judá, tornaram impossível aos dois reis conquistarem a cidade (5). Considerações históricas e textuais permitem interpretar "edomitas" como os **siros** (6), que se aproveitaram da preocupação de Acaz com Rezim e Peca para assumir o controle de Elate.

Acaz enviou mensageiros a Tiglate-Pileser (7) com ouro e prata dos tesouros do Templo e do palácio para persuadi-lo a ajudar Judá que estava sob o ataque da Síria e de Israel. Estes bens materiais haviam sido acumulados como ofertas ao Templo e rendimentos públicos do palácio, embora anteriormente esses valores tivessem sido exauridos por várias vezes de forma semelhante (1 Rs 14.26; 15.18; 2 Rs 12.18). Tiglate-Pileser tinha suas próprias razões para ajudar Judá, e assim **subiu contra Damasco e matou Rezim** (9; cf. também 15.29). **Quir** é o nome da localidade original dos sírios, em alguma área ao norte da Mesopotâmia ou da Armênia.

3. *Acaz Copia um Altar em Damasco* (16.10-20)

Acaz fez uma visita oficial a Damasco, aparentemente obrigado por Tiglate-Pileser (10), onde viu um altar que despertou a sua imaginação. Ele enviou **o desenho e o modelo do altar** a **Urias** para que uma cópia fosse erguida no pátio do Templo. **Antes que o rei Acaz voltasse** (11), isto é, antes que ele retornasse a Jerusalém. É difícil determinar com precisão o significado desse acontecimento. Uma sugestão poderia ser que o uso desse altar, e outras mudanças no Templo (17,18), indicassem concessões religiosas feitas como símbolo da disposição de Acaz de aceitar a política assíria. Não se pode afirmar com segurança se isso envolvia alguma forma de culto (por exemplo, a adoração às estrelas, a Tamuz ou a Marduque). **A cobertura do sábado** (18) parece ser algum tipo de proteção àqueles que compareciam aos serviços. **Por causa do rei da Assíria**, isto é, "devido ao rei da Assíria" (Berk). Com seu passado de culto a Moloque, Acaz não teria se perturbado em incluir características da Mesopotâmia em seu repertório religioso. Com a morte de Acaz, **seu filho, Ezequias, reinou em seu lugar** (20).

"Colocou Deus em segundo lugar": esta atitude está ilustrada nos versículos 10-16. (1) Acaz viu um novo altar em Damasco, 10; (2) mandou fazer uma cópia para colocar no Templo do Senhor, 11; (3) colocou o novo altar no lugar do altar do Senhor, 12-14; (4) passou a oferecer sacrifícios diários no altar de um falso deus, 15; (5) Ele mantinha o altar de cobre do Senhor com a finalidade de receber orientações nas situações de emergência, 15.

Y. O Reinado de Oséias (R.N.) (732-723/22 a.C.), 17.1-6

O reinado de Oséias foi o último de Israel. Durante seu governo, a nação de Israel foi esmagada pelos impacientes reis sírios. Seu colapso deixou Judá como o único reino israelita da Palestina.

1. *Prólogo* (17.1,2)

Os nove anos do reinado de Oséias, que antecederam o "furacão" assírio que passou pelo Reino do Norte, foram caracterizados pela prática da iniqüidade. Entretanto, essa afirmação fica suavizada pela frase, **contudo, não como os reis de Israel que foram antes dele** (2). Talvez esta seja uma referência ao fato de Oséias permitir que pessoas de outras tribos fossem a Jerusalém para celebrar a festa da Páscoa (2 Cr 30.10ss).

2. *A Traição contra a Assíria* (17.3,4)

Oséias iniciou o seu reinado sob Tiglate-Pileser. Quaisquer que tenham sido as políticas específicas impostas a Israel, aparentemente ele subiu ao trono depois de Tiglate-Pileser. Parece que Salmaneser veio à Palestina como parte de uma campanha voltada ao oeste. Nessa época, **Oséias ficou sendo servo dele e dava-lhe presentes** (3), isto é, o rei da Assíria reduziu o Reino do Norte à posição de vassalo e lhe cobrava tributos anuais[66]. Um partido que se opunha ao pagamento de tributos anuais aos assírios provavelmente influenciou Oséias a tentar fazer uma aliança com o Egito e, ao mesmo tempo, parar de pagar o tributo a Salmeneser. Com base nos detalhes registrados nos anais assírios, **Sô, rei do Egito** (4), foi identificado com Sib'e (em hebraico *Siwe*), comandante de uma das pequenas monarquias do delta egípcio[67].

Salmaneser mandou prender Oséias por causa de sua rebelião. A posição desse detalhe no relato bíblico parece indicar que, através de oficiais da terra ou por outros meios, o imperador assírio mandou prender o rei de Israel antes de iniciar o ataque contra Samaria. Entretanto, essa afirmação pode significar simplesmente que ele foi capturado e preso depois da queda da cidade[68].

3. *Samaria é Sitiada pela Assíria* (17.5,6)

Inúmeras fontes extrabíblicas comprovam e complementam o relato bíblico sobre a queda de Samaria como conseqüência do cerco dos assírios. Entretanto, no versículo 3 não está claro se o **rei da Assíria** (5) deve ser entendido como Sargão II ou Salmaneser V A tendência é acreditar que Sargão era o governante assírio que estava realmente no poder na época da derrota de Samaria. A afirmação da Crônica Babilônica de que Salmaneser conquistou Samaria não deve ser entendida como uma contradição às afirmações sobre Sargão, mas como um complemento a ela. A combinação das informações dessas fontes sugere que Salmaneser V deu início ao cerco, mas que ele morreu no outono do último ano de seu reinado (723/722) e que seu sucessor, Sargão II, completou a conquista de Samaria[69]. Por outro lado, Olmstead afirma veementemente que Salmaneser V era o rei ao qual foi feita uma referência no versículo 5[70].

4. *Os Prisioneiros Israelitas são Levados para a Assíria* (17.6)

Salmaneser (ou Sargão) seguiu o procedimento estabelecido por Tiglate-Pileser e levou milhares de israelitas do abatido Reino do Norte para o cativeiro. Talvez **Hala** e

Gozã sejam as cidades Chalchitis e Gausanitis de Ptolomeu. Se assim for, a primeira estava localizada no lado ocidental do baixo Zab, próximo à sua desembocadura no Eufrates; e a segunda, pode ser identificada com *Tell Halaf,* no rio Habor, a leste de Harã. **Habor**, a moderna *Kjabur*, é o nome de um rio que corre em direção ao sul através da região de Gozã até alcançar o lado oriental do Eufrates.

Z. As Razões da Derrota, 17.7-23

Foram apresentadas evidências que incriminam o Reino do Norte no registro que vai de 1 Reis 12 até esse ponto. Apenas restaram o resumo (7-17), as declarações finais (18) e a reafirmação das razões da derrota do Reino do Norte (21-23).

Nos versículos 7-17 o historiador relacionou numerosos exemplos de quase todas as ofensas cometidas contra o Senhor. A história de Israel foi um trágico registro de desobediências e insucessos em relação às responsabilidades da aliança, e essa ação impediu que Deus tivesse qualquer outro curso alternativo de atitude. O versículo 8 nos lembra que nenhum servo de Deus está desobrigado de ter uma vida virtuosa em razão das pressões políticas. A nação de Israel foi castigada embora andasse **nos estatutos [iníquos]... estabelecidos pelos reis de Israel** (8). A expressão, **em todas as suas cidades, desde a torre dos atalaias até à cidade forte** (9) significa "das vilas até as grandes cidades" (Moffatt). **Endureceram sua cerviz** (14), isto é, "eram tão teimosos quanto os seus pais" (Berk.). **Andaram após a vaidade** (15) significa "seguiram os falsos ídolos". **Portanto** (18), a nação foi conquistada e o povo foi levado ao cativeiro.

Devemos observar que, de acordo com o ponto de vista profético, o historiador não fez qualquer consideração à inevitabilidade da derrota antes do crescimento do poderoso império assírio. Existe refletida a fé de que Deus, o qual havia libertado o seu povo das mãos do Faraó, poderia da mesma forma libertá-lo dos assírios. As palavras **até Judá** (19) prevêem que a mesma história seria escrita sobre esta nação. Outra referência à adoração afrontosa de Jeroboão foi incluída como a razão do comentário final; **assim, foi Israel transportado da sua terra** (23).

Os versículos 9-18 retratam o "fim da linha". Existe uma longa estrada que vai desde a inocência até à desgraça, e um passo sempre leva a outro. Vemos o inexorável progresso da iniqüidade: (1) pecados secretos, 9. (2) adoração a outros deuses, 10-12; (3) descaso em relação à Palavra de Deus, 13; (4) endurecimento do coração e descrença, 14; (5) iniqüidade desenfreada, 15-17 e (6) julgamento e desgraça, 18. Mas apesar do juízo final, em todos os passos ao longo do caminho, até chegar ao final, o chamado de Deus é sempre um desejo de se "buscar (ou voltar) ao Senhor" (Is 55.6,7).

AA. Os Povos Estabelecidos nas Cidades de Samaria, 17.24-41

A política dos assírios de deportar os cativos significava não só acabar com a população do Reino do Norte, mas de reocupar essa região com outro povo nas mesmas condições. Não se sabe exatamente quando os assírios trouxeram outros moradores para Canaã

depois da queda de Samaria. Existem alguns detalhes nos diários de Sargão, de que ele deportou os cativos do sul da Mesopotâmia para a terra de Hatti, ou para o ocidente em geral, inclusive a Síria e a Palestina[71].

1. *O Povo Levado a Samaria* (17.24)

Nesse ponto, o registro indica que o povo levado para o reino do Norte vinha das extremidades da Mesopotâmia. Aparentemente, isso reflete novas conquistas assírias, assim como rebeliões em diversas partes do império.

a. Do Sul da Mesopotâmia. **Babilônia (ou Babel)** é o nome da antiga capital da baixa Mesopotâmia cujas ruínas podem ser encontradas cerca de 90 quilômetros ao sul de Bagdá, em um afluente do rio Eufrates, próximo a Hilla (Iraque)[72]. Sua primeira dinastia foi fundada por Sumuabu, e o sexto rei dessa sucessão foi o famoso Hamurabi. A última dinastia foi a dos caldeus, que causaram a decadência de Judá. **Cuta** era o centro da adoração a Nergal, a nordeste da Babilônia; suas ruínas são *Tell Ibrahim*[73].

b. Do norte da Mesopotâmia. O nome **Ava** talvez seja uma ligeira variação de Iva (18.34 e 19.13), uma cidade ou região da Síria. Assim como **Hamate** (*Nahr el-'Asi*), ela pode ser provavelmente localizada em algum lugar nas proximidades do rio Orontes. **Sefarvaim** – uma outra forma desse nome pode ser Sibraim (Ez 47.16), o equivalente hebraico do termo assírio *Shabarain*. Este era o nome de uma cidade em algum lugar da terra de Hums, que estava localizada entre as localidades de Damasco e Hamate. A região de Samaria teve o seu significado geográfico ampliado para indicar as partes centrais e norte da Palestina.

2. *O Problema dos Leões* (17.25-28)

Os leões, que se tornaram numerosos por causa da instabilidade na terra, são considerados um castigo de Deus contra os novos habitantes de Israel. Entendemos que a reposição da população ocorreu durante um período de vários anos e que quando esse problema foi apresentado ao rei assírio (Sargão ou possivelmente Senaqueribe), um sacerdote israelita foi escolhido, dentre os prisioneiros, para retornar. Ele foi enviado para reiniciar a adoração a Deus em Betel, e seguiu aparentemente a forma como ela fora praticada durante a existência do Reino do Norte (27,28).

3. *A Religião Sincretista dos Samaritanos* (17.29-33)

O resultado foi que os povos das regiões da Mesopotâmia combinaram o culto ao Deus de Israel com a sua antiga religião. **Assim, ao Senhor temiam e também a seus deuses serviam** (33). Não sabemos como foi resolvido o problema dos leões. É provável que eles deixaram de ser um problema à medida que a população aumentava. Os povos são relacionados novamente, cada um com o seu deus particular que trouxeram a Samaria (30,31; cf. 24). **Sucote-Benote** (30), o deus dos babilônios, não pode ser explicado de forma adequada. Parece que ele tinha alguma ligação com Zarbanit, a consorte de Marduque, o principal deus da Babilônia. **Nergal,** do povo de Cuta, era uma divindade masculina que originalmente estava associada com o calor do sol e do fogo, mais tarde foi o deus da guerra e da caça, e por fim passou a ser o deus dos

desastres em geral. **Asima** dos hamateus pode ser uma variação de Aserá ou o primeiro elemento do *Ashembethel* mencionado nos papiros de Elefantina. **Nibaz** e **Tartaque** (31) não puderam ser identificados com algum grau de certeza. Foi sugerido que o primeiro tinha origem elamita; mas isso ainda é questionável e também foi proposto que o segundo podia ser uma variante da deusa síria Atargatis relacionada com Atar ou Anate. **Adrameleque,** do povo de Sefarvaim, é considerado uma variante hebraica de Adadmeleque (Adadmilki). Parece que Anameleque teria alguma relação com o deus sumério-acadiano Anu. Em fontes sírias, como nessa passagem bíblica, o elemento divino *melech* (o termo hebraico para malik) ocorre na composição de nomes de deuses associados com o sacrifício humano[74].

4. *A Incapacidade de Estabelecer a Pura Adoração a Deus* (17.34-41)

Não foram descritas a maneira nem a época em que aconteceu uma tentativa de purificar a religião dos samaritanos. O ponto principal a ser notado é que essa empreitada foi malsucedida. Como era do conhecimento do historiador, desde o início e ao longo de sua história, os samaritanos nunca aceitaram a verdadeira adoração a Deus: **Até o dia de hoje fazem segundo os primeiros costumes; não temem o Senhor** (34).

Aquilo que pode ser chamado de "Anatomia de uma falsa fé" está descrito nos versículos 32-36: (1) serviam a Deus apenas em seu modo de falar, 32; (2) dedicação prática a outros interesses, 33; (3) vidas que não apresentavam qualquer mudança, 34; (4) votos esquecidos, 35; (5) o abandono das heranças do passado, 36.

Seção III

UM REINO: JUDÁ CONTINUA SOZINHO

2 Reis 18.1—25.30

A. O Reinado de Ezequias (716-687 a.C., co-regente a partir de 729), 18.1—20.21 (cf. 2 Cr 29.1—32.32; Is 36–39).

A descrição do reinado de Ezequias é essencialmente a mesma em 2 Reis, 2 Crônicas e em Isaías. As fontes primárias foram os escritos de Isaías e "o livro das crônicas dos reis de Judá" (21.25).

Os registros extrabíblicos, particularmente a descrição do próprio Senaqueribe de seu cerco a Jerusalém, permitiram um estudo mais preciso da descrição bíblica do reino de Ezequias do que seria possível sem eles. O resultado foi o reconhecimento geral de que os registros das duas campanhas assírias foram resumidos ao que parece ser a descrição de uma invasão[1]. Este enfoque tem suas objeções, no entanto, ele elimina um número insuperável de problemas decorrentes da tentativa de entender o registro bíblico como a versão de uma única invasão. A favor do registro de duas invasões está o frágil arranjo cronológico; ou, de fato, a falta de ordem dos acontecimentos ou ainda a aparente falha na colocação da explicação da doença de Ezequias (20.1-19).

1. *Prólogo* (18.1-8)

O prólogo um tanto longo, provavelmente reflete a grande estima do historiador por Ezequias. O escritor estava interessado, primariamente, na inviolabilidade de Jerusalém como o lugar do Templo. Seu interesse, portanto, não era a cronologia ou uma descrição totalmente histórica.

a. O justo reinado de Ezequias (18.2-7). O reinado de Ezequias foi caracterizado como **reto aos olhos do Senhor** (3) porque ele conduziu reformas religiosas mais com-

pletas do que os seus predecessores (cf. 2 Cr 29.2–30.21). Ele **tirou os altos** (4) jamais removidos pelos reis anteriores, e destruiu as colunas de Aserá que haviam sido estabelecidas durante os reinados de Jotão e Acaz (16.4). Desfez até da serpente de bronze que Moisés havia feito (Nm 21.8,9). **Neustã** (4), "a coisa de bronze" [ou "uma coisa de latão"] era, talvez, a expressão de desprezo de Ezequias por ela. Ela tinha aparentemente se tornado um objeto de adoração, ao invés de um monumento comemorativo de um grande evento do passado.

A fé de Ezequias em Deus, nos tempos de grandes crises, não foi superada por nenhum dos outros **reis de Judá** (5). Isto estava evidente para o historiador pelo modo como ele conseguiu libertar-se de Senaqueribe. A bênção de Deus era prova suficiente de que as alianças com outras nações não eram necessárias. Este grande rei **não se apartou** do Todo-Poderoso (6). O modo como **foi o Senhor com ele** (7) era um sinal óbvio do seu reino justo.

b. A revolta de Ezequias contra a Assíria (18.7,8). **O rei da Assíria** (7), contra quem Ezequias se revoltou, foi, talvez, Senaqueribe. Sargão expandira o império em seu comprimento e largura; ele controlava os povos de Elão até Chipre e a fronteira do Egito. Sargão foi morto durante uma expedição à terra de Tabal ao norte de Elão. A sucessão de Senaqueribe ocorreu sem uma grande revolta interna, mas surgiram levantes da Babilônia ao Mediterrâneo.

Aparentemente, Ezequias liderou a formação de uma coalizão na Palestina. Os anais de Senaqueribe contam sobre a ação tomada contra o rei de Judá e os outros estados rebeldes[2]. O historiador aparentemente não mencionou a ação de represália do rei assírio, pois ao analisá-la, mais de um século depois, a revolta de Ezequias foi justificada pela libertação dada por Deus[3]. **Da torre dos atalaias**, etc. (8), veja os comentários sobre 17.9.

2. *A Queda de Israel* (18.9-12)

Este parágrafo deve ser comparado com 17.1-6. É outra descrição do ataque de Senaqueribe contra Samaria, e a subseqüente queda da cidade. Ela é tirada dos anais reais de Judá, enquanto a versão anterior havia sido tirada dos registros do reino do Norte. Está incluída uma declaração que fornece uma razão para a queda – eles **não obedeceram à voz do Senhor, seu Deus** (12). A data no versículo 10 sugere uma coregência de Ezequias com Acaz.

3. *A Primeira (?) Invasão de Senaqueribe*, 701 a.C. (18.13-16)

As bases para a rebelião de Ezequiel contra o domínio assírio e o conseqüente ataque de Senaqueribe são fornecidas em grande parte por fontes assírias disponíveis. A história completa é colhida dos anais de Sargão e Senaqueribe. Quando o primeiro foi morto na terra de Tabal, Merodaque-Baladã, apoiado pelos elamitas, estabeleceu-se como rei da Babilônia (por volta de 704 a.C.). Ao mesmo tempo, uma revolta contra a Assíria espalhou-se entre os estados mediterrâneos, quando Ezequiel se une e torna-se o líder em sua região (veja os comentários sobre 18.7,8). Esse empreendimento foi o resultado de planos bem elaborados; Merodaque-Baladã havia enviado emissários a Ezequias (20.12-19; cf. Is 39), a Shabaka do Egito e, sem dúvi-

da, a outros reis[4]. Essas revoltas ocorreram por volta de 704/3 a.C. A expedição de Senaqueribe para o oeste, a fim de sufocá-las ocorreu por volta de 701.

a. Senaqueribe sobe contra as cidades fortificadas de Judá (18.13). Após ter lidado com Merodaque-Baladã, na Babilônia, Senaqueribe conduziu sua campanha contra os estados revoltosos a oeste. Ele esmagou Tiro. Isto desmanchou a rebelião, porque alguns estados perceberam que seria fútil continuar com suas revoltas, e apressadamente lhe trouxeram tributos. Duas cidades filistéias, Asquelom e Ecrom, junto com Judá, recusaram-se a capitular.

Senaqueribe moveu-se para o sul contra Asquelom, removeu sua resistência e a partir de lá pretendia negociar com Ecrom. Os oficiais e nobres filisteus haviam feito uma aliança com Shabaka, que enviou reforços egípcios e etíopes para ajudar na resistência ao enfurecido Senaqueribe. Ele enfrentou e derrotou as forças egípcias e etíopes combinadas em Elteque (norte de Ecrom e oeste de Timna).

Após submeter Elteque, Timna e Ecrom, invadiu o sul de Judá[5]. **Laquis** (14), a cidade à qual Ezequias enviou uma mensagem para Senaqueribe, não é mencionada especificamente, mas estava certamente incluída na referência às cidades fortificadas de Judá. Ela estava localizada cerca de 24 quilômetros ao sul de Bete-Semes, e era maior do que Jerusalém e Megido na época de Ezequias e Senaqueribe. Ele, portanto, moveu-se contra uma das maiores cidades da Palestina. Relevos em paredes, que descrevem o cerco e a conquista de Laquis pelo rei assírio, foram descobertos por Layard durante a escavação do fabuloso templo-palácio de Senaqueribe em Nínive[6]. Esta, portanto, é a situação que serviu como base para a declaração bíblica: **Porém, no ano décimo quarto do rei Ezequias subiu Senaqueribe, rei da Assíria, contra todas as cidades fortes de Judá e as tomou** (13).

b. A carta a Senaqueribe (18.14-16). Com suas distantes cidades fortificadas sob controle assírio, Ezequias percebeu que era inútil continuar sua rebelião. Sua carta ao rei assírio em Laquis admitia o erro que cometera ao se rebelar, e era seu desejo aceitar o que quer que ele lhe impusesse (14). Senaqueribe, o conquistador, impôs, então, o pagamento de um pesado tributo – **trezentos talentos de prata** (US$ 600.000) **e trinta talentos de ouro** (14; US$ 900.000, Berk.). Este valor levou toda a prata dos tesouros e a camada de ouro das portas e ombreiras do Templo (14-16).

Os detalhes desta passagem coincidem notavelmente com os dos anais de Senaqueribe, que dizem:

> Quanto a Ezequias, o judeu, que não se submeteu a meu jugo, 46 de suas cidades fortes muradas, bem como as cidades pequenas em suas cercanias, que eram um sem número – ao atacá-las com arietes (?) e trazendo máquinas de cerco (?), combatendo e atacando a pé, através de minas, túneis e brechas (?), eu sitiei e tomei (aquelas cidades).
>
> Eu trouxe 200.150 pessoas, grandes e pequenas, homens e mulheres, cavalos, mulas, jumentos, camelos, gado, carneiros sem número, e tudo contei como espólio.
>
> Ele próprio, como um pássaro engaiolado, eu calei em Jerusalém, sua cidade real. Joguei terra contra ele – todos os que saíram pelos portões de sua cidade – fiz

com que retornassem à sua miséria. Todas as cidades que foram saqueadas, eu separei de sua terra e entreguei a Mitinti, rei de Asdode; a Padi, rei de Ecrom e a Silli-bel, rei de Gaza. E (assim) eu diminuí a sua terra. Eu aumentei o seu imposto anterior e lhe impus que abrisse mão de sua terra, além de me trazer impostos extras – presentes para a minha majestade.

Quanto a Ezequias, o aterrorizante esplendor da minha majestade submeteu a ele e aos urbi (árabes). Suas tropas mercenárias(?) que ele havia trazido para fortalecer Jerusalém, sua cidade real, o abandonaram (lit. partiram). Além dos 30 talentos de ouro e dos 800 talentos de prata, (havia) pedras preciosas, antimônio, jóias (?), grandes pedras *sandu*, poltronas de marfim, cadeiras domésticas de marfim (lit. "dentes" de elefante), ébano (?), madeira para caixas (?), todos os tipos de (grandes) tesouros valiosos, bem como suas filhas, seu harém, seus músicos, homens e mulheres que ele me havia trazido a Nínive, minha cidade real. Ele enviou seus mensageiros para pagar tributos e aceitar a servidão[7].

4. *A Segunda (?) Invasão de Senaqueribe, em Torno de* 688 a.C. (18.17–19.37).

Há várias razões para se acreditar que haja um intervalo de cerca de doze anos entre os versículos 16 e 17, do cap. 18.

Primeiro, a submissão de Ezequias, evidente no comunicado a Senaqueribe e no subseqüente pagamento de tributos que lhe foram impostos (18.13-16) está ausente no manuscrito mais recente (18.17—19.37). Aqui, a atitude de Ezequias é de desafio e recusa a se submeter à ameaça dos assírios. Existe a expectativa de Deus livrar a cidade.

Segundo, a menção de Tiraca (19.9), o etíope, como ilustrado pelas fontes seculares, é uma referência a um governante do Egito que se tornou co-regente com seu irmão Shebitko em 690/89. Não é provável que ele tenha levado um exército egípcio à Palestina tão cedo quanto em 701 a.C.[8]. Assim, as forças egípcias que Senaqueribe encontrou em Elteque não eram as mesmas lideradas por Tiraca.

Terceiro, a ênfase diferente de certas profecias de Isaías são mais bem explicadas sob o pano de fundo histórico de duas invasões. Os oráculos que podem ser designados para os anos entre 705 e 701 mostram que Isaías era contra a rebelião e a aliança com o Egito, que a estimulou e que previu o desastre por causa desses acontecimentos (cf. Is 28.14-22; 30.1-17; 31.1-3). Outras profecias refletem que Deus quebrará o jugo assírio e salvará Jerusalém (cf. Is 10.24-27; 14.24-27; 29.5-8 em adição àquelas de 2 Rs 19.20-34)[9].

Quarto, a repentina e impressionante libertação de Jerusalém, relatada na Bíblia Sagrada, é indiretamente aceita por historiadores seculares. A explicação bíblica, com sua descrição da real ameaça dos assírios que avançavam, e dos emissários negociadores, perde sua força se a entendermos como seguindo, imediatamente, a rendição de Ezequias a Senaqueribe. É, portanto, mais satisfatório, localizar os eventos de 18.17–19.37 algum tempo depois daqueles mencionados em 18.13-16. Além disso, a afirmação nos anais assírios de que Ezequias enviou um espólio a Senaqueribe em Nínive é aceita como historicamente válida, e quase exige uma explicação baseada em duas invasões. Ezequias não teria enviado espólios a Senaqueribe após a vitória que o anjo do Senhor lhe havia dado sobre os assírios.

a. Os oficiais de Senaqueribe vão a Jerusalém (18.17-18). Entende-se, portanto, que o versículo 17 provavelmente inicia o registro de uma segunda invasão. A época dela é sugerida como cerca de 688 a.C., porque se sabe que Senaqueribe teve de lidar com o levante dos babilônios e elamitas em 689 a.C. Foi durante este período, que a rebelião novamente se inflamou no oeste, talvez tendo Tiraca do Egito como líder, e a participação de Ezequias de Judá[10].

(1) *Um exército é enviado de Laquis* (17*a*). Senaqueribe moveu-se primeiro contra as cidades afastadas de Jerusalém, como havia feito antes. **Laquis** (17), uma metrópole maior e mais importante do que Jerusalém, foi provavelmente o local que deveria servir como quartel general na execução da campanha da Assíria contra Judá; foi também o lugar a partir do qual se controlava a planície filistéia e a fronteira egípcia. Ela pode ter servido, por várias vezes, como a base das operações de Senaqueribe[11].

Os emissários assírios eram designados por títulos, não por seus nomes pessoais. O termo **Tartã** (em assírio, *tartanu*) também é usado em Isaías 20.1. Era o título do comandante em chefe do exército de campo assírio. **Rab-Saris** é o termo hebraico para o assírio *rb sha reshi* – literalmente "chefe do comando". Ele também ocorre em Jeremias 39.3,13. É o título de outro alto oficial no exército assírio, e aplica-se, talvez, ao chefe dos guarda-costas do rei. **Rabsaqué** (assírio, *rab shaqu*) significa "oficial chefe". Este é o título de outro oficial de alta patente, embora não esteja claro qual é a sua função específica. **Rabsaqué** era o porta-voz de Senaqueribe e seus colegas oficiais, quando os representantes da corte de Jerusalém vieram para uma reunião em resposta ao chamado destes.

(2) *A reunião junto ao aqueduto* (17,18). Os oficiais de Senaqueribe e a delegação oficial de Ezequiel se encontraram ao lado de um aqueduto aberto (às vezes chamado de "canal"). Este era parte do sistema de água de Jerusalém, e levava água de Giom, a principal fonte de abastecimento da cidade (cf. 20,21). A **piscina superior** (ou açude superior, 17) é entendida como um grande reservatório deste sistema de água identificado com o tanque de Siloé. Pode-se tentar identificar o **campo do lavandeiro** com uma área ao sul de Jerusalém próxima a um antigo estabelecimento de purificação, ou com a área adjacente a *Bir Ayyub* (ou En-Rogel; veja 1 Reis 1.9,10). Este campo era o lugar onde a lã recém-tosquiada e as roupas recentemente tecidas eram processadas através do uso de um purificador alcalino. Era, portanto, um lugar próximo a uma fonte de água, e geralmente fora da cidade por causa dos desagradáveis odores provenientes deste local.

Em resposta às intimações dos oficiais de Senaqueribe, Ezequias enviou vários de seus oficiais de alta patente da corte como seus representantes: **Eliaquim**, o **mordomo** (18), seria o primeiro ministro. Ele havia sido designado para esta posição acima de **Sebna**, de acordo com a profecia de Isaías (22.15-23); **Sebna**, **o escrivão**, talvez "secretário de estado" (veja Is 22.15,16)[12]. **Joá** é chamado de **chanceler** ou **cronista**.

b. Rabsaqué adverte Ezequias (18.19-25). A mensagem de Rabsaqué era uma típica ostentação assíria planejada para destruir a confiança de Ezequias. Deve-se observar a partir de suas advertências que o rei de Judá estava, naquele momento, resoluto e determinado em sua revolta contra Senaqueribe. **O grande rei, o rei da Assíria** (19) é apenas parte do título freqüentemente usado pelos reis da Assíria. Os anais deste rei têm início da seguinte forma: "Senaqueribe, o grande rei, o poderoso rei, rei do universo, rei da Assíria..."[13]. A aliança, estabelecida entre Judá e o Egito, era tão frágil quanto a **pala-**

vra de lábios (20), com o **bordão de cana quebrada** como suporte (21). O **Faraó** é Tiraca (Taharqo), que foi o co-regente com seu irmão a partir de 690/89. Ele era o líder das forças egípcias que Senaqueribe enfrentou (19.9).

A referência a lugares **altos** (22) e à remoção deles por Ezequias, e sua ênfase na adoração perante o **altar** de **Jerusalém**, era uma tentativa aparente de infiltrar uma confusão religiosa. O inimigo insinuava que o rei de Judá negava a seu povo o direito à adoração e, portanto, rejeitava qualquer possibilidade de que a fé deles no Senhor fosse recompensada. A menção orgulhosa a **dois mil cavalos** (23) e o poder de um só príncipe dos menores servos de meu senhor (24) pretendia desdenhar do poderio militar combinado de Judá e do Egito. Rabsaqué fez a reivindicação de que Senaqueribe e seu exército estavam lá, para lutar contra Jerusalém, pela seguinte razão: **o Senhor me disse: Sobe contra esta terra** (25). Talvez os assírios tivessem sabido da profecia de Isaías de que Deus os usaria como a "vara de sua ira" contra Judá (veja Is 10.5-11).

c. O pedido de Eliaquim (18.26,27). Eliaquim, como oficial da corte de Jerusalém, conhecia o **siríaco** (26, ou aramaico). Ele sabia, também, que Rabsaqué e os outros oficiais de Senaqueribe podiam falar este idioma. Isto sugere que o aramaico era a língua oficial daqueles dias. Este ponto é comprovado por várias fontes seculares. O **judaico** (26) é uma aparente referência ao hebraico, porém mais especificamente ao dialeto de Jerusalém. As circunstâncias mais terríveis (27) que as outras cidades sitiadas pela Assíria haviam experimentado, se tornariam o destino do povo de Jerusalém, caso Ezequias se mantivesse intransigente.

d. Rabsaqué adverte contra dar ouvidos a Ezequias (18.28-35). Rabsaqué, no uso da língua hebraica, falou ao povo da cidade que o podia ouvir. Ele lhes disse que Ezequias os enganava quando lhes dizia que Jerusalém não seria **entregue nas mãos do rei da Assíria** (30). A promessa de desejos realizados em **uma terra como a vossa** (32) era uma alternativa atraente à resistência e morte. De acordo com Rabsaqué, a crença do povo em Deus para a libertação estava errada. Um grande número de cidades e países havia caído, e sob nenhuma circunstância seus deuses os haviam livrado **das mãos do rei da Assíria**. **Hamate** (34; veja o comentário sobre 17.24); **Arpade**, provavelmente *Tell Erfad*, cerca de 40 quilômetros ao norte de Alepo; **Sefarvaim** (veja o comentário sobre 17.24); **Hena**, cuja localização e identidade são desconhecidas; **Iva** (cf. aveus, 17.31) e **Samaria**. A menção desta pode ter sido arrasadora para a fé de alguns, pois a seus olhos o povo da capital do reino do Norte confiara no Senhor, assim como eles faziam em Jerusalém.

e. O relatório de Eliaquim (18.36,37). O ameaçador inimigo assírio em Laquis, e os efetivos argumentos de Rabsaqué, eles pareciam não permitir outro curso que não a rendição. Mas, mostrando boa disciplina e sob instruções do rei, **o povo... não lhe respondeu uma só palavra** (36). Diante das ameaças e blasfêmias de Rabsaqué, os negociadores rasgaram as próprias **vestes** (37) e foram relatar o caso a Ezequias.

f. Ezequias ora e envia representantes a Isaías (19.1-7). Ao rasgar suas vestes e vestir-se de saco, Ezequias propositadamente expôs seu pesar e luto. A roupa de **pano de saco**, derivado do hebraico *saq*, era um traje grosseiro feito de pêlos de camelo ou cabra. Era normalmente usado como sinal de tristeza ou luto (cf. Gn 37.34; 1 Rs 21.27). A men-

ção **entrou na casa do Senhor** (1) possivelmente sugere que Ezequias liderou seu povo em um período de jejum e oração. O chamado de Joel para o jejum e a oração (Jl 2.15-17) foi, aparentemente, estimulado pelo seu conhecimento de que tais chamados haviam sido feitos anteriormente ao povo de Judá.

Dois oficiais, **Eliaquim** e **Sebna** (2), que relataram os arrogantes insultos dos assírios a Ezequias, foram enviados a **Isaías**. Eles deveriam tornar conhecida ao profeta a situação desesperadora, e pedir que ele buscasse ao Senhor em nome da desesperançada cidade (2-5). O versículo 3 utiliza o que parece ser um provérbio para expressar o tempo de crise. A versão *Berkeley* transmite o texto em forma poética:

> Este dia é dia de angústia,
> e de vituperação, e de blasfêmia;
> porque os filhos chegaram ao parto,
> e não há força para dá-los à luz.

O **restante que permaneceu** (4) seriam os **remanescentes**, os habitantes de Jerusalém após as dez tribos terem sido levadas, e após as distantes cidades de Judá terem caído perante Senaqueribe. A palavra do Senhor, através de Isaías, era de esperança e encorajamento. Não havia necessidade de temer as ameaças assírias; o rei da Assíria **ouviria um ruído** (7) que o faria retornar a Nínive, onde seria morto **na sua terra**, em cumprimento de uma profecia sobre o seu assassinato.

g. Outra mensagem assíria para Ezequias (19.8-13). **Libna** (8) era uma cidade nas terras baixas de Judá à qual Senaqueribe havia ido, a partir de **Laquis**; de lá, Rabsaqué dirigiu-se a Ezequias. **Tiraca** (9) (Hb T-R-H-Q-[H], com a troca entre H e R, do egípcio T-H-R-Q) estava a caminho para fornecer suporte ao rei de Judá. Um relatório dos movimentos de Faraó levou Senaqueribe a despachar um comunicado a **Ezequias** (9).

Os argumentos anteriores para a rendição foram repetidos (cf. 18.19-25, 33-35). **Rezefe** (12), uma cidade que estava nas mãos assírias algum tempo antes dos dias de Senaqueribe, localizava-se na parte ocidental de *Jebel Singar*. **Os filhos de Éden** devem ser identificados com *Bit-Adini* nas fontes assírias; ela fora uma vez uma cidade-estado aramaica localizada entre o rio Balikj e o Eufrates. **Telassar** era um local no norte da Mesopotâmia que havia sido conquistado pelos assírios e o lugar para onde o povo de Bete-Éden foi levado. A menção de Senaqueribe ao **rei** (13) das cidades, tinha a intenção de sugerir um perigo pessoal para Ezequias (cf. 18.34).

h. Ezequias vai uma vez mais ao Senhor (19.14-19). Ele reconheceu que a situação era grave demais para ele e os recursos humanos de seu povo. Sua oração é uma expressão de um grande número de pensamentos mais profundos a respeito de Deus. É um modelo por sua objetividade, simplicidade e completa dependência: (1) O **Deus de Israel** é **o Deus de todos os reinos da terra** (15); Ele é o Criador do mundo; Ele está entronizado acima dos querubins no Santo dos Santos no meio de seu povo (cf. 1 Rs 6.23 e 8.6-11). (2) A frase, **Inclina, ó Senhor, o ouvido e ouve; abre, Senhor, os olhos e vê** (16), é típica das expressões do Antigo Testamento referentes à relação entre o humano e o divino. É figurativa e simbólica como, necessariamente, devem ser todas as lin-

guagens com respeito a Deus. (3) A conquista pela Assíria era um fato que não podia ser negado, mas a verdade referente aos deuses das cidades e terras conquistadas é que todos eles eram **obra de mãos de homens** (18). A libertação de Jerusalém das mãos de Senaqueribe seria um importante testemunho da verdade de que só o Senhor é Deus (19).

"Enfrentando as ameaças da vida" é o tema de importantes verdades nos versículos 8-20. (1) A gravidade da situação claramente vista, 8-13; (2) Deus é o único refúgio, 14; (3) O Senhor se preocupa com a honra de seu nome, 15,16; (4) Falsos deuses não são uma defesa, 17,18; (5) O fato de Deus nos ouvir é a garantia da vitória, 20.

Na oração de Ezequias notamos, também, vários pontos significativos: (1) A ameaça, 10-13; (2) Ele foi à correta fonte de ajuda, 14; (3) Ele sabia que Deus era capaz, 15; (4) Ele admitiu todos os fatos dolorosos, 16-18; (5) Ele buscou a libertação para que Deus pudesse ser glorificado, 19.

i. A palavra de Deus referente a Senaqueribe (19.20-28). A resposta de Deus à oração de Ezequias, mais uma vez, veio através de Isaías, o profeta. Para compreender claramente a mensagem, veja o texto bíblico completo. Era uma resposta de esperança para o rei de Judá e a angustiada Jerusalém. A atitude deles com relação a Senaqueribe poderia ser de desprezo e **zombaria** (21). **Jerusalém meneia a cabeça por detrás de ti,** isto é, "ela balança a cabeça detrás de ti". O rei da Assíria não só zombava do povo de Jerusalém, mas de Deus, **o Santo de Israel** (22) – um título para o Senhor, usado principalmente por Isaías (cf. Is 5.24; 30.12, etc). Senaqueribe havia arrogantemente perseguido as suas muitas conquistas (23,24), e contava até mesmo com a aprovação de Deus – **não ouviste que já dantes fiz isso?** (25, cf. Is 10.5-11). A difícil segunda parte do versículo 25 pode ser traduzida como: "E agora eu o executei, transformando as cidades fortes em ruínas" (Moffatt). Entretanto, a Assíria foi além dos planos de Deus. Ela arrogantemente, perseguiu o seu desejo por conquistas, e assim Deus declarou a Senaqueribe: Eu **te farei voltar pelo caminho por onde vieste** (28, cf. Is 10.12-19).

j. O sinal para Jerusalém (19.29-31). **Sinal** (29; heb., *oth*), neste texto, não significa "milagre" como em outras passagens. Pelo contrário, designa o modo pelo qual o povo poderia esperar o cumprimento da promessa de Deus, de libertação. Parece que eles haviam sido importunados pelos assírios por grande parte do período de cultivo, e não foram capazes de plantar os grãos para a sua colheita de inverno. Eles seriam libertos dos inimigos e poderiam **comer** durante aquele ano (29) o que crescesse por si mesmo. E mais: as perdas, em recursos humanos e naturais, seriam tão seriamente sentidas que seria necessário depender, do **ano seguinte**, do que daí procedesse em frutas e grãos. A rotina agrícola normal seria completamente restabelecida ao **terceiro ano**. As pessoas mais proeminentes no repovoamento e na reabilitação da terra seriam os sobreviventes de Jerusalém – **o zelo do Senhor fará isso** (31).

k. A promessa de Deus de salvar a cidade (19.32-34). A promessa feita por Deus, através de Isaías, era de que Jerusalém não seria nem sitiada nem tomada de assalto, porque não haveria batalha. Deus traria a libertação por amor ao seu nome (**por amor de mim**, 34) e por causa da sua palavra transmitida a Davi (2 Sm 7.10-16). Esta promessa foi posteriormente prejudicada pelos constantes pecados do povo (Jr 7.1-15).

l. O Anjo do Senhor intervém (19.35-36). **O anjo do Senhor** (35; cf. Gn 16.7; Êx 3.2; Zc 1.12; etc) significa, primariamente, aquele que é enviado por Deus para realizar uma certa tarefa. Em certas passagens, se não em todas, este termo sugere aparições anteriores à encarnação da segunda pessoa da Trindade. A matança e o desastre causado pelo **anjo do Senhor** no campo de Senaqueribe o forçou a abandonar sua intenção de conquistar Jerusalém e retornar a Nínive, capital da Assíria.

Não se sabe ao certo onde se encontrava o exército de Senaqueribe no momento em que ele sofreu a perda de 185.000 homens. Fica claro que, na época, ele não estava nas vizinhanças de Jerusalém. Heródoto se refere a uma infestação de ratos no Pelúsio quando estes animais roíam os estojos, os arcos e as empunhadeiras dos escudos. Esta pode ter sido a ocasião de uma epidemia, pois os roedores são notórios portadores da peste bubônica. Outros detalhes de fontes não-bíblicas dão ainda mais apoio à historicidade de uma inexplicada e inesperada derrota sofrida por Senaqueribe.

m. Senaqueribe é assassinado (19.37). Isaías havia previamente previsto que este rei cairia pela espada em sua própria terra (19:7). Fontes assírias não declaram especificamente que ele foi assassinado por seus próprios filhos; entretanto, elas, indiretamente, dão suporte aos registros da Bíblia Sagrada. Esar-Hadom, o caçula dos filhos de Senaqueribe, foi escolhido por ele como seu sucessor. Seus irmãos mais velhos, cujos nomes não são mencionados, tentaram por vários meios tortuosos impedir que o irmão mais novo tomasse posse do trono; porém, sem sucesso[14].

A animosidade e o ódio estavam tão profundamente arraigados que Assurbanipal, filho e sucessor de Esar-Hadom, teve de lidar com seus tios que ainda estavam ressentidos por Senaqueribe tê-los preterido. Ele registrou o modo como lidou com os assassinos de seu avô[15]. O termo **Nisroque** (37) é explicado como a versão hebraica de Nusku, um deus do fogo e um intermediário entre os grandes deuses e os homens[16]. Os nomes dos filhos de Senaqueribe só constam na Bíblia Sagrada; foram sugeridos alguns títulos equivalentes extraídos de fontes seculares, mas nenhum deles pode ser usado com certeza. A **Armênia** (ou Ararate) era um país cujo centro geográfico era o Lago Van. Ela é chamada de *Urartu*, em fontes assírias.

1. *A Doença de Ezequias* (20.1-19)

A expressão **naqueles dias** (1) geralmente se refere às turbulentas invasões de Judá promovidas por Senaqueribe. A doença e a recuperação de Ezequias devem ser colocadas pouco antes da invasão de 701 a.C. Ele reinou durante um período de vinte e nove anos (18.2) e enfrentou a primeira incursão do rei assírio no décimo quarto ano de seu reinado (18.13), em torno de 701 a.C. Os quinze anos adicionais que lhe foram concedidos incluem os importantíssimos eventos descritos em 18.13—19.37, e que correspondem ao período de 702 a 687 a.C.

a. A visita de Isaías (20.1-7). Ezequias era um homem cujas orações foram atendidas. Na época em que estava próximo de morrer, por conta de um furúnculo ou carbúnculo, Deus o ouviu. A base de sua petição foi uma vida de fidelidade anteriormente à sua doença (3). O **meio do pátio** (4) sugere que Isaías mal havia deixado o rei em seu leito de enfermidade quando o Senhor lhe revelou a sua mudança de in-

tenções. Como no caso de Salomão (1 Rs 3.11-13), Deus atendeu o desejo do coração do rei de Judá. O Todo-poderoso lhe deu saúde e, além disto, prometeu-lhe a libertação do domínio do **rei da Assíria** (6). Foi novamente o profeta Isaías quem transmitiu a mensagem do Senhor e indicou o remédio natural através do qual Deus curaria o monarca.

Os versículos 1-7 descrevem "a cura de Ezequias". Podemos notar quatro pontos: (1) Uma doença mortal, 1; (2) Uma súplica desesperada, 2,3; (3) Uma promessa animadora, 4-6; (4) A participação humana, 7.

b. O sinal confirma a recuperação (20.8-11). **Sinal** (8; *oth*) aqui se refere a um milagre. Deus, de uma maneira não explicada, **fez voltar a sombra** do ponteiro do relógio de sol, **dez graus** (10), como uma confirmação da recuperação de Ezequias dentro de três dias. Não é necessário considerar uma reversão na rotação da Terra neste caso, mas apenas a regressão da sombra no relógio de sol, independente dos movimentos do sistema solar. Deus não nega a garantia de seu poder quando nossa fraqueza humana a requer para que Ele atinja os seus propósitos em nós, e para nós.

c. Ezequias e os emissários babilônios (20.12-15). Parece que os emissários de **Merodaque-Baladã** (2), ou Berodaque-Baladã estavam mais preocupados com os recursos de Judá do que com a recuperação de Ezequias. Esta visita deve ser relacionada com a tentativa deste general de fomentar e instigar uma revolta na parte ocidental do domínio assírio, durante o período em que Senaqueribe assumia o poder, logo após a prematura morte de Sargão (veja os comentários sobre 18.13).

d. A advertência de Isaías (20.16-19). Isaías, como outros profetas, continuamente reforçava a necessidade da completa crença em Deus, a fim de ressaltar que não deveriam confiar na ajuda de uma nação estrangeira. Assim, qualquer tendência de se depender da Babilônia ou do Egito era condenada (cf. Is 7; 31; etc). A predição de que **teus filhos** (18) serão levados pelos babilônios, pode ser entendida como o significado de que alguns dos descendentes da linhagem real de Ezequias seriam levados ao exílio. O cumprimento desta profecia ocorre em 24.10-17. A reação de Ezequias (19) não foi tão egoísta quanto possa parecer, pois ele, sem dúvida, considerou os anos adicionais como uma oportunidade para o arrependimento.

6. *Epílogo* (20.20-21)

Aqui, há uma menção específica ao aqueduto de Ezequias, o qual **trouxe água para dentro da cidade** (20) de Jerusalém (cf. 2 Cr 32.30). Arqueologicamente, isto é entendido como uma referência ao túnel de Siloé, cavado no subterrâneo desde Giom (a fonte da virgem) para trazer água para um reservatório dentro dos muros da cidade. Com o Giom inteligentemente selado por cima, o inimigo teria dificuldade para cortar a água na sua fonte, e o fornecimento estaria garantido durante o cerco. A inscrição do túnel de Siloé, próxima à extremidade do tanque de igual nome, é um importante documento em hebraico antigo[17]. A época mais adequada para Ezequias ter construído este sistema subterrâneo seria antes de 701 a.C., ou na época em que ele imaginou uma possível revolta contra a Assíria.

B. O Reinado de Manassés (687-642 a.C.), 21.1-18 (cf. 2 Cr 33.1-20)

Manassés teve a distinção de governar por mais tempo do que qualquer outro rei de Judá. Mas, um longo reinado não significa necessariamente um bom mandato. De fato, os seus muitos anos no trono são caracterizados como o tempo de maior impiedade e infidelidade em Judá. Manasses tinha doze anos de idade por ocasião da morte de Ezequias; ele nasceu durante os quinze anos que foram adicionados à vida de seu pai.

1. *Prólogo* (21.1,2)

Manassés, o menino-rei, com certeza teve que depender dos mais antigos oficiais da corte. Aqueles que exerceram influência em sua época não eram, aparentemente, os mesmos que tomaram parte nas reformas religiosas e na política contra a Assíria, no reinado de Ezequias.

Os males, sob o governo de Manassés, são descritos como **abominações dos gentios** (2). Esses eram os hábitos de vida, ou aquilo que se praticava em nome da religião, e que tinham levado outras nações ao julgamento divino. Exceto pela tenacidade e sutileza do pecado, é difícil compreender o modo pelo qual a impiedade que Ezequias banira voltara tão rápido. As vitórias do bem e de Deus nunca podem ser consideradas como garantidas. A batalha contra o pecado e a injustiça deve ser permanente; e novas vitórias devem ser alcançadas. Caso contrário, corre-se o risco de se desenvolverem condições pecaminosas piores do que as anteriores.

2. *A Impiedade do Reinado de Manassés* (21.3-9)

O reinado de Manassés foi caracterizado por um completo desrespeito às tradições e ensinos religiosos. Ele não tem a desculpa de não conhecer o passado de seu povo. O livro da lei perdido no Templo, provavelmente durante o seu reinado (22.8-10), dá testemunho de uma flagrante negligência e não de ignorância. Mesmo que ele não lesse uma única palavra do livro da lei, a própria existência da nação que Manassés governava teria sugerido algo em relação às suas obrigações religiosas.

a. O retorno a Baal e Aserá (21.3,7). Manassés e seus conselheiros modelaram suas vidas e papéis não em Davi ou em Ezequias, seu pai, mas em **Acabe**. Ele **fez um bosque** (3; uma imagem de Aserá) e restabeleceu a adoração a Baal e Aserá em Judá (cf. 1 Rs 16.33). Ele foi culpado de uma ofensa ainda maior quando profanou o santuário ao colocar a imagem de Aserá no próprio Templo (7). Através deste endosso à adoração cananéia, Manassés satisfazia os desejos daqueles que criam mais em Baal do que em Deus.

b. A adoração ao "exército dos céus" (21.3*b*-4). Ao dar lugar aos cultos astrais da Mesopotâmia (**o exército dos céus**), ele se submetia às exigências do senhor assírio, Esar-Hadom, da mesma forma que Acaz fez da conformidade religiosa parte de seu acordo com Tiglate-Pileser (veja os comentários sobre 16.10-16; cf. Jr 8.2; 19.13; 44.17,19). O lugar dado às seitas astrais era, aparentemente, um símbolo da vassalagem aos assírios.

c. Oferecendo sacrifícios humanos (21.6). O crime de oferecer a criança de alguém a alguma divindade nunca havia tido lugar na religião de Israel, e há muito tempo havia sido

rejeitado entre as muitas pessoas que o haviam aceitado anteriormente. Manassés, no entanto, assim como Acaz, retomou esta horrível prática (cf. 16.3). Esta talvez seja uma indicação de como – tendo rejeitado a vontade de Deus – ele se agarrou desesperadamente a cada aparente solução em busca de paz para a sua alma. Ao abrir as portas para o que havia de pior, outros males também entraram: mágicos e seus atos de magia, feiticeiros, médiuns, etc.

3. *A Previsão da Queda de Israel* (21.10-15)

A onda de impiedade tornou-se tão grande sob o reinado de Manassés, que **o Senhor falou pelo ministério de seus servos, os profetas** (10) para predizer que a queda de Judá seria comparável à do Reino do Norte. **O cordel de Samaria e o prumo da casa de Acabe** (13) seriam a medida do julgamento de Deus. A promessa de que o reino de Davi continuaria para sempre foi baseada na proposta de lealdade permanente. As abominações idólatras de Manassés indicavam seu arrogante desprezo por esta condição, ou o seu desrespeito egoísta ao cumprimento da promessa. Sua vida e reinado malignos não permitiam outra opção, a não ser a previsão da destruição. Fontes assírias suplementam a explicação em 2 Crônicas 33.11-13 do período de prisão de Manassés na Mesopotâmia[18]. Seu arrependimento incentivado por seu cativeiro teve, evidentemente, pouca duração, e não estabeleceu efeitos completos e duradouros em seu reinado.

4. *O Derramamento de Sangue Inocente em Jerusalém* (21.16)

Uma verdadeira evidência de irreligiosidade ou de religião errada é a maneira pela qual se promove a perda de valores humanos significativos. **Sangue inocente** é entendido por alguns como uma referência à vida do filho de Manassés que foi tirada quando ele o ofereceu como um sacrifício humano (6). Outros entendem, a partir da expressão **até que encheu Jerusalém,** que este versículo se refere à vida dos profetas e pessoas justas que foram vítimas de um programa semelhante àquele que foi empreendido por Acabe, durante o seu reinado em Samaria. Há uma tradição de que o próprio profeta Isaías teria sofrido o martírio durante o governo deste monarca iníquo.

5. *Epílogo* (21.17,18)

O **jardim de Uzá** (18) é diferente das referências usuais ao sepultamento na "cidade de Davi". Manassés e seu filho Amom (26) foram os dois únicos reis sepultados neste local. Sua apostasia aparentemente os desqualificou em relação à tradicional necrópole real. Este **jardim** foi localizado nas vizinhanças do tanque de Siloé, próximo à confluência dos vales de Hinom e Cedrom, não muito longe do lugar onde os sacrifícios humanos eram realizados.

C. O REINADO DE AMOM (642-640 a.C.), 21.19-26 (cf. 2 Cr 33.21-25)

O breve reinado de Amom foi uma monótona e trágica continuação da apostasia e idolatria que aplicaram seu aperto mortal à vida religiosa de Judá durante o governo de Manassés. Algum tipo de rivalidade interna na corte irrompeu no assassinato do jovem rei (23). **O povo da terra** (24), presumivelmente, liderado por seus representantes em Jerusalém, **pôs a Josias... rei**, após seu pai ser assassinado.

D. O Reinado de Josias (640-608 a.C.), 22.1—23.30 (cf. 2 Cr 34.1—35.27)

Josias, como Ezequias, era tido em alta estima pelo historiador. Quanto a Ezequias, foi dito que não existiu rei que confiasse tanto no Senhor como ele o fez (18.5). De Josias, foi escrito que jamais houve outro rei que tenha dado mais atenção à obediência à lei de Moisés do que ele (23.25).

1. *Prólogo* (22.1,2)

Josias foi mais um que iniciou o seu governo como rei-menino. Mas, diferente de Manassés, os que possuíam influência e autoridade, e o cercavam, estavam interessados em promover a bondade e a santidade. Josias, quando adulto, continuou a promover ativamente a adoração apropriada a Deus, assim como uma vida de fé e devoção. Por isso, ele foi descrito como um rei que **fez o que era reto aos olhos do Senhor** (2).

2. *Instruções Referentes ao Templo* (22.3-7)

O relato do reinado de Josias, comparado a outras narrações, não tinha, primariamente, o objetivo de ser uma seqüência cronológica de eventos, mas, ao contrário, uma apresentação dos aspectos de grande importância religiosa. A seqüência desses eventos em 2 Crônicas está mais próxima de ser cronológica. O **ano décimo oitavo do rei Josias** (3) é uma referência ao décimo oitavo ano de seu reinado (622 a.C.). Entende-se que nem todos os eventos relatados nesta narração ocorreram, necessariamente, no décimo oitavo ano, mas, ao contrário, que este foi um ponto central de seu governo. Dos relatos em Crônicas, parece claro que algum reparo foi executado no Templo antes do décimo oitavo ano de Josias. Esta reforma (4-7) foi realizada de acordo com o padrão estabelecido por Joiada (cf. 12.9-15).

3. *A Lei é Descoberta e Lida para Josias* (22.8-10)

Duas pessoas anteriormente mencionadas, Hilquias, o sumo sacerdote, e Safã, o escrivão (8), ou secretário, foram responsáveis por relatar a Josias a descoberta do **livro da Lei**. Apesar das muitas sugestões modernas, parece claro que esta cópia data da época das fontes mosaicas originais. Não era apenas um conjunto de leis com sua origem nos tempos de Manassés ou de Josias. Adicionalmente, parece que esta era o texto oficial do Templo, que tinha desaparecido há algum tempo. Não era, necessariamente, a única cópia da Lei. As partes que declaram as responsabilidades específicas do rei e do povo foram lidas para Josias.

4. *A Reação de Josias à Lei* (22.11-13)

Quando Josias **rasgou as suas vestes** (11), indicou que ele e seu povo tinham uma causa justa para o remorso por causa da desobediência pessoal e nacional. A ordem para o seu círculo de conselheiros íntimos foi a seguinte: **consultai ao Senhor por mim, e pelo povo** (13). Esta ordenança estava de acordo com a dependência que o rei tinha anteriormente dos profetas quanto à Palavra do Senhor.

Nos versículos 8-13, encontramos "uma resposta certa à verdade divina". (1) Uma piedosa tristeza pelo pecado, 11 – veja também o versículo 19; (2) Um desejo por mais luz, 12,13; (3) Um claro reconhecimento dos resultados que vieram através da ignorância e da desobediência.

5. *Hulda, a Profetisa* (22.14-20)

O grupo designado por Josias procurou a **profetisa Hulda** (14). É difícil explicar porque eles desconsideraram servos de Deus como Sofonias, Jeremias ou possivelmente Habacuque, que viviam naquele tempo. Ela era uma rara exceção, já que os homens normalmente ocupavam o cargo de profeta. Hulda, presumivelmente, havia se estabelecido como uma confiável porta-voz de Deus. A sua inspiração profética nesta ocasião é justificativa suficiente para os servos do rei a terem procurado. **A segunda parte** (14; "segundo quarteirão") é, provavelmente, uma referência à cidade baixa, uma extensão residencial a oeste do Templo em uma depressão que é a parte superior do vale Tiropeano. A palavra do **Senhor** (15) através de Hulda consistia de dois pontos principais: (*a*) A ira de Deus havia sido acesa e o julgamento viria sobre o povo por causa das práticas idólatras (15-17); (*b*) Josias, o **rei de Judá** (18) não viveria para ver a destruição e a desolação resultante do derramamento da ira de Deus (18-20).

A importância das Escrituras tanto na vida pessoal como nacional é realçada nos versículos 8-20. O tema desta passagem é "trazendo o livro de volta" (1) A lei estava perdida dentro do próprio Templo, 8; (2) Sua recuperação levou ao arrependimento, 9-11; (3) O arrependimento leva ao reavivamento, 12-13; (4) O reavivamento possibilita a prorrogação da pena, e inclina os corações à busca do perdão, 14-20.

6. *Um Pacto para Obedecer à Lei* (23.1-3)

Ao reunir o povo com o objetivo de ler para todos o livro da lei, Josias já o obedecia. Deus havia ordenado que a lei fosse lida para o povo (Dt 31.9-13). O rei, ao assumir a liderança da divulgação da aliança, procura viver em obediência a esta, e lembra-nos o resoluto Josué, que declarou diante do povo reunido em Siquém que ele serviria ao Senhor (Js 24.15). Moffatt interpreta as palavras: **se pôs em pé junto à coluna** (3) como "permaneceu sobre a plataforma". A expressão **perfilar-se ao pacto**, que consta em algumas versões em inglês, significa "concordar com o pacto" (Berk.).

7. *Uma Limpeza Religiosa* (23.4-14)

Parece que a atitude de livrar Judá de suas abominações pagãs foi iniciada no décimo oitavo ano de Josias (talvez antes), mas é provável que ela tenha exigfido mais de um ano para ser concluída. O propósito inicial desses atos de reforma era uma purificação religiosa e não o estabelecimento de uma adoração central no Templo. Esta prática data de muito antes de Josias.

A limpeza era outro esforço para remover práticas pagãs que haviam sido anteriormente abandonadas, bem como desalojar inovações mais recentes. Agora, como antes, não se pode ter a certeza de que uma vez que uma tendência pecaminosa tenha sido extirpada, ela não retorne. A natureza do pecado consiste em aguardar uma ocasião propícia. Dada a oportunidade, ele retorna em uma forma mais atrativa e sutil do que antes.

a. A adoração a Baal e Aserá (23.4-10,13,14). A adoração a **Baal** e ao **bosque** ou a Aserá (4) tornou-se uma praga no reino do Norte, particularmente sob o governo de Acabe e Jezabel (veja 1 Rs 16.32 e 18.19ss). Esta também tinha sido uma ameaça intermitente à vida religiosa de Judá (veja 1 Rs 14.23,24; 2 Rs 11.17-20; 18.4,5). Anteriormente, na época de Josias, ela tomara conta da vida religiosa de Judá, novamente, em todas as suas múlti-

plas formas. **Os sacerdotes da segunda ordem** seriam os que atuavam logo abaixo do sumo sacerdote. **Os utensílios que se tinham feito para Baal, e para o bosque**, eram utilizados no Templo. Josias, então, **os queimou... e levou as cinzas deles a Betel,** onde a idolatria de Israel havia começado e se espalhara. **Sacerdotes** estabelecidos queimavam incenso a Baal **sobre os altos** (5). Uma imagem de Aserá (**o bosque**, 6) havia sido erguida no Templo. As prostitutas haviam se tornado um grupo aceitável entre aqueles que ministravam a religião no Templo. **As mulheres teciam casinhas para o ídolo do bosque** (7). Estas seriam "cortinas... para os lugares onde os rituais da impura deusa eram realizados" (Clarke). Os sacerdotes de Baal e Aserá levaram a sua adoração nos lugares altos do extremo norte de Judá para o sul – **desde Geba até Berseba** (8).

Derribou os altos das portas, etc. (8). "Ele derrubou os santuários dos sátiros que ficavam na entrada para a casa de Josué, o governador da localidade, à esquerda de quem entra na cidade" (Moffatt). **As sepulturas... do povo** (6) indica que o vale de **Cedrom** (4) também era usado como um cemitério comum. Como uma praga nociva, esta adoração pagã sufocava a videira da verdadeira adoração a Deus. Judá precisava de um rei como Josias para fazer as reformas e trazer o avivamento tão necessário.

b. A adoração a Moloque (23.10). Acaz foi, aparentemente, o primeiro entre os reis de Judá a recorrer à prática de sacrifícios humanos (16.3). Antes desta época, esta prática era vista como impensável pelos hebreus (cf. 3.25-27). Por razões não expostas na Bíblia Sagrada, isto se tornou um rito religioso associado com o culto a Moloque, a quem alguns freqüentemente recorriam durante os reinados de Manassés e Amom (cf. Jr 19.1-9). Ele **profanou a Tofete,** significa que ele destruiu a imagem de Moloque que estava na vale de Hinom, próximo a Jerusalém. Josias atuou de tal maneira no lugar onde o ídolo havia permanecido que, a partir de então, o local se tornou abominável para qualquer hebreu (A. Clarke).

c. A adoração astral (23.5*b*,11,12). Ao retornarmos mais uma vez a Acaz, o endosso a vários aspectos da adoração astral fez com que esta se tornasse parte da vida religiosa de Judá. A reinstituição de tais cultos por Manassés, e sua continuidade incentivada por Amom, foram impelidas pela preocupação que tinham de agradar a Assíria (cf. o comentário sobre 21.3,4). A expressão **exército dos céus** (4) é esclarecida pela menção do **sol**, da **lua** e dos **planetas** (5). Os assírios, bem como os habitantes da Mesopotâmia, endeusavam os vários corpos celestes e acreditavam que estes controlavam os acontecimentos humanos. **Os cavalos que os reis de Judá tinham destinado (dedicado) ao sol** (11) indicam que estes animais, junto com as charretes, eram usados em procissões ou em outros tipos de rituais ligados à adoração ao sol. O significado, em hebraico, para a expressão **no recinto** ou **no Átrio** é incerto. Moffatt a traduz como "no anexo", isto é, junto ao Templo. A adoração ao exército dos céus e a Baal era realizada em cenáculos e no topo dos telhados (12), os lugares aparentemente mais adequados para se contemplar os corpos celestes.

d. Os altos são destruídos (23.13,14). Os lugares que Salomão havia providenciado para algumas de suas esposas adorarem os deuses de suas terras natais (cf. 1 Rs 11.1-8) permaneceram até à época de Josias. Eles foram, agora, destruídos. O **monte de Masite** (ou monte de corrupção/monte da destruição; 13) é considerado por alguns como o monte

das Oliveiras. **Defronte de Jerusalém**, significa "a leste de Jerusalém". Se estas interpretações estiverem corretas, **os altos** do versículo 13 estariam a sudeste de Jerusalém. **O rei profanou:** significa que ele espalhou, nos lugares consagrados aos deuses pagãos, as cinzas dos objetos religiosos pagãos que havia queimado. **Encheu o seu lugar**, isto é, "encheu seus locais com as cinzas dos ossos dos mortos" (Moffatt). Este era considerado o pior tipo de corrupção que um lugar poderia sofrer. Com tais atos, Josias deliberadamente violou a "santidade" das áreas dedicadas à adoração pagã. Além do mais, a queima e o espalhamento das cinzas transmitiam a idéia de que cada medida era tomada para destruir por completo as falsas práticas religiosas.

8. *A Destruição do Altar em Betel* (23.15-20)

A purificação religiosa de Josias foi realizada na região do antigo reino do Norte, então uma província assíria. Foi, então, sugerido que esta parte de sua reforma deve ser datada após 612 a.C., o ano em que Nínive caiu sob o ataque dos babilônios, medos e citas[19]. Entretanto, a preocupação assíria com a ameaça de invasão teria diminuído o rígido controle da província de Samaria mesmo antes de 612. **O altar** de Jeroboão, **que estava em Betel** (15), e que era chamado de **alto**, esteve aparentemente em uso contínuo desde a queda de Samaria até a época de Josias. Sua destruição pelo rei de Judá, ao lado da eliminação de outros lugares altos, era o cumprimento da profecia do homem que veio de Judá (1 Rs 13.1-3), cuja tumba Josias observou, a qual ele não profanou (17,18; cf. 1 Rs 13.26-31). **Tomou os ossos... e os queimou sobre aquele altar** (16). Esta atitude, mais uma vez, tinha a intenção de ser uma extrema profanação do altar que havia sido dedicado à falsa adoração. **Que é este monumento?** (17) é uma expressão que pode ser traduzida como: "Que monumento é este que vejo?" (Berk.) **Todas as casas dos altos** (19), isto é, "todos os santuários".

9. *A Ordem para a Observância da Páscoa* (23.21-23; cf. 2 Cr 35.1-19)

A Páscoa era a festa anual mais importante de Judá. Era uma lembrança da piedade de Deus que, miraculosamente, tirara seus pais da escravatura para uma vida de liberdade. Esta festividade apontava para uma seqüência de eventos que demonstraram a eles que eram o povo de Deus entre os habitantes da terra. Era uma lembrança constante de que, como povo eleito, tinham uma chamada particular a desempenhar – eles deveriam ser "luz para as nações".

O historiador observou que ninguém, **desde os dias dos juízes** (22) até o tempo de Josias, havia observado a Páscoa da maneira como este rei de Judá o fez. Só podemos conjeturar em que sentido isto ocorreu – possivelmente com a participação sincera e prazerosa do rei e do povo em uma ocasião religiosa há muito negligenciada.

10. *Ninguém se Iguala a Josias em Obediência* (23.24,25)

Com base na purificação promovida por Josias, e em seu intento declarado de obedecer à Lei de Moisés, o historiador o classifica da forma mais elevada possível. **Os adivinhos, os que tinham espíritos familiares** (24), significam os médiuns. A expressão **os ídolos** significa os enfeites do lar. **Que se viam na terra** deve ser entendido: "que foram notados na terra". Não houve **rei** entre os de Israel e os de Judá que tenha dado tanta atenção à observação de **toda a Lei de Moisés** (25).

11. *A Ira de Deus* (23.26,27)

O historiador, ao escrever algum tempo após a queda de Judá, reconheceu que Judá havia sido destruída e que o reavivamento religioso de Josias não suportara a onda de pecado iniciada no reinado de Manassés. A reforma, embora significativa e substancial, não se manteve após a inesperada morte do rei, e, assim, não foi suficientemente profunda e extensa em seu efeito na vida da nação. **Judá** havia sido removida da face de Deus e **Jerusalém**, a cidade onde o nome do Senhor estava estabelecido, **fora rejeitada** (27). O restante do livro de 2 Reis fornece os detalhes.

12. *Epílogo* (23.28-30)

As circunstâncias da inesperada morte de Josias são aqui expressas de forma sucinta. **Nos seus dias, subiu Faraó-Neco, rei do Egito, contra o rei da Assíria, ao rio Eufrates; e o rei Josias lhe foi ao encontro; e, vendo-o ele, o matou** (29). Entretanto, como se sabe agora a partir de fontes seculares, sua morte foi parte de uma complicada situação internacional. O ano de seu falecimento foi 608 a.C.[20]. Os assírios esperavam evitar o assalto dos babilônios e dos medos em Harã. Neco (II) estava interessado em ajudar os assírios contra os babilônios, que eram mais fortes. Ele esperava ganhar o controle da Síria e da Palestina e usar a enfraquecida Assíria como uma proteção entre o seu domínio e os babilônios. Desse modo, Josias saiu com o exército de Judá para ser um obstáculo aos egípcios, que marchavam no intuito de auxiliar os inimigos de longa data dos judeus, a Assíria. O texto, portanto, poderia ser traduzido como: "levantou-se contra o rei da Assíria".

Após a batalha, Neco continuou em direção ao norte e juntou forças com Assur-Ubalite contra a Babilônia em Harã. Eles se dirigiram àquela localidade, mas as forças egípcias conseguiram ganhar o controle de Carquêmis e mantê-la até 605 a.C. **Megido** (30), o lugar da batalha em que Josias foi fatalmente ferido, era o local de uma importante fortaleza-palácio desde 733 a.C. até os tempos deste rei de Judá. Após a batalha entre os egípcios e os judeus em 608 a.C., este deixou de ser um lugar de proeminência.

Judá usufruiu sua independência desde 612 a.C., após a queda de Nínive, até 608 a.C. Nessa época, encontrava-se sob o controle egípcio. Assim, o epílogo da vida de Josias foi o início do fim para o reino do Sul.

E. O Reinado de Joacaz (608 a.C.), 23.31-35 (cf. 2 Cr 36.1-4)

O avô materno de Joacaz, **Jeremias, de Libna** (31), não deve ser confundido com o profeta do mesmo nome, que era de Anatote. O jovem rei havia governado por três meses quando foi chamado a **Ribla** (33), ao sul do lago de Hums, nas proximidades de Cades, no Orontes. Por razões não declaradas, ele foi deposto por Neco, que impôs uma pena de **cem talentos de prata** (US$200.000) **e um talento de ouro** (US$30.000, Berk.). Ele foi substituído por seu irmão **Eliaquim**, aparentemente mais voltado para o Egito, cujo nome Neco mudou para **Jeoaquim** (34). Ele tinha, aparentemente, que pagar um tributo anual a faraó enquanto Judá estivesse sob o controle egípcio (35).

F. O REINADO DE JEOAQUIM (608-597 a.C.), 23.36—24.7 (cf. 2 Cr 36.5-8)

A Bíblia deixa claro que Judá era uma nação vassala do Egito quando Jeoaquim subiu ao trono, mas ela se tornou sujeita à Babilônia no período final de seu reinado (cf. 23.34 e 24.1). Ela também foi perturbada por mãos estrangeiras como parte do juízo divino determinado (2,3), mas a nação que costumava causar os eventos que a levaram à queda foi a **Babilônia**. (7), a grande potência da Mesopotâmia.

É necessário nos referirmos a fontes seculares, para conhecermos certos detalhes e podermos compreender mais claramente os eventos registrados pelo historiador. Os babilônios, liderados pelo caldeu Nabopolassar e seu filho Nabucodonosor, avançaram em direção ao oeste. Em 605 a.C. eles atacaram as forças egípcias em Carquêmis e as derrotaram, e forçaram-nas a fugir em direção a Hamate, onde sofreram um golpe ainda mais humilhante.

As notícias da morte de Nabopolassar em 605 atrasaram a marcha da Babilônia para o sul, em direção à Palestina e ao Egito. No entanto, em 603/2 a.C., Nabucodonosor conduziu o exército babilônio à Filístia. Foi possivelmente nesta época que Jeoaquim considerou uma política sábia transferir a sua lealdade para Nabucodonosor (24.1).

Em 601 a.C., Nabucodonosor foi derrotado em uma grande batalha contra os egípcios. Esta derrota parece explicar porque Jeoaquim **se virou e se revoltou contra** o rei da Babilônia (24.1), evidentemente na esperança de se aproveitar do momento de fraqueza da Caldéia. Os **caldeus e as tropas dos siros**, etc., (2) foram, talvez, contingentes de soldados que Nabucodonosor enviou contra Judá para mantê-la em xeque, até que ele próprio pudesse atacá-la. Finalmente, avançou contra Judá em 597 a.C. Jeoaquim estava vivo quando começou o cerco a Jerusalém. Entretanto, morreu, ou foi assassinado, e seu filho Joaquim, com dezoito anos (24.8), o sucedeu. Três meses depois, ele se tornou prisioneiro dos babilônios.

G. O REINADO DE JOAQUIM (597 a.C.), 24.8-17 (cf. 2 Cr 36.9,10)

O registro bíblico da rendição de Joaquim a Nabucodonosor é notavelmente bem suplementado pela Crônica Babilônica. Ela relata como o rei caldeu marchou para a terra de Hatti (Síria-Palestina), acampou contra a cidade de Judá, atacou-a e capturou o seu rei. A data calculada a partir de detalhes da Crônica é março-abril de 597 a.C., o **oitavo ano de seu reinado** (12). A Crônica também menciona que Nabucodonosor recebeu um pesado tributo e o enviou para a Babilônia, após designar um rei de sua escolha. Este último detalhe é, aparentemente, uma referência à designação de **Zedequias** (17) como rei vassalo após Joaquim.

Este ataque babilônio resulta na primeira grande deportação de Judá (10-16) que foi realizada relativamente com poucos danos a Jerusalém. A intenção de Nabucodonosor era, meramente, trazer esta nação de volta à condição de um de seus reinos subjugados. Judá, entretanto, sentiu a severidade deste governo através da deportação do rei, dos membros da realeza e de todos os cidadãos cultos e bem preparados em diversas áreas. Incluído entre os cativos, nessa ocasião, estava Ezequiel, o profeta (Ez 1.1,2).

O saque do Templo (13) foi, talvez, impulsionado tanto por uma questão religiosa como por um interesse em arrecadar toda a riqueza disponível. Como não havia uma imagem de divindade para se tomar como prêmio de guerra, os vasos com que se ministravam no Templo serviram como substituto. Os babilônios, de posse destes, podiam reivindicar que o Senhor Deus não era tão grande como o deus deles – Marduque ou Bel.

H. O Reinado de Zedequias (597-586 a.C.), 24.18—25.7 (cf. 2 Cr 36.11-16)

Zedequias, um novo nome para **Matanias,** um filho de Josias (17; cf. Jr 52.1 e 2 Cr 36.10), indicou a mudança em sua vida ditada por seu senhor babilônio. Mudar o nome de alguém era proclamar poder sobre essa pessoa.

1. *O Reinado Maligno de Zedequias* (24.18,19)

As práticas perversas específicas de Zedequias não foram listadas. As condições em Judá e Jerusalém são, no entanto, freqüentemente descritas pelos profetas Jeremias e Ezequiel (Jr 21; 28–29; etc; Ezequiel 6–8; 13; etc.). Embora fosse claro que Judá não poderia mais viver como uma nação independente, Zedequias ainda tinha a responsabilidade de viver corretamente. Os babilônios não incluíram o culto aos deuses deles como uma condição de servidão, e teria sido possível a Judá continuar a servir a Deus fielmente. Esta foi, aparentemente, uma consideração importante que levou Jeremias a pregar publicamente a rendição e a submissão, ao invés da contínua oposição (Jr 38.17-22).

2. *A Rebelião de Zedequias* (24.20)

Zedequias permaneceu como um fiel vassalo de Nabucodonosor durante nove anos (25.1), e então se rebelou. Pelo que foi registrado em 2 Reis, a revolta parece ter sido uma tentativa de livrar-se do jugo babilônio, pois seu momento coincide com a atividade de Apries, faraó do Egito (chamado de Hofra na Bíblia Sagrada, Jr 44.30; veja a Carta A).

Neco II, do Egito (609-595 a.C.), abandonou a conquista militar durante os últimos anos de seu reinado, ao contentar-se em permitir que os babilônios controlassem os países do rio Eufrates até o rio (ou ribeiro) do Egito (veja 24.7). A mesma política de ficar em casa foi seguida por seu filho Psamético II (594-589). Os anos de submissão de Zedequias ao domínio babilônio correspondem ao período em que Neco II e Psamético II se sentiam satisfeitos por cuidar dos assuntos internos do Egito. Sua rebelião corresponde ao ano em que Apries (Hofra) chegou ao trono, ou seja, 588 a.C. Este reverteu a política dos dois faraós que o antecederam; ele ousou desafiar o controle de Nabucodonosor ao longo do Mediterrâneo.

Os detalhes dados por Heródoto são de que Apries enviou sua frota contra a Fenícia por volta da época em que Nabucodonosor iniciou o seu ataque final contra Jerusalém. Este movimento era direcionado contra o ponto-chave de conexão entre o exército babilônico na Palestina e a sua terra natal. Jeremias registrou que o rei caldeu teve que se retirar temporariamente do cerco a Jerusalém, a fim de proteger-se e derrotar o exército egípcio que vinha em socorro a Zedequias (Jr 37.5,7,8). Fica claro, a partir de

Jeremias, que Zedequias cometeu o erro de ouvir a Apries e depender do socorro do Egito. Ele o fez, apesar de ter sido alertado a não depender de faraó.

3. *Nabucodonosor Toma Jerusalém* (25.1-7)

Após sitiar a cidade por mais de um ano e meio (de janeiro de 587 a julho de 586 a.C.), o exército de Nabucodonosor irrompeu pelos muros de Jerusalém. A **campina** (4) é uma referência ao vale do Jordão, que se estende por cerca de 80 quilômetros do extremo sul do mar da Galiléia à margem norte do mar Morto. **As campinas de Jericó** (5) seriam a seção semi-desértica ao sul de Jericó. Zedequias e seu destacamento aparentemente fugiam para leste, na esperança de escapar através do rio Jordão. **Ribla** (6) era a localização do quartel-general dos babilônios, na Síria central, cerca de 320 quilômetros ao norte de Jerusalém (cf. 23.33). O severo tratamento dado por Nabucodonosor a Zedequias – quando comparado com a piedade que teve para com Joaquim – talvez possa ser explicado por sua fúria contra esse rei, em quem confiara e que havia traído essa confiança.

I. JERUSALÉM É SAQUEADA PELOS BABILÔNIOS, 25.8-17 (cf. Jr 52.12-23)

No mês posterior àquele em que Zedequias foi capturado e levado a Nabucodonosor em Ribla, Nebuzaradã (8), seu general, queimou os maiores edifícios de Jerusalém (9), **derribou os muros** (10) e reuniu reféns de guerra (11). **Os rebeldes que se renderam** refere-se àqueles "que já haviam se rendido" (Moffatt). Ele também levou **os utensílios** do Templo (14), as **duas colunas** (16) e **o mar** (a grande pia de bronze; cf. 1 Rs 7.13-47). Estes foram cortados em pequenos pedaços, o suficiente para serem levados para a Babilônia. **De puro ouro ou de prata** (15) pode ser lido como: "O que era de ouro, o capitão da guarda levou como ouro e o que era de prata como prata". Talvez pelo menos alguns dos instrumentos tenham sido derretidos e transformados em lingotes de ouro e prata. O magnífico Templo, planejado para permanecer como uma testemunha do Senhor Deus e daquilo que Ele havia feito pelo seu povo, foi demolido e despojado de sua riqueza material e de sua simples beleza. Foi transformado em um lugar que faria com que aqueles que por ele passassem ficassem pasmados e assobiassem com menosprezo (cf. 1 Rs 9.8).

J. OUTRA DEPORTAÇÃO, 25.18-21 (cf. Jr 52.24-30)

Nebuzaradã, **o capitão da guarda** (18), moveu-se, então, contra aqueles que ainda o desafiavam. É possível que algumas informações indicassem que esses líderes em particular tenham sido contra os babilônicos em suas atitudes e ações. Isto é sugerido pelo modo como Nabucodonosor ficou ciente da posição pró-babilônica de Jeremias e ordenou que ele fosse solto (Jr 39.11-18). Entre os executados estava o **sumo sacerdote** (18), bem como outros sacerdotes e oficiais (18,19). Os **sessenta homens do povo da terra** (cf. 21.4) talvez fossem anciãos das províncias que representavam o povo de suas localidades. De acordo com Jeremias (52.29), o número daqueles que foram levados ao exílio desta vez totalizou 832 pessoas.

K. Gedalias é Designado Governador, 25.22-26 (cf. Jr 40.1-12)

Gedalias foi designado governador de Judá que, aparentemente, Nabucodonosor havia transformado em uma província de seu império. Ele foi designado para administrar uma terra cujas cidades haviam sido destruídas e os principais cidadãos haviam sido deportados para uma terra estrangeira. A exploração arqueológica revelou que muitas cidades de Judá sofreram grande violência na época da queda de Jerusalém; alguns exemplos são Laquis, Debir e Bete-Semes. Algumas das que foram destruídas naquele tempo jamais foram reconstruídas.

Gedalias veio de uma família notável. Seu pai, **Aicão** (22), teve uma atuação fundamental ao poupar Jeremias em uma ocasião em que o povo de Jerusalém ameaçou matar o profeta (Jr 26.24). Seu avô, **Safã**, havia servido como secretário de Estado no gabinete de Josias (22.3). Um selo de Laquis aparentemente se refere a ele como o ministro chefe de Zedequias ("sobre a casa")[21].

Gedalias tentou convencer os que ficaram em Judá que era importante aceitar o domínio babilônico (24). Entretanto um grupo liderado por **Ismael** (25) continuava a vê-lo com suspeitas, como alguém que colaborava com o inimigo, e assim assassinaram tanto a ele como a outros. **Mispa** (25) foi identificada por vários estudiosos com *Tell en-Nasbeh*, uma antiga colina cerca de 13 quilômetros ao norte de Jerusalém, na estrada para Samaria[22].

O povo, com medo da represália de Nabucodonosor, fugiu então para o **Egito** (26; cf. Jr 43.5-7). É possível que a esperada represália realmente tenha ocorrido, e que os 745 levados cativos no 23º ano de Nabucodonosor (por volta de 582 a.C.; cf. Jr 52.30) tenham sido vítimas dela.

L. Joaquim é Libertado da Prisão, 25.27-30 (cf. Jr 52.31-34)

O historiador termina sua descrição com o registro da libertação de Joaquim da prisão. Ele foi solto por **Evil-Merodaque** (27) ou Amel-Marduque, em 561 a.C., após trinta e sete anos de prisão. Parece que este acontecimento foi visto pelo historiador e por outros como um dia que trouxe uma nova esperança em relação ao cumprimento daquilo que os profetas haviam declarado em relação aos reis da linhagem davídica. Mesmo como cativo, ele era visto pelos babilônios como **rei de Judá** (27). Isto talvez explique porque Ezequiel marcou os acontecimentos em sua profecia em termos do cativeiro de Joaquim, ao invés de fazê-lo em termos do reinado de Zedequias.

Tábuas cuneiformes encontradas em uma sala próxima ao portão de Istar, na Babilônia, que podem ser datadas entre 595 e 570 a.C., listam as rações dadas às pessoas de países como Egito, Filístia, Fenícia, Judá, Elão, etc. Entre os nomes das pessoas especificamente mencionadas está o nome Yaukin, rei de Judá[23].

Notas

INTRODUÇÃO

[1] Veja Norman H. Snaith, "I and II Kings" (Introduction), *The Interpreter's Bible*, ed. George A. Buttrick, *et al.*, III (Nova York: Abingdon Press, 1954), p. 3.

[2] A última referência está no final do relato do reinado de Jeroboão (2 Rs 24.5); esta é a décima quinta referência a esta fonte específica.

[3] Veja a obra de Edward J. Young, *An Introduction to the Old Testament* (ed. rev.; Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1960), p. 200.

[4] Veja Snaith, *op. cit.*, pp. 10 e 11. Snaith relaciona a primeira edição "deuteronômica" significativa à descoberta da lei durante o reinado de Josias; ele também limita a obra do historiador desconhecido a Reis.

[5] Veja G. Ernest Wright, "The Book of Deuteronomy" (Introdução), IB, II (1953), pp. 314-18; Wright e Reginald H. Fuller, *"The Book of the Acts of God"* (Garden City; Doubleday and Company, Inc., 1957), pp. 99-130. Compare também a obra de John Bright, "The Book of Joshua" (Introdução), IB, II, p. 542.

[6] "Teológico" como é usado aqui não deve ser interpretado em termos de qualquer sistema ou formulação doutrinária em particular, no sentido moderno da palavra. Antes, o termo se refere ao entendimento religioso do historiador, principalmente originado deste conceito de Deus. Ele era monoteísta e considerava os ídolos de outros povos como objetos feitos pelo homem; portanto, vãos e sem sentido.

[7] A base para equiparar o chamado à santidade com a ênfase à obediência é encontrada particularmente em Levítico 17–26, o assim chamado "Código de Santidade". "Sede santo" é uma expressão aplicada repetidamente ao que israelitas não deveriam fazer em muitos casos, e ao que eles poderiam fazer em muitos outros. Além disso, existem repetidas admoestações para guardarem as leis de Deus, isto é, para obedecerem. Dessa forma, fica claro que o chamado à santidade é um chamado à obediência.

[8] A principal ênfase de Deuteronômio é que Israel deve servir a Deus com uma lealdade exclusiva, e que não devem dar lugar ao culto aos ídolos que estão à sua volta (veja Dt 4.35). Uma ênfase adicional é dada às condições pelas quais Israel veio a possuir a sua terra, e através das quais deve retê-la ou afastar-se dela. Desse modo, a lealdade a Deus, a obediência ou a resposta ao chamado à santidade, é a sua questão central. Este é o ponto de vista "deuteronômico" (cf. G. Ernest Wright e Reginald H. Fuller, *op. cit.*, pp. 101,2).

[9] Veja Joseph P. Free, *Archaeology and Bible History* (Wheaton: Van Kampen Press, 1950), p. 179. As datas da cronologia de Free foram usadas em *Exploring the Old Testament*, ed. W. T. Purkiser (Kansas City: Beacon Hill Press, 1955), pp. 424-32. Outras fontes significativas sobre a cronologia da monarquia dividida são: W. F. Albright, "The Chronology of the Divided Monarchy", *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* (BASOR), N° 100 (1945), pp. 16-22; James A. Montgomery, *The Books of Kings* ("The International Critical Commentary" – ICC; Nova York: Charles Scribner's Sons, 1951), pp. 45-64; John Gray, *I & II Kings* ("The Old Testament Library"; Filadélfia: The Westminster Press, 1963), pp. 55-74.

SEÇÃO I

[1] O que seria uma contradição deixa de sê-lo, quando se reconhece que o historiador aplicou um aspecto do princípio de Deuteronômio à primeira parte do reinado de Salomão, e o outro aspecto à última parte de seu governo.

[2] John Gray, de acordo com outros, afirma que a "História da Corte" de Davi, como incluída em 2 Samuel 9.20, é a fonte principal que o historiador utilizou para mostrar como Salomão se tornou completamente estabelecido no trono. Os materiais deste registro da corte terminam em 1 Reis 2.46. Veja John Gray, *I & II Kings, A Commentary* (Philadelphia: The Westminster Press, 1963), p. 20.

[3] Não é possível nem exeqüível dar um tratamento completo a 1 e 2 Reis, no que diz respeito aos comentários. A partir deste ponto, o caminho foi: em primeiro lugar, o uso da Bíblia em hebraico para observar o que ela contém, e deixá-la falar por si mesma; em segundo lugar, a utilização de materiais arqueológicos e outros auxílios similares, cujas fontes são dadas nas notas de rodapé; e, em terceiro lugar, a consulta a comentários selecionados e a dicionários bíblicos. Os comentários, em ordem de importância segundo este colaborador os avaliou e utilizou: C. F. Keil, *The Books of the Kings, Biblical Commentary on the Old Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950); John Gray, *op. cit.*; Norman Snaith, *op. cit.*; e James A. Montgomery, *The Books of Kings*, ICC, 1951. Os dicionários bíblicos são: *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, ed. George A. Buttrick, 4 volumes (New York: Abingdon Press, 1962); e *The New Bible Dictionary*, ed. por J. D. Douglas (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1962). A ausência de referências específicas mais freqüentes a estas fontes se deve à limitação de espaço.

[4] Esta é a única referência a Simei e Reí; nenhum deles é mencionado em 1.32 e 38, como era de se esperar. Este Simei não é o mesmo de 2.8 (veja também 2 Sm 16.5-8 e 19.16-23). Possivelmente trata-se de Simei, filho de Elá (1 Rs 4.18). Reí é completamente desconhecido, com exceção desta passagem.

[5] A sugestão de Norman Snaith de que Natã e Bate-Seba engendraram uma trama para forçar a escolha de Salomão por parte do decadente Davi (*op. cit.*, p. 23) é uma abordagem que tenta forçar as Escrituras a se adequarem a um ponto de vista moderno, ao invés de procurar entender o bíblico. Parece claro que o historiador apresentou todo o incidente de Adonias do ponto de vista de uma tentativa mal-sucedida de usurpação total do trono.

[6] Para um relatório preliminar e geral sobre as recentes explorações na área dos lugares mencionados nestes primeiros capítulos de 1 Reis, veja a obra de Kathleen Kenyon, "Excavation in Jerusalem", *Biblical Archaeologist*, XXVII, No. 2 (1964), pp. 34-51.

[7] A ordem de Davi a Salomão a respeito do Templo (1 Cr 22.6-16), particularmente as palavras: "E confirmarei o trono de seu reino sobre Israel, para sempre" (10, heb.) indica que Davi tinha apresentado este filho como o seu sucessor algum tempo antes do incidente de Adonias. A unção em Giom, portanto, deve ser interpretada não apenas como uma reafirmação de que ele foi escolhido para ser rei, mas também como uma instalação pública oficial no trono.

[8] S. Cohen, "Anathoth", IDB, Vol. *A-D*, p. 125b.

[9] Cf. 1 Crônicas 24.3; veja comentário sobre 1 Samuel 2.27-36.

[10] Na Septuaginta este versículo está combinado com 9.16 e ambos estão colocados depois de 4.34, uma indicação de que durante a transmissão foram levantadas algumas dúvidas com respeito à posição deste versículo.

[11] Um exemplo não-bíblico notável é o de Tushratta de Mitanni, que concedeu a sua filha Taduhepa como esposa a Amenotepe III. Este casamento proporcionou uma relação amigável entre as duas nações. Veja Jack Finegan, *Light from the Ancient Past* (Princeton: Princeton University Press, 1959), p. 198. Compare também os muitos casamentos de Salomão nos anos posteriores, e o matrimônio entre Acabe e Jezabel (16.31).

[12] Veja W. F. Albright, *Archaeology and the Religion of Israel* (segunda edição; Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1946), pp. 105-7; Albright, "The High Place in Ancient Palestine", Suplemento de *Vetus Testamentum*, IV (1957), pp. 242-58; G. Henton Davies, "High Place, Sanctuary", IDB, Vol. *E-J*, pp. 602-4; G. T. Manley, "High Place", NBD, pp. 525,26; "High Place", *Unger's Bible Dictionary* (Chicago: Moody Press, 1957), p. 483.

[13] J. B. Pritchard, "Gibeon", IDB, Vol. *F-J*, pp. 391-93; veja outras publicações de Pritchard relacionadas na sua bibliografia, p. 393.

[14] **Sou ainda menino pequeno**, uma expressão tipicamente oriental, que visa dar ênfase. Em 1 Reis 14.21 afirma-se que Roboão tinha 41 anos na época de sua ascensão ao trono. Por ter Salomão reinado durante quarenta anos, podemos admitir que ele era casado nesta ocasião, e Roboão tinha apenas um ano de idade na época da ascensão de seu pai.

[15] Observação de Gray, *op. cit.*, p. 124. Veja Cyrus H. Gordon, "The Ugaritic Texts in Transliteration", *Ugaritic Handbook* (Roma: Pontificium Institutum Biblicum, 1947), p. 164 – Texto 127:45-50 e p. 182 – 2 Aqht: V:5-9. Também Gordon, *Ugaritic Literature, ibid.*, 1949, p. 82 – Texto 127:45-50 e p. 88 – 2 Aqht: V:5-9. Compare trechos correspondentes em H. L. Ginsberg, "Ugaritic Myths, Epics and Legends", *Ancient Near Eastern Texts*, ed. James B. Pritchard (Princeton: Princeton University Press, 1950), p. 149 (coluna *a*, linhas 45-50) e p. 151 (coluna *a*, V:5-9).

[16] John Bright, *A History of Israel* (Philadelphia: The Westminster Press, 1959), p. 184: G. Ernest Wright, *Biblical Archaeology* (ed. rev.; Philadelphia: The Westminster Press, 1962), pp. 125,26. Um estudo definitivo é o de R. de Vaux, "Titres et fonctionnaires egyptiens a la cour de David et de Salomon" (*Revue Biblique*, XLVII, 1939, pp. 394-405). A respeito desta proposta, é importante recordar que o reinado em Israel deveria ser baseado em outros povos (veja 1 Sm 8.4,5) com, naturalmente, diferenças básicas, em particular na sua compreensão "teológica". No entanto, detalhes como o gabinete de Davi e outros aspectos necessariamente humanos se encaixam na cópia pretendida de outros povos, embora não sejam especificamente indicados deste modo nos registros bíblicos.

[17] C. F. Keil, *op. cit.*, p. 44.

[18] James A. Montgomery, *op. cit.*, pp. 113-15; Gray, *op. cit.*, p. 128.

[19] Sausa (1 Cr 18.16), Seva (2 Sm 20.25) e Sisa (1 Rs 4.3) são vistos como diferentes grafias do nome do mesmo homem. As diferenças parecem indicar que os últimos copistas não tinham certeza de como o nome deveria ser escrito. Veja G. Ernest Wright, *op. cit.*, p. 126. Seraías poderia ser o nome de outra pessoa; ele se encontra na primeira lista dos comandantes de Davi (cf. 2 Sm 8.17). É possível que esta também seja uma variação do nome do mesmo homem (cf. C. F. Keil e F. Delitzsh, *The Books of Samuel*, p. 367).

[20] Com respeito a estes detalhes dos antecedentes egípcios para estes e outros cargos de Salomão, veja Wright, *op. cit.*, pp. 125,26.

[21] Keil, *op. cit.*, p. 45.

[22] "I and II Kings", NBC, p. 305.

[23] Para propostas significativas a respeito dos distritos administrativos e provedores de Salomão, veja W. F. Albright, *Archaeology and the Religion of Israel*, p. 140. Cf. John Bright, *op. cit.*, pp. 184,85. Um estudo detalhado sobre este assunto é o de Frank M. Cross, Jr., e G. Ernest Wright, "The Boundary and Province Lists of the Kingdom of Judah", *Journal of Biblical Literature*, LXXV (1956), pp. 202-9. Para um tratamento geral da arqueologia e da organização dos distritos de Salomão, veja Wright, *Biblical Archaeology*, pp. 131-34. Uma investigação de duas semanas, realizada em maio de 1962, da American School em Jerusalém conduzida

por Paul W. Lapp, em Tell er-Rumeith na Transjordânia, forneceu uma base mais ampla para a identificação de Ramote-Gileade (13) por Glueck. Ela deve ser identificada com Tell er-Rumeith (ou Ramith).

[24] ARI, p. 131.

[25] Calculado em O. R. Sellers, "Weights and Measures", IDB, Vol. *R-Z*, p. 835; a "medida/coro" (em hebraico, *kor*, medida seca) é sugerida como 5,16 alqueires. Cf. também George Augustin Barrois, "Chronology, Metrology, Etc.", IB (1), p. 155; o *coro* é igual a 6,524 alqueires. Alguns sugerem que o *coro* corresponde a 11 alqueires (Gray, *op. cit.*, p. 137). A medida varia; 5,16 alqueires é talvez a média ou até mesmo a quantidade média, ao passo que 11 alqueires pode ser a quantidade máxima.

[26] ARI, p. 132. Airão é a forma nas fontes fenícias. Hurom (2 Cr 2.3; *passim*), ou Hirão, é uma variação posterior da grafia original de Reis.

[27] Sellers, *op. cit.*, p. 838. A versão RSV em inglês traduz o grego "vinte mil coros de azeite batido".

[28] Esses 480 anos foram o motivo de uma considerável discussão nos estudos da cronologia do Antigo testamento. Veja Merrill F. Unger, *Archaeology and the Old Testament* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1954), pp. 140-49, para os argumentos a favor de uma tradução literal e verdadeira de 480 anos, e do ano 1440 a.C. para o êxodo. Veja G. Ernest Wright, *Biblical Archaeology*, pp. 58-60 e 78-85, para uma discussão favorável à interpretação de que 480 anos é um número arredondado que corresponde a doze gerações.

[29] Veja S. J. De Vries, "Calendar", IDB, Vol. *A-D*, pp. 485,86.

[30] Veja Wright, *op. cit.*, pp. 137-40. Veja também Wright, "The Steven's Reconstruction of the Solomonic Temple", *Biblical Archaeologist* (doravante abreviada como BA), XVI (1955, 2), pp. 41-44. Para uma reconstrução que utiliza muitos detalhes também utilizados por Wright, mas que difere em outros, veja Paul L. Garber, "Reconstructing Solomon's Temple", BA, XIV (1951, 1), 2-24; cf. estudo anterior de Wright, "Solomon's Temple Resurrected", BA, IV (1941, 2), pp. 18-31. Artigos de dicionários de publicação recente onde o assunto foi discutido: A. R. Millard, "Temple", NBD, pp. 1243-45; W. F. Stinespring, "Temple, Jerusalem", ID, Vol. *R-Z*, pp. 534-47. Para um relatório sobre um templo em Hazor com uma planta similar ao de Salomão, veja Yigael Yadin, "The Fourth Season of Excavation at Hazor", BA, XXII (1959), pp. 3-6.

[31] Veja Keil, *op. cit.*, p. 119; também Gray, *op. cit.*, p. 149; e Ellison, *op. cit.*, p. 308.

[32] Ao entender o templo nessa condição, e contra o antigo cenário, Albright sugeriu que o Templo fosse basicamente uma capela real e que isto significava, entre outras coisas, que o sumo sacerdote e a sua família estavam sob a responsabilidade direta do rei (ARI, pp. 138,39). Bright sugere, além disso, que uma vez que a arca estava ali, o objetivo do templo também era o de santuário nacional do povo (*op. cit.*, p. 197).

[33] G. A. Barrois, "House o the Forest of Lebanon", Vol. *E-J*, pp. 657,58, que inclui também a disposição de L. H. Vincent (*Jerusalem de l'AT*, II, fig. 134, 428).

[34] Sobre cobre ou "bronze", veja os comentários sobre 7.40-45.

[35] Keil, *op. cit.*, p. 98.

[36] *Op. cit.*, pp. 102-3.

[37] ARI, p. 139 – a aceitação de Albright da proposta de Scott no *Journal of Biblical Literature*, LVIII (1939), pp. 143ss.

[38] ARI, pp. 144-48; especialmente p. 148, para a sugestão de que o fogo das colunas talvez celebrasse a caminhada pelo deserto.

[39] Veja Wright, *op. cit.*, p. 140.

[40] Os números são de C. C. Wylie, "On King Solomon's Molten Sea", BA, XII (1949, 4), pp. 86-90.

[41] Veja P. L. Garber, "Brass", IDB, Vol. *A-s*, p. 461; F. V. Winnett, "Bronze", *ibid.*, p. 467.

[42] Veja Nelson Glueck, "Explorations in Eastern Palestine IV", *Annals of the American Schools of Oriental Research*, XXV-XXVIII (1951), Part I, pp. 334-47; *The Other Side of the Jordan* (New Haven: *American Schools of Oriental Research*, 1940), particularmente os capítulos III e IV. Veja também Gray, *op. cit.*, pp. 187-96; S. Cohen, "Zarethan", IDB, Vol. *R-Z*, pp. 935,36. Para um breve comunicado inicial a respeito da recente escavação de Pritchard em Zaretã, veja "Archaeology", *Time* (13 de março de 1964), p. 48.

[43] Para a proposta de Gray de que os tesouros tinham sido reduzidos a barras de ouro e prata, cf. *op. cit.*, p. 188.

[44] Sellers, *op. cit.*, p. 832. Na versão *Berkeley*, meio siclo é traduzido como "50 centavos".

[45] Veja especialmente ARI, pp. 154,55, onde o professor Albright chama a atenção não apenas para o pensamento monoteísta dessa época da história de Israel, mas também para o seu aspecto universal, que também aparece adiante, na oração de Salomão (8.43). Para outras publicações sobre o monoteísmo de Israel, veja Albright, *From the Stone Age to Christianity* (segunda edição; Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1957), pp. 11-17, pp. 209-72; também Albright, *History, Archaeology and Christian Humanism* (New York: McGraw-Hill Book Company, 1964), pp. 56,57, 152-54.

[46] Veja Wright, "The Significance of the Temple in the Ancient Near East, Part III", BA, VII (1944, 4), pp. 75,76; também *Biblical Archaeology*, pp. 145,46.

[47] Veja D. J. Wiseman, "Two Historical Inscriptions from Nimrud", *Iraq* XIII, 1951, pp. 21-26.

[48] Keil é favorável a esta interpretação (*op. cit.*, p. 118). Gray (*op. cit.*, p. 193) e Snaith (*op. cit.*, p. 69) entendem que o Templo foi consagrado aproximadamente um ano após a sua conclusão.

[49] Veja Keil e Delitzsh, *The Books of Samuel*, p. 317; também Wright, *op. cit.*, pp. 131, 171. Para recentes escavações da muralha de Jerusalém, etc., veja Kenyon, *op. cit.*, e "Excavations in Jerusalem", *Palestine Exploration Quarterly* (1962), pp. 72-89.

[50] A bibliografia sobre a arqueologia e estes lugares é vasta. Veja Wright, *op. cit.*, pp. 131-34; Gray, *op. cit.*, pp. 226-29; artigos nos dicionários bíblicos e artigos em *Biblical Archaeologist* e em *Bulletin of American Schools of Oriental Research* desde 1948.

[51] Veja ARI, p. 231, n. 29, e fontes ali mencionadas. Esta explicação foi aceita por Bright, (*op. cit.*, p. 191) e Gray (*op. cit.*, p. 115).

[52] Wright, *op. cit.*, p. 131.

[53] ARI, p. 135; Gray, *op. cit.*, p. 231,32.

[54] Para um informativo geral sobre essas descobertas e o seu significado, veja Wright, *op. cit.*, pp. 135-37. Para as publicações de Glueck, veja *The Other Side of the Jordan* (1940); "The First Campaign at Tell El-Kheleifeh", *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, N. 71 (1938), pp. 3-18; também *Bulletins* N. 79 (1940), pp.2-18.

[55] *Op. cit.*, p. 237.

[56] Para estes e outros detalhes suplementares a respeito da frota de Salomão, veja ARI, pp. 133-34.

[57] Veja ARI, pp. 132,33 a respeito do desenvolvimento do povo de Sabá e do amplo controle de Salomão das rotas de comércio.

[58] Para análises gerais auxiliares sobre este acontecimento, veja Bright, *op. cit.*, pp. 194,95; e Gray, *op. cit.*, pp. 238-43. Para fontes de estudos mais específicos, veja notas de rodapé em ambos os trabalhos previamente citados. Para uma análise geral das expedições da *American Foundation for the Study of Man*, veja Wendell Phillips, *Qataban and Sheba* (New York: Harcourt, Brace and Company, 1955). Veja também Gus W. Van Beek, "South Arabian History and Archaeology", *The Bible and the Ancient Near East, ibid.,* pp. 229-48.

[59] Para as razões e para a tradução, veja ARI, p. 135. A tradução de Albright é expressa em Wright, *op. cit.*, p. 130. Ela é usada com apenas uma ligeira modificação de vocabulário na versão *Berkeley*. "Egito" é omitido em 28 porque não há evidências de que fosse uma região de criação de cavalos nos tempos antigos. Alguns entendem que ela acontece como uma inadvertida repetição da escrita, sugerida inconscientemente pela sua aparição posterior no texto.

[60] Veja Keil, *op. cit.*, p. 166.

[61] Para os nomes e a história dessas variadas divindades, veja os dicionários bíblicos e os artigos.

[62] Merrill F. Unger, *Israel and the Aramaeans of Damascus* (London: James Clarke & Co., Ltd., 1957), p. 57.

[63] Bright, *op. cit.*, p. 211.

[64] A suposição de Keil e outros de que Aías, embora não mencionado, transmitiu a mensagem de Deus a Salomão (11.9-13) parece estar bem fundamentada, pois ele faz as mesmas afirmações em suas palavras a Jeroboão (31-35).

[65] Para uma discussão útil e detalhada, veja Keil, *op. cit.*, pp. 178-80.

SEÇÃO II

[1] Um termo freqüentemente utilizado pelos teólogos recentes, e que enfoca a atenção naquela que é considerada a unidade implícita na Bíblia Sagrada. As observações incluídas aqui estão relacionadas com as considerações mais importantes para 1 e 2 Reis.

[2] O reino de Deus, no sentido completo da expressão, não pode ser igualado à antiga nação de Israel como um governo, embora talvez, por algum tempo, a antiga nação de Israel tenha sido o próprio reino de Deus na terra.

[3] Wright, *op. cit.*, p. 148.

[4] O comentário de Keil sobre a divisão constitui um dos melhores estudos sobre essa questão: veja *op. cit.*, pp. 183-201.

[5] Veja W. L. Reed, "Shechem" (L. E. Toombs, "Addendum"), IDB, Vol. *R-Z*, pp. 313-15. Para registros preliminares e mais técnicos, cf. artigos em *Biblical Archaeologist* e *Bulletin of American Schools of Oriental Research*, respectivamente, desde 1957.

[6] Não existe qualquer discrepância entre os versículos 2,3 e 20. Jeroboão estava presente na reunião em Siquém, mas aparentemente as tribos do Norte ainda não tinham considerado a divisão, até Roboão enviar Adorão para reforçar seus cruéis propósitos. Então eles se reuniram novamente, requisitaram a presença de Jeroboão e ele foi aclamado rei.

[7] Simeão recebeu um território na extremidade sul da Palestina (Js 19.1-9); as suas cidades foram consideradas pertencentes a Judá (Js 15.26-32).

[8] Bright, *op. cit.*, pp. 211,12.

[9] Veja W. L. Reed, "Tirzah (Place)", IBD, Vol. *R-Z*, pp. 652,53.

[10] Gray, *op. cit.*; veja também S. Cohen, "Penuel", IDB, vol. *K-Q*, p. 727.

[11] Cf. Bright, *op. cit.*, p. 217.

[12] Para detalhes específicos a respeito da localização de Betel, de escavações realizadas neste local, etc., veja J. L. Kelso, "Bethel (Sanctuary)", IDB, Vol. *A-D*, pp. 391-99. Para Dã, veja Gus W. Van Beek, "Dan" – a city, IDB, Vol. *A-D*, pp. 759,60.

[13] Veja Free, *op. cit.*, p. 180.

[14] "Teus deuses", em 12.28 e Êxodo 32:4, é uma expressão que poderia ser traduzida como "seu Deus". Este plural em hebraico corresponde à forma de *majestade*, e não de número. Veja Keil e Delitzch, *The Pentateuch,* II, 222; Keil, *op. cit.*, p. 198.

[15] Os estudos do professor Albright, mais do que quaisquer outros, contribuíram para esse entendimento. Veja o seu livro *From the Stone Age to Christianity* (Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1946), pp. 228-30; ARI, pp. 155,56. Cf. Bright, *op. cit.*, p. 218; Wright, *op. cit.*, pp. 148,49; Merrill F. Unger, *Archaeology and the Old Testament* (Grand Rapids, Zondervan Publishing Company, 1954), pp. 236,37; e outros.

[16] A expressão "**cidades de Samaria**" (32) foi incluída mais tarde; 16.24 deixa bem claro que Samaria, como cidade ou região, não era um nome significativo até ser fundada por Onri.

[17] "**E separarei de Jeroboão todo homem**" é uma linguagem mais prudente, embora tenhamos algumas traduções mais literais: eliminarei de Jeroboão todo e qualquer homem do sexo masculino.

[18] Assim começa o complexo sincronismo das duas histórias. Não puderam ser incluídas as detalhadas discussões sobre as dificuldades encontradas em pontos posteriores, e que se referem a fontes mencionadas na Introdução, assim como a comentários mais abrangentes.

[19] Veja Finegan, *op. cit.*, p. 126. O quinto ano do reinado de Roboão dever ter acontecido entre 926 e 925 a.C. Sesonque era, sem dúvida, o faraó reinante durante toda a permanência de Jeroboão no Egito, se não durante parte dela. Entretanto, existem dúvidas se ele teve alguma coisa a ver com a divisão de Israel. A relação de suas cidades mostra que ele atacou os dois reinos de Israel com a aparente pretensão de fazer de sua conquista militar na Palestina uma impressionante demonstração como governante recém-estabelecido no Egito.

[20] Unger, *Israel and the Aramaeans of Damascus,* pp. 57-61. Parece que Unger e Albright têm argumentos convincentes.

[21] Veja Gray, *op. cit.*, pp. 320,21.

[22] Unger, *op. cit.*, p. 58.

[23] Veja W. L. Reed, "Tirzah (Place)", IDB, Vol. *R-Z*, p. 653.

[24] Veja Andre Parrot, *Nineveh and the Old Testament* (New York: Philosophical Library, 1955), pp. 32-45.

[25] G. W. Van Beek, "Samaria", IDB, Vol. *R-Z*, pp. 182-88.

[26] Veja Unger, *op. cit.*, pp. 62-64.

[27] Veja S. Cohen, "Tishbe", IDB, Vol. *R-Z*, pp. 653,54.

[28] A dança sagrada, a autoflagelação e a necessidade de despertar o deus (particularmente importante no caso de Baal em vista da seca prolongada) foram confirmadas por materiais extrabíblicos relacionados com a adoração praticada em Tiro e na Síria. Veja Gray, *op. cit.*, p. 355.

[29] Veja ARI, pp. 73,74 e 84-92; Wright, *op. cit.*, pp. 111,12.

[30] Veja S. Cohen, "Abel-Meholah", IDB, Vol. *A-D*, p. 5.

[31] Veja os comentários sobre 16.29-34. Para não ser sobrepujado por Acabe, Ben-Hadade provavelmente fez uma aliança semelhante com Etbaal (ou Ittobaal); Unger, *op. cit.*, p. 65.

[32] Veja os comentários sobre 15.16-22 onde se chama a atenção para a forte possibilidade desse Ben-Hadade ser o mesmo das épocas de Baasa e de Acabe. O mesmo argumento aplica-se ao Ben-Hadade mencionado em 2 Reis 6.24, e em várias outras passagens.

[33] Veja Unger, *op. cit.*, p. 68; Parrot, *op. cit.*, pp. 32-34.

[34] Ibid., p. 151, n.24; W. H. Morton, "Aphek", IDB, Vol. *A-D*, p. 156.

[35] Keil, *op.* cit., p. 281.

[36] Wright, *op.* cit. , p. 154.

*As letras R.S. antes do nome do rei indicam Reino do Sul – Judá, enquanto R.N. indicam Reino do Norte – Israel. Veja a sincronização sob forma tabulada no Quadro *B*.

[37] Nos comentários de 22.2-4 foi sugerido que, provavelmente, havia sido feita uma aliança entre Acabe e Jeosafá que seria selada com um casamento real. Essa suposição foi feita com base no conhecimento atual sobre as alianças bíblicas e extrabíblicas da antiguidade, realizadas entre duas nações. Além disso, 2 Crônicas 18.1 afirma que Josafá fez uma aliança matrimonial (cf. 1 Rs 3.1, onde foi usado o mesmo verbo na referência ao casamento de Salomão com a filha do Faraó).

[38] T. H. Gaster, "Baal-zephon", IDB, Vol. *A-D*, p. 332; também Gray, op. cit., p. 413.

[39] Keil, *op.* cit., p. 300.

[40] Cf. 1 Samuel 1.1, comentários introdutórios.

[41] Veja Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts*, p. 320; Finegan, *op. cit.*, p. 188.

[42] Veja E. D. Grohman, "Kir-Hareseth", IDB, Vol. *K-Q*, p. 36.

[43] Veja Gray, *op. cit.*, p. 439; Snaith *op. cit.*, p. 202.

[44] *Op. cit.*, p. 307.

[45] Veja A. Haldar, "Pharpar", IDB, Vol. *K-Q*, p. 781.

[46] Gray, *op. cit.*, p. 456.

[47] Veja Keil, *op. cit.*, p. 324; e Unger, *Israel and the Aramaeans of Damascus*, pp. 90,91 e 155, n. 56. Cf. Ellison, *op. cit.*, p. 320; e Gray, *op. cit.*, p. 460.

[48] Em relação a Ben-Hadade, veja os comentários sobre 1 Reis 15.16-22. Para a data desse cerco dos sírios, veja Unger, *op. cit.*, p. 155, n. 56.

[49] Veja Unger, *op. cit.*, p. 75.

[50] Veja Gray, *op. cit.*, p. 481.

[51] Veja R. W. Corney, "Libnah", IDB, Vol. *K-Q*, p. 123 e também Gray, *op. cit.*, p. 482.

[52] Veja Unger, *op. cit.*, p. 75.

[53] A Septuaginta traz o termo "Samaria"; porém a versão KJV em inglês traz Jezreel. Todo o contexto mostra que a carta foi enviada aos governantes de Samaria. (cf. 6).

[54] A sondagem arqueológica realizada durante duas semanas por Paul W. Lapp em Tell er-Rumeith revelou condições de perturbações existentes na primeira parte da Idade do Ferro II, muito semelhantes àquelas descritas para Ramote-Gileade, na Bíblia Sagrada.

[55] O historiador bíblico estava tão preocupado em tratar da perseguição religiosa de Jeú que deixou de mencionar, ou omitiu propositadamente, uma referência a um pagamento de impos-

tos que foi feito por Jeú a Salmaneser no primeiro ano de seu reinado (841). Veja Parrot, *op. cit.*, p. 34; Unger, *op. cit.*, p. 77; Wright, *op. cit.*, p. 158.

[56] Veja Gray, *op. cit.*, p. 510.

[57] Para uma discussão detalhada sobre a utilização dos sacerdotes e dos levitas juntamente com a guarda do palácio, por Joiada, veja Keil, *op. cit.*, pp. 357-59.

[58] Veja Gray, *op. cit.*, p. 516; também J. C. Greenfield, "Cherethites and Pelethites", IDB, Vol. *A-D*, p. 557.

[59] Veja Unger, *op. cit.*, p. 79.

[60] A razão dessa ordem pode ser vista na maneira como os acontecimentos finais do reinado de Jeoás foram relacionados com o fim da vida de Eliseu. Na verdade, o término desse governo coincidiu com a conclusão da vida do profeta. A repetição das informações sobre o reinado de Jeoás pode ser explicada porque elas provavelmente permaneceram nos registros dos reis de Israel depois do relato sobre a guerra entre Jeoás e Amazias. O historiador faz esta repetição para mostrar que Amazias sobreviveu quinze anos à morte de Jeoás. Veja Keil, *op. cit.*, pp. 376 e 383.

[61] Veja Unger, *op. cit.*, p. 84.

[62] Veja V. R. Gold, "Beth-Shemesh", IDB, Vol. *A-D*, p. 402.

[63] Tiglate-Pileser listou Menaém de Samaria em seus registros (*me-ni-hi-im-me al Sa-me-ri-na-a-a*) entre aqueles de quem coletava tributos. Veja Parrot, *op. cit.*, p. 40. Também, Finegan, *op. cit.*, pp. 207ss.

[64] Veja Unger, *op. cit.*, p. 96; Finegan, *op. cit.*, p. 206.

[65] A principal fonte desta possível ordem de acontecimentos é a obra de Unger, *op. cit.*, pp. 96-101.

[66] Isso dá a entender que uma expedição está indicada no cap. 3, e outra posterior para sitiar e dominar a cidade. Parece que Unger está a favor dessa interpretação (veja *op. cit.*, p. 106). Entretanto, Gray acompanha Benzinger ao entender que em 3-6 existe uma referência a uma única expedição assíria (*op. cit.*, p. 584).

[67] Veja J. A. Wilson, "So", IDB, Vol. *R-Z*, p. 394.

[68] Veja Gray, *op. cit.*, p. 386; e Keil, *op. cit.*, p. 411.

[69] Entre as várias fontes disponíveis, veja Finegan, *op. cit.*, pp. 208-10; Wright, *op. cit.*, p. 165.

[70] Veja A. T. Olmstead, "The Fall of Samaria", AJSL, XXI (1904-5), pp. 179-82. A revisão feita por Unger sobre as duas abordagens para esse problema é muito útil (*op. cit.*, pp. 106-9).

[71] Veja Gray, *op. cit.*, p. 593.

[72] Para alguns dos resultados das escavações na Babilônia, veja G. Frederick Owen, *op. cit.*, pp. 121-32.

[73] Veja Gray, *op. cit.*, pp. 593-96; Snaith, *op. cit.*, pp. 283-85; e artigos do IDB.

[74] Veja ARI, p. 163.

SEÇÃO III

[1] Veja W. F. Albright, "New Light from Egypt on the Chronology and History of Israel and Judah" BASOR, N° 130 (1953), pp. 8 e 9; Bright, *op. cit.*, pp. 282-86; Finegan, *op. cit.*, pp 210-14; Gray *op. cit.*, pp. 600-2; Snaith, *op. cit.*, pp. 292-303; Wright, *op. cit.*, pp. 167-73. A teoria das duas invasões, como proposta por Albright e Bright, está refletida na análise do reinado de Ezequias, que se segue.

[2] Veja Parrot, *op. cit.*, p. 52; Wright, *op. cit.*, p. 167.

[3] Veja Daniel David Luckenbill, *The Annals of Sennacherib* (Chicago: University of Chicago Press, 1924), p. 30 e p. 170.

[4] Veja Bright, *op. cit.*, pp. 268-69.

[5] Veja Luckenbill, *op. cit.*, pp. 29-34; e Bright, *op. cit.*, pp. 265-69.

[6] Veja Wright, *op. cit.*, pp. 169-71.

[7] Luckenbill, *op. cit.*, texto, pp. 172-73; transliteração e tradução, pp. 32-34.

[8] Veja Bright, *op. cit.*, p. 283.

[9] *Ibid.*, p. 286.

[10] *Ibid.*, pp. 270-71, 286-87.

[11] Veja Gray, *op. cit.*, p. 616.

[12] Uma tumba talhada na rocha com aprox. 5x2,5 metros, localizada do outro lado do vale de Cedrom a leste da fonte de Giom poderia, possivelmente, ser a tumba de Sebna, mencionada em Isaías 22.15. Com respeito às suas inscrições e outros pontos, veja Wright, *op. cit.*, pp. 174-175.

[13] Luckenbill, *op. cit.*, pp. 23 e 163.

[14] Veja Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts*, p. 289.

[15] *Ibid.*, p. 288.

[16] Veja John Gray, "Nisroch", IDB, Vol. *K-Q*, p. 554.

[17] Veja Finegan, *Light from the Ancient Past*, pp. 90-91; Wright, *Biblical Archaeology*, pp. 172-74.

[18] Veja Pritchard, *op. cit.*, p. 289; e também Unger, *Archaeology and the Old Testament,* pp. 279-80.

[19] Veja Parrot, *Nineveh and the Old Testament,* pp. 79-80.

[20] Para informações relativas aos últimos dias de Judá, as seguintes fontes recentes foram utilizadas: Bright, *A History of Israel*, pp. 302-10; Finegan, *Light from the Ancient Past*, pp. 129-30 e 218-27; e Wright, *Biblical Archaeology*, pp. 176-82. Certas datas fornecidas nestas fontes são ajustadas arbitrariamente em um ano para se adequarem à cronologia apresentada na Introdução.

[21] Veja Bright, *op. cit.*, p. 310.

[22] J. Muilenburg, "Mizpah, Mizpeh", IDB, Vol. *K-Q*, pp. 407-9.

[23] Finegan, *op. cit.*, p. 188.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

CALKINS, Raymond. "The Second Book of Kings" (Exposição). *Interpreter's Bible*. Editada por George A. Buttrick, *et al.*, Vol. III, Nova York: Abingdon Press, 1955.

DAVIDSON, F. (ed.) *The New Bible Commentary*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953.

GRAY, John. *I & II Kings*, "The Old Testament Library". Filadélfia: The Westminster Press, 1963.

KEIL, C. F. *The Books of the Kings,* "Biblical Commentary on the Old Testament". Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1950.

MONTGOMERY, J. A. *The Books of Kings.* "The International Critical Commentary". Nova York: Charles Scribner's Sons, 1951.

SNAITH, Norman H. "The First and Second Books of Kings" (Introdução e Exegese). *Interpreter's Bible.* Editado por George A. Buttrick, *et al.,* Vol. III. Nova York: Abingdon Press, 1955.

SOCKMAN, Ralph W. "The First Book of Kings" (Exposição). *Interpreter's Bible.* Editado por George A. Buttrick *et al.,* Vol. III. Nova York: Abingdon Press, 1955.

II. OUTROS LIVROS

ALBRIGHT, William F. *Archaeology and the Religion of Israel,* Segunda Edição. Baltimore: The Johns Hopkins Press.

_____. *From the Stone Age to Christianity,* Segunda Edição. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1957.

_____. *History, Archaeology and Christian Humanism.* Nova York: McGraw-Hill Book Company, 1964.

BRIGHT, John. *A History of Israel.* Filadélfia: The Westminster Press, 1959.

BUTTRICK, George A. (ed.). *The Interpreter's Dictionary of the Bible,* 4 vols. Nova York: Abingdon Press, 1962.

CAMPBELL, Edward F., Jr. "Section B, the Ancient Near East: Chronological Bibliography and Charts", *The Bible and the Ancient Near East.* Editado por G. Ernest Wright. Garden City, Nova York: Doubleday and Company, Inc., 1961, pp. 214-18.

DOUGLAS, J. D. (ed.). *The New Bible Dictionary.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1962.

FINEGAN, Jack. *Light From the Ancient Past,* Segunda Edição. Princeton: University Press, 1959.

FREE, Joseph P. *Archaeology and Bible History.* Wheaton: Van Kampen Press, 1950.

GINSBERG, H. L. "Ugaritic Myths, Epics and Legends" *Ancient Near Eastern Texts.* Editado por James B. Pritchard. Princeton: Princeton University Press, 1950, pp. 129-48.

GLUECK, Nelson. *The Other Side of the Jordan.* New Haven: American Schools of Oriental Research, 1940.

GORDON, Cyrus. *Ugaritic Handbook.* Roma: Pontificium Institutum Biblicum, 1947.

_____. *Ugaritic Literature.* Roma: Pontificium Institutum Biblicum, 1949.

KEIL, C. F. e Delitzsch, F. *The Books of Samuel,* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1950.

KITTEL, Rudolph (ed.) *Biblia Hebraica.* Editio undecima... Stuttgart: Privileg. Wurtt. Bibelanstalt – para a Sociedade Bíblica Americana, Nova York, 1959.

LUCKENBILL, Daniel David. *The Annals of Sennacherib.* Chicago: University of Chicago Press, 1924.

OWEN, G. Frederik. *Archaeology and the Bible.* Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Company, 1961.

PARROT, Andre. *Nineveh and the Old Testament.* Nova York: Philosophical Library Inc., 1955.

PFEIFFER, Charles. *Ras Shamra and the Bible.* Grand Rapids: Baker Book House, 1962.

PHILLIPS, Wendell. *Qataban and Sheba.* Nova York: Harcourt, Brace and Company, 1955.

PRITCHARD, James B. (ed.). *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament.* Princeton: Princeton University Press, 1950.

PURKISER, W. T. (ed.). *Exploring the Old Testament.* Kansas City: Beacon Hill Press, 1955.

RAHLFS, Alfred (ed.). *Septuaginta,* Editio Tertia. Nova York: Societate Biblica Americana, 1949.

WRIGHT, G. Ernest, e FILSON, Floyd Vivian. *The Westminster Historical Atlas to the Bible.* Filadélfia: The Westminster Press, 1945. Edição Revisada, 1956.

WRIGHT, G. Ernest, e FULLER, Reginald H. *The Book of the Acts of God.* Garden City: Doubleday and Company, Inc., 1957.

YOUNG, Edward J. *An Introduction to the Old Testament, Revised Edition.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1960.

III. ARTIGOS

ALBRIGHT, William F. "The High Places in Ancient Palestine". Suplemento de *Vetus Testamentum,* IV (1957), pp. 242-58.

_____. "The Original Account of the Fall of Samaria in II Kings". *Boletim da American Schools of Oriental Research,* n° 174 (1964), pp. 66-67.

_____. "The Chronology of the Divided Monarchy" *Ibid.*, nº 100 (1945), pp. 16-22.

_____. "The Catalogue of Early Hebrew Lyric Poems (Psalm LXVIII)". *Hebrew Union College Annual,* XXIII, Parte I (1950-51), pp. 1-39.

BARROIS, G. A. "House of the Forest of Lebanon". IDB, Vol. *E-J*, pp. 657-58.

_____. "Chronology, Metrology, Etc". IB (1), pp. 142-64.

COHEN, S. "Abel-Meholah". IDB, Vol. *A-D*, p. 5.

_____. "Anathoth". IDB, Vol. *A-D*, p. 125*b*.

_____. "Penuel". IDB, Vol. *K-Q*, p. 727.

_____. "Tishbe". IDB, Vol. *R-Z*, pp. 753-54.

_____. "Zarethan". IDB, Vol. *R-Z*, pp. 935-36.

CORNEY, R. W. "Libnah". IDB, Vol. *K-Q*, p. 123.

CROSS, Frank M., Jr., e WRIGHT, G. Ernest. "The Boundary and Province Lists of the Kingdon of Judah". *Journal of Biblical Literature,* LXXV (1956), pp. 202-9.

DAVIES, G. Henton. "High Place, Sanctuary". IDB, Vol. *E-J*, pp. 602-4.

DE VAUX, Roland. "Titres et fonctionnaires egyptiens alla cour de David et de Salomon". *Revue Biblique,* XLVII (1939), pp. 394-405.

GARBER, P. L. "Brass". IDB, Vol. *A-D*, p. 461.

_____. "Reconstructing Solomon's Temple". *Biblical Archaeologist,* XIV (1951, 1), pp. 2-24.

GASTER, T. H. "Baal-zephon". IDB, Vol. *A-D*, p. 332.

GLUECK, Nelson. "Explorations in Eastern Palestine IV". *Annual of the American Schools of Oriental Research,* XXV-XXVIII (1951), Parte I, pp. 334-47.

_____. "The First Campaign at Tell El-Kheleifeh". Boletim da *American Schools of Oriental Research,* N° 71 (1938), pp. 3-18.

GOLD, V. R. "Beth-shemesh". IDB, Vol. *A-D*, p. 402.

GRAY, John. "Nisroch". IDB, Vol. *K-Q*, p. 554.

GREENFIELD, J. C. "Cherethites and Pelethites". IDB, Vol. *A-D*, p. 557.

GROHMAN, E. D. "Kir-Hareseth". IDB, Vol. *K-Q*, p. 36.

HALDAR, A. "Pharpar". IDB, Vol. *K-Q*, p. 781.

KELSO, J. L. "Bethel (Sanctuary)". IDB, Vol. *A-D*, pp. 391-93.

KENYON, Kathleen. "Excavation in Jerusalem". *Biblical Archaeologist,* XXVII (1964, 2), pp. 34-51.

_____. "Excavations in Jerusalem". *Palestine Exploration Quarterly* (1962), pp. 72-89.

MANLEY, G. T. "*High Place*". NBD, pp. 525-26.

MORTON, W. H. "Aphek". IDB, Vol. *A-D*, p. 156.

MUILENBERG, J. "Mizpah, Mizpeh". IDB, Vol. *K-Q*, p. 407.

OLMSTEAD, A.T. "The Fall of Samaria". *American Journal of Semitic Languages*, XXI (1904-5), pp. 179-82.

PRITCHARD, James B. "Gibeon". IDB, Vol. *E-J*, pp. 391-93.

_____. News Release to a Time Reporter. "Archaeology", *Time* (13 de março de 1964), p. 48.

WYLIE, C. C. "On King Solomon's Molten Sea". *Biblical Archaeologist*, XII (1949, 4), pp. 86-90.

YADIN, Yigael. "The Fourth Season of Excavation at Hazor". *Biblical Archaeologist,* XXII (1959), pp. 3-6.

Comentário Bíblico Beacon

2

Josué a Ester

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que "subsiste eternamente".

Chester O. Mulder
R. Clyde Ridall
W. T. Purkiser
Harvey E. Finley
Robert L. Sawyer
C. E. Demaray

ISBN 85-263-0686-3
9 788526 306868